FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.905 | DOMINGO, 30 DE JANEIRO DE 2022 | R$ 7,00

Amazônia sob Bolsonaro

Eduardo Anizelli/Folhapress

POVOS DO AMAZONAS GARANTEM RENDA AO PRESERVAR O PIRARUCU

Indígenas denis fazem limpeza do peixe, em acampamento à beira do rio Xeruã; com manejo adequado e redução da atividade predatória, a população cresceu 425% **Ambiente B6**

Com 'Ulisses', que faz 100, James Joyce revolucionou o romance moderno **C4**

Para Raquel Rolnik, crises escancaram desigualdade planejada de SP **C8**

MÔNICA BERGAMO
Meu talento importa, não o que tenho entre as pernas, diz atriz Carol Marra **C2**

ilustríssima

ilustrada

BB trava crédito a estados de oposição a Bolsonaro

Alagoas recorre ao STF para obter recursos; banco diz seguir critérios técnicos

O Banco do Brasil tem travado a concessão de crédito a estados chefiados por adversários de Jair Bolsonaro, relata **Idiana Tomazelli**. Um deles, Alagoas, foi ao STF para obter os recursos após o BB ter saído da negociação sem dar justificativa.

O governador alagoano, Renan Filho (MDB), disputa protagonismo local com Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara e aliado do Planalto. Seu pai é o senador Renan Calheiros (MDB-AL), que virou desafeto como relator da CPI da Covid.

A Bahia, governada por Rui Costa (PT), também enfrenta problemas para contratar uma operação com o banco. Nos bastidores, há cobrança por "tratamento isonômico", mas a gestão estadual, por meio da Secretaria de Fazenda, não quis comentar.

Procurado, o BB, empresa de economia mista listada na Bolsa, negou ingerência política sobre os empréstimos e afirmou seguir "critérios técnicos". Integrantes da equipe econômica declaram, sob anonimato, que há pressão. **Mercado A16**

Esporte B8
O que fazem com Neymar é excessivo e agressivo, afirma Renato Augusto

Jair Bolsonaro fala em anular anulação de lutos
Após cancelar ao menos 25 decretos de luto editados por antecessores, o presidente anunciou que tornará nulo o "revogaço". **A8**

Lula tratará com Boulos impasse com Haddad em SP

Lula (PT) e Guilherme Boulos (PSOL), pré-candidato ao governo paulista, planejam encontro na próxima semana em meio a impasse no estado —com a esquerda dividida entre a candidatura do líder sem-teto e de Fernando Haddad (PT), que também mira o Palácio dos Bandeirantes. **Poder A4**

Ricardo Borges/Folhapress

PROFESSORA TRANS VIVEU JUDICIALIZAÇÃO E SOLIDÃO

Danieli Balbi, 32, é doutora em ciência da literatura e já deu aula na UFRJ; sua trajetória envolveu pedido judicial para mudança de nome e de gênero e vaquinha para cirurgia **Cotidiano B3**

Militares comandaram distribuição falha de doses

Oficiais do Exército em postos estratégicos no Ministério da Saúde foram os responsáveis pela contratação de empresa sem experiência para a distribuição de vacinas pediátricas e por parte das falhas de logística do processo. A pasta disse ter cumprido os trâmites legais. **Saúde B1**

Mesmo sem querer, Mattarella é reeleito presidente da Itália A11

Após sete anos, Portugal pode tirar socialistas do poder A12

A pandemia em 29.jan
Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	79%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	69,7%
Dose de reforço	20,7%

Governo de SP vai pedir comprovante de vacinação a alunos

Cotidiano B1

ATMOSFERA
São Paulo hoje

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723
9 771414 572018 33905

EDITORIAIS A2

Direita popular
Acerca de fenômeno político que tende a perdurar.

Coração de porco
A respeito de transplantes com órgãos de animais.

Crise começa a afetar renda da classe média-alta, indica estudo

A crise econômica começa a afetar mais a renda do trabalho da classe média-alta nas regiões metropolitanas, indica o Boletim Desigualdade nas Metrópoles.

Famílias desse estrato têm cancelado TV paga, cortado serviços de diarista, optado por plano de saúde mais barato e usado o carro apenas para trabalhar. **Mercado A14**

Antonio Prata
Já encomendei meu copo Stanley

Dei-me conta de que talvez eu fosse o único brasileiro a desconhecer o tal copo. Quando chegar, digo o que achei e prometo não instagramar. **Cotidiano B4**

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Direita popular

Calcada na obediência a um líder providencial, a corrente populista não é fenômeno passageiro

A direita contemporânea se reconfigurou nas últimas décadas, no Brasil e em outras nações, tendo adquirido respaldo popular e competitividade eleitoral. Nada indica que seja um fenômeno passageiro.

O esquema clássico da política até a passagem desse furacão era a polarização entre, de um lado, a esquerda social-democrata, que enfatizava a intervenção do Estado para reduzir as desigualdades e, do outro, uma direita que priorizava a liberdade empresarial e o crescimento econômico.

Nos costumes, as posições conservadoras estavam alinhadas à direita, e as liberais, à esquerda. Em comum, esses dois campos observavam com respeito as chamadas regras do jogo —as mediações institucionais que legitimam, num Estado de Direito, os resultados da disputa política. Por isso resistiam relativamente bem aos líderes providenciais, vingadores da pátria.

A adesão cega e quase religiosa ao chefe carismático, algo que não prevalecia na política ocidental desde a derrota dos fascismos em meados do século 20, parece ter sido um dos elementos fundamentais na transfiguração da direita.

O amálgama de ideias tão chãs e incoerentes —como o terraplanismo, a rejeição à ciência e às vacinas, a xenofobia e as ridículas paranoias conspiratórias contra organizações públicas e empresariais— é claramente menos importante e estável do que o comando de obedecer ao condutor genial.

Era essa obediência mecânica que ensinava aos seus discípulos o ideólogo Olavo de Carvalho, morto na segunda-feira (24), que se tornou guia espiritual de legiões de bolsonaristas extremados.

A metamorfose da direita —talvez porque tenha encontrado uma parcela da população mergulhada em inseguranças sobre o futuro— foi bem-sucedida ao firmar-se no tabuleiro político-eleitoral em vários países. Vê-se que a derrota eleitoral de Donald Trump não a liquidou nos EUA. Pelo contrário.

No Brasil, apesar de resultados catastróficos na pandemia e na economia, o presidente Jair Bolsonaro (PL) ainda conta com 22% de avaliação ótima ou boa, segundo o Datafolha, e mantém sua competitividade como principal adversário do líder Lula (PT) nas simulações para o pleito de outubro.

O instituto calcula em ao menos 10% o núcleo popular fidelíssimo ao atual mandatário, o equivalente a 17 milhões de brasileiros. Não será surpresa se a bancada da direita populista leal a Bolsonaro no Congresso expandir-se com a eleição.

Portanto, a despeito do resultado da disputa pelo Planalto, é provável que as instituições da democracia tenham de continuar lidando nos próximos anos com forças que não se importariam em destruí-la para satisfazer ao chefe.

Coração de porco

Transplantes com órgãos de animais, que suscitam questões éticas, merecem avançar

David Bennett Sr. tornou-se, no último dia 7, a primeira pessoa a receber um coração de porco geneticamente modificado. Até este sábado (29), estava vivo —já superando os 18 dias que Louis Washkansky, o primeiro humano a receber um transplante cardíaco (de outro humano), sobreviveu em 1967.

O caso Bennett inaugura a era dos xenotransplantes, em que utilizaremos rotineiramente órgãos, tecidos e células de outras espécies?

Para os puristas, a resposta é negativa. No início do século 20, quando o fenômeno da rejeição não era bem conhecido, cirurgiões experimentaram um pouco de tudo, com resultados pífios. Mais modernamente, a substituição de válvulas humanas defeituosas por válvulas de porcos é há anos procedimento padrão da cardiologia.

Mesmo a implantação de um coração inteiro não representa exatamente um fato inédito. Em 1984, "Baby Fae", uma recém-nascida que sofria de grave anomalia congênita, sobreviveu por três semanas com um coração de babuíno.

A grande novidade na cirurgia de Bennett, nos EUA, é que o porco doador teve seu material genético manipulado para tornar o órgão mais propício ao transplante.

Nesse processo, três genes suínos foram silenciados para impedir a produção dos açúcares que deflagram a rejeição pelo sistema imune humano, seis genes humanos foram adicionados e um gene de crescimento foi alterado.

Se tudo funcionar como a empresa que "fabrica" esses porcos, a Revivicor, pretende, o principal obstáculo à massificação dos transplantes cardíacos, que é a carência de órgãos, terá sido suprimido. Incontáveis vidas serão salvas.

Intervenções como essa sempre impõem questões bioéticas. A grande questão está em se é ético utilizar outros seres vivos como repositório de órgãos para nós.

A discussão filosófica é interessante e deve-se reconhecer que os defensores dos direitos de animais são capazes de produzir argumentos respeitáveis, mas que não sobrevivem a nossas práticas.

Num planeta que sacrifica 1,5 bilhão de porcos a cada ano para alimentação, é difícil sustentar que não podemos matar mais alguns milhares com o objetivo eticamente mais relevante de salvar vidas.

Houve alguma grita com a escolha de Bennett, que cumpriu pena por ter esfaqueado uma pessoa. Essa, porém, não deve ser uma preocupação da bioética, que julga procedimentos, não indivíduos.

Para que serve a razão?

Hélio Schwartsman

Segundo uma concepção meio caricatural do Iluminismo, a razão levaria à emancipação do ser humano. Se fôssemos capazes de controlar as emoções e nos guiar apenas pela razão, descobriríamos mais verdades da ciência e encontraríamos as melhores soluções para nossos problemas sociais. Essa concepção está errada de várias formas. A razão não é o contraponto virtuoso das emoções e não leva automaticamente a respostas. Nossos raciocínios são marcados por tantos erros e vieses que fica uma suspeita no ar. Há um intenso debate entre cientistas cognitivos sobre o alcance e o papel da razão.

Um modelo de que gosto bastante é o proposto por Hugo Mercier e Dan Sperber. Para a dupla, a razão evoluiu para o propósito não muito enaltecedor de nos fazer vencer debates e justificar nossas próprias atitudes. É o que explica, por exemplo, a ubiquidade do viés de confirmação, que nos faz encontrar e abraçar rapidamente as evidências em favor de nossas teses e descartar sem exame as contrárias. Essa é uma péssima prática se o objetivo da razão é chegar à verdade, mas muito boa se a meta é só brilhar diante dos pares.

Isso significa que devemos abandonar todas as esperanças de progresso? No plano individual, talvez, mas não no coletivo. Há uma assimetria que nos favorece. Somos muito melhores em apontar erros nos raciocínios dos outros do que em encontrá-los nos nossos. Isso significa que, como sociedade, somos capazes de avançar. Grupos de pessoas suficientemente diversas até conseguem se livrar de teorias e ideias erradas. Fazê-lo individualmente, ainda que não impossível, é mais difícil, já que a tendência é que nos enamoremos de nossas teses mesmo que absurdas.

Se o modelo de Mercier e Sperber é correto, deveríamos ansiar pela publicação de artigos e livros que vão contra nossas ideias. Encontrar erros neles e criticá-los é a forma mais eficiente de fazer avançar nossa agenda.

helio@uol.com.br

Um crime em cima do outro

Bruno Boghossian

A Polícia Federal acrescentou mais um crime à ficha de Jair Bolsonaro. A delegada Denisse Ribeiro afirma que o presidente participou, em agosto passado, do vazamento de um inquérito sobre a invasão de sistemas do Tribunal Superior Eleitoral. Além dele, foram enquadrados o deputado Filipe Barros e um ajudante de ordens do Planalto.

O episódio desenhou mais uma peça da máquina de infrações montada pelo presidente e seus aliados. Segundo a polícia, Barros usou o posto de relator da PEC do voto impresso para pedir acesso à papelada sobre o ataque feito ao TSE em 2018. Em seguida, Bolsonaro e o deputado divulgaram numa rádio o conteúdo do inquérito sigiloso.

A violação identificada pela PF foi cometida para municiar outra investida criminosa do presidente. Embora aquela invasão ao sistema do TSE não tenha provocado prejuízos à votação ou à contagem de votos, Bolsonaro distorceu o conteúdo dos documentos para reforçar seu ataque às urnas eletrônicas.

O presidente passou meses espalhando mentiras sobre o sistema de votação no país, com o intuito de fabricar desconfiança sobre as eleições de 2022. O objetivo final era abrir caminho para um terceiro crime: desestabilizar o processo de escolha de um novo governo e arranjar uma maneira de permanecer no poder em caso de derrota nas urnas.

Bolsonaro se especializou em desrespeitar a lei para obter ganhos políticos. A PF e o Supremo até provocaram dores de cabeça nos últimos tempos, mas o presidente apostou na boa vontade da Procuradoria-Geral da República, do comando da Câmara e da estrutura de um governo que opera para acobertá-lo.

Com a impunidade garantida, Bolsonaro deu sequência à série e aproveitou para descumprir uma ordem judicial. Na sexta (28), ele faltou ao depoimento que deveria dar à PF para explicar o vazamento do inquérito sobre o ataque hacker ao TSE. O drible pode configurar crime de responsabilidade, mas o presidente sabe que não será incomodado.

Uma foto pffft

Ruy Castro

O alvoroço causado pela série "Get Back", sobre os Beatles, me levou de volta a "Abbey Road", o LP que resultou das gravações mostradas no filme. É aquele com a famosa capa em que eles atravessam a rua —a Abbey Road, em Londres, esquina com a Alexandra Road, onde ficava o estúdio. Foi essa capa que me intrigou outro dia quando tirei o disco da estante para admirá-la, o que não fazia havia anos.

Em 1969, os Beatles ainda simbolizavam toda a rebeldia do mundo. Era como se tivessem inventado o Poder Jovem. Por causa deles, milhões de rapazes e moças em toda parte se deram conta de que eram diferentes de seus pais, pertenciam a outra geração. Os Beatles se diziam mais populares que Jesus e só isso já era um atrevimento. Não me pergunte por que, mas os próprios oclinhos de John Lennon pareciam uma contestação.

Estudando hoje a foto da capa, 52 anos depois de tirada, fiz pffft. Os Beatles estão atravessando civilizadamente na faixa de pedestres, como bons cidadãos que esperam o sinal abrir. Poderiam estar a caminho do chá das cinco. Três dos rapazes usam terno, como ainda faziam os artistas convencionais —o de John lembra um dandy de 1900, enquanto o de Ringo já ficaria bem num corretor da Bolsa. É verdade que Paul McCartney está descalço, mas o asfalto é o de Londres. Queria vê-lo encarar o de Ipanema no verão.

E o título "Abbey Road"? Era o endereço do estúdio da EMI e nos soava mágico, como se ali só se cozinhassem ousadas alquimias sonoras. Mas não era bem assim. Por Abbey Road passaram todos os artistas que gravaram para a EMI em Londres a partir dos anos 30, e isso incluiu o cantor francês Jean Sablon, o band-leader americano Glenn Miller e até a nossa Dalva de Oliveira. Abbey Road era só isso —um microfone.

Para completar, os Beatles não atravessaram no meio dos carros, como os Stones ou o The Doors talvez fizessem. O trânsito foi até interrompido para a foto.

Na porta de casa

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Sumiu do noticiário, mas permanece na memória de alguns, a cena abominável em que um casal maranhense agride fisicamente um rapaz de tez escura quando abria a porta do seu carro na frente do edifício onde reside. O cotidiano é naturalmente mais largo do que o espaço na imprensa.

Repetir notícia esbarra no limite de uma das regras básicas do ofício, que é não cansar o leitor. Mas a velocidade noticiosa por vezes tapa a visão de fatos essenciais na cobertura do racismo no país.

É que as formulações violentas de senhorialidade racial são expostas como se fossem casos ou "desvios" individuais. Aqui, o episódio do magistrado que intimida o guarda com a fórmula do "você sabe com quem está falando?". Acolá, a altíssima autoridade garante que nenhum de seus filhos se casaria com uma mulher negra, pois teriam sido "muito bem criados". Nada disso subjetiviza o ato racista. Isso quer dizer que não é mera questão de foro íntimo, mas de representações externas, construídas ao longo da história escravista e geradoras de uma "forma" dinâmica de hierarquização racial.

Existe, sim, uma "forma social escravista", que não é singularidade psicológica, mas fenômeno objetivo, como uma continuidade (despercebida) do arcabouço colonial. O que pareceria tão só convicção pessoal é mesmo a representação coletiva do país como latifúndio escravista. Sensações e opiniões podem ser privadas, mas a sua regra constitutiva provém de uma consciência senhorial comum, associada à brancura, que espelha o passado.

O reflexo se estende às camadas populares, que "transcrevem" por palavras e atos as prescrições raciais do Andar de Cima, não raro com uma cumplicidade análoga à registrada entre torturado e torturador. Nada aí é "reverso". Se fosse, o racismo seria apenas um fenômeno psicológico passível de inversão, quando é de fato o perverso espelhamento de resíduos do poder colonial.

Mas uma passagem imotivada ao ato físico, como a do casal maranhense, é anômala. Num lampejo, emergiu a forma escravista, alucinada por fúria narcísica: de graça, a dupla procurou emular, por palavras e atos ("pisa no pescoço dele!"), a representação midiática do assassinato de George Floyd nos EUA. Essa forma tem se escondido. Sem dela saber, o jornalismo corre o risco de colocar no mesmo plano os discursos do opressor e do oprimido.

Isso talvez sugira uma postura editorial em que o marketing polemista e a regra do ineditismo deem lugar a uma perspectiva construtiva, capaz de pôr em pauta permanente o inquietante prognóstico do abolicionista Joaquim Nabuco: "A escravidão permanecerá por muito tempo a característica nacional do Brasil".

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Resta torcer para que o BC consiga controlar a inflação

Tanto ruído dificulta calibrar a política econômica

Roberto Ellery
Doutor em economia, é professor do Departamento de Economia da UnB, onde realiza pesquisas nas áreas de ciclos de negócios e crescimento econômico

O advento da pandemia deixou ainda mais difícil a vida de economistas que tentam antecipar os movimentos da economia. O alto grau de incerteza, somado às mudanças nas políticas econômicas de diversos países, comprometeu a validade dos modelos usados por macroeconomistas para fazer previsões e recomendações de política econômica. Não por acaso vimos tantos erros de previsão em 2021.

No Brasil, o cenário ficou ainda mais difícil de avaliar porque a mudança na política econômica começou antes da pandemia com a tentativa de trocar o freio monetário pelo freio fiscal e o flerte explícito com a tese de que desvalorizar o real seria bom para economia.

Neste ano, o cenário continua complicado. Novas cepas do vírus podem prolongar a pandemia, e isso está fora do radar dos modelos —aparentemente, mesmo o pessoal da saúde tem dificuldades de antecipar a dinâmica dessas variantes. Por outro lado, famílias e empresas estão aprendendo a viver com a crise sanitária, de forma que os impactos na produção tendem a ser menos drásticos do que aconteceu nos anos anteriores. A incerteza em relação à duração e aos efeitos da pandemia na capacidade de produção dificulta muito antecipar os movimentos da oferta agregada, ou seja, da produção. Fatores relacionados à energia também podem afetar as empresas, como o regime de chuvas no Brasil, e as tensões geopolíticas no leste da Europa.

Como a dinâmica econômica está sendo ditada principalmente pelos movimentos da oferta agregada, fica difícil saber o que vai acontecer com o PIB e com a inflação. Dificuldade agravada pelo fato de que os modelos usados em macroeconomia costumam dar mais atenção aos movimentos da demanda do que aos movimentos da oferta, essa característica que torna tão difícil antecipar cenários de recessão e aumento da inflação. Mal comparando, em termos globais, a crise que estamos passando lembra o choque do petróleo nos anos 1970.

Pelo lado da demanda, o cenário não é mais gentil. No começo de 2021, as políticas monetária e fiscal levavam à expansão da demanda, o que, somada à retração na oferta, explica boa parte do aumento da inflação. Em 2022, tudo indica, o Banco Central vai continuar o ajuste dos juros, o que leva a uma contração da demanda; mas a política fiscal deve continuar expansiva. É difícil avaliar qual será o saldo final das duas políticas que atuam em direções opostas. Os choques nas expectativas por conta do processo eleitoral trazem outro efeito que dificulta prever o que vai acontecer com a economia neste ano. Por fim, temos que ver como o Banco Central vai responder a um provável aumento de juros nos Estados Unidos.

Com tanto ruído fica difícil calibrar a política econômica, mas ainda assim considero que o ajuste dos juros deva continuar de forma a não repetir os erros de 2020 e 2021, quando houve uma redução exagerada da meta para a Selic e uma demora perigosa para começar um ajuste forte. Neste ano, o Banco Central parece saber que está sozinho no esforço para controlar a inflação. Seria desejável esperar prudência também na condução da política fiscal —uma efetiva redução nos gastos é impensável no atual contexto, mas isso não impede que o governo busque maior qualidade nas próprias despesas.

Uma boa agenda de reformas poderia ser determinante para ajudar na recuperação que pode ocorrer nos próximos anos, mas é fundamental ter em mente que reformas mal desenhadas podem ter efeitos contrários aos previstos. Vale o mesmo para reformas bem desenhadas que sofrem alterações substantivas no curso da tramitação no Congresso.

Considerando as experiências recentes, talvez seja melhor deixar a agenda de reformas para 2023. Resta então torcer para que o Banco Central consiga controlar a inflação e que o estrago nas contas públicas, turbinado pelo processo eleitoral e pela aparente melhora fiscal decorrente em grande parte da alta de preços, não seja tão grande a ponto de ser tornar irreversível.

Martin Kovensky

200 anos de Independência?

Em conversa com índio, colonização segue seu curso

Maria Paula
Atriz, psicanalista com mestrado em desenvolvimento humano e saúde (UnB) e embaixadora da paz

Ano de 2022: data simbólica para o nosso povo, que em 7 de setembro irá completar 200 anos de Independência. Momento de fazermos uma reflexão sobre nós mesmos, sobre nossa condição atual e quem sabe até de refletirmos sobre o que de fato aconteceu aqui desde que foi anunciado ao mundo que deixaríamos de ser uma colônia portuguesa.

Espanta-me perceber que o conteúdo que me foi ensinado na escola é o mesmo que continua sendo reproduzido na sala de aula dos meus filhos. Até quando iremos permitir que nossa história seja contada de fora para dentro? Fomos descobertos ou invadidos, afinal? Mas, principalmente, quando iremos nos apropriar de nós mesmos e encarar nossa diversidade étnica como vantagem estratégica em vez de continuarmos exibindo o tal complexo de vira-lata? Nossa fórmula primordial contém a genética dos povos indígenas, portugueses, africanos, japoneses, italianos, alemães, judeus, árabes, gente de todos os cantos.

Sentir orgulho de quem somos é a base da atitude independente que merece prevalecer, uma vez que nossa realidade representa um movimento no contrafluxo das grandes vergonhas históricas. As guerras repetem a ideia equivocada de que em nome da soberania há que se excluir e, se possível, exterminar o diferente.

No entanto, por aqui, o destino permitiu que a mudança de paradigma acontecesse. Não há como separar de dentro do coração de um brasileiro os diversos sangues que em suas veias fluem.

Para comemorar os 200 anos da Independência, minha sugestão é oferecer nos postos de saúde, junto com as vacinas, testes de DNA para rastrearmos as etnias que compõem nosso ser. Quem sabe assim cada brasileiro possa se ocupar de entender suas raízes e traumas que vieram junto com o sangue de seus ancestrais. E, melhor que isso, para além dos traumas, acessar a força, a sabedoria que se manifesta neste emaranhado de raízes.

A convite da ONG Smile Train, que opera crianças com fissura labiopalatina ao redor do mundo, conduzi uma roda de conversa com pais de crianças que haviam feito a cirurgia recentemente em Manaus. Eram famílias indígenas, e levei um susto com a resposta de um pai que, ao ser questionado sobre o motivo de seu filho ter nascido assim, respondeu que devia ser castigo de Deus. Estarrecida, perguntei de novo ao intérprete que fazia a tradução da língua ticuna para o português se eu havia entendido direito, e este confirmou.

Naquele momento vi a colonização seguindo seu curso e senti vontade de estimular uma comemoração pelos 200 anos da Independência que se empenhe em valorizar as figuras históricas que se recusaram a deixar um legado predatório e destruidor.

Que meus filhos aprendam sobre gente como o marechal Rondon, que liderou o desbravamento do nosso Brasil profundo de forma pacífica, recusando-se a combater e dizimar os povos indígenas que cruzaram seu caminho. Sempre levantando uma bandeira: "Morrer se for preciso, matar jamais!". Ele sabia de onde vinham suas origens.

E você? Gostaria de saber das suas?

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO O QUE VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, TEM FEITO PARA COMBATER AS FAKE NEWS?

Sempre observo como o texto é montado, desde do título até o final e com isso começo a fazer questionamentos: Quem disse? Qual a fonte? Quem confirmou? Saber que a notícia apresenta o contraditório. Ler em outros veículos de informação para conferir a veracidade, verificar se a foto é real, a declaração foi ou não tirada de contexto. Nunca compartilhar de imediato a notícia. É preciso ler e acompanhar o fato com seus desdobramentos. Desconfie do que receber do WhatsApp, é quase como trabalho de detetive, sabe? Por isso o jornalismo profissional deve ser valorizado. Uma fake news pode acabar com a vida de um cidadão inocente.
Igor de Moraes Guedes (São Bernardo do Campo, SP)

*

Para curar a doença das fake news é preciso tão somente que cada um use a tecnologia com responsabilidade. O problema maior não está em quem elabora o material, mas quem a dissemina. Portanto, é verdade, e bastante correto afirmar, que não há fake news do bem. Existe notícia verdadeira e falsa. Mesmo que o artigo ou texto seja de acordo com minhas convicções, preciso pesquisar antes de compartilhar.
Ronan Wielewski Botelho (Londrina, PR)

*

Eu quase não recebo, mas tenho crítica a fazer. Infelizmente, há um ano e meio das eleições, começam a veicular pesquisas eleitorais. Está na hora de haver regulamento inibindo essa "campanha" eleitoreira antecipada, lógico, favorecendo os que estão na frente e moldando a opinião de uma população que não tem interesse em se informar, e sim em disseminar informações falsas.
Siloni de P. Silva (São José do Barreiro, SP)

*

Refutar! Até dar calos na língua. Infelizmente, quando se refuta fake news ou alguns negacionismos que surgem cá e lá, sempre aparece a ladainha de que refutar quer cancelar o adversário ou o debate. Mentir e negar a realidade nada têm a ver com debater com seriedade. É perda de tempo debater com mentirosos e negacionistas, então refute-se!
Said Abou Ghaouche Netto (São Paulo, SP)

*

Não lê-las. São identificáveis.
Mauricio Guimarães (Niterói, RJ)

*

Checar portais de notícia que as desmentem.
Rebeca C. B. de Oliveira (Guaratinguetá, SP)

*

Gasto dois minutos esclarecendo com ajuda do Google.
Max Meira (Brasília, DF)

Vejo a importância de não disseminar links com reportagens ou vídeos de fontes duvidosas, seja em grupos de aplicativos de mensagens ou redes sociais. Além disso, sempre consulto agências de checagem, como a Lupa, com o intuito de verificar determinada informação. A divulgação das agências, aliás, é extremamente importante para que outros leitores também tenham o conhecimento da existência dessas plataformas que verificam a veracidade de dada informação.
Victoria Nogueira (São Paulo, SP)

*

Respondo a quem publicou informando que aquilo não é verdade, adicionando links para clarificar.
José Carlos Duarte (El Dorado Hills, Califórnia-EUA)

*

Leio com atenção e denuncio na hora. No WhatsApp, informo o colega que é fake news e mostro a prova. Em outras redes sociais (Twitter, Face, Insta), aperto o botão na hora!
Dorival Pinheiro Garcia (Itapeva, SP)

*

É difícil a fake news ser pior que a realidade. Combater não vale a pena. A política parece cada vez mais como se fosse um circo com palhaços.
Dirk Middelkoop (Itamonte, MG)

*

Sou argentino e moro em Curitiba. Apoio o jornalismo e na semana passada assinei a **Folha**. Valorizar o trabalho dos jornalistas é uma forma de combater a desinformação.
Álvaro M. Pino Coviello (Curitiba, PR)

*

Adoto como princípio a checagem da fonte da notícia antes de compartilhá-la com amigos.
Genivaldo Bazílio dos Santos (Itapevi, SP)

*

Tenho alertado as pessoas próximas da necessidade de averiguar se as informações que recebem são fatos. É preciso fazer o exercício da constatação das notícias.
Hosaná dos Santos Dantas (São Paulo, SP)

*

Eu me informo apenas pela imprensa tradicional e de credibilidade, seja na plataforma que for. Ou pesquiso em instituições oficiais.
Livia Paulo de Araujo (Rio de Janeiro, RJ)

*

Quando alguém fala ou envia informação, procuro descobrir se é verdadeira ou falsa. Se for verdadeira e julgar importante, divulgo. Se for falsa, envio essa informação no grupo ou para a pessoa que divulgou a notícia. Faço isso desde 2017. Se não tenho como descobrir, não divulgo.
Yumi Gosso (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 22 a 28.jan • Total de comentários: 16.214

- 553 — Para rejeitar diretriz do SUS, Saúde diz que hidroxicloroquina funciona e vacina não (Equilíbrio e Saúde) **22.jan**
- 300 — Deputados articulam CPI contra Moro por atuação em setor privado (Mônica Bergamo) **23.jan**
- 278 — Bolsonaro vai faltar a depoimento na PF, dizem integrantes do Planalto (Poder) **28.jan**

OUTROS ASSUNTOS

Depõe ou não?

Ele não ganha méritos com isso ("Bolsonaro vai faltar a depoimento na PF, dizem integrantes do Planalto", Poder). Se forçarem a barra, ele sairá como vítima de perseguição e será prato cheio para seus seguidores. Todos sabem que o dia dele chegará. O mal por si só se destrói.
Maria Irene de Freitas (Rio de Janeiro, RJ)

Moro e os R$ 3,7 milhões

Dava para comprar um apartamento no Guarujá e um sítio em Atibaia ("Moro afirma ter recebido R$ 3,7 milhões por serviço para consultoria dos EUA", Poder).
Gil Paiva Franca (Belo Horizonte, MG)

Tríplex do Guarujá

Comemorar prescrição ("Justiça arquiva caso de tríplex de Guarujá atribuído a Lula", Poder)? É uma vergonha.
Maria Santos (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

COTIDIANO (29.JAN., PÁG. B3) No título da reportagem "Rota das Flores é opção para quem quer pedalar perto de SP", o correto é Rota das Frutas.

poder

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Missão cumprida

Articulador de uma trégua na aguda crise institucional entre Jair Bolsonaro (PL) e Alexandre de Moraes em setembro do ano passado, o ex-presidente Michel Temer (MDB) disse a aliados nos últimos dias que não foi chamado a ajudar desta vez e que considera já ter cumprido seu papel em relação à pendenga. O ministro do STF determinou que Bolsonaro prestasse depoimento presencialmente à Polícia Federal nesta sexta-feira (28), mas o presidente descumpriu a decisão.

PAZ Carlos Marun (MDB-MS), ex-ministro-chefe da Secretaria de Governo de Temer, diz que conversou com o ex-presidente nesta sexta-feira (28) e que o aliado se disse preocupado com a nova crise, mas também afirmou crer "que existe espaço para reencontrar o caminho da serenidade".

MELHOR NÃO Parlamentares da base de apoio de Bolsonaro que não integram a chamada ala ideológica veem o aumento da temperatura entre o Palácio do Planalto e o STF como algo indesejável para o início do ano.

PRATO CHEIO No entendimento deles, o presidente já tem problemas demais para enfrentar, como inflação, combustíveis, desemprego, pandemia e altos índices de rejeição, e deveria evitar qualquer tipo de enfrentamento nesse momento.

DNA Renato Bolsonaro, irmão de Jair, será o coordenador da campanha a deputado federal por São Paulo de Mosart Aragão, assessor especial do Planalto. A decisão reflete a prioridade que a campanha terá para a família presidencial.

PUXADOR Renato já vem percorrendo o estado para ampliar a base de Mosart. Na semana passada, esteve no ABC, falando com lideranças conservadoras. O presidente quer que seu assessor seja um dos mais votados no estado.

DEBANDADA O deputado estadual Douglas Garcia (PTB-SP) e lideranças do Movimento Conservador, que ele integra, estão de malas prontas para migrar para o Republicanos. É mais um reflexo da turbulência vivida pelo PTB, que corre o risco de não superar a cláusula de barreira.

AINDA JUNTOS O movimento de Garcia, um dos mais atuantes na direita do estado de São Paulo, tende a se manter neutro na eleição estadual. Embora tenha se distanciado de Jair Bolsonaro nos últimos meses, deve apoiar a reeleição do presidente.

OUTROS TEMPOS Ao desafiar Jair Bolsonaro (PL) a mostrar seus rendimentos em live na sexta-feira (28), Sergio Moro (Podemos) teve atitude bem diferente da que mantinha quando era ministro e aliado do presidente.

COMPÊNDIO Na transmissão, o hoje presidenciável cobrou de Bolsonaro explicações sobre as acusações de rachadinha, a compra de uma mansão por seu filho Flávio e o depósito de cheques do ex-assessor Fabrício Queiroz para a primeira-dama, Michelle.

QUAL A DÚVIDA? Em dezembro de 2018, quando o caso Queiroz veio à tona, Moro, já nomeado ministro da Justiça, disse que "sobre o relatório do Coaf sobre movimentação financeira atípica do senhor Queiroz, o senhor presidente eleito já esclareceu a parte que lhe cabe no episódio".

CAFEZINHO Geraldo Alckmin teve nesta sexta-feira (28) um novo encontro com membros do Solidariedade, uma das legendas com as quais conversa tendo em vista a possibilidade de ser vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). As outras são PSB e PSD.

CALENDÁRIO A reunião durou cerca de duas horas e foi realizada em SP. O ex-tucano disse que deve decidir sua nova sigla em março e que acompanha e aguarda a definição de articulações do momento, como as que envolvem a formação de federações partidárias.

INCOMPARÁVEL Um dos autores da Carta ao Povo Brasileiro, da campanha de Lula em 2002, o jornalista Edmundo Machado de Oliveira rejeita que a presença de Alckmin como vice tenha o mesmo efeito agora, como comparam alguns petistas.

ANSIOLÍTICO "Alckmin é um homem decente, que faz um gesto muito nobre para ser vice do Lula, mas ele não é a Carta ao Povo Brasileiro. Lula é a Carta", diz ele, que há 20 anos trabalhou no documento feito para acalmar os mercados.

TIROTEIO

“ Se houvesse um disque-denúncia para idiotices, a primeira seria contra a ministra de Direitos Humanos

Do deputado federal Fábio Trad (PSD-MS), sobre a ministra Damares Alves (Direitos Humanos) ter aberto disque-denúncia para antivacinas

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado		Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90		R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90		R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90		R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366.088 exemplares (dezembro de 2021)

Ex-presidente Lula discursa ao lado de Haddad e Boulos em São Bernardo Eduardo Knapp - 9.nov.19/Folhapress

Lula vai encontrar Boulos para tratar de impasse com Haddad em eleição

Esquerda está dividida entre a candidatura do líder sem-teto e a do ex-prefeito paulistano na disputa para o Governo de São Paulo

Victoria Azevedo e Carolina Linhares

SÃO PAULO O ex-presidente Lula (PT) e o pré-candidato ao governo de São Paulo Guilherme Boulos (PSOL) planejam um encontro para a próxima semana em meio ao impasse que se mantém no estado — com a esquerda dividida entre a candidatura do líder sem-teto e a do ex-prefeito Fernando Haddad (PT), que também mira o Palácio dos Bandeirantes.

Membros de PT e PSOL ouvidos pela **Folha** mantêm o discurso de que ambas as candidaturas serão levadas até o final e admitem que o apoio mútuo pode ficar apenas para o segundo turno.

Nos bastidores, porém, ainda há apostas de que haverá uma unificação, e os próprios candidatos estão abertos ao diálogo.

O imbróglio tem potencial para azedar a relação entre os partidos — Haddad e Boulos, ao serem procurados pela reportagem, preferiram não falar sobre o assunto.

Um dos argumentos levantados em prol da união no primeiro turno é o de que uma divisão no campo da esquerda pode enfraquecer a possibilidade de vencer o PSDB no estado — onde a sigla governa desde 1995. A aliança é descrita como chance histórica de concretizar a alternância no poder.

Petistas veem a candidatura de Haddad como a mais consolidada e com mais chance de vitória no campo da esquerda — que tem ainda Márcio França (PSB) como postulante.

Com Haddad à frente dos demais progressistas nas pesquisas, o PT não vê sentido em abrir mão dele por uma eventual federação partidária com o PSB ou para abrir espaço para Boulos.

Falando de São Paulo, estado estratégico na eleição nacional, Lula já indicou seu compromisso com Haddad, com quem se reuniu na quinta-feira (27). "Eu acho, com toda modéstia, que o PT nunca esteve tão próximo de ganhar o governo do estado, como está agora", disse em entrevista na semana passada.

A cúpula do PSOL tampouco cogita, neste momento, retirar a candidatura de Boulos, que terminou em segundo lugar a eleição na capital paulista em 2020, desbancando o PT.

Ali o assunto é tratado como resolvido — os dois serão candidatos e se unirão no segundo turno. A fase de negociações já teria passado.

Interlocutores de Boulos, no entanto, afirmam que o pré-candidato é favorável ao diálogo pela união da esquerda até o último minuto. Mas, embora admita sentar à mesa, Boulos não estaria disposto a tratar de condições para uma desistência.

Também há no PSOL quem entenda que a costura ainda está em curso. De acordo com um membro do partido, se em 2021 a sigla se recusava a ouvir o que o PT tinha a oferecer, o cenário mudou neste começo de ano.

Com o avanço das conversas para selar uma chapa presidencial formada por Lula e o ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido), psolistas temem a desidratação da candidatura de Boulos, uma vez que Alckmin já se comprometeu a contribuir ativamente na campanha de Haddad, além de o petista alcançar a maior fatia dos votos que seriam destinados ao ex-tucano.

De acordo com pesquisa Datafolha divulgada em dezembro, em um cenário sem Alckmin na disputa, Haddad lidera com 28%, seguido de França (19%) e Boulos (11%). No cruzamento de dados, 30% dos eleitores do ex-governador optam por Haddad, 19% por França e 13%, por Rodrigo Garcia (PSDB).

Petistas dizem que conversas estão em andamento e que ainda há tempo para um acerto entre Haddad e Boulos, cenário em que o psolista deixaria a corrida. Na próxima semana, além de Lula, o líder sem-teto deve se reunir com França, que também é peça-chave no impasse da esquerda em São Paulo.

Para evitar conflitos, contudo, aliados de Haddad afirmam que também se adequariam no caso da manutenção de ambos os nomes e que é legítimo que o PSOL tenha um candidato, principalmente considerando que, em 2020, o PT não abriu mão de Jilmar Tatto mesmo com o favoritismo do líder sem-teto.

Na opinião de integrantes do PT ouvidos pela reportagem, a insistência na candidatura de Boulos pode representar um erro político. Para evitá-lo, uma alternativa seria compor a chapa com Haddad, na condição de vice.

> “ **O PSOL tem que reforçar a necessidade do seu fortalecimento político. Faz todo sentido lançar Boulos em São Paulo, ele foi o segundo colocado em uma eleição com características nacionais**
>
> **Glauber Braga**
> Deputado federal do PSOL

Num estado conservador como São Paulo, Boulos, que tem boa votação na capital, mas não nas intenções de voto no interior, poderia perder relevância se terminasse a corrida com baixa votação.

Membros do PSOL rebatem, afirmando que Boulos é competitivo, venceu na capital e pode crescer na medida em que se tornar conhecido.

Outra opção aventada é a de que Boulos tente uma cadeira na Câmara dos Deputados, tenha espaço num eventual governo Lula e garanta acordo de apoio do PT para concorrer à Prefeitura de SP em 2024.

Políticos do PSOL estão céticos quanto a isso e reforçam que seria necessário compromisso público e explícito pelo diretório nacional do PT e pelo próprio ex-presidente Lula.

Petistas argumentam que, se por um lado Boulos poderia compor o governo Lula, por outro lado, caso não haja aliança com Haddad, o ex-presidente poderia nomear outros paulistas para a Esplanada, criando concorrência para o PSOL na eleição municipal.

A preocupação de ampliar a bancada do PSOL na Câmara é questão considerada para quem defende a desistência de Boulos tanto entre petistas como entre psolistas — principalmente após a saída de nomes que tinham votações expressivas, como o deputado federal Marcelo Freixo (RJ), que migrou para o PSB.

A cláusula de barreira, que define um percentual mínimo de integrantes da Câmara que devem ser eleitos para que o partido possa existir, é lembrada. Como candidato a deputado, além de Boulos fortalecer a bancada, teria visibilidade para se alçar à prefeitura em 2024.

No PSOL, contudo, há parlamentares que defendem que Boulos contribuiria mais para o crescimento do partido se concorresse ao governo, dando visibilidade ao PSOL durante a campanha. A sigla entende a candidatura própria no principal colégio eleitoral do país como crucial para sua sobrevivência.

No plano nacional, o PSOL caminha para formar uma fe-

Continua na pág. A5

Continuação da pág. A4

deração com a Rede. Com isso, Boulos poderia ter a chapa mais ampla da esquerda no estado, se vingar também a tentativa de atrair PDT e PC do B, mas essa última sigla estuda a federação com o PT.

Os rumos eleitorais do PSOL ainda devem ser definidos por uma eleição interna —uma conferência que deve ocorrer em março ou abril. No congresso realizado no fim de 2021, o partido optou por lançar Boulos ao governo de São Paulo e buscar compor com o PT na corrida para a Presidência.

A ala majoritária do partido acredita que a nova conferência vai apenas confirmar essas escolhas. A conversa entre Boulos e Lula, inclusive, teria como pauta mais a questão nacional do que o impasse paulista.

Embora Boulos tenha deixado claro rechaçar a opção de Alckmin como vice de Lula, dirigentes do PSOL afirmam que o apoio ao petista deve ocorrer.

Já o deputado federal Glauber Braga (PSOL-RJ), que prega uma candidatura própria do PSOL ao Planalto, avalia que o fator Alckmin pesa para que o partido repense a decisão de apoiar Lula e lance seu nome —ao lado de Boulos, que para ele deve, sim, concorrer em São Paulo.

"O PSOL tem que reforçar a necessidade do seu fortalecimento político. Faz todo sentido lançar Boulos em São Paulo, ele foi o segundo colocado em uma eleição com características nacionais", afirma o deputado.

O partido avalia ainda que haveria um grande desgaste interno, especialmente na militância, caso Boulos desista de concorrer ao Palácio dos Bandeirantes. A adesão 100% a Haddad não é unanimidade, principalmente pelas resistências que o PSOL tem ao nome de Alckmin.

"Nós defendemos a candidatura do Boulos. Ele está bem posicionado, é competitivo, preparado e tem as credenciais. Temos chances de crescer, sem dúvidas", diz à **Folha** o deputado estadual Carlos Giannazi (PSOL-SP).

A deputada federal Sâmia Bomfim (PSOL-SP), por sua vez, acredita que é necessário ter um candidato do partido ao governo paulista —mesmo que ele não seja Boulos. "Acho ruim abrir mão da candidatura e pensar nos próximos dois anos [eleições municipais]", diz.

"Seria um acordo eleitoreiro e não programático. Existem diferenças de programas no estado que justificam o PSOL ter uma candidatura e o PT ter outra", continua.

Boulos anunciou que estava disposto a concorrer ao Palácio dos Bandeirantes em entrevista à coluna Mônica Bergamo, em abril de 2021. De lá para cá, iniciou uma série de agendas eleitorais pelo estado.

Disputa pelo Senado em SP tem fragmentação e espera

Siglas já articulam nomes para o palanque paulista, mas dependem de alianças

Carolina Linhares

SÃO PAULO O cenário para a disputa ao Senado em São Paulo é marcado por indefinição e congestionamento de nomes no momento em que os partidos buscam costurar alianças e federações. A vaga de candidato a senador é estratégica para a barganha de apoio entre as siglas na formação de suas chapas.

Os principais candidatos à Presidência da República têm aliados que almejam o Senado sob sua órbita em São Paulo, o principal colégio eleitoral do país. Em 2022, cada estado elege apenas um senador.

Enquanto a direita se divide entre pré-candidatos diversos, a esquerda guarda um posto a ser ocupado por um partido aliado —uma espécie de plano B para a sigla que eventualmente concordar em retirar sua candidatura própria ao Governo de São Paulo.

O candidato com a chapa mais avançada em São Paulo é o ex-juiz Sergio Moro (Podemos), que filiou o deputado estadual Arthur do Val, na semana passada, para concorrer a governador pelo seu partido.

Eles têm um acordo com o deputado estadual Heni Ozi Cukier, que deve deixar o Novo na janela de troca partidária, entre março e abril, e ingressar no Podemos para ser candidato ao Senado.

"A eleição para o Senado é esquecida, minha missão é chamar atenção das pessoas para as opções de candidatos. Acho que tenho a melhor proposta. Olho para o Senado e vejo uma lacuna, um abandono, um desinteresse, uma baixa representatividade", afirma Cukier à **Folha**.

O candidato ao Senado que irá receber o apoio do ex-presidente Lula (PT) segue indefinido. PT e PSB buscam acertar uma federação, que contaria ainda com PC do B e PV, mas que esbarra em acordos estaduais e na eleição de 2024.

Um dos impasses se dá exatamente em São Paulo, onde o PT faz questão de lançar o ex-prefeito Fernando Haddad para o governo e o PSB pleiteia a manutenção da candidatura do ex-governador Márcio França para o mesmo posto. A federação exige que haja um só postulante.

Sendo assim, petistas consultados pela **Folha** afirmam, nos bastidores, esperar que França recue e aceite ser candidato ao Senado. No lado do PSB, a conversa é justo o oposto –a vaga na chapa para o Senado estaria reservada a uma indicação do PT.

Outro uso da vaga ao Senado, além da acomodação de partidos aliados, é o de conferir diversidade à chapa. Nesse sentido, caso a aliança fracasse e o PT lance um candidato próprio, o partido estuda dar a vaga a uma mulher negra.

Como se alinham os possíveis candidatos ao Senado em SP

O campo progressista em São Paulo tem ainda o líder sem-teto Guilherme Boulos (PSOL) como pré-candidato ao Palácio dos Bandeirantes. O PSOL tende a apoiar Lula para a Presidência.

Como mostrou a **Folha**, parte dos petistas e psolistas trabalha para unificar as candidaturas de Boulos e Haddad, enquanto as cúpulas dos partidos admitem ser possível manter os dois nomes com apoio no segundo turno.

Aliados de ambos os lados ponderam que o preferível, no entanto, é evitar a fragmentação do eleitorado de esquerda. Por isso, o PSOL afirma que a vaga ao Senado ainda depende das conversas com os demais partidos e de eventual federação com a Rede.

A Rede não tem nomes em vista para o Senado no estado. "Estamos apelando a todas nossas lideranças para disponibilizarem seus nomes para disputarem a Câmara Federal", afirma a ex-senadora Heloísa Helena, porta-voz da Rede.

A estratégia da legenda é superar a cláusula de barreira, a votação mínima exigida para que partidos tenham acesso a recursos. A regra só leva em conta os votos que o partido obtém na Câmara.

O PDT do presidenciável Ciro Gomes se aproximou da candidatura de Boulos em São Paulo. Para a vaga ao Senado, o partido estuda lançar o ex-comandante da Rota e sacerdote de terreiro de umbanda, tenente-coronel Mario Filho, que se filiou em dezembro.

Mario diz à **Folha** que a confirmação de sua candidatura depende de eventuais alianças do PDT. "Eu me filiei por concordar com as premissas do partido e por ser o primeiro a dar voz ao 'povo de axé'. Não me filiei para concorrer, mas para colaborar. Estou à disposição do partido para concorrer a qualquer cargo", afirma.

Do outro lado do tabuleiro, na direita ligada ao presidente Jair Bolsonaro (PL), a situação é de divisão —vários nomes se apresentaram ao Senado e querem o apoio do mandatário.

Bolsonaro indicou que seu candidato a governador em São Paulo deve ser o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, que se filiaria ao PP ou ao PL, e seu nome ao Senado seria a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves.

O aceno de Bolsonaro provocou reação imediata da deputada estadual Janaina Paschoal (PSL), que há pelo menos dois anos planeja sua candidatura ao Senado. Recordista de votos em 2018, com mais de 2 milhões de eleitores, Janaina negocia filiação com o PRTB.

"Com a habilidade que Bolsonaro tem para re(unir) a direita, em [20]23, teremos um Senado vermelho, para dar sustentação a Lula", tuitou Janaina no último dia 20.

À coluna Mônica Bergamo ela afirmou: "Sigo pré-candidata. Quem vier vai ter que concorrer comigo".

> A eleição para o Senado é esquecida, minha missão é chamar atenção das pessoas para as opções de candidatos. Acho que tenho a melhor proposta. Olho para o Senado e vejo uma lacuna, um abandono
>
> **Heni Ozi Cukier**
> Deputado estadual

> O candidato ao Senado tem que ser um nome conhecido para ser competitivo. Vamos ter um nome competente. São Paulo é a cara do Novo
>
> **Eduardo Ribeiro**
> Presidente do Novo

Apesar de ter feito uma série de críticas ao presidente, Janaina voltou a se aproximar do bolsonarismo e pretende apoiar a campanha de Tarcísio em São Paulo.

A deputada demonstra publicamente sua preocupação com a divisão de votos conservadores e prega a unidade da direita paulista para evitar o avanço do PT.

Aliados do presidente definiram eleger mais nomes ao Senado como prioridade para 2022. Isso porque a Casa é a responsável por temas caros à direita bolsonarista, como aprovar o impeachment de ministros do STF (Supremo Tribunal Federal), e representou um campo de oposição ao governo, sobretudo com a CPI da Covid.

Outra opção para a direita paulista é o ex-presidente da Fiesp Paulo Skaf (MDB), que também ensaia uma candidatura ao Senado e é aliado de Bolsonaro. Para seguir esse plano, Skaf teria que deixar o MDB.

O MDB lançou a senadora Simone Tebet (MS) para o Planalto e, em São Paulo, deve apoiar o candidato do PSDB ao governo, o vice-governador Rodrigo Garcia. A União Brasil, fusão de DEM e PSL, também formou aliança com o tucano.

Para compor a chapa do presidenciável João Doria (PSDB) e de Garcia, ambas as legendas cogitam o nome do apresentador José Luiz Datena como postulante ao Senado. Indicar um nome para a vice do tucano também é do interesse dos dois partidos.

Tucanos consultados pela **Folha** defendem nomes do partido para o Senado. Atualmente, o PSDB paulista tem dois representantes na Casa —Mara Gabrilli e José Aníbal, que substitui José Serra durante licença médica.

Gabrilli está na metade do mandato de oito anos, mas tanto Serra quanto Aníbal podem concorrer. Além deles, o presidente do PSDB da capital paulista, Fernando Alfredo, afirma manter sua pré-candidatura ao Senado.

Dirigentes do PSDB e dos partidos que apoiam Garcia afirmam que a questão do Senado permanece aberta.

O partido Novo planeja ter chapa completa. Seu candidato a presidente é o cientista político Luiz Felipe d'Avila e, em São Paulo, o candidato ao governo é o deputado federal Vinicius Poit. O processo seletivo para a candidatura ao Senado está aberto para inscrições até 15 de março -há dois nomes concorrendo até agora. "O candidato ao Senado tem que ser um nome conhecido para ser competitivo. Vamos ter um nome competente. São Paulo é a cara do Novo", afirma o presidente da legenda, Eduardo Ribeiro, que estima definir o candidato em abril.

Além de Gabrilli e Aníbal, a terceira vaga de São Paulo no Senado atualmente é ocupada por Alexandre Luiz Giordano (MDB), suplente do senador Major Olímpio, morto em 2021 por Covid-19.

Propaganda partidária volta à TV, mas nova regra preocupa

Com retorno das inserções, legendas afirmam tomar cuidado para evitar punição

Victoria Azevedo e Fábio Zanini

SÃO PAULO Cinco anos após ser extinta, a propaganda partidária obrigatória na televisão e no rádio retorna nos próximos meses apresentando aos dirigentes de legendas uma série de novos desafios legais.

A lei prevê a veiculação de inserções de 30 segundos em horário nobre, que serão usadas pelos partidos neste semestre para promoverem seus candidatos nas eleições de outubro ou se apresentarem aos eleitores, caso do União Brasil, junção de PSL e DEM.

As legendas poderão usar a propaganda para difundir programas partidários, transmitir mensagens aos filiados sobre eventos e atividades internas, divulgar a posição do partido em relação a temas políticos e ações da sociedade civil, incentivar a filiação e promover a participação política de mulheres, jovens e pessoas negras.

Mas as regras que proíbem pedido explícito de voto, além de novos dispositivos da lei, como o combate às fake news, têm feito os partidos redobrarem os cuidados, para não sofrerem punições às vésperas do início da campanha eleitoral.

"A lei não permite promoção de candidatura, por isso vamos com todo o cuidado, seguindo orientação jurídica. Mas é evidente que o Rodrigo Pacheco vai ter protagonismo", diz o presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, que quer usar as inserções para promover a imagem do senador mineiro, nome escolhido para a disputa presidencial.

Nos cinco anos em que a propaganda partidária de TV ficou suspensa, a ameaça representada pela desinformação passou de questão lateral a preocupação central, a ponto de sua proibição constar explicitamente da lei.

O advogado Fernando Neisser, membro fundador da Abradep (Academia de Direito Eleitoral e Político), diz, no entanto, que acha pouco provável que o tema das fake news afete diretamente a propaganda partidária, uma vez que elas estão mais relacionadas ao universo das redes sociais.

"Esse tipo de estratégia funciona melhor quando você não tem o interlocutor identificado. É sempre o tio de alguém, o médico de um amigo. Esse tipo de construção distancia o narrador. E isso não existe na propaganda partidária", diz Neisser.

Além da divulgação de notícias falsas, são vedadas nas inserções a utilização de imagens ou de cenas incorretas ou incompletas que distorçam ou falseiem fatos ou sua comunicação. Imagens que incitem violência e prática de atos que resultem em qualquer tipo de preconceito racial, de gênero ou de local de origem também estão proibidos.

Ainda segundo a lei, não são permitidas nas inserções a participação de pessoas não filiadas ao partido responsável pelo programa veiculado, nem haver propaganda de candidatos a cargos eletivos e a defesa de interesses estritamente pessoais ou de outros partidos políticos, bem como toda forma de propaganda eleitoral.

A advogada de direito eleitoral e professora da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Vânia Aieta afirma que não vê problemas na participação de candidatos nas inserções, desde que falem sobre o programa do partido, e não sobre as eleições.

Segundo Carlos Lupi, presidente nacional do PDT, o partido pretende usar ao menos um terço do tempo das inserções estaduais para fixar a imagem de Ciro Gomes (PDT-CE), pré-candidato da sigla à Presidência. "Não precisa dizer que ele é candidato. Ele é vice-presidente do partido. Vamos reafirmar os nossos princípios e os nossos projetos", continua.

O pedetista diz ainda que estão avaliando as estratégias que serão utilizadas na campanha junto do publicitário João Santana, responsável por cuidar da imagem da campanha de Ciro.

Cada sigla apresentou no começo deste mês ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) propostas de dias e horários para suas inserções.

Agora, os pedidos serão analisados pelos ministros, que fixarão datas para veiculação.

Na proposta apresentada ao tribunal, por exemplo, o PDT não indicou datas para as inserções.

Já o PSDB concentrou as suas em abril (17 inserções) e maio (23).

"Sempre dentro do permitido pela legislação eleitoral, o PSDB usará as inserções partidárias para apresentar o trabalho que vem fazendo pelo Brasil", diz em nota a assessoria do partido.

O PT, por sua vez, pediu ao TSE para veicular oito inserções de TV em abril, 12 em maio e 20 em junho, com o intuito de já reforçar a pré-campanha do ex-presidente Lula. O mote é resgatar a "felicidade" e o "orgulho" dos brasileiros nos anos em que a legenda governou o país.

Os partidos que descumprirem as regras poderão ser punidos com a cassação de duas a cinco vezes do tempo equivalente ao da inserção ilícita no semestre seguinte. Representações de partidos ou do Ministério Público serão julgadas pelo TSE (no caso de inserções nacionais) e pelos respectivos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais), nas estaduais.

De acordo com a lei sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) no começo deste ano, a propaganda partidária será realizada entre as 19h30 e as 22h30, em rádio e televisão nos âmbitos nacional e estadual.

Os programas de até 30 minutos foram extintos.

Agora, as transmissões serão feitas em bloco, por meio de inserções de 30 segundos cada, e ocorrerão nos intervalos das programações de cada emissora.

A formação das cadeias será autorizada respectivamente pelo TSE e pelos TREs, que ficarão responsáveis pela necessária requisição dos horários às emissoras.

Na última terça (25), o TSE publicou portaria definindo o tempo da propaganda partidária para este semestre. Serão até 305 minutos de transmissão divididos entre 23 partidos, em 610 inserções.

A divisão do tempo é feita de acordo com o tamanho das bancadas de cada sigla na Câmara eleitas nas eleições anteriores.

O partido que tiver conseguido eleger até nove deputados nas eleições anteriores poderá usar cinco minutos por semestre.

Aqueles com 10 a 20 deputados poderão usar dez minutos. E e os com mais de 20 deputados terão tempo de 20 minutos.

Desta forma, DEM, MDB, PDT, PL, PP, PSB, PSD, PSDB, PSL, PT e Republicanos serão as siglas com o maior tempo no primeiro semestre deste ano, com 40 inserções.

O Podemos, do presidenciável Sergio Moro, terá 20 inserções ao todo.

Segundo a deputada federal Renata Abreu (SP), presidente nacional da legenda, o Podemos irá usar as inserções para "apresentar a base do seu projeto para o Brasil que está em desenvolvimento, sob a liderança de Sergio Moro, além de apresentar seus principais nomes nacionais e regionais".

O combate à corrupção, bandeira do ex-juiz, estará presente, assim como "propostas que resolvam os principais problemas do país". Ao TSE, o partido concentrou todas as suas inserções em junho, por ser "período próximo às convenções partidárias e ao período eleitoral".

No caso do PL, a ideia é usar os programas para vincular a imagem do partido com a do presidente Jair Bolsonaro, que se filiou a sigla no final do ano passado.

"Bolsonaro é um garoto-propaganda absurdo, mas pouca gente sabe que ele está no PL", diz o vice-presidente nacional da legenda, deputado federal Capitão Augusto (SP).

O partido tem grandes expectativas para engordar de forma significativa sua bancada federal na eleição com o impulso trazido pela presença do presidente. "Então a ideia é fortalecer nas propagandas de TV a imagem do partido, juntar com a do Bolsonaro", afirma.

Outra legenda que pretende aproveitar o espaço para reforçar sua marca é a União Brasil. "Na verdade, não é nem reforçar, é apresentar mesmo, mostrar ao eleitor quem nós somos", diz o deputado federal Junior Bozzella (PSL-SP). O partido deverá ser criado oficialmente em fevereiro, após ratificação do TSE à junção entre PSL e DEM.

Segundo Bozzella, os dirigentes do partido ainda não começaram a elaborar as inserções, e têm até evitado falar sobre o tema, porque haverá muita gente a acomodar na televisão.

"Estamos amadurecendo a ideia do programa, mas não queremos falar muito antes da hora para não virem encher o saco. Não dá para botar todo mundo", afirma.

Outro aspecto da lei é a obrigatoriedade de se destinar ao menos 30% do tempo total disponível aos partidos à promoção e à difusão da participação política das mulheres que querem se candidatar.

Para Vânia, a mudança deve ser celebrada. "Criou-se uma obrigatoriedade que as siglas não poderão fugir. Elas terão que dar espaço para mulheres que foram a vida inteira eclipsadas no mundo interno dos partidos políticos", diz.

Entenda as propagandas partidárias

DIVISÃO DO TEMPO

- A divisão do tempo é feita de acordo com o tamanho das bancadas de cada sigla na Câmara. Segundo o TSE, foram levados em conta aspectos como a quantidade de deputados federais eleitos em 2018, desconsiderando eventuais trocas de partido que possam ter ocorrido e os efeitos de fusões e incorporações de siglas que possam ter ocorrido no período
- A legenda que tiver conseguido eleger até nove deputados nas eleições anteriores poderá usar cinco minutos por semestre. Aqueles com 10 a 20 deputados poderão usar dez minutos. E e as legendas com mais de 20 deputados terão tempo de 20 minutos
- Do tempo total disponível para cada partido político, ao menos 30% deverão ser destinados à promoção e à difusão da participação política das mulheres

TRANSMISSÃO DAS INSERÇÕES

- As transmissões serão em bloco, em cadeia nacional e estadual, por meio de inserções de 30 segundos no intervalo da programação das emissoras. Elas serão realizadas entre as 19h30 e as 22h30. As datas de veiculação serão definidas pelo TSE
- É permitida a veiculação, no máximo, de três inserções nas duas primeiras horas e de até quatro na terceira hora de exibição. Em cada rede só poderá ser autorizada dez inserções por dia
- É proibida a veiculação de inserções sequenciais, precisando ser observado um intervalo mínimo de dez minutos entre cada uma delas
- As inserções nacionais serão transmitidas às terças e quintas-feiras e aos sábados. As estaduais deverão ser transmitidas às segundas, quartas e sextas-feiras

O QUE PODE SER ABORDADO

As legendas poderão usar a propaganda partidária para difundir programas partidários, transmitir mensagens aos filiados sobre eventos e atividades internas, divulgar a posição do partido em relação a temas políticos e ações da sociedade civil, incentivar a filiação e promover a participação política de mulheres, jovens e pessoas negras

O QUE NÃO PODE SER ABORDADO

- É proibida a participação de pessoas não filiadas ao partido responsável pelo programa
- Fica vedada a divulgação de propaganda de candidatos a cargos eletivos e e a defesa de interesses pessoais ou de outros partidos, bem como toda forma de propaganda eleitoral
- Não podem ser usadas imagens ou cenas incorretas ou incompletas, de efeitos ou de quaisquer outros recursos que distorçam ou falseiem os fatos ou a sua comunicação
- É vedada a utilização de matérias que possam ser comprovadas como falsas (fake news)
- Imagens que incitem violência e prática de atos que resultem em qualquer tipo de preconceito racial, de gênero ou de local de origem também estão proibidos

PUNIÇÃO

O partido que descumprir com as regras será punido com a cassação de duas a cinco vezes do tempo equivalente ao da inserção ilícita no semestre seguinte

Avante lança pré-candidatura de André Janones a presidente

José Matheus Santos

Evento do partido Avante, com André Janones, neste sábado (29), no Recife Divulgação

RECIFE O partido Avante promoveu, neste sábado (29), um evento para lançar a pré-candidatura do deputado federal André Janones (MG) à Presidência da República.

O parlamentar aproveitou a cerimônia para fazer críticas a outros pré-candidatos e defendeu múltiplas candidaturas da chamada terceira via, que tenta quebrar a polarização entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O ato ocorreu durante evento em um hotel no Recife com a presença de lideranças nacionais do partido.

Janones surpreendeu a cena política após aparecer com 2% das intenções de voto em pesquisa divulgada pelo instituto Ipec em dezembro. O índice foi o mesmo do governador de São Paulo, João Doria (PSDB).

"Nossa candidatura não é mais uma, porque ela representa os interesses do povo brasileiro. Com o atual presidente, o Brasil continuou refém das amarras ideológicas, só mudou de lado. O povo continuou sendo coadjuvante em todas as decisões", disse ele, em discurso.

O tom de comparação com Doria foi um dos principais motes do lançamento do pré-candidato do Avante.

"A gente conseguiu essa pontuação [na pesquisa em dezembro] sem lançamento de campanha e sem mobilizar as redes sociais. Apenas o apoio de Deus e do povo brasileiro. Enquanto tem gente governando o maior estado do país, andando há três anos e não conseguiu decolar", afirmou o pré-candidato.

Ele disse que o combate à desigualdade social e à fome estarão entre suas prioridades, caso seja eleito.

André Janones, 37, é natural de Ituiutaba, no Triângulo Mineiro, e formado em direito.

Em 2016, foi candidato a prefeito de Ituiutaba, mas acabou na segunda colocação, perdendo no primeiro turno da eleição.

Dois anos depois, esteve na linha de frente do apoio à greve dos caminhoneiros em Minas Gerais, o que levou o seu número de seguidores a saltar para 1 milhão nas redes sociais.

Em 2018, Janones foi o terceiro mais votado de Minas Gerais, com 178.660 votos, na disputa por uma das cadeiras na Câmara dos Deputados.

Como parlamentar, despontou com o impulso das redes sociais, nas quais acumula 8 milhões de seguidores. Durante a pandemia de Covid-19, ganhou destaque na plataforma com transmissões ao vivo sobre o auxílio emergencial.

O Avante quer utilizar a candidatura do deputado para tentar ampliar a bancada de deputados federais e senadores no Congresso Nacional no próximo ano.

Durante o evento neste sábado, a direção nacional do Avante também efetivou a filiação de novos integrantes da legenda. Em 2020, elegeu um prefeito de capital, David Almeida, em Manaus.

Antes chamado de PT do B, o partido foi fundado em 1989. A mudança de nome veio em 2017, na esteira do movimento de diversos partidos de mudar a designação das legendas em um momento de crise para os partidos.

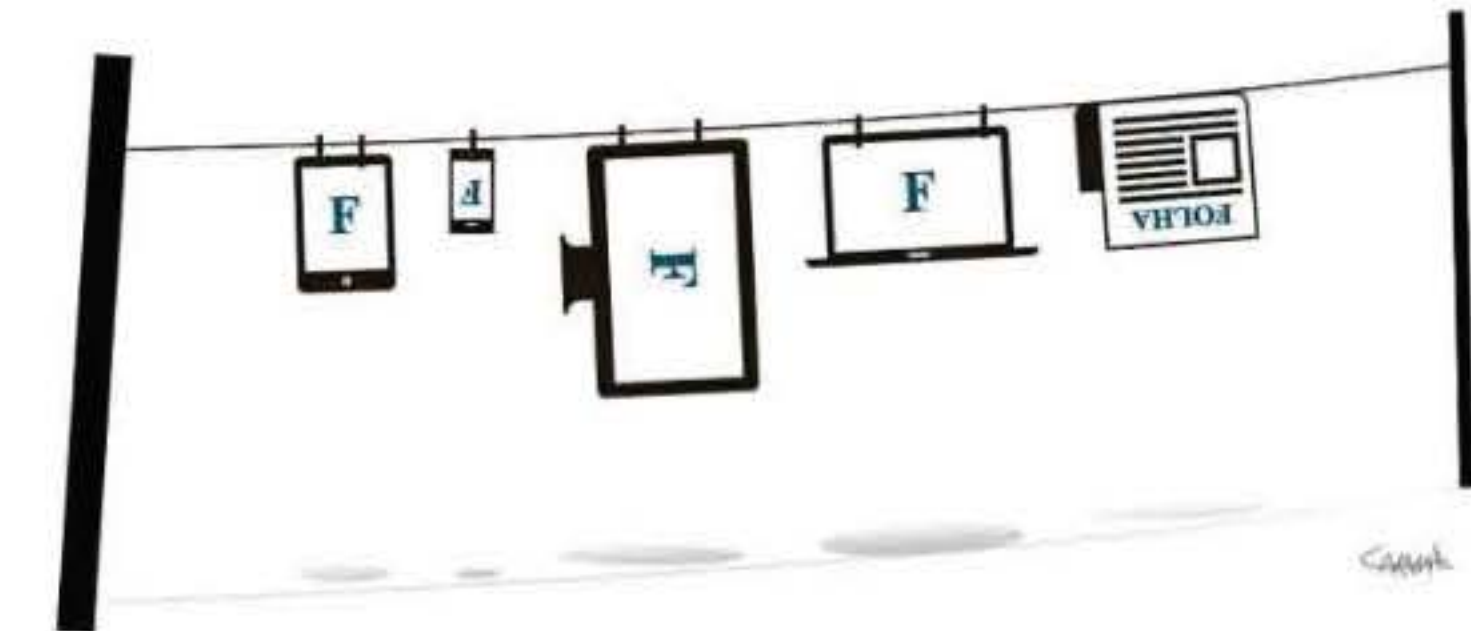
Como PT do B, o partido já esteve ao lado do PSDB nas eleições presidenciais de 2010 e 2014, apoiando José Serra e Aécio Neves, respectivamente. Já em 2018, foi o único partido que se coligou ao candidato do PDT, Ciro Gomes.

Para as eleições de 2022, tanto PSDB quanto PDT possuem candidatos próprios, que são João Doria e Ciro Gomes.

Também foram são pré-candidatos ao Planalto o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), o cientista político Felipe D'Ávila (Novo), Leonardo Péricles (UP), o ex-juiz Sergio Moro (Podemos) e a senadora Simone Tebet (MDB-MS). O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG), é cotado para disputar pelo PSD.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Duvide, cheque, recheque e vote

Eleições deste ano no país vão entupir celulares e redes sociais de mentiras

José Henrique Mariante

A **Folha** nas últimas semanas discute liberdade de expressão. É o direito que sustenta a independência deste jornal, mas é em nome dele também que nossos celulares absorvem e despejam bobagens, das tolas às mais perigosas. Entre as muitas cicatrizes que a pandemia de coronavírus deixará, uma das principais será a certeza de que a desinformação está no meio de nós, com consequências nefastas. Aprendemos que uma mensagem maliciosa pode, por exemplo, provocar a morte de muitas pessoas. Já sabíamos disso, por óbvio, mas foi preciso uma catástrofe planetária para percebermos o quanto atos levianos podem ceifar.

Em crítica interna, na última quinta-feira (27), sugeri à Redação que investigasse os principais propagadores de fake news relacionadas à vacinação infantil. Estava abismado com reportagem do Jornal Nacional que mostrava prefeituras do interior do país constrangendo pais que levavam os filhos aos postos de saúde. Poucas horas depois, a **Folha** mostrava que a ministra Damares Alves endossara documento da pasta com ataques ao passaporte vacinal e à obrigatoriedade da imunização de crianças. Quem precisa ir aos subterrâneos quando o esgoto corre a céu aberto?

A covid escancarou também outra obviedade que muitas vezes fingimos não entender, por preguiça, ignorância ou má-fé, a de que governantes precisam ser competentes. Centenas de milhares de mortos pesarão sobre Jair Bolsonaro e seus acólitos, como escreveu Drauzio Varella, na próxima eleição ou depois dela. A conta está chegando para populistas no mundo inteiro e até para quem, aparentemente, fazia a coisa certa, que o diga Boris Johnson. Sua foto com bolo de aniversário durante o lockdown, "festa surpresa" na explicação cara de pau do gabinete emparedado, virou piada nos tabloides britânicos.

Seria bom que tal decantação dos fatos prevalecesse, mas a realidade mostra o contrário. Ao menor movimento, o depósito acalmado no fundo se desfaz e volta a turvar o noticiário. Damares é prova viva, falando para os seus, mesmo que isso mais tarde se transforme em um pesadelo judicial. A aposta na confusão é alta.

A dinâmica da desinformação, porém, nem sempre é tão escancarada e demanda estudo. O aguardado processo eleitoral brasileiro é o grande laboratório deste ano, atraindo a atenção de especialistas, plataformas e reguladores do mundo todo. O que ocorrer aqui pode se repetir em qualquer lugar, pois planeta conectado é mais do que um clichê.

Cristina Tardáguila, fundadora da Agência Lupa e diretora do International Center for Journalists (ICFJ), lista algumas observações que deverão estar em curso nos próximos meses. A primeira é se o eixo da desinformação sai dos EUA e vai para o Brasil ou se o português se manterá como barreira à inserção internacional do país. O idioma também testará o preparo das plataformas, que controlam primordialmente conteúdo em inglês.

Outro acompanhamento importante é o da solução a ser encontrada para redes sociais sem representação no Brasil, como o Telegram, que corre o risco de ser banido pelo TSE. "O problema é que existem outras tantas redes em situação semelhante, uma pior que a outra no quesito moderação."

Já as grandes plataformas estarão sob forte escrutínio. "A dificuldade principal aqui é que políticos não podem ser checados e só são punidos se estiverem flagrantemente infringindo as regras internas das redes ou a legislação eleitoral. As empresas prometem controle, mas que controle?"

Exemplo é o botão anti-fake do Twitter, em fase de testes no Brasil. Advogados ouvidos pela **Folha** temem ações orquestradas contra conteúdo de adversários nas eleições. Do outro lado da corda, grupos organizados de denúncia contra movimentos antivacina já reclamam que o dispositivo não funciona, pois não perceberam ninguém sendo derrubado apesar de seus esforços.

A coisa é complicada e não acabará com a abertura das urnas. "Nas reuniões semanais do grupo de trabalho montado pelo TSE, uma das perguntas mais frequentes feita às plataformas é sobre o que farão se um candidato não aceitar o resultado das eleições. É claro que os membros do tribunal estão com a invasão do Capitólio em mente. Ainda não há processos claros", afirma Cristina.

Até lá, **Folha** e imprensa em geral terão que trabalhar duro, checar fatos e evitar escorregadas como a do título da Primeira Página do último fim de semana: "Hidroxicloroquina é eficaz, e vacina não, diz ministério". No combate a fake news, lembra um leitor, enunciados precisam ser diretos. E críticos, como esta opção: "Ministério da Saúde contraria ciência e diz que vacina não funciona".

Soa como enxugar gelo, mas chegará o dia em que será como previsão do tempo, tipo veja as mentiras que podem aparecer no seu celular hoje. Não é ficção, já há tentativas.

As eleições armadas

Descaso com ações de Bolsonaro para armamento é ameaçador para o futuro

Janio de Freitas
Jornalista

O incompreensível descaso com as medidas de Bolsonaro para armar parte da população, sendo tantas as implicações nocivas daí advindas, é tão ameaçador para o futuro próximo quanto a própria ação armadora de Bolsonaro. Recente descoberta no Rio indica que armas de combate, modernas e caríssimas, estão entrando em em alta quantidade e tomando destinos imprecisos. Chegam em importações dadas como legais, amparadas nos atos a respeito, repletos de lacunas, emitidos por Bolsonaro.

Com permissões para colecionadores, atiradores e outros, um casal jovem importava lotes volumosos de armas, dezenas de fuzis modernos e ainda metralhadoras, pistolas, revólveres e projéteis aos muitos milhares. Dispensadas, agora, as autorizações e a vigilância do Exército. O casal associava operações em Goiás e no Rio, onde foi localizada uma casa cheia de armas em bairro residencial.

As alternativas permitidas pelas liberações de Bolsonaro são tantas — registros pessoais e comerciais sem limite, importações sucessivas, inexistência de fiscalização, entre outras— que um só operador pode armar para combate todo um contingente. É o que está acontecendo. Com quantidades ignoradas de importadores, de armas, munições e de financiadores. Certo é não haver motivo, muito ao contrário, para supor exclusividade do casal no fornecimento de armas bélicas.

A quem, é a questão mais importante. Aos bandos conhecidos e à milícia, veio pronta a afirmação na única e precária notícia policial (em O Globo de 26.jan) sobre o arsenal encontrado. Provável final de um lote importante, os 26 fuzis e até metralhadora de chão, além de outras armas e muita munição, indicam custo além do conveniente para aquela freguesia, cliente dos preços no contrabando, solidários e sem impostos.

“Se não tiver voto impresso, não vai ter eleição” pode ser uma frase simbólica dos tantos avisos públicos de um propósito anti-eleitoral. Reforçado no que as atuais sondagens do eleitorado sugerem. E já sonorizado na volta à mentira de fraude nas eleições de 2018. Tal propósito não se consumaria no grito, nem deve contar com a sabotagem eleitoral de outro Sergio Moro e de procuradores bolsonaristas à disposição de Augusto Aras. Armas potentes, porém, se ajustam bem ao propósito.

As medidas de Bolsonaro para o armamento de civis obedeceram a um plano. Mostrou-o a escalada em que se deram. Primeiro, a posse doméstica, depois facilidades para o porte. Então os primeiros incentivos à compra e às munições, com possível importação, e aí a posse ampliada. Até chegar à compra de 60 armas por cabeça e mil projéteis por arma/ano. Sem restrição a várias importações. Para atenuar o comprometimento do silencioso Exército nesse plano sinistro, suas obrigações ligadas à posse de armas foram extintas quase todas.

Essas medidas não vieram do nada para o à toa. São uma denúncia de si mesmas e de suas finalidades criminosas. Fuzis e metralhadoras não se prestam ao alegado “direito do cidadão de se defender”, argumento da má-fé de quem, assaltado, entregou sua arma, a moto e a falsa valentia ao jovem assaltante. As importações de fuzis e metralhadoras não são suspeitas: são, com toda a certeza, armas para o crime. Contra pessoas, grupos, instituições constitucionais e o regime de liberdades democráticas.

Estamos já no ano eleitoral. É preciso identificar e comprovar o destino das armas de uso bélico importadas, em quantidade, por decorrência de medidas programadas e impostas por Bolsonaro, sem resistência institucional, dos meios de comunicação ou dos setores civis influentes. Do contrário, quem puder, e tiver tempo, saia da frente dessas armas.

Bom encontro

O charlatanismo de Marcelo Queiroga vai encontrar nos próximos dias a indignação da medicina honesta. Mais de uma corrente de médicos e a própria Academia Brasileira de Medicina discutem reações aos ultrajes de Queiroga à medicina e à defesa científica da população. Queiroga tem pretensões eleitorais na Paraíba. Sua eleição seria uma vergonha irreparável para o estado.

Fonte e ponte

O interesse por saber os ganhos de Sergio Moro através do escritório americano Alvarez & Marsal lembra outras investigações no gênero. A constatação depende menos das contas pessoais do que de investigação na empresa pagadora. É comum que escritórios de advocacia e consultorias sirvam ao repasse, como remunerações suas, de pagamentos em que o pagador não pode aparecer, sob pena de causar escândalo ou incorrer em crime junto com o recebedor.

No caso de Moro, se tal investigação fosse desejada pelos que o questionam, precisaria ser feita nos Estados Unidos. O que é impensável.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. **Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Bolsonaro fala em ‘direito de ausência’ a depoimento na PF

Presidente entregou carta para justificar falta a audiência ordenada pelo STF

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) enviou uma declaração à Polícia Federal na sexta-feira (28) para justificar sua ausência no depoimento em que deveria prestar esclarecimentos no âmbito do inquérito que apura o vazamento de dados sigilosos de investigação da corporação sobre suposto ataque ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

No documento direcionado à delegada responsável pelo caso, o presidente afirma que exerceu o “direito de ausência” e diz que sua posição encontra respaldo em decisão do Supremo que tratou dos direitos de investigados em apurações policiais.

A informação foi publicada neste sábado pelo jornal O Estado de S. Paulo e confirmada pela **Folha**.

A oitiva havia sido determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), e ocorreria na sexta, mas Bolsonaro não compareceu.

“Venho, respeitosamente, informar à Autoridade de Polícia Federal responsável pela condução das investigações do IPL nº. 2021.0061542 que exercerei o direito de ausência quanto ao comparecimento à solenidade designada na Sede da Superintendência da PF para o corrente dia, às 14:00, tudo com suporte no quanto decidido pelo STF, no bojo das ADPF's nº 395 e 444”, diz o texto assinado pelo presidente.

Nas ações mencionadas por Bolsonaro, uma delas de autoria do PT, a corte decidiu que um investigado não pode ser alvo de condução coercitiva para ser obrigado a comparecer a depoimento.

O presidente Jair Bolsonaro durante passeio em Brasília na manhã deste sábado (29) Constança Rezende/Folhapress

No texto, o presidente também diz que já prestou “esclarecimentos que reputava pertinentes” em petição enviada ao STF no último dia 26 e defende a remessa dos autos da apuração à Procuradoria-Geral da República.

O documento foi encaminhado direto à polícia e não foi protocolado no Supremo para conhecimento do relator do caso, Alexandre de Moraes. No relatório sobre a investigação, a PF diz ter visto crime do chefe do Executivo em sua atuação no vazamento de dados sigilosos de investigação de suposto ataque ao sistema do TSE.

Apesar disso, a polícia afirmou que não o indiciou por respeitar posicionamentos recentes do Supremo de que pessoas com foro só podem ser indiciadas mediante prévia autorização da corte.

Bolsonaro passeou por Brasília neste sábado (29) e concedeu entrevista a jornalistas, mas não quis comentar o assunto.

Em decisão publicada na quinta, Moraes havia afirmado que o presidente não indicou local, dia e horário dentro do prazo para ser ouvido pelos policiais e, por isso, teria que comparecer na Superintendência da PF no Distrito Federal, às 14h do dia seguinte para o interrogatório.

Em 29 de novembro, Moraes havia dado prazo de 15 dias para que a oitiva fosse realizada. Quando o tempo estava para esgotar, a AGU (Advocacia-Geral da União) pediu a prorrogação sob a justificativa do excesso de compromissos de Bolsonaro, mas indicando que o presidente compareceria.

O ministro, então, concedeu mais 45 dias de prazo, que se esgotaria nesta sexta (28). Na última quarta (26), a AGU pediu para Bolsonaro não ser interrogado. Moraes, porém, não atendeu à solicitação do órgão, mandou o presidente prestar depoimento na quinta e justificou que a AGU alterou o posicionamento às vésperas do fim do período previsto.

Bolsonaro, no entanto, faltou à oitiva e apresentou recurso contra a decisão do magistrado minutos antes do horário marcado para o interrogatório.

Menos de uma hora depois, o magistrado recusou o recurso sob o argumento de que já havia passado o momento de apresentação desse tipo de pedido. **Matheus Teixeira e Constança Rezende**

Presidente diz que vai anular ‘revogaço’ de decretos de luto

Danielle Brant

BRASÍLIA Dois dias após a Folha ter revelado a informação de que Jair Bolsonaro (PL) havia cancelado ao menos 25 decretos de luto editados por seus antecessores, o presidente recuou da decisão e anunciou que tornaria sem efeito as revogações dos atos, “independente do governo que os decretou ou da personalidade homenageada”.

Bolsonaro anunciou a medida em uma rede social na noite deste sábado (29). Segundo ele, haviam sido revogados “122 decretos relacionados a luto, sendo 25 deles em nosso Governo”.

A seguir, o presidente cita decretos de luto revogados em 1991, durante o governo de Fernando Collor de Mello, entre eles os de Tancredo Neves (morto em 1985), Santos Dumont (morto em 1932) e dos ditadores Emílio Garrastazu Médici (morto em 1985) e Castello Branco (morto em 1967).

Também listou decretos revogados em 2020, já em seu governo, como os do rei Balduíno I da Bélgica (morto em 1993), Padre Cícero (morto em 1934), Dom Helder Câmara (morto em 1999) e Frei Damião (morto em 1997).

Na postagem, Bolsonaro argumenta que as revogações tinham amparo legal. “Tendo em vista o apelo popular para que todos esses Decretos permanecessem vigentes, em respeito à história e à memória dos falecidos, tornarei sem efeito as revogações dos 122 atos, independente do governo que os decretou ou da personalidade homenageada”, afirmou.

O anúncio ocorre após Bolsonaro, que declarou luto oficial em apenas duas ocasiões em seu governo e ignorou a morte de diferentes personalidades e de vítimas da pandemia, cancelar ao menos 25 decretos de luto editados por antecessores.

As revogações ocorreram como parte da política apelidada pelo Planalto de “revogaço”, propagandeada pelo governo. Ela consiste em anular normas “cuja eficácia ou validade encontra-se completamente prejudicada”, segundo a gestão Bolsonaro.

Bandeira do Brasil a meio mastro, em sinal de luto pela morte do escritor Olavo de Carvalho Pedro Ladeira - 25.jan.22/Folhapress

De acordo com o governo, a cada 100 dias o governo promove um “revogaço”, com a finalidade de “racionalização, desburocratização e simplificação do ordenamento jurídico”.

Os decretos de luto costumam perder efeito automaticamente tão logo o período de pesar oficial é concluído. A decretação de luto oficial é um ato simbólico. A determinação principal é que a bandeira nacional fique a meio mastro em todo o país durante o período de pesar.

O período de luto observado costuma variar de um a três dias. Em casos de pessoas com “notáveis e relevantes serviços prestados ao país”, o pesar pode ser estendido por até sete dias.

O ex-presidente Collor fez algo semelhante, quando editou um decreto cancelando honrarias a autoridades falecidas.

Na última semana, Bolsonaro declarou luto oficial pela morte do escritor Olavo de Carvalho, guru e ideólogo do bolsonarismo. Além de Olavo, a única ocasião em que Bolsonaro estendeu honraria semelhante foi por ocasião da morte do vice-presidente Marco Maciel.

Bolsonaro contrasta com antecessores, que usaram o decreto de pesar oficial em mais ocasiões. O ex-presidente Michel Temer (MDB) editou cinco decretos de luto. Dilma Rousseff (PT) o fez em 11 episódios, e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 22.

Tendo em vista o apelo popular para que todos esses decretos permanecessem vigentes, em respeito à história e à memória dos falecidos, tornarei sem efeito as revogações

Jair Bolsonaro

Petistas famosos sob Lula e Dilma saem dos holofotes

Nomes como Dirceu, Marco Maia e Ideli estão na retaguarda ou mudaram de área

Ranier Bragon e Catia Seabra

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO O PT comandou o governo federal por mais de 13 anos, de 2003 a 2016, e planeja voltar ao poder com boa parte da equipe que compôs as gestões Lula e Dilma. Há, porém, um grupo que nesses últimos anos optou por abandonar a linha de frente e se dedicar a outras tarefas, inclusive fora do partido.

José Genoino, Marco Maia, Ricardo Berzoini, Tarso Genro, Olívio Dutra, Ideli Salvatti, Paulo Bernardo, João Paulo Cunha, Professor Luizinho, entre outros, tiveram papel nacional de destaque em algum momento nas gestões petistas, mas, por ora, não estão cotados para o staff de um possível novo governo Lula.

Presidente da Câmara dos Deputados de 2011 a 2013, Marco Maia (RS) não conseguiu se reeleger deputado federal em 2018 e hoje é diretor geral do LeftBank, fintech que se propõe ser o banco da esquerda.

Entre os produtos que pretende oferecer, está um cartão personalizado, com fotos de expoentes históricos da esquerda, como Karl Marx e Che Guevara, à escolha do cliente.

Maia disse à **Folha** que, após um período sabático que tirou em 2019, resolveu tentar a nova experiência. Ele ressalta a promessa da fintech de empregar parte de seus ganhos em projetos como geração de renda e empoderamento de minorias.

"Sempre tem um debate sobre o papel do mercado, das instituições financeiras no mundo, mas na grande maioria dos casos as pessoas têm entendido bem [sua nova atividade profissional] porque é uma oportunidade de você direcionar seus recursos para algo que possa ter fim social, de apoio a projetos de interesse desse setor progressista", diz o ex-deputado.

Presidente do PT e ministro da Previdência, do Trabalho e das Comunicações nos governos Lula e Dilma, Ricardo Berzoini acabou se estabelecendo em Brasília em razão de questões familiares, e hoje é chefe de gabinete do deputado distrital Chico Vigilante, também do PT.

Ele mantém a militância interna, nos fóruns de debate da legenda. "A vantagem agora é que o PT já não é uma alternativa desconhecida, já tem 42 anos de idade, sofreu com seus erros e acertos e vivenciou a dor de um cerco político grande que estourou nossas contradições, mas abusou de prerrogativas para impedir a continuidade do projeto. Temos, talvez, mais maturidade para encarar a possibilidade de presidir a República", afirmou.

Um dos mandachuvas do PT no início do governo Lula, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu sofreu condenações e prisões nos escândalos do mensalão e da Lava Jato. Foi solto em 2019 e, atualmente, atua nos bastidores do PT, mas sem cargo formal.

Aos 75 anos, o ex-ministro tem, inclusive, perfil em um aplicativo que é sucesso entre adolescentes, o TikTok.

"Querem me conhecer melhor? Eu nasci em Passa Quatro [MG]. Muito jovem, com 14 anos, fui para São Paulo. Fui office boy, trabalhei em almoxarifado, fui arquivista, relações públicas, depois fiz assessoria jurídica. E entrei para a PUC, fui líder estudantil, eu lutei contra a ditadura. Por isso fui preso e tive que sair do Brasil", diz o ex-ministro no vídeo em que se apresentou, em julho do ano passado.

Outro dirigente petista que submergiu após o escândalo do mensalão, José Genoino ficou por muito tempo sem atuação política, mas voltou à agenda de debates internos alinhado à ala mais à esquerda no partido — contrária, por exemplo, à possível aliança de Lula com o ex-tucano Geraldo Alckmin.

> Vou fazer 70 anos. Lulinha vem com aquela de corpinho de 30 e tesão de 20. Isso é com ele. Não tenho condições físicas e emocionais
>
> **Ideli Salvatti**
> Ex-ministra, ao descarta a hipótese de disputar cargo eletivo

"Só falo com alguns blogs alternativos, você me desculpe. Para a grande mídia, eu decidi desde 2005 não ser mais fonte nem falar em off nem falar em on", disse o ex-presidente do PT (de 2003 a 2005) ao receber o telefonema da **Folha**, citando os jargões jornalísticos "on" e "off" —fontes que são ou não são identificadas na reportagem, respectivamente.

Em debate que participou na TV Fórum, ele comentou seu novo estilo. "Eu não estou brincando de radicalismo. Radical é a crise, que é ampla, múltipla e sistêmica."

Presidente da Câmara de 2003 a 2005, João Paulo Cunha também saiu de cena após sua condenação e prisão no mensalão —o Supremo Tribunal Federal perdoou sua pena em 2016—, mas prepara a volta.

Ele promoveu evento de confraternização política em Osasco no final do ano cujo mote foi "a esperança de um Brasil melhor, com Lula e João Paulo", uma espécie de lançamento de sua pré-candidatura a deputado federal.

"Em 2022 eu estou muito seguro de que vai ser uma disputa político-ideológica. Para as pessoas mais pobres, para os evangélicos, além da gente falar da Bíblia, da crença em Deus, nós precisamos falar da situação concreta das pessoas. As pessoas empobreceram!", discursou na ocasião.

Outro que pretende voltar como candidato a deputado federal é o ex-ministro do Desenvolvimento e ex-governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel. Ele ficou fora do segundo turno na sua tentativa de se reeleger ao governo de Minas, em 2018.

"Eu não estava pensando em me candidatar, mas o Lula me chamou para conversar, ele está empenhado em fazer uma bancada forte na Câmara dos Deputados. E eu tenho um recall forte por ter sido governador. Não consegui ser reeleito em 2018, mas recebi 2,2 milhões de votos", afirmou Pimentel, que já teve alguns encontros com Lula, o último deles na última quinta-feira (27), em São Paulo.

Uma das mais combativas parlamentares e ministras da era PT, a ex-senadora Ideli Salvatti hoje tem um programa no canal do partido no YouTube em que entrevista prefeitos da legenda.

Ministra da Pesca, das Relações Institucionais e de Direitos Humanos no governo Dilma, Ideli descarta a hipótese de disputar um cargo eletivo.

"Vou fazer 70 anos. Lulinha vem com aquela de corpinho de 30 e tesão de 20. Isso é com ele. Não tenho condições físicas e emocionais", diz.

Aposentada pelo Senado, ela defende a renovação. "Foi uma decisão pessoal. Tenho quatro netos, dois filhos e um marido. Estou a mil trabalhando na secretaria nacional de assuntos institucionais [do PT]."

Um nome que "sumiu do mapa" foi o ex-deputado Professor Luizinho (SP), líder do governo Lula na Câmara em 2004 e 2005.

Ele não conseguiu se reeleger em 2006 e, dois anos depois também fracassou na tentativa de virar vereador em Santo André. Hoje coordena a pré-campanha a deputado federal do ex-prefeito de São Bernardo do Campo Luiz Marinho.

Ministro da Justiça, das Relações Institucionais e da Educação do governo Lula, o ex-governador do Rio Grande do Sul Tarso Genro, 74, se diz "petista de carteirinha" desde o início dos 80, mas nunca quadro "profissionalizado" do partido.

"Depois que presidi o partido na chamada 'crise do mensalão' fui, paulatinamente, reduzindo a minha atuação nas instâncias mais formais do PT e aumentando a minha participação em grupos internos informais do partido, das suas diversas correntes, e também participando de debates em partidos 'irmãos'", afirmou.

Atuando como advogado consultor em três escritórios, Genro diz, porém, que nunca vai desativar a militância.

Um dos fundadores do PT, ex-ministro das Cidades e ex-governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, 80, é membro da confraria dos bibliófilos e concilia seu tempo entre a militância e os cerca de 5.000 exemplares de sua biblioteca, situada dois pisos acima do apartamento onde vive com a mulher. "Meu déficit de leitura é muito grande. Só agora li 'Guerra e Paz'", afirma.

Bancário aposentado pelo INSS, Olívio diz acreditar que política não é profissão, mas" compromisso e missão".

Dedicando-se a reuniões políticas, Olívio vai de vez em quando de ônibus ao município de São Luiz Gonzaga, onde ele e os irmãos costumam jogar bocha na propriedade rural que dividem. "Temos uma 'canchinha' sob as árvores. É lazer. Jogo com os amigos."

Petistas que saíram dos holofotes

JOSÉ DIRCEU
Chefe da Casa Civil no governo Lula
Sofreu condenações e prisões nos escândalos do mensalão e da Lava Jato. Foi solto em 2019 após o STF voltar atrás na questão do cumprimento da pena após a segunda instância. Participa informalmente das discussões internas do PT

MARCO MAIA
Presidente da Câmara dos Deputados de 2011 a 2013
Diretor-geral do LeftBank, uma fintech que se propõe ser o banco da esquerda. Entre os produtos oferecidos, a fintech promete ofertar cartões personalizados, com fotos de expoentes históricos da esquerda

JOÃO PAULO CUNHA
Presidente da Câmara de 2003 a 2005
Organizou um ato político no fim de ano em Osasco, com a presença de 500 pessoas,e manifestou a possibilidade de concorrer a deputado federal. O banner do evento trazia a inscrição: "Esperança de um Brasil melhor, com Lula e João Paulo"

JOSÉ GENOÍNO
Deputado federal e presidente nacional do PT
Depois de um tempo de afastamento da política, voltou a participar dos debates internos do partido, sem cargo formal, alinhado à ala mais à esquerda

RICARDO BERZOINI
Presidente do PT e ministro da Previdência, do Trabalho e das Comunicações nos governos Lula e Dilma
Chefe de gabinete do deputado distrital Chico Vigilante (PT)

PROFESSOR LUIZINHO
Líder do governo na Câmara em 2004 e 2005
Coordena a pré-campanha a deputado federal do ex-prefeito de São Bernardo do Campo, Luiz Marinho

FERNANDO PIMENTEL
Ministro do Desenvolvimento na gestão Dilma e governador de Minas Gerais de 2015 a 2018
Submergiu após não conseguir nem ir ao segundo turno na tentativa de reeleição em Minas, em 2018. Segundo aliados, pretende concorrer a deputado federal

IDELI SALVATTI
Líder do PT e do governo no Senado, também foi ministra da Pesca, das Relações Institucionais e dos Direitos Humanos
Apresenta um programa de entrevistas de prefeitos no canal do PT no YouTube

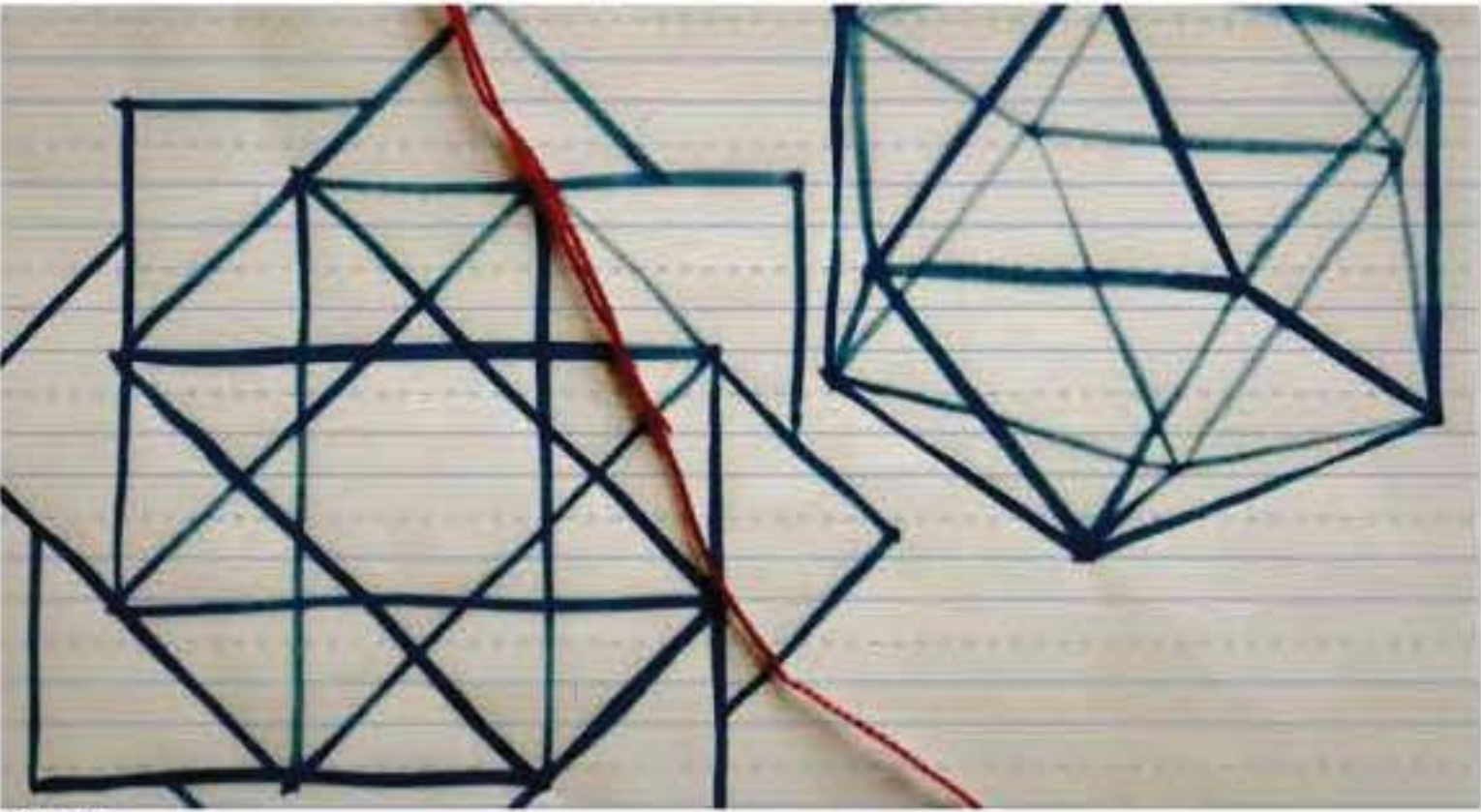
Mortes nos últimos anos

LUIZ GUSHIKEN
Ministro da Secretaria de Comunicação de Governo na gestão Lula
Vítima de câncer, aos 63 anos, em 2013

MÁRCIO THOMAZ BASTOS
ministro da Justiça no governo Lula
Aos 79 anos, vítima de problemas pulmonares em 2014

MARISA LETÍCIA
mulher de Lula
Em 2017, aos 66 anos, em decorrência de um AVC

SIGMARINGA SEIXAS
advogado, deputado federal e amigo de Lula
Aos 74 anos, em 2018, de parada cardíaca enquanto estava internado em decorrência de uma cirurgia para transplante de medula

poder

O trem-bala morreu, mas sua estatal vive

Paulo Guedes perdeu mais uma

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

A repórter Amanda Pupo revelou que a Valec e a Empresa de Planejamento e Logística, a EPL, deverão sobreviver à tentativa do ministro Paulo Guedes de fechá-las.

Ambas nasceram em torno do trem-bala que ligaria o Rio a São Paulo, um sonho de Lula e de Dilma Rousseff, que estaria rodando para atender às torcidas da Copa de 2014. Uma, a Valec abrigava o projeto, a outra, a EPL, abrigou seus destroços.

A sobrevivência dessas estatais mostra que, como o Fantasma das Selvas, elas são imortais.

Do trem-bala já não se fala, mas a Valec e a EPL seriam necessárias, para ajudar, como consultoras, no desenho da política de transportes nacional.

Em tese, reeditariam o falecido Grupo Executivo de Integração da Política de Transporte, o Geipot, criado em 1965 e extinto em 2008. Na prática, corre-se o risco de criar uma porta giratória.

O Geipot definiu a política de transportes nacional numa época em que predominava a balbúrdia. O czar da economia, Roberto Campos, pôs lá cabeças de primeira que arrumaram a casa, ocupando poucos andares no centro do Rio.

A partir de 1967 ele começou a desandar e, quando acabou, não houve choro nem vela. Em 2022 a máquina federal tem (ou deveria ter) instrumentos para cuidar do planejamento de rodovias, ferrovias e portos. Não precisa de mais uma camada burocrática.

O trem-bala foi uma boa ideia. Ligaria o Rio a São Paulo em poucas horas. Ela foi destruída pela inépcia e por malandragens. Não teve estudo de viabilidade nem projeto, sequer grandes empreiteiros interessados. Poderia custar US$ 15 bilhões. A Valec tornou-se um feudo do eterno Valdemar Costa Neto, seu presidente, conhecido como Doutor Juquinha, passou uns dias na cadeia e o sonho resultou apenas num litígio com um empresário italiano. Graças ao BNDES e ao Tribunal de Contas da União, a maluquice foi travada em 2011.

Em julho de 2012 o "Doutor Juquinha" (José Francisco das Neves) passou alguns dias na cadeia. Costa Neto patrocinou seu sucessor, no governo de Michel Temer.

A ideia do trem-bala já havia produzido uma estatal, a Empresa de Transporte Ferroviário de Alta Velocidade, a ETAV. Arquivado o trem, ela transmutou-se na Empresa de Planejamento e Logística, a EPL. Desde o início ela pretendia ser um novo Geipot.

O ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, conhece essa história.

Auditor da Controladoria-Geral da União, ele comandou a faxina de 2012 como interventor no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. Na ocasião, referindo-se à situação do Dnit, ele disse: "O que fazem com ele é uma covardia".

Tinha menos servidores do que precisava, para se dizer o mínimo. Tarcísio assumiu o ministério supondo que fecharia a Valec e a EPL.

Passaram-se três anos, não conseguiu fechá-las e voltou ao ponto de partida, com o "novo Geipot". Isso num governo que tem um ministério da Infraestrutura e o Dnit. Haveria covardia maior?

Transformar a EPL em algo parecido com uma empresa prestadora de serviços de consultoria de transportes cria o risco de se criar uma porta giratória que nada herda do Geipot do tempo de Roberto Campos.

Paulo Guedes perdeu mais uma, na qual tinha razão.

Cassações impróprias

Prosseguindo uma caça às bruxas disseminada no mundo acadêmico, o procurador do Direitos do Cidadão do Rio Grande do Sul, Enrico Rodrigues de Freitas, recomendou à reitoria da universidade federal que casse os títulos de doutores honoris causa concedidos no século passado aos presidentes Costa e Silva e Emílio Médici.

Noves fora uma provável interferência na autonomia universitária, trata-se de uma vindita histórica de gritante parcialidade.

Nenhum dos dois generais pediu ao à universidade que lhes desse o título. Eles foram concedidos por professores titulares, interessados em bajular os presidentes. A bem da verdade, tanto Costa e Silva como Médici nem vaidosos eram.

(Meses depois de um evento na Federal do Rio Grande do Sul, durante o qual discursou sobre a relatividade da democracia, "suicidou-se" no hospital da base aérea de Canoas o estudante de engenharia da UFRS Ary Abreu Lima da Rosa.)

Os dois generais governaram o país durante a ditadura e nenhum dos dois moveu uma palha para abrir o regime. Os títulos não deveriam ter sido dados, mas, ao cassá-los, nada mais justo do que divulgar os nomes dos professores que votaram pela concessão do mimo.

Cassações semelhantes já ocorreram na Federal do Rio de Janeiro e na Unicamp, sempre livrando a cara dos bajuladores. Expondo-se a memória de quem usou a universidade para bajular poderosos talvez se evite a repetição das palhaçadas.

Metas ambientais

Comprometendo-se com a OCDE a reduzir o desmatamento, Jair Bolsonaro criará a primeira meta do governo de seu sucessor.

Caso ele consiga a reeleição, contará outra história.

Etiqueta

Magistrados que compõem corpos colegiados e participam de sessões virtuais devem fazer uma caridade aos advogados que defendem suas causas. Basta que prestem atenção a quem fala ou, pelo menos, finjam que estão atentos.

A pandemia disseminou a conduta de doutores que ligam seus computadores e ficam lendo, sabe-se lá o quê.

Fiesp

Depois de oito anos consecutivos de Paulo Skaf na presidência da Fiesp, o mineiro Josué Gomes da Silva está na cadeira sem disposição de repetir a marca.

Por temperamento e experiência empresarial, olhará mais para o chão das fábricas do que para os tapetes do poder.

Boate Kiss

A defesa de um dos condenados pelas mortes de 242 pessoas no incêndio da Boate Kiss, em 2013, achou boa ideia recorrer à Corte Interamericana de Direitos Humanos contra a decisão do ministro Luiz Fux que determinou o imediato cumprimento da sentença de primeira instância.

Gesto bonito para a plateia que discordou da decisão de Fux.

No mundo das coisas reais (como o incêndio) a iniciativa poderá, em tese, resultar numa recomendação para que os condenados possam recorrer em liberdade, sem qualquer efeito prático.

A corte interamericana não tem poder para obrigar o Judiciário brasileiro a soltar os presos, ainda bem.

Botticelli patrulhado

O pequeno quadro de Cristo pintado por Sandro Botticelli em torno de 1500 foi vendido por US$ 45,4 milhões de dólares, um décimo do que valeu o Salvator Mundi de Leonardo da Vinci e um quarto do que um bilionário pagou pelo Retrato de Adele Bauer, de Gustav Klimt.

Esses preços refletem a bizarrice do mercado de arte, mas um Botticelli que parece barato é um grande exemplo do efeito das patrulhas.

Depois de ter pintado maravilhas pagãs, Botticelli foi influenciado pela patrulhagem moralista do frei Girolamo Savonarola. Chegou a queimar algumas de suas pinturas e nunca mais foi o mesmo.

Quanto ao frei, foi excomungado enforcado queimado em 1498.

Congresso retoma trabalhos com pautas de costumes e foco na eleição

Apesar do abandono de reformas, presidentes pretendem destravar projetos na área tributária

Danielle Brant e Ranier Bragon

BRASÍLIA O Congresso retorna nesta quarta-feira (2) das férias de fim de ano com baixas expectativas de realizar mudanças estruturais significativas, mas com perspectiva de votações de pontos da chamada "pauta de costumes" do governo Jair Bolsonaro (PL), entre outras.

Como em todo ano eleitoral, a prioridade da maior parte dos parlamentares será a preparação para a disputa de outubro, o que tende a esvaziar os trabalhos legislativos, principalmente no segundo semestre do ano.

Já neste início de trabalho, os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), vão se reunir para tentar resolver dois entraves da agenda econômica: a simplificação do sistema tributário e uma solução para conter a alta de combustíveis no país.

A aliados Lira tem dito que pretende procurar Pacheco já na primeira semana para conversar sobre a reforma tributária. Na Casa vizinha tramita a PEC (proposta de emenda à Constituição) 110, que unifica nove tributos. O tema deve entrar na pauta da Comissão de Constituição e Justiça.

Apesar da intenção de destravar a pauta, são reduzidas as chances de uma mudança no sistema tributário sair do papel neste ano. Isso porque uma PEC precisa do apoio de ao menos 60% do Congresso, algo difícil de acontecer com um tema que mexe com arrecadação de entes federados.

Reformas tributárias concentram um grande histórico de fracassos no Congresso Nacional. O próprio Pacheco amargou um, considerando que, um dia após a sua posse, ele e Lira anunciaram que outra proposta de reforma tributária, que era analisada em uma comissão conjunta das Casas, seria votada entre agosto e outubro.

Após o fracasso, o foco agora do senador é centrar os esforços na proposta que tem origem no Senado.

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira
Pedro Ladeira - 14.set.21/Folhapress

Lira e Pacheco também devem conversar sobre a PEC que busca reduzir os tributos sobre combustíveis, em uma tentativa de conter um aumento de preços que preocupa aliados do presidente pelo risco que traz ao projeto de reeleição de Bolsonaro.

Mesmo no governo ainda não há uma conciliação sobre a melhor maneira de minimizar o problema. Nesta quinta-feira (27), o Planalto decidiu descartar a proposta de criação do fundo de estabilização para interferir diretamente no preço de combustíveis. Agora, o ministro Paulo Guedes (Economia) quer tentar limitar o corte de tributos e desonerar apenas o diesel.

Se a perspectiva é pouco animadora no que diz respeito às reformas estruturantes, a chamada agenda de costumes pode de finalmente ganhar espaço no Congresso. Uma primeira indicação disso foi dada pelo ministro Ciro Nogueira (Casa Civil), em entrevista ao jornal O Globo, quando afirmou que Bolsonaro pediu empenho para a redução da maioridade penal.

Uma PEC que reduz para 16 anos a maioridade penal em caso de crimes hediondos foi aprovada em segundo turno pela Câmara em 2015 e aguarda apreciação pelo Senado.

Bolsonaro foi eleito prometendo aprovar no Congresso projetos de agrado de sua base mais radicalizada de apoio. Apesar de o Congresso que tomou posse conjuntamente com ele em 2019 também ter sido influenciado pela onda de direita que tomou conta do pleito do ano anterior, pouca coisa nesse sentido andou até o momento.

Outro tema controverso que o presidente da Câmara quer pautar já em fevereiro é a legalização do jogo do bicho no Brasil. O projeto é criticado pela bancada evangélica e pela oposição, sob argumento de que a questão precisa ser melhor discutida com a sociedade civil. A interlocutores Lira diz que pretende se reunir com evangélicos para diminuir a resistência ao texto, embora descarte deixar de colocar a proposta em votação.

O presidente da Câmara também manifestou a intenção de levar ao plenário projetos defendidos pela esquerda, como a proposta que autoriza empresas a cultivarem maconha para fins medicinais.

No Senado, Pacheco pretende de colocar em votação uma proposta para tornar constitucional o direito à união civil entre pessoas do mesmo sexo. Essa vem sendo uma demanda constante do senador Fabiano Contarato (PT-ES).

A união já é permitida, mas em virtude de uma decisão do Supremo Tribunal Federal, e não por meio de uma iniciativa parlamentar.

O presidente do Senado tem dito a interlocutores que também devem ser colocadas em votação no primeiro semestre a regularização fundiária, o novo marco legal para licenciamento ambiental e a proposta que libera jogos em resorts integrados.

O presidente da Itália, Sergio Mattarella, discursa em Roma após receber resultado oficial da votação que o reelegeu para um novo mandato de sete anos Paolo Giandotti/Presidência da Itália - via Reuters

Mesmo sem querer, Sergio Mattarella é reeleito presidente da Itália aos 80

Líder obtém ampla maioria em 8ª rodada de votação após partidos pedirem permanência no cargo

Michele Oliveira

MILÃO Depois de seis dias de articulações entre as forças partidárias, oito rodadas de votação e ao menos uma dezena de nomes lançados como possíveis candidatos, o presidente da Itália, Sergio Mattarella, foi reeleito neste sábado (29) para um segundo mandato como chefe de Estado.

Aos 80 anos, embora viesse dizendo que não gostaria de permanecer no cargo, seu nome recebeu a maioria dos votos no complexo método de escolha indireta, realizada por parlamentares e representantes estaduais na Câmara.

Com o resultado, Mattarella, que deixaria o Palácio do Quirinal na próxima quinta (3), vai continuar ocupando pelos próximos sete anos o posto institucional mais alto do país. O dia em que ele deixaria sua residência oficial será agora a data do juramento para o segundo mandato.

A definição aconteceu na oitava votação, depois de sete tentativas frustradas realizadas desde a última segunda (24). Em busca de uma estratégia de consenso, os líderes partidários passaram a semana em negociação. Nenhum dos dois grandes grupos, centro-esquerda e centro-direita, reunia votos suficientes para decidir um nome autonomamente.

Esta é a segunda vez na história da República italiana, nascida em 1946, que ocorre uma reeleição. Foi justamente o antecessor de Mattarella, Giorgio Napolitano, o primeiro a ser reconduzido ao cargo, com um mandato de 2006 a 2013 e outro de 2013 e 2015. Após dois anos no segundo mandato, porém, diante de entraves políticos e alegando dificuldades pelos seus 89 anos, Napolitano renunciou.

Se permanecer na Presidência, Mattarella chegará ao fim do mandato com 87 anos. Nas redes sociais, circulam montagens que o mostram, por exemplo, amarrado com cordas na cadeira de presidente e acenando com um pedido de socorro escrito nas mãos.

"Os dias difíceis ocorridos para a eleição à Presidência, durante a emergência que ainda estamos atravessando, requerem senso de responsabilidade e de respeito às decisões do Parlamento", disse o presidente reeleito. "Essas considerações impõem não se esquivar dos deveres a que se é chamado e devem prevalecer sobre as perspectivas pessoais".

A Constituição italiana permite a reeleição do chefe de Estado, mas esse desfecho é considerado excepcional, e o próprio Mattarella havia anunciado publicamente que não estava disponível para mais sete anos no poder. Ele havia inclusive iniciado seu processo de saída do Quirinal e alugado um apartamento.

No entanto, diante da dificuldade de encontrar consenso em torno de um novo nome para a Presidência, Mattarella cedeu ao pedido do Parlamento e aceitou continuar.

"A reeleição [de Mattarella] representa um colapso do sistema político, das lideranças dos partidos, porque foi preciso voltar ao ponto de partida, depois de longas tratativas que envolveram e queimaram tantas personalidades importantes", avalia Lorenzo Pregliasco, professor de estratégias e comunicação política da Universidade de Bolonha. "A segunda eleição de Napolitano inaugurou uma anomalia, uma coisa muito fora do rito, e agora, pela segunda vez consecutiva, isso acontece e amplia os sinais do curto-circuito político-institucional."

No cenário internacional o resultado pode ser recebido como uma garantia de estabilidade para os próximos anos. Um dos desafios é o de propiciar as condições para a saída da crise sanitária, da qual a Itália é uma das mais atingidas, e para a recuperação socioeconômica da pandemia.

Outra tarefa será a de representar a unidade nacional. Os parlamentares se reuniram diariamente na Câmara dos Deputados em Roma, desde segunda, em busca de um nome que representasse esse ideal.

Além disso, havia o temor de que o resultado pudesse desestabilizar a frágil composição do atual governo, sustentado há um ano sobre uma ampla coalizão no Parlamento, da esquerda à direita, liderada pelo primeiro-ministro Mario Draghi. O risco de eleições antecipadas é sempre um cenário possível, apesar de indesejado pelas forças políticas, porque, a partir da próxima eleição legislativa, em 2023, o Parlamento terá uma redução de 345 cadeiras.

O próprio Draghi, sem vinculação partidária, também foi cotado para assumir a Presidência —o que, se tivesse se concretizado, seria um desfecho inédito na história da Itália.

Pela Constituição, pode ser eleito para a Presidência qualquer cidadão italiano acima de 50 anos e que goze dos direitos políticos e civis. A votação, secreta, é realizada na Câmara dos Deputados, e cada um dos 1.009 "grandes eleitores", como são chamados senadores, deputados e delegados regionais, recebe uma cédula em branco, na qual pode escrever qualquer coisa.

Por isso, alguns eleitores aproveitaram o cenário nebuloso dos primeiros dias para fazer graça e indicar o nome de celebridades, como o do goleiro Dino Zoff, campeão do mundo em 1982, e o do atual técnico da seleção italiana, Roberto Mancini.

Enquanto os líderes negociavam sem sucesso, o presidente foi ganhando força entre os parlamentares. Mesmo diante de indicações dos chefes partidários para votos em branco, os eleitores se aproveitaram do voto secreto e passaram a indicar, na cédula, o nome de Mattarella.

Na primeira votação, o movimento ainda era discreto, com apenas 16 votos. Nesse dia, o maior número, 672, foi de cédulas brancas. O dia seguinte teve desfecho parecido, com 527 votos em branco e 39 para a reeleição de Mattarela. A partir da quarta-feira, a onda ficou mais forte, e o presidente, com 125 votos, terminou sendo o mais votado.

A votação foi ficando mais séria a partir de quinta-feira. Isso porque, nas três primeiras votações, é necessário que o nome vencedor reúna dois terços dos votos (673). A partir da quarta, passa a valer a maioria absoluta (505).

Não há limite para as votações. Dos 11 líderes anteriores a Mattarella, somente dois foram eleitos antes do quarto escrutínio - Francesco Cossiga, em 1985, e Carlo Azeglio Ciampi, no final dos anos 1990.

Apostando que teria chances de reunir 505 votos, o ultradireitista Matteo Salvini, líder da Liga, partiu para uma operação arriscada e anunciou, na sexta (28), que o bloco do qual faz parte, com cerca de 450 votos certos, votaria em Elisabetta Casellati, presidente do Senado e aliada de Silvio Berlusconi (Força Itália). O ex-premiê já havia retirado sua própria candidatura à Presidência.

Como resposta a Salvini, o bloco de centro-esquerda se absteve da votação, somando 406 eleitores. Casellati acabou recebendo 382 votos, cerca de 70 a menos do que o esperado, o que provocou um racha na centro-direita. Horas depois, o partido de Berlusconi anunciou que passaria a agir com autonomia.

Ficaram, então, mais evidentes os obstáculos pelo surgimento de um nome de consenso. Além de Casellati, ao menos nove personalidades "de alto perfil" foram mencionadas publicamente pelos líderes de partido como possibilidades. Muitos nomes foram ventilados, alguns cujas chances duraram horas, outros que foram sendo "queimados" nas votações, inclusive como termômetro lançado pelos partidos, para medir a temperatura entre os eleitores de centro e os dissidentes dos dois grandes blocos.

Veio a sexta rodada de votação, e o nome de Mattarella ganhou ainda mais força, atraindo 336 votos. Enquanto os líderes indicavam oficialmente que seus partidos votassem em branco ou optassem pela abstenção, nas cédulas secretas crescia o apelo pela reeleição de Mattarella. Na manhã deste sábado, ainda sem acordo formal, a recondução do presidente foi indicada por 387 eleitores.

Quando as urnas ainda estavam abertas, no final da manhã, surgiram as primeiras declarações de que os líderes partidários haviam concordado em apoiar a reeleição de Mattarella, o que se concretizou durante a tarde. Na última e decisiva rodada, o presidente recebeu 759 votos, cerca de 75% do total de cédulas.

Draghi teria pedido para que ele continuasse, em nome da estabilidade do país. O primeiro-ministro descreveu a reeleição como uma "notícia esplêndida" para os italianos.

Nascido em Palermo, na Sicília, viúvo e pai de três filhos, Mattarella é um dos presidentes com maior consenso dos últimos 30 anos. Foi advogado, professor de direito parlamentar e deputado entre 1983 e 2008. Também foi vice-premiê, ministro em três ocasiões, nas pastas de Relações Parlamentares, Educação e Defesa, e juiz constitucional.

Pela Constituição, duas das atribuições do presidente são nomear o primeiro-ministro e seus ministros e dissolver antecipadamente o Parlamento.

Raio-X da Itália

Área: 301.340 km²

População: 59.554.023

PIB: US$ 1,8 tri (do Brasil é US$ 1,4 tri)

PIB per capita*: US$ 41.890 (no Brasil é US$ 14.836)

IDH: 29ª posição (Brasil é o 84º)

*Considerando paridade do poder de compra
Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e PNUD

Empate técnico nas pesquisas embaça caminhos em Portugal

País vai às urnas neste domingo com socialistas e sociais-democratas tendo chances e terceira força também incerta

Giuliana Miranda

LISBOA Com as pesquisas de intenção de voto indicando um empate técnico entre os dois maiores partidos políticos, Portugal vai às urnas neste domingo (30) para escolher a nova composição do Parlamento que, por sua vez, vai apontar o primeiro-ministro.

O socialista António Costa, premiê desde novembro de 2015 e virtual candidato a permanecer no posto, viu seu favoritismo diminuir progressivamente nas últimas semanas com o crescimento da maior legenda da oposição, o PSD (Partido Social-Democrata).

Ao longo da semana, duas sondagens indicaram a legenda de centro-direita ligeiramente à frente do PS. Nesta sexta-feira (28), porém, outros dois levantamentos projetaram os socialistas de volta à liderança. Em todos os casos, a vantagem era inferior à margem de erro, confirmando o cenário de empate técnico.

Um dos responsáveis por essa incerteza no futuro português é o líder social-democrata, o deputado Rui Rio, que vem atraindo votos com um discurso centrista e de moderação. A possibilidade real de chegar ao posto de premiê contrasta com a situação em que ele estava em novembro.

À época, quando o Conselho de Estado aprovou a dissolução do Parlamento e a convocação de eleições antecipadas, o político tinha a posição contestada dentro do próprio partido e aparecia mais de dez pontos percentuais atrás dos socialistas nas pesquisas.

"Essa é uma eleição competitiva, com grande incerteza e em que ninguém tem o resultado garantido. Eu não arrisco resultados", diz a cientista política da Universidade de Lisboa Marina Costa Lobo, coordenadora de um projeto que analisa o comportamento de voto dos portugueses.

Isso também se dá porque ser o mais votado não garante a um partido a primazia de indicar o primeiro-ministro: arranjos políticos pós-eleitorais podem viabilizar outras opções. Foi o que aconteceu com o próprio António Costa em 2015, quando o PSD (em coligação com CDS-PP) ficou à frente no pleito, mas viu os socialistas fazerem o premiê.

Costa foi alçado ao cargo graças a uma coalizão que uniu a tradicionalmente dividida esquerda portuguesa. O arranjo, que contou com o Partido Comunista Português (PCP) e o Bloco de Esquerda, recebeu o apelido pejorativo de geringonça devido a sua aparente fragilidade. Contrariando as previsões iniciais, a geringonça sobreviveu aos quatro anos da legislatura.

Após a eleição de 2019, porém, com uma bancada reforçada (108 entre 230 deputados), os socialistas abandonaram o arranjo, optando por negociar a cada votação. A falta de um acordo formal com os antigos parceiros dificultou a governabilidade, e o rompimento definitivo se deu em outubro passado, quando o Bloco de Esquerda e o PCP votaram contra o Orçamento de 2022. O presidente Marcelo Rebelo de Sousa optou por antecipar um novo pleito.

Na avaliação do cientista político António Costa Pinto, coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, as pesquisas de intenção de voto sinalizam que parte do eleitorado de esquerda não ficou satisfeita com a decisão que acabou desfazendo a geringonça de vez.

"Os eleitores do Partido Comunista, do Bloco de Esquerda e do Partido Socialista gostaram desses acordos parlamentares. Aparentemente, o BE vai ser punido pelo eleitorado desse espectro político, mas isso não é suficiente para fazer crescer eleitoralmente o Partido Socialista", afirmou.

O posicionamento moderado de Rui Rio também faz com que exista a possibilidade de um arranjo entre o PS e o PSD. Na última legislatura, inclusive, os social-democratas votaram junto com o governo em quase dois terços das propostas do Executivo.

"É uma possibilidade que não pode ser afastada", diz Costa Lobo, que salienta que socialistas e social-democratas devem tentar primeiro formar alianças dentro de seu espectro político. "Caso o PSD ganhe, mas com maioria de esquerda no Parlamento, ele vai tentar aliciar o PS para ter apoio. E vice-versa. Isso não está excluído, porque Rui Rio é o líder do PSD mais à esquerda dos últimos tempos."

Embora os dois maiores partidos concentrem mais de 60% das intenções de voto, os arranjos para a formação do novo governo —e sua sustentação legislativa— dependerão diretamente do desempenho das legendas menores. Quatro aparecem emboladas na disputa pela posição de terceira força política do país, mas nenhuma chega aos 10% das intenções de voto.

Além do BE, que detém esse posto hoje, e do PCP, estão no páreo dois partidos que estrearam no Parlamento em 2019 e têm agora somente um deputado cada um: o Iniciativa Liberal e o Chega, de ultradireita. Mais à direita que o PSD, ambos devem apresentar um aumento expressivo de representação na próxima legislatura, segundo os analistas.

Para André Azevedo Alves, professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, a fragmentação do voto nesse espectro é outro fator que pode trazer dificuldades à formação de um eventual governo pelo PSD. "Se esses resultados se confirmarem, vamos ter à direita uma fragmentação do voto que anteriormente só acontecia mais à esquerda em Portugal", diz.

Nesse sentido, o desempenho eleitoral da direita radical com o Chega seria o ponto mais problemático. Apresentando-se como antissistema, o partido empilha propostas polêmicas, por assim dizer, como a volta da pena de morte e a castração química de pedófilos. Também conviveu com integrantes ligados a organizações neonazistas e é frequentemente acusado de discurso discriminatório contra comunidades ciganas.

Líder da sigla e seu único representante parlamentar hoje, o deputado André Ventura já foi condenado por "ofensas ao direito à honra" depois de ter chamado de bandidos, durante um debate na TV, os integrantes de uma família negra e moradora de um conjunto habitacional. A decisão foi confirmada em dezembro pelo Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. O populista foi o terceiro colocado na eleição presidencial de um ano atrás, com 11,9% dos votos.

Embora Rui Rio afirme que não pretende contar com o Chega para assumir o poder, esse é um cenário que não é descartado pela maioria dos analistas. No fim de 2020, o PSD teve apoio da legenda da ultradireita para assumir o governo da região autônoma dos Açores, interrompendo mais de duas décadas de liderança socialista no arquipélago.

A abstenção em Portugal, onde o voto não é obrigatório, também é um ponto de atenção destacado. Embora essa seja a terceira eleição nacional desde o começo da pandemia, ela acontece em um momento de recorde de casos de Covid-19, ligado ao avanço da variante ômicron.

Com a alta cobertura vacinal —quase 90% da população tem o esquema de imunização completo—, a cifra de mortes e internações não acompanhou o aumento de casos. Ainda assim, diante do cenário de milhares de portugueses em isolamento, o governo liberou o voto de pessoas infectadas, sempre de máscara e com distanciamento, mas aconselhou que elas votem em um horário específico: entre 18h e 19h. Quem estiver doente também deve evitar usar transporte público para chegar aos locais de voto.

Raio-X de Portugal

Área: 92.090 km² (pouco menor que o estado de Pernambuco)

População: 10.263.850 (pouco maior que a do estado de Pernambuco)

PIB: US$ 228,54 bi (do Brasil é US$ 1,4 tri)

PIB per capita: US$ 34.090 (no Brasil é US$ 14.836)*

IDH: 38ª posição (Brasil é o 84º)

*Considerando paridade de poder de compra
Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e PNUD

> "Caso o PSD ganhe, mas com maioria de esquerda no Parlamento, ele vai tentar aliciar o PS para ter apoio. E vice-versa. Isso não está excluído, porque Rui Rio é o líder do PSD mais à esquerda dos últimos tempos
>
> **Marina Costa Lobo**
> cientista política da Universidade de Lisboa

O premiê socialista António Costa em ato de campanha em Lisboa Patricia de Melo Moreira - 27.jan.22/AFP

Ucranianos no Brasil veem viagem de Bolsonaro à Rússia com ceticismo

Comunidade defende que presidente tenha postura firme diante de Putin em relação à Ucrânia

Pedro Lovisi

BELO HORIZONTE A viagem do presidente Jair Bolsonaro (PL) a Moscou para se encontrar com Vladimir Putin, em fevereiro, é vista com ceticismo pela comunidade ucraniana no Brasil. Nas últimas semanas, as tensões entre a Rússia e potências ocidentais, que acusam o Kremlin de querer invadir a Ucrânia, ganharam força, depois de uma série de reuniões mostrarem que o caminho diplomático, até agora, não trouxe grandes avanços.

Para Vitorio Sorotiuk, presidente da Representação Central Ucraniano-Brasileira (RCUB), a visita será bem-vinda caso o brasileiro se comporte como Annalena Baerbock, ministra das Relações Exteriores da Alemanha, que, em Moscou, disse ao chanceler russo, Serguei Lavrov, que se a Rússia invadir a Ucrânia haverá consequências. "O que não pode é ele ir para afirmar que não tem nada a ver com o conflito."

O Kremlin, que deslocou mais de 100 mil soldados para regiões próximas do país vizinho, teme que Kiev se junte à Otan, a aliança militar ocidental, o que aumentaria a influência dos Estados Unidos e de países europeus às portas da Rússia. Atualmente, a organização já abriga os Estados bálticos (Lituânia, Estônia e Letônia), ex-repúblicas da União Soviética, algo que Putin também gostaria que fosse revertido.

A organização ligada aos ucranianos no Brasil enviou no último dia 17 uma carta ao ministro das Relações Exteriores, Carlos França, pedindo que o país se posicione sobre a crise europeia.

No documento, a RCUB cita o atual mandato do Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas e defende que é função do país "defender, nos foros internacionais, a Constituição, que prega a autodeterminação dos povos, a não intervenção, a igualdade entre os Estados, a defesa da paz e a solução pacífica dos conflitos". A carta, porém, de acordo com a representação, não foi respondida pelo governo brasileiro.

Uma semana antes, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, responsável pela diplomacia americana, alertou por telefone o chanceler brasileiro sobre a "necessidade de uma resposta forte e unida" contra uma eventual ofensiva russa na Ucrânia. O Itamaraty, no entanto, adotou um discurso moderado e defendeu a relevância "de encontrar uma solução conforme o direito internacional".

Felipe Oresten, presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil, também defende uma postura dura por parte de Bolsonaro. "Espero que o Brasil exija que a Rússia pare com as ameaças de agressão e respeite a soberania de cada país. Se a Ucrânia quer entrar na Otan, ela tem esse direito", afirmou ele, desconsiderando as regras do clube militar, que vetam o ingresso de países com disputas territoriais.

Estima-se que haja cerca de 600 mil descendentes de ucranianos no Brasil, segundo a Representação Central Ucraniano-Brasileira. A maior parte (81%) está no Paraná, e os demais estão espalhados pelo norte de Santa Catarina, além de Porto Alegre e São Caetano do Sul, em São Paulo.

Colonizada a partir do final do século 19, Prudentópolis, a 210 km de Curitiba, abriga construções com arquitetura semelhante às encontradas na Ucrânia e realiza eventos que celebram a cultura do país, com, por exemplo, a fabricação de pêssankas, os ovos de galinha e de ganso pintados à mão.

No último dia 22, quando comemoraram o Dia da Unificação da Ucrânia, as igrejas Greco-Católica e Ortodoxa no Brasil organizaram orações pelo país. A campanha teve adesão da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos), e as preces foram repetidas em várias igrejas católicas. Quatro dias depois, foi a vez de o papa Francisco organizar uma oração coletiva pedindo que o conflito não se agrave.

Bolsonaro, no entanto, não deve atender aos desejos dos descendentes de ucranianos no Brasil. Na quinta (27), o presidente, que deve ficar em Moscou de 14 a 17 de fevereiro, chamou Putin de conservador ao responder à pergunta de um apoiador, curioso para saber se o líder russo era "gente da gente". Na ocasião, também disse que a visita servirá para "melhores entendimentos" e "relações comerciais" com a Rússia.

No ano passado, o Brasil exportou US$ 1,58 bilhão para Rússia e importou US$ 5,7 bilhões, de acordo com dados do Ministério da Economia. Já em 2015, último ano completo dos governos petistas, o país exportou US$ 2,46 bilhões para os russos e importou US$ 2,2 bilhões.

Três dias antes da declaração de Bolsonaro, o vice Hamilton Mourão (PRTB), para quem o conflito nada tem a ver com o Brasil —"Somos do continente da paz"—, disse que a viagem pode ser cancelada caso a situação evolua para uma guerra. Procurados, o Itamaraty e a Presidência não responderam aos questionamentos enviados pela **Folha** sobre possíveis consequências diplomáticas da visita.

> Espero que o Brasil exija que a Rússia pare com as ameaças de agressão e respeite a soberania de cada país. Se a Ucrânia quer entrar na Otan, ela tem esse direito
>
> **Felipe Oresten**
> presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil

> O presidente não tem a preocupação de seguir a cartilha de Joe Biden; se fosse do Trump, até teria. Não está na cabeça dele a ideia de ter que seguir um caminho politicamente correto quanto aos valores do Ocidente
>
> **Angelo Serillo**
> professor de história da USP

O presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara, o deputado Aécio Neves (PSDB), afirmou por meio de nota que a viagem de Bolsonaro já estava marcada quando as tensões entre as potências globais se intensificaram e que a agenda bilateral do Brasil com a Rússia é bastante extensa. "Isso apenas já justificaria a manutenção do diálogo e da visita", disse.

Para Angelo Serillo, professor de história da USP e autor do livro "Os Russos", Bolsonaro não repetirá na viagem as ameaças feitas por outros líderes mundiais a Putin. "O presidente não tem a preocupação de seguir a cartilha de Joe Biden; se fosse do [Donald] Trump, até teria. Não está na cabeça dele a ideia de ter que seguir um caminho politicamente correto quanto aos valores do Ocidente e em relação à Rússia."

Serillo também defende que o encontro tem pretensões mais políticas do que econômicas. "Desde que Trump foi derrotado, Bolsonaro está isolado internacionalmente. Ele vai à Rússia para sair desse isolamento."

Depois de passar por Moscou, o presidente brasileiro deve se reunir em Budapeste com o premiê húngaro, Viktor Orbán, que, assim como ele e Putin, tem histórico de atuar contra a oposição e a imprensa, além de defender pautas conservadoras, como o combate à chamada "ideologia de gênero".

TEMPESTADE DE NEVE E RAJADAS DE VENTO ATINGEM COSTA LESTE DOS ESTADOS UNIDOS
Pedestre atravessa rua em Nova York durante nevasca nos EUA no sábado (29); governadores de Nova York, Nova Jersey e outros estados declararam estado de emergência Reuters /Andrew Kelly

Ultradireita se reúne para criar grupo de pressão sobre UE

MADRI|AFP Lideranças de ultradireita se reuniram em Madri, capital espanhola, neste sábado (29) com um objetivo comum: consolidar um bloco de atuação no Parlamento Europeu, o braço legislativo da União Europeia (UE), que lhes permita atuar em defesa de pautas que consideram importantes para o bloco, como políticas anti-imigração.

Estiveram presentes, entre outros, Viktor Orbán e Mateusz Morawiecki, premiês da Hungria e da Polônia, respectivamente; Santiago Abascal, líder da sigla nacionalista espanhola Vox; e a francesa Marine Le Pen, do Reunião Nacional, que concorre à cadeira presidencial de seu país nas eleições previstas para abril.

Da forma como estão organizados hoje, os eurodeputados que se alinham a políticas conservadoras e de ultradireita encontram-se dispersos em meio aos 705 membros do Legislativo da UE. O objetivo da reunião é avançar na costura de um grupo que atue de forma coesa em áreas como industrialização, imigração e aquilo que muitos dos líderes alegam ser um poder excessivo da UE em assuntos domésticos dos 27 membros.

A Polônia talvez tenha sido o maior exemplo do último tópico. O país do Leste Europeu travou diferentes disputas com a UE ao longo do último ano após questionar a primazia do direito europeu —ou, em outras palavras, dizer que tratados do bloco ferem a soberania nacional e são incompatíveis com a legislação polonesa. O episódio gerou temores de que o país deixasse o bloco, como fez o Reino Unido no brexit, ainda que especialistas digam que isso é pouco provável.

O assunto, como esperado, foi abordado na reunião. Ao referir-se ao premiê polonês, Mateusz Morawiecki, o Vox, da ultradireita espanhola, disse em uma rede social: "Mostramos-lhe todo o nosso apoio e solidariedade perante as escandalosas ameaças de Bruxelas ao seu governo e os ataques que a Polônia recebe na sua fronteira."

A ultradireita europeia já havia feito encontro semelhante em dezembro. A reunião foi sediada em Varsóvia, capital polonesa, e teve como anfitrião o partido nacionalista conservador Lei e Justiça (PiS), que está no poder. A aliança que começou a ser forjada ali e ganha mais detalhes no encontro deste sábado.

"Juntos, devolveremos às nações sua soberania e suas liberdades", escreveu Marine Le Pen no Twitter. "A menor decisão nacional que não corresponda aos desejos das instituições europeias é agora alvo de chantagem, e não é isso que deve ser a Europa."

Além da articulação internacional, para figuras como Le Pen o encontro deste sábado tem também contornos domésticos. Principal figura da direita francesa, ela aparece em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto para as presidenciáveis, que têm à frente o atual chefe de Estado, Emmanuel Macron.

Mostrar-se protagonista de uma aliança desse espectro político é uma esperança para que Le Pen acene à sua base e a mantenha em um momento em que sua campanha assiste a uma série de deserções, sendo a mais recente a de sua sobrinha Marion Marechal, figura bastante popular entre os conservadores.

Le Pen viu sua área de influência ser disputada por Eric Zemmour, um polemista sem trajetória política que se apresentou como candidato à Presidência em fins de novembro e aparece em quarto lugar nas pesquisas nacionais.

Ainda que esteja atrás de Le Pen na corrida presidencial, Zemmour ajudou a expor fissuras na base de apoio da tradicional candidata da ultradireita francesa. "Aqueles que querem sair podem fazê-lo, mas façam isso agora", disse Le Pen a repórteres nos bastidores da reunião em Madri, de acordo com relato da agência de notícias Reuters.

Outras figuras, ainda que ausentes na reunião na capital espanhola, também participam da articulação, como, por exemplo, as lideranças da ultradireita italiana Matteo Salvini, da Liga,—também ausente em Varsóvia—, e Giorgia Meloni, dos Irmãos da Itália.

mercado

Crise chega aos 10% mais ricos nas metrópoles

Baque da pandemia atingiu antes os mais pobres, classe média-alta sentiu perda a partir de 2021, indicam dados

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Após castigar o bolso dos mais pobres, a crise econômica começa a afetar com maior força a renda do trabalho da classe média-alta nas regiões metropolitanas do Brasil. É o que indica a sexta edição do Boletim Desigualdade nas Metrópoles.

Conforme o estudo, a renda domiciliar per capita do trabalho dos 10% mais ricos caiu para R$ 6.411, em média, no terceiro trimestre de 2021. O valor é 8% menor do que o verificado em igual trimestre de 2020 (R$ 6.967) nas regiões metropolitanas.

Na visão dos responsáveis pelo boletim, a queda reflete a combinação entre fraqueza da atividade econômica e escalada da inflação —os dados levam em conta o avanço dos preços no país.

A pesquisa é produzida em parceria entre PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Observatório das Metrópoles e RedODSAL (Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina).

Esses 10% mais ricos não são apenas super-ricos; incluem também trabalhadores considerados de classe média-alta, ressalta André Salata, professor do programa de pós-graduação em ciências sociais da PUCRS e um dos coordenadores do boletim.

A classe média-alta inclui famílias com rendimento domiciliar per capita acima de R$ 3.100 nas metrópoles, de acordo com o professor. Profissionais liberais e empresários de menor porte são exemplos de integrantes do grupo.

O que acaba jogando a renda média dos 10% mais ricos para um patamar superior —acima de R$ 6.000— é a presença de uma camada minoritária de supersalários.

O indicador de renda domiciliar per capita analisado pelo boletim corresponde ao rendimento bruto do trabalho dividido pela quantidade de pessoas em cada residência.

Se comparados com os mais pobres, os 10% mais ricos sofreram um baque menor logo após a chegada da pandemia às metrópoles, sinaliza o estudo. Mas a maré começou a mudar nos últimos meses, com a crise prolongada e a escalada inflacionária.

"Esses efeitos vão se espalhando pela sociedade. A crise bateu antes nos mais pobres e, agora, com a inflação, também atinge as outras camadas da população", diz Salata.

No terceiro trimestre de 2021, a renda dos 10% mais ricos era 10,2% menor do que no primeiro trimestre de 2020, antes dos reflexos mais agudos da pandemia.

Os responsáveis pelo boletim ponderam que, mesmo com as perdas, as famílias com rendimentos maiores atravessam a crise em uma situação bem menos dramática, já que possuem mais condições financeiras do que a população considerada pobre.

A moradora de Goiânia (GO) Sandra Maria de Oliveira, 44, teve de reduzir despesas nos últimos anos, especialmente durante a pandemia, por causa da inflação.

Ela conta que cancelou TV por assinatura, cortou serviços de diarista, optou por um plano de saúde mais barato e usa o carro apenas para trabalhar.

Formada em história e pedagogia, Sandra é professora da rede estadual de ensino e também dá aulas em uma universidade privada. Ela vive com uma filha adolescente.

"A gente fica constrangida porque vê pessoas passando fome. Não nos falta o alimento, mas é preciso cortar algumas coisas", relata.

"É uma perda de qualidade de vida e lazer mesmo, porque o salário não acompanha a alta dos preços", completa.

Os companheiros Tiago Rinaldi, 42, e Vander Monteiro Anacleto, 38, também buscam cortar despesas consideradas desnecessárias. Durante a pandemia, o casal de Porto Alegre (RS) passou a pesquisar mais preços e reduziu deslocamentos de carro devido à carestia dos combustíveis.

Rinaldi trabalha como produtor multimídia, e Anacleto é analista de negócios no setor financeiro. Eles têm dois filhos adolescentes.

"A gente sente esse avanço dos preços, principalmente em itens como combustível, energia e gás", conta Rinaldi.

Na contramão da parcela com salários maiores, a renda domiciliar per capita do trabalho dos 40% mais pobres subiu 23,4% no terceiro trimestre de 2021, ante igual intervalo de 2020, nas regiões metropolitanas. O valor médio avançou de R$ 173 para R$ 213, diz o boletim.

Contudo, a marca ainda ficou 16,1% abaixo do patamar do primeiro trimestre de 2020 (R$ 254). Ou seja, os mais pobres estão mais distantes do pré-crise do que os mais ricos.

O pesquisador do Observatório das Metrópoles Marcelo Ribeiro, que também coordena o estudo, afirma que, na fase inicial da Covid-19, muitos trabalhadores com salários mais baixos perderam suas ocupações e saíram do mercado. O reflexo foi o tombo da renda profissional. Os informais ilustram essa situação.

Em 2021, com a reabertura da economia, houve um retorno ao mercado. Assim, a renda média subiu, apesar da pressão inflacionária.

"Em 2020, parte das pessoas com renda menor e mais desprotegidas havia deixado o mercado. Isso levou a uma redução mais forte no rendimento do trabalho entre os mais pobres", lembra Ribeiro, que também é professor do Ippur-UFRJ (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

O boletim utiliza microdados da Pnad Contínua, pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). São avaliados números de 22 metrópoles. Benefícios sociais concedidos por governos não entram nos cálculos.

Além dos 10% mais ricos e dos 40% mais pobres, o boletim também traz informações sobre o grupo classificado como o dos 50% intermediários.

No terceiro trimestre de 2021, a renda domiciliar per capita dessa faixa foi estimada em R$ 1.282 nas metrópoles. A cifra ficou 1,2% acima da registrada em igual intervalo do ano anterior (R$ 1.266).

Mesmo com o leve avanço, o rendimento dos intermediários está 6,1% abaixo do verificado no começo de 2020 (R$ 1.365).

Os pesquisadores responsáveis pelo boletim evitam cravar qual será o comportamento da renda dos três grupos em 2022. Segundo eles, o indicador vai seguir na dependência da atividade econômica e da inflação.

O que preocupa são os sinais de baixo desempenho do PIB e a perspectiva de preços ainda elevados no ano eleitoral.

"Sem um processo de recuperação econômica capaz de dinamizar o mercado de trabalho, a retomada do rendimento vai ser difícil", diz Ribeiro.

Em termos gerais, a renda média no conjunto das regiões metropolitanas seguiu a tendência de baixa no terceiro trimestre de 2021, atingindo o menor nível da série histórica, iniciada em 2012: R$ 1.353.

"O rendimento dos mais pobres teve uma retomada, mas o dos mais ricos caiu. Isso puxou a média para baixo no último trimestre da pesquisa. Levou o indicador para o menor nível da série histórica", avalia Salata.

A professora Sandra Maria de Oliveira, que vive em Goiânia e cortou gastos com a casa e com lazer Fotos Ronny Santos/Folhapress

Sandra Maria de Oliveira

Idade
44

Profissão
formada em história e pedagogia, é professora da rede estadual de ensino e também dá aulas em uma universidade privada

Onde vive
em Goiânia, com uma filha adolescente

O que cortou
cancelou TV por assinatura, cortou serviços de diarista, optou por um plano de saúde mais barato e usa o carro apenas para trabalhar

O casal Tiago Rinaldi (à esq.) e Vander Monteiro Anacleto (à dir.), que mora no Rio Grande do Sul e reduziu o uso do carro

Tiago Rinaldi e Vander Monteiro Anacleto

Idades
42 e 38 anos

Profissões
produtor multimídia e analista de negócios no setor financeiro

Onde vivem
em Porto Alegre, com dois filhos adolescentes

O que cortaram
o casal passou a pesquisar mais preços e reduziu deslocamentos de carro devido à carestia dos combustíveis; também sentiu aumento nos juros das prestações de seu novo apartamento

> A gente fica constrangida porque vê pessoas passando fome, e não nos falta o alimento. Mas é uma perda de qualidade de vida e lazer; o salário não acompanha a alta dos preços
>
> **Sandra Maria de Oliveira**
> professora

> A gente sente esse avanço principalmente em combustível, energia e gás
>
> **Tiago Rinaldi**
> produtor multimídia

> Esses efeitos vão se espalhando pela sociedade. A crise bateu antes nos mais pobres e, com a inflação, atinge as outras camadas da população
>
> **André Salata**
> professor da PUCRS e um dos coordenadores do Boletim Desigualdade nas Metrópoles

Renda do trabalho nas regiões metropolitanas

Média domiciliar per capita, com o desconto da inflação, em R$

Fonte: 6º Boletim Desigualdade nas Metrópoles, a partir de microdados da Pnad Contínua

Dez maiores privilégios tributários em 2022, segundo a Unafisco

Gasto tributário	Considerado privilégio pela entidade?	Valor do privilégio, em R$ bi****
1º Isenção dos lucros e dividendos distribuídos por empresas	Sim	58,9
2º Não instituição do imposto sobre fortunas	Sim	58,0
3º Zona Franca de Manaus	Sim	44,8
4º Simples Nacional	Parcial	32,7
5º Programas de parcelamentos especiais	Sim	25,5
6º Desoneração da cesta básica	Parcial	24,1
7º Desoneração da folha de salários	Sim	12,0
8º Entidades filantrópicas*	Sim	11,0
9º Exportação da produção rural**	Sim	9,7
10º Informática e automação***	Sim	7,6

O que são privilégios tributários?
A Unafisco coloca nessa definição os gastos tributários (oriundos de medidas como isenções, subsídios e benefícios) concedidos a setores específicos sem uma contrapartida adequada, notória ou comprovada para o desenvolvimento econômico sustentável sem aumento da concentração de renda

Qualquer gasto tributário é considerado privilégio?
Não. Alguns são considerados pela Unafisco como justificáveis para a sociedade, como deduções permitidas no IRPF (Imposto sobre a Renda da Pessoa Física) para despesas com ensino ou saúde

O governo tem a mesma avaliação da Unafisco?
Tem posições similares em alguns pontos, como na cesta básica (o Ministério da Economia queria revisar a isenção, mas desistiu com receios de reação). Porém, diverge em outros (é contra, por exemplo, o imposto sobre fortunas e já tentou emplacar um limite para despesas médicas no IRPF)

*Isenção da contribuição previdenciária patronal para as entidades beneficentes de assistência social. **Não incidência da contribuição social sobre receitas de exportações do setor rural (agroindústria e produtor rural pessoa jurídica). ***Diferentes benefícios, como crédito de CSLL a fabricantes que investirem em atividades de pesquisa. ****O estudo começou a ser feito naquele ano; dados correntes; em 2022, projeção. Fonte: Unafisco

Vantagens tributárias resistem a promessas de corte e crescem 16%

União gastará neste ano R$ 367 bi em benefícios e isenções sem contrapartida para a sociedade, segundo cálculo de auditores fiscais

Fábio Pupo

BRASÍLIA A União vai gastar neste ano R$ 367 bilhões em vantagens tributárias concedidas a determinados grupos sem contrapartidas comprovadas para a sociedade.

A avaliação é da Unafisco (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal) e aponta para o maior valor desde que o levantamento começou a ser feito, em 2020.

O aumento nominal de 16% é observado após movimentos ineficazes de governo e Congresso sobre o tema. As contas incluem tanto benefícios previstos em lei, como subsídios à indústria automobilística, como omissões do poder público na tributação de itens considerados importantes pela entidade, como a taxação do patrimônio dos mais ricos.

No topo da lista do "privilegiômetro", como chama a entidade, está a isenção para lucros e dividendos que acionistas recebem das empresas —existente há mais de 25 anos. Só esse item vai deixar de inserir nos cofres públicos R$ 58,9 bilhões em 2022.

O governo chegou a inserir a taxação sobre dividendos no projeto que alterava o Imposto de Renda, para bancar o Auxílio Brasil —recebendo apoio até da oposição na Câmara dos Deputados.

Porém, o projeto acabou barrado no Senado após diversas resistências, como a de empresários que viram aumento da carga tributária.

Mauro Silva, presidente da Unafisco, diz que o receio da classe política de desagradar a certos setores faz com que os números sigam intocados.

"O Executivo não consegue por si só mexer nisso, porque precisa do Legislativo. Isso faz o corte ter uma complexidade política grande, similar a uma reforma tributária", diz Silva.

Ele afirma que o debate precisa ser enfrentado pelos candidatos à Presidência, embora seja cético em relação a reduções a curto prazo.

"Esse assunto vai constar provavelmente nos programas de todos os candidatos, assim como a reforma tributária. Mas, como é algo que divide e incomoda, nenhum deles vai levar isso adiante no primeiro mandato", afirma Silva.

A lista da entidade coloca em segundo lugar no ranking a não instituição do imposto sobre grandes fortunas —que renderia R$ 57,9 bilhões. A Unafisco argumenta que a Constituição autoriza a criação do tributo, até hoje não editado por lei.

A posição do governo sobre esse e outros itens do "privilegiômetro" diverge da avaliação da Unafisco. Sobre o imposto das grandes fortunas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ministro Paulo Guedes (Economia) dizem que a medida espantaria os mais ricos do país.

"Alguns querem que eu taxe grandes fortunas no Brasil. É um crime agora ser rico no Brasil. A França, há poucas décadas, fez isso, e o capital foi para a Rússia", disse o presidente em agosto.

"Vai acontecer em dez minutos o que aconteceu na Venezuela. Os mais afluentes vão embora, estão todos em Miami", afirmou Guedes em julho.

Apesar das divergências, o ministro prega a redução do valor geral dos gastos tributários desde o início do governo.

"Será que a classe política já é madura o suficiente para assumir o protagonismo, para assumir o comando do Orçamento da União, votar mais para saúde e educação? Pode ser até mais do que está hoje, mas corta onde? Diminui os subsídios", disse na posse, em 2019.

Guedes chegou a apresentar propostas legais para reduzir o valor total do gasto tributário, mas as medidas foram barradas, desidratadas ou estão estacionadas —em parte dos casos com respaldo do próprio governo.

O Executivo tem tomado medidas até na direção contrária, como ao discutir um novo subsídio para combustíveis.

No primeiro ano de mandato, por exemplo, o Executivo inseriu na proposta de Lei de Diretrizes Orçamentárias a previsão de enviar ao Congresso um plano de revisão de benefícios tributários, com estimativa de corte anual equivalente a 0,5% do PIB (Produto Interno Bruto) até 2022.

Não consigo entender [as vantagens tributárias] como um privilégio. Uma indústria iria se instalar em Manaus se não fosse a Zona Franca?

Guilherme Quintanilha
advogado tributarista e professor convidado da FGV

Esse assunto vai constar provavelmente nos programas de todos os candidatos, assim como a reforma tributária. Mas, como é algo que divide e incomoda, nenhum deles vai levar isso adiante no primeiro mandato

Mauro Silva
presidente da Unafisco (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal)

O trecho foi revogado por uma lei posterior aprovada pelos congressistas e sancionada por Bolsonaro.

No ano passado, o governo inseriu na PEC (proposta de emenda à Constituição) Emergencial, aprovada em março, previsão para reduzir gradualmente os gastos tributários ao longo de dez anos.

No entanto, a versão final, negociada intensamente com o Congresso, acabou proibindo cortes em metade dos benefícios, como o Simples, a Zona Franca de Manaus, a cesta básica e entidades sem fins lucrativos ligadas a partidos.

O texto determinou apenas que o governo envie o plano ao Congresso, deixando margem para que os cortes nem sejam implementados. A emenda promulgada deu seis meses para o Executivo entregar o projeto de lei que propõe os cortes, e o governo usou praticamente todo o prazo para a apresentação.

O governo acabou apresentando um projeto considerado modesto. Para 2022, primeiro ano de vigência, o impacto seria de cerca de R$ 15 bilhões, equivalente a 10% dos gastos tributários após a subtração das exceções.

O valor chegaria a R$ 22 bilhões nos anos seguintes por meio da não renovação de benefícios existentes hoje. A proposta aguarda parecer do relator na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara.

Guilherme Quintanilha, advogado tributarista e professor convidado da FGV (Fundação Getulio Vargas), defende que os subsídios são necessários diante de desestímulos ao investimento privado.

"Temos problemas sérios de infraestrutura, para escoar a produção, com legislações diferentes em cada estado ou município e insegurança jurídica", diz Quintanilha.

Para ele, o corte dos subsídios precisa ser analisado em uma discussão ampla, que inclua reformas estruturais para compensar a falta de estímulo.

PAINEL S.A. | **Joana Cunha**
painelsa@grupofolha.com.br

Adriana Barbosa

Educação e crédito são o segredo para avanço do empreendedorismo negro

SÃO PAULO A empresária Adriana Barbosa, que fechou 2021 celebrando os 20 anos da Feira Preta, evento de cultura e empreendedorismo fundado por ela, vê na digitalização da pandemia o potencial de dar escala ao trabalho.

Barbosa afirma que educação e crédito são o segredo para levar o empreendedorismo de sobrevivência ao de oportunidade. E o avanço da inclusão na cadeia de valor requer adaptação dos pequenos empreendedores e também das grandes companhias.

"Tem o entendimento também da empresa, de não levar 60, 90, 120 dias para fazer um pagamento para um microempreendedor, porque, se fizer isso, ela quebra o microempreendedor", diz.

*

Após o lançamento da plataforma de vendas online dos negócios que tiveram aceleração na PretaHub, como evoluiu? O ano passado foi especial para o programa Afrolab de educação empreendedora. A digitalização permitiu dar escala, replicar em mais dois países e ter Afrolabs temáticos, desde saúde a música e moda. Fizemos turmas diferentes e encerramos o ano com o festival Feira Preta, que também foi digitalizado.

Comemoramos 20 anos de Feira Preta em uma celebração digital com mais de cem conteúdos produzidos em diferentes áreas. A gente tinha o objetivo de passar pelo processo da digitalização em função da pandemia. Além do nosso marketplace, colocamos os produtos dos empreendedores em mais três plataformas, da Via, C&A e Mercado Livre.

Digitalização é um gargalo, mas há outros como acesso a crédito. Como vai essa parte? Em 2020, a Feira se juntou a outras organizações para o fundo de emergências econômicas. Fizemos repasse de recurso para mais de 600 empreendedores, a fundo perdido. Fizemos uma captação coletiva de R$ 1,7 milhão e distribuímos com tíquetes de R$ 1.500 a R$ 2.500 para empreendedores de todo o Brasil. Em 2021, teve um rescaldo.

Teve uma parte ainda de apoio financeiro e encerramos o ano lançando com o Facebook o programa de aceleração para mulheres negras, em que a gente vai fazer o investimento em 50 negócios com valor de R$ 32 mil, e um outro com o Instituto Alok, do DJ Alok, e a cerveja Black Princess para jovens que atuam no empreendedorismo digital, com repasse de R$ 20 mil.

A gente não faz microcrédito. O dinheiro que a gente capta vai a fundo perdido. É uma aposta que estamos fazendo na pandemia. Muitos empreendedores já carregam endividamento. São dois anos de pandemia. A gente não queria trazer mais um crédito e dar mais uma dor de cabeça. E a gente faz um investimento assistido, que acompanha a jornada das empreendedoras, desde pensar em como negociar o processo de endividamento até potencializar, seja para aquisição de maquinário, investimento em equipe, lançamento de produto.

Tem um outro gargalo na burocracia das empresas aos fornecedores. Como o empreendedor atravessa isso? Tem um processo de entendimento da empresa sobre o que é trabalhar com empreendedores negros. E o que a Feira Preta faz nos programas de educação empreendedora é prepará-los para dialogar com as empresas, entender qual é a lógica de uma empresa.

É diferente quando você está dentro de um contexto corporativo, com cadastro, sistema, processo de compliance, fluxo de caixa, de fornecedor de grande empresa. São informações que a Feira tenta trazer para os empreendedores.

Uma vez que você está lá dentro, consegue negociar, tem seu fluxo de caixa. Aí vem o entendimento também da empresa, de não levar 60, 90, 120 dias para fazer um pagamento para um microempreendedor, porque, se fizer isso, ela quebra o microempreendedor.

Para mitigar tem um pouco disso: os empreendedores negros precisam aprender como se fornece para grande empresa, e ela precisa aprender como faz um processo de inclusão de empreendedores ligados aos grupos minorizados.

Houve uma aceleração desse tema após George Floyd? Com certeza. Depois de George Floyd, a gente começa a falar de ESG com foco no S, no social. Isso ocorreu nos Estados Unidos. As empresas começaram a revisar suas práticas não só ambientais, mas também sociais.

No Brasil, tem esse recorte racial. Não estou dizendo que temos um ambiente mais tranquilo e favorável. Mas hoje está na pauta. O Brasil tem muito a celebrar. Avançamos em muitas questões. Quando vejo a Feira Preta, o que aconteceu agora, tem muitas pessoas negras dentro das empresas que apoiaram na interlocução para que o patrocínio acontecesse. Muitas pessoas pretas com poder de tomada de decisão. Tem uma mudança em curso, que precisamos celebrar e potencializar.

Como a história da sua bisavó te orienta nesse trabalho? Eu começo a empreender com ela. Minha bisa vendia coisas. Tinha um tino comercial muito forte. Quando eu comecei, também foi sem educação empreendedora. Não frequentei escola de negócios. Comecei porque precisava sobreviver.

Hoje, a Feira olha a questão do empreendedorismo negro como um processo de transformação social para a população negra e atua no campo da educação empreendedora.

As pesquisas mostram que o microempreendedor é a população negra. O segredo é como a gente sai do empreendedorismo de sobrevivência e necessidade para a oportunidade. É educação e crédito.

Raio-X
Formada em gestão de eventos pela Universidade Anhembi Morumbi com pós-graduação em gestão cultural na USP, a empresária é fundadora do evento de cultura e empreendedorismo Feira Preta, presidente da PretaHub e faz parte dos comitês de igualdade racial de empresas como Ambev e Carrefour

A inflação que salva

Bolsonaro foi muito tolerado até a carestia fazer estrago crítico na popularidade

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Um fato notável dos anos Jair Bolsonaro é que ele foi tolerado; que sua popularidade tenha chegado a uma situação crítica em boa parte por motivos que teriam prejudicado até um governante que não fosse tão incapaz, imbecil e cruel.

Isso dá o que pensar a respeito dos riscos que o país corre daqui até a eleição e depois. Em condições menos azaradas, haveria mais gente, na massa e ainda mais na elite, disposta a apoiar a tirania.

Bolsonaro não foi nem ao menos processado. É ainda menor a chance de ser condenado. O criminoso mais contumaz da República, com exceção talvez de generais-ditadores, foi agasalhado pelo sistema político e pela maior parte das elites econômicas. Tem sido apenas toureado pelo Supremo.

Passados 77% de seu mandato, o celerado ainda fica quase à vontade no cargo, vez e outra alertado de que um inquérito pode ficar subitamente pronto ou ameaçar alguém do bando. Nada a ver com a via rápida da deposição de Dilma Rousseff e da prisão de Lula da Silva.

Uma vantagem de Bolsonaro é que, em três anos de mandato, sua popularidade não baixara além de 25%, limiar crítico de impeachment. Mas o celerado também jamais foi popular.

Na média das pesquisas, a avaliação positiva superou a negativa apenas nos cinco primeiros meses de governo e em outros cinco em 2020, quando a economia reabria, a inflação baixara e o auxílio era grande. Apenas depois de agosto veio a ser tido como péssimo por 55%; nos dois primeiros anos, a rejeição fora em média de 36%.

A partir de janeiro de 2021, o prestígio de Bolsonaro passou a diminuir quase no mesmo ritmo em que a inflação superava os salários. Decerto já tinha ficha suja. A inflação pode ter sido a gota d'água.

A maior parte da inflação pouco teve a ver com Bolsonaro. Foi resultado de tempo ruim, que afetou agricultura e produção de eletricidade, da crise mundial de energia, da escassez de insumos industriais, dos preços da Petrobras e da desvalorização do real, a maior do mundo na epidemia.

O real costuma levar tombos extraordinários até pelas características dos mercados financeiros daqui. Mas a moeda brasileira rolou ladeira abaixo por causa da dívida pública alta, talvez sem limite depois do choque da epidemia.

A contribuição marginal de Bolsonaro veio de o governo não ter rumo econômico, de vestir uma fantasia palhaça sinistra de reformas e criar tumultos (como comícios golpistas). A zorra derradeira foram o 7 de Setembro golpista e a derrubada do teto de gastos de modo picareta e inepto, que provocou disparada de juros. Mas o grosso do dinheiro tinha dado o fora antes.

Enfim, o tumulto permanente e a ralé que Bolsonaro nomeou para o governo devem ter alimentado a incerteza que solapou a despiora econômica rápida que ocorria até o início de 2021.

Sim, a inflação ganhava fácil a corrida de salários mirrados por causa também de problemas estruturais, do crescimento cronicamente baixo, piorados pelo trauma de anos de depressão do PIB e precarização do trabalho. Há agora quase tanta gente trabalhando quanto em 2019, mas ganhando menos, em empregos tão improdutivos e inseguros quanto os do fundo da recessão de 2016.

Bolsonaro nem ao menos é pragmático, mas líder de seita, déspota ensandecido. Leva adiante seu plano reacionário, mortífero e discriminatório mesmo que perca votos. É isso que a maior parte da elite aceitou em troca de ditas "reformas" e de colocar o povo na coleira (com ameaça de violência militar ou miliciana).

A inflação talvez tenha nos salvado. Os famintos e os mortos da peste serão nossos mártires.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

BB trava crédito para estados que fazem oposição a Bolsonaro

Um deles, Alagoas, recorreu ao STF para obter recursos; banco diz que segue apenas critérios técnicos

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O Banco do Brasil tem segurado a concessão de crédito para estados comandados por adversários políticos do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Um deles, Alagoas, recorreu ao STF (Supremo Tribunal Federal) para obter os recursos após o banco ter abandonado as negociações sem maiores justificativas.

O estado é governado por Renan Filho (MDB). Seu pai é o senador Renan Calheiros (MDB-AL), que foi relator da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) responsável por investigar erros e emissões do governo federal na pandemia.

O governador também disputa protagonismo político no estado com o atual presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), aliado do Planalto.

"Não resta dúvida de que há ingerência política nas decisões de empréstimos aos estados brasileiros por parte do governo Bolsonaro. Isso é uma pena, porque as instituições são utilizadas de maneira não republicana", disse Renan Filho à **Folha**.

A Bahia, governada por Rui Costa (PT), também enfrenta problemas para contratar uma operação com o banco. Nos bastidores, há cobrança por "tratamento isonômico" entre os estados, mas o governo estadual, por meio da Secretaria de Fazenda, preferiu não se manifestar.

Procurado, o Banco do Brasil —uma empresa de economia mista com ações na Bolsa— negou ingerência política na concessão de empréstimos e afirmou que segue "critérios técnicos".

"Toda contratação de operações para o setor público segue estritamente as exigências legais dos órgãos reguladores, a avaliação de crédito e os interesses negociais do BB", disse.

A **Folha** apurou, no entanto, que o vice-presidente de Governo do Banco do Brasil, Antônio Barreto, manifestou inclinação da instituição em viabilizar operações de quem tem "boa relação" com o atual governo. A sinalização deu-se em reunião com integrantes do Executivo no fim de 2021.

Barreto, que assumiu o cargo em maio do ano passado, já transitou por postos-chave na Esplanada dos Ministérios: foi secretário-executivo do Ministério da Cidadania e também atuou em áreas da Casa Civil no período em que essas pastas foram chefiadas por Onyx Lonrenzoni.

Antes, Barreto foi assessor de Gilberto Kassab, atual presidente do PSD, quando este era ministro de Ciência e Tecnologia no governo Michel Temer (MDB).

A **Folha** questionou o executivo, por meio da assessoria do BB, mas não houve resposta sobre esses relatos.

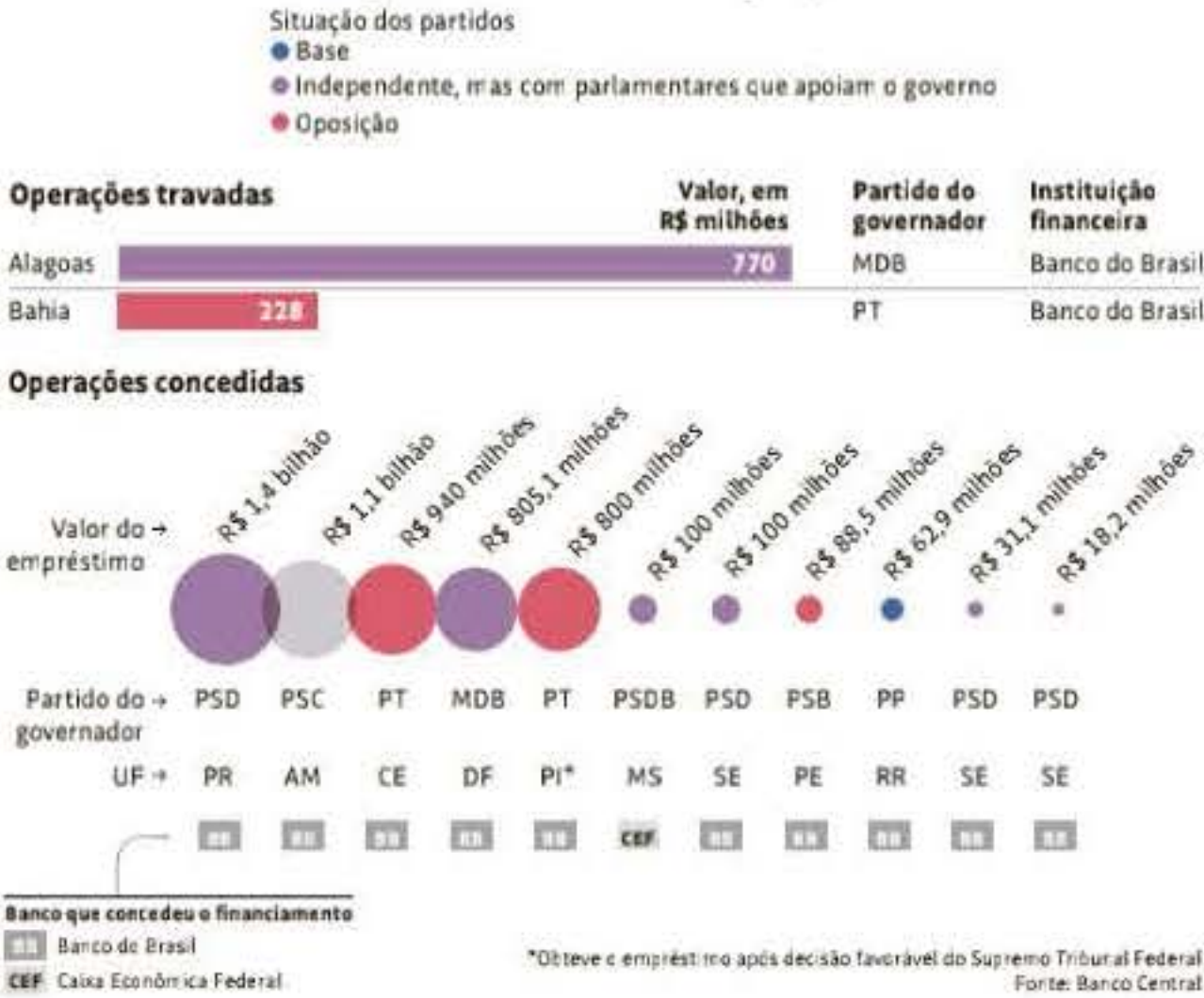
Em 2021, o BB concedeu R$ 5,3 bilhões em créditos para estados. Dois terços desse valor foram para governos aliados ou de partidos que têm nos quadros apoiadores da atual gestão federal.

Entre as legendas beneficiadas estão PP, que integra a base do governo, além de PSD, MDB e PSDB, que se declaram independentes, mas têm congressistas que dão sustentação a Bolsonaro em votações no Congresso.

Algumas das siglas inclusive têm deputados que atuam como vice-líderes do governo na Câmara, como Joaquim Passarinho (PSD-PA) e Lucio Mosquini (MDB-RO).

Até dezembro do ano passado, o MDB —que abriga o governador alagoano— também ocupava a liderança do governo no Senado, com Fernando Bezerra (PE).

As duas únicas operações com estados governados pelo PT beneficiaram Ceará, de Camilo Santana, e Piauí, de Wellington Dias. Os créditos somaram R$ 1,7 bilhão.

Segundo fontes do governo, embora os contratos tenham sido assinados, houve reclamações pelo fato de o BB contemplar a oposição.

No caso do Ceará, quando o Tesouro Nacional estava prestes a assinar o contrato de garantia —pelo qual a União se coloca como fiadora em caso de inadimplência—, o órgão ligado ao Ministério da Economia recebeu um telefonema de representante do banco.

O pedido, segundo um integrante da equipe econômica, era que o órgão aguardasse a realização de uma cerimônia de divulgação da operação. O movimento foi interpretado como tentativa de segurar o empréstimo. Os técnicos ignoraram o pedido e deram seguimento à operação.

Procurado, o BB negou que tenha feito tal intervenção e afirmou que solenidades só ocorrem no momento da assinatura do contrato com o próprio ente beneficiado.

Já no caso do Piauí, a autorização do empréstimo desagradou a Ciro Nogueira (PP-PI), que é adversário político de Dias no estado. A operação do Piauí foi firmada em 3 de agosto de 2021.

Segundo relatos à reportagem, o então senador, que fazia a defesa do governo na CPI da Covid-19, reclamou de ver o oponente contemplado, com aval da União.

Na mesma época, ele foi indicado por Bolsonaro para chefiar a Casa Civil. A pasta não havia se manifestado até a publicação deste texto.

No dia seguinte, uma portaria do Ministério da Economia suspendeu as notas de classificação de risco dos estados, para discutir sua metodologia em consulta pública. A medida na prática travou a emissão da garantia, levando o Piauí a acionar o STF. Uma liminar assegurou a conclusão da operação.

Os empréstimos concedidos pelos bancos públicos a estados e municípios precisam respeitar limites estipulados para essas operações no ano. Caso a União seja fiadora, também há custos máximos com juros e encargos.

Embora o Tesouro sinalize nos bastidores que cabe ao órgão apenas verificar se o estado tem condições financeiras ou não de assumir um novo empréstimo, integrantes da equipe econômica relatam, sob condições de anonimato, que há pressão política.

Alagoas decidiu processar o Banco do Brasil por desistir do negócio após meses de tratativas e a aprovação de uma lei, em julho de 2021, autorizando o crédito. O governo alagoano solicitou R$ 770 milhões para investimentos em infraestrutura.

O estado é classificado com nota B pelo Tesouro Nacional, o que o coloca como bom pagador. A escala é de A a D, e apenas notas A e B podem receber o aval. Piauí e Ceará, por exemplo, também são nota B.

O secretário estadual de Fazenda de Alagoas, George Santoro, afirmou à **Folha** que as negociações com o BB já estavam em fase avançada quando, em setembro, a instituição avisou que não prosseguiria.

"É uma coisa que nunca tinha acontecido nos meus 30 anos na área financeira. Um banco estatal não se interessar por uma operação que ele já tinha ofertado, com garantia da União e com estado que tem contas em dia", disse Santoro. Ele cobra explicações técnicas para a desistência.

A Bahia, por sua vez, solicitou um crédito de R$ 228 milhões para infraestrutura. O estado também tem nota B na classificação do Tesouro, mas até agora não foi atendido.

O Banco do Brasil disse que segue aspectos técnicos e destacou o relacionamento que possui com os estados citados em outras operações de crédito ou processamento de folha de servidores.

"Existe proposta de novo empréstimo [à Bahia], que está em análise, obedecendo aos mesmos critérios técnicos adotados pelo BB para os demais estados", disse. "Quanto a Alagoas, o assunto está judicializado e o BB irá se manifestar nos autos no momento oportuno", afirmou o banco.

Nos bastidores, o banco tem alegado que o custo máximo estipulado pelo Tesouro nos empréstimos em que a União é fiadora está abaixo do adequado. Como a União garante o pagamento em caso de inadimplência, o risco é praticamente zero, e o Tesouro fixa um teto de remuneração aos bancos.

Entre setembro e novembro, essa taxa ficou de 120,7% do CDI (Certificado de Depósito Interbancário, uma aplicação com rendimento próximo à Selic) para o prazo de dez anos.

Nesse período, o BB declinou da operação com Alagoas, mas aceitou emprestar, com garantia da União, R$ 300 milhões a Chapecó (SC) a uma taxa nominal de 114,5% do CDI.

Chapecó é governada por João Rodrigues (PSD), que é aliado de Bolsonaro. A cidade já foi palco de uma das motociatas do presidente.

Banco do Brasil trava empréstimos a estados de oposição a Bolsonaro

Situação dos partidos
● Base
● Independente, mas com parlamentares que apoiam o governo
● Oposição

Operações travadas

	Valor, em R$ milhões	Partido do governador	Instituição financeira
Alagoas	770	MDB	Banco do Brasil
Bahia	228	PT	Banco do Brasil

Operações concedidas

Banco que concedeu o financiamento
BB Banco do Brasil
CEF Caixa Econômica Federal

*Obteve o empréstimo após decisão favorável do Supremo Tribunal Federal

Fonte: Banco Central

Precificação Operação de Investimento - Projeto Criança Alagoana

Silvanio Vieira da Silva

Banco do Brasil

Emails em que Banco do Brasil apresenta a Alagoas proposta com condições para empréstimo de R$ 770 milhões e, meses depois, desiste de operação sem especificar motivo Reprodução

Venda de carros em Miami (Flórida); preço médio dos usados subiu 36% nos últimos 12 meses Chandan Khanna - 12.jan.22/AFP

Inflação inédita em 40 anos espanta e vira meme nos EUA

Taxa anual foi de 7% em 2021; salto nos preços surpreende os mais jovens

Rafael Balago

WASHINGTON Steven Carmin se surpreendeu ao receber uma carta da concessionária de automóveis. Em vez de oferecer novos carros, a loja queria comprar de volta seu veículo.

"Queriam pagar pelo meu Toyota Corolla mais do que paguei por ele quando o comprei, em 2017", comenta o economista e ex-diretor de Finanças Internacionais do Fed, o banco central americano.

Carmin estuda a situação da inflação nos EUA, que vive um momento inédito em 40 anos: o país fechou 2021 com taxa anual de 7%, algo não visto desde 1982. Assim, a geração que agora chega aos 30 anos no país passou a vida em um mundo com certa estabilidade nos preços: a inflação anual oscilava na faixa de 1,6% a 3,4% desde 1991 e atingiu 4,1% apenas em 2007.

A gasolina, que vinha abaixo de US$ 3 o galão (3,6 litros) desde 2015, está em torno de US$ 3,40, segundo dados do Departamento de Energia.

Já o preço de 1 libra (454 gramas) de carne bovina moída atingiu preço médio de US$ 4,71 em novembro de 2021, o maior valor desde o início da série histórica, em 1984, segundo dados do Departamento de Estatísticas do Trabalho.

> Queriam pagar pelo meu Toyota Corolla mais do que paguei por ele quando o comprei, em 2017
>
> **Steven Carmin**
> economista e ex-diretor de Finanças Internacionais do Fed (banco central americano), que foi procurado pela concessionária com uma oferta de compra

Com a alta de preços, intensificada ao longo de 2021, a inflação em si virou tema de conversas, postagens em redes sociais e brincadeiras nos EUA, por ser algo pouco frequente no país.

Há duas semanas, o jornal The New York Times publicou uma reportagem sobre a inflação que lembra uma chamada do programa Globo Repórter: o que é, como te afeta e como lidar com o problema.

A principal causa apontada para a alta de preços são os efeitos da pandemia: a paralisação de atividades para conter a circulação do vírus, assim como a falta de trabalhadores que tiveram de ficar afastados por estarem contaminados ou que não queriam se expor a riscos, gerou uma série de atrasos na produção e na entrega de produtos, que ainda não foi plenamente resolvida.

A alta no preço dos carros, por exemplo, é fruto da falta de peças, especialmente chips. Boa parte deles vem de fábricas da Ásia, em países que tiveram fortes ondas de Covid.

"Inflação é um problema real, muitas pessoas estão sendo atingidas por ela. Mas um terço da inflação na América é consequência do preço dos automóveis", disse o presidente Joe Biden, em discurso na sexta (28). O preço médio dos carros usados subiu 36% nos últimos 12 meses, segundo o site de revenda Cargurus.

O governo Biden tem apostado em várias saídas para combater a inflação, como tentar resolver gargalos logísticos em parceria com empresas e estimular a competição.

No setor de carnes, por exemplo, foi lançado um programa para fomentar frigoríficos de menor porte, de forma a tentar mudar a concentração do setor, dominado por quatro corporações.

Ao mesmo tempo, Biden defende a aprovação de mais benefícios sociais para as famílias, como auxílios para custear creches, descontos em medicamentos e em planos de saúde. Assim, elas teriam mais dinheiro para gastos do dia a dia e poderiam enfrentar melhor a alta de preços.

Na avaliação da oposição republicana, e mesmo na de alguns democratas, esse caminho traz riscos: ao dar mais dinheiro para as pessoas, elas irão consumir mais e, assim, estimular a alta de preços caso a oferta de produtos não dê conta de atender à demanda.

"Cada dólar que o governo gasta [em auxílios] é um dólar que eles precisam taxar da economia ou aumentar a dívida para compensar, o que acaba aumentando os preços e prejudicando as famílias e os negócios. A melhor forma de combater a inflação é reduzir o tamanho do governo e as regulações excessivas", considera Joel Griffith, pesquisador em economia associado ao think tank Heritage Foundation.

No último ano, Griffith teve alta de mais de 30% no aluguel de sua casa, que passou de US$ 1.300 para US$ 1.800. O mercado imobiliário americano se aqueceu na pandemia, conforme muitas pessoas decidiram se mudar em busca de uma opção melhor de home-office ou de opções mais baratas longe das grandes cidades, o que elevou preços nos subúrbios.

Já na avaliação de Karmin, mesmo o Build Back Better, pacote de quase US$ 2 trilhões em benefícios sociais proposto por Biden que está travado no Congresso, não teria efeito direto na inflação, pois o gasto, espalhado ao longo de dez anos, representaria menos de 1% do PIB americano anual.

"O governo Biden poderia eliminar as altas de tarifas [de importação] criadas por Trump. Além de ajudar a baixar os preços, isso melhoraria nossas relações com outros países", sugere.

Os economistas ouvidos pela **Folha** dizem que ainda não é possível prever se a inflação atual será uma onda passageira ou duradoura, com consequências de longo prazo, mas veem sinais para otimismo, como o fato de o Fed estar mais atento à questão agora do que esteve na crise dos anos 1970.

O banco central americano sinalizou que pretende aumentar a taxa de juros dos EUA no nível necessário para conter a inflação.

"Estamos cautelosamente otimistas de que vamos ver algum progresso sobre a inflação neste ano, mas, para isso, algumas coisas precisam acontecer. Uma delas é vermos progressos no combate à pandemia, talvez como resultado da vacinação global", avalia Nathan Sheets, economista-chefe global do Citi Research.

"Nos próximos três ou quatro meses, deve haver alguma melhoria na logística marítima, na produção de semicondutores, automóveis e outras coisas. Mas ainda há muitas coisas a fazer, e os bancos centrais provavelmente terão de seguir ativos", diz.

Enquanto avalia o cenário, Karmin decidiu não vender seu carro. "Se eu aceitasse a oferta da concessionária, teria depois de comprar outro. E aí teria um problema."

Anos nem tão gloriosos assim

Muito do crescimento dos 30 anos gloriosos foi recuperação dos anos desastrosos

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

É comum acreditar que os 30 anos entre o fim da Segunda Guerra Mundial e meados da década de 1970 tenham sido "gloriosos". O motivo é claro. A taxa de crescimento, principalmente dos países europeus, foi muito alta. Adicionalmente, foi um período de grande desenvolvimento do Estado de bem-estar e de avanços na área social.

O que muitas vezes se esquece é que os 30 anos que antecederam os anos gloriosos foram desastrosos. Duas guerras mundiais, com uma Grande Depressão entre elas.

Assim, muito do crescimento dos 30 anos gloriosos foi recuperação dos anos desastrosos, principalmente na Europa. Processo que os estatísticos chamam de reversão à média.

Reversão à média

Taxa de crescimento do PIB per capita anualizada

PIB per capita relativo aos EUA

Fonte: Maddison Project

As quatro primeiras linhas da tabela apresentam a taxa de crescimento por ano do produto por habitante para os EUA, a Alemanha, o Reino Unido, a França e a Itália, para quatro períodos, entre: 1914 e 1976, 1914 e 1946, 1947 e 1976 e 1977 e 2018. As informações foram obtidas na base de dados de Maddison (bit.ly/3r895dN).

Fica evidente que as taxas mais elevadas de crescimento nos 30 anos gloriosos compensam as taxas bem mais baixas para os 33 anos anteriores. Por exemplo, a Alemanha cresceu 6% ao ano nos 30 anos gloriosos. Esse crescimento espetacular compensou o recuo de 1,5% ao ano nos 33 anos anteriores.

Se olharmos o período todo, o crescimento de 2% ao ano é igual ao ocorrido na Alemanha ao longo da era neoliberal, de 1977 até 2018. Argumentos equivalentes, com variações, aplicam-se aos demais países.

França e Itália, que foram um pouco mais refratários do que a Alemanha em reformas de liberalização dos mercados, cresceram um pouco menos na era neoliberal. Evidentemente nada se pode afirmar com relação ao bem-estar social. É perfeitamente possível imaginarmos que o menor crescimento foi o preço justo a pagar por uma maior oferta de seguro social.

Nas quatro linhas na parte inferior da tabela estão representados, para cada um dos países europeus e para o ano-base de cada um dos períodos, o produto por habitante relativo ao mesmo indicador da economia americana, que representa a fronteira tecnológica mundial.

Se lembrarmos que o período de transição entre o fim dos 30 anos gloriosos e a era neoliberal foi de estagnação da produtividade com aceleração inflacionária, entendem-se os motivos de as democracias escolherem políticas de liberalização dos mercados.

Parece que há demanda social para que o pêndulo se volte para preocupações maiores com equidade e seguros públicos. Anos de piora da desigualdade nos países centrais possivelmente gerarão pressão política por aumento da carga tributária e dos seguros sociais. A ver.

DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

5G chegará custando ao menos R$ 250/mês

Internet megarrápida só estará disponível em 2023 e, desta vez, dependerá de empresas para se massificar e baratear

Julio Wiziack

BRASÍLIA Os brasileiros só terão o 5G puro, o chamado standalone, a partir de julho do próximo ano, começando pelas capitais. Na estimativa de operadoras, os planos custarão mais do que o 4G. Devem partir de R$ 250 por mês para faturas pós-pagas com restrição de uso de dados e seguir preços internacionais até que ganhem escala.

A diferença é que, desta vez, caberá às empresas o papel de expandir o consumo do 5G, segundo executivos da Claro e da Vivo. O agronegócio e a indústria, que já se organizam para adotar a nova tecnologia, devem puxar a fila.

Devido ao baixo tempo de resposta entre o aparelho e as antenas (a chamada latência) e às altas velocidades na rede standalone, que será construída exclusivamente para o 5G, indústrias poderão se automatizar e adotar novas soluções de logística e transporte.

Agricultores poderão ter aplicativos que, a partir de sensores no solo, dirão quais áreas cultivadas precisam de adubo ou água, o que aumentará a produtividade.

Drones permitirão estimar a produção por meio de imagens da lavoura, garantindo previsibilidade para a safra e antecipando a formação de preços no mercado.

Não por outro motivo, TIM, Claro e Vivo adquiriram em 2021 frequências de 26 GHz (gigahertz) para fazer testes com serviços voltados ao agronegócio, principalmente no Centro-Oeste, e indústrias, nas regiões metropolitanas.

Frequências são avenidas por onde as teles fazem trafegar seus sinais. Fora delas ocorrem interferências.

Além das três grandes do setor (Vivo, Claro e TIM), outros grupos locais arremataram frequências. Muitos planejam servir pequenos provedores locais e empresas regionais, de soluções de automação industrial em suas áreas de abrangência.

Para isso, terão de construir redes novas. TIM, Vivo e Claro estimam investir mais de R$ 150 bilhões na construção de suas redes 5G nos próximos oito anos. Outros R$ 40 bilhões em investimentos em 4G são impostos pela Anatel (agência reguladora).

A expectativa das teles é chegar a 500 milhões de acessos em três anos entre pessoas físicas e jurídicas.

Até lá, planejam migrar quem hoje usa a tecnologia 4G para o chamado 5G DSS, um serviço que utiliza as frequências atuais do 4G para atingir velocidades de 5G com latência (tempo de resposta entre a comunicação do celular com as antenas) pequena. Nesse processo, o preço deverá permanecer o mesmo.

A revolução prometida pelo 5G pode, segundo estudo da consultoria Omni, catapultar o PIB do Brasil em R$ 6,5 trilhões até 2030.

Além dos ganhos nas indústrias e fazendas, cidades poderão controlar remotamente água, luz, saneamento e tráfego. Veículos serão teleguiados, e cirurgias, feitas a distância.

"O 5G irá se difundir por inúmeras aplicações no tecido produtivo", diz Marcos Ferrari, presidente da Conexis, que reúne as operadoras.

Lívia Serri Francoio

Pela ampliação da Estratégia de Saúde da Família

Programa ampliou o acesso da população a serviços de saúde

Armínio Fraga e Arthur Aguillar

Sócio-fundador da Gávea Investimentos, presidente dos conselhos do IEPS e do IMDS, ex-presidente do Banco Central e colunista da Folha

Diretor de Políticas Públicas do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS)

Em anos eleitorais, é importante recordarmos a distinção entre políticas de governo e políticas de Estado. As políticas de governo são aquelas aplicadas em um mandato, identificadas com o titular, e tendem a mudar à medida em que há alternância de poder. Políticas de governo com frequência são curtoprazistas e não têm seguimento.

Políticas de Estado não são identificadas a governos, não se limitam a mandatos, são de longo prazo. O Brasil tem políticas de Estado que funcionam. Um importante exemplo é a política de APS (atenção primária à saúde), que atende a mais de 60% da população em todo o território nacional e é comprovadamente efetiva. Sua atuação ocorre através da ESF (Estratégia de Saúde da Família).

A APS é responsável pelo primeiro e principal contato das pessoas com o sistema de saúde. É lá que acontecem serviços como vacinação, consultas pré-natais e o acompanhamento a portadores de Diabetes e Hipertensão. Para além disso, a APS serve como um mecanismo de referenciamento para serviços de maior complexidade, prestados em unidades especializadas de diagnóstico, terapia e em hospitais.

Ela é baseada na medicina de família e possui orientação comunitária e territorial. Dessa forma, torna-se possível olhar de maneira abrangente e cuidar da saúde de um determinado conjunto de pessoas, ao longo dos anos.

A ESF ampliou o acesso da população a serviços de saúde, e propiciou importantes e bem conhecidas conquistas. A implantação do Programa reduziu a mortalidade materna entre 1996 e 2004 em 39% e a infantil em 36,3%.

Foi uma contribuição decisiva para que o Brasil fosse um dos poucos países do mundo a cumprir a Meta de Desenvolvimento do Milênio número 4 (redução da mortalidade infantil em dois terços). Um estudo recente mostra que o gasto municipal em saúde, majoritariamente voltado para a Atenção Primária, reduz o efeito que as recessões econômicas têm na saúde da população: a recessão que ocorreu entre 2014 e 2016 estava associada a 30 mil mortes adicionais, especialmente devido a doenças cardiovasculares e de neoplasias.

Essas mortes, no entanto, estavam concentradas em municípios com baixo nível de gastos em saúde. Nos municípios que gastaram mais em saúde o efeito da recessão sobre a mortalidade foi baixo ou nulo.

A cobertura da Estratégia de Saúde da Família se expandiu de 5,6% da população brasileira em 1998 para 48,7% em 2008. Em 2019, 62,7% da população estava coberta. No entanto, a expansão estagnou, mantendo mais de 37% da população descoberta. Desde 2017 os números de equipes de saúde da família (cerca de 43 mil) e de cobertura populacional permanecem no mesmo patamar.

A primeira razão para a estagnação é orçamentária, que segue carente: a Proposta de Lei Orgânica do Orçamento (PLOA) enviada ao Congresso Nacional para 2022 propõe a alocação de R$ 25,4 bi na Atenção Primária, o equivalente a apenas 17% do orçamento total da Saúde, uma redução em termos reais de 1,93% em relação à proposta orçamentária de 2019.

No geral, descontados os recursos de combate à pandemia, em termos reais o orçamento da Saúde é similar à cifra de 2012, 5% menor que 2019 e o menor dos últimos 10 anos.

Em segundo lugar está a dificuldade de se fixar médicos em localidades remotas. Dados da Demografia Médica 2020 mostram que o Brasil possui em média 2,4 médicos por mil habitantes, substancialmente abaixo da média dos países da OCDE (3,5), mas semelhante a países como os Estados Unidos, o Chile e a Coreia do Sul.

No entanto, o país tem dificuldade de garantir a presença destes profissionais fora das grandes cidades: se as capitais brasileiras possuem em média 5,65 médicos por mil habitantes, fora das capitais essa razão cai para 1,49, e no interior das regiões Norte e Nordeste, para 0,54 e 0,67, respectivamente.

Se o processo de garantir o acesso a médicos para os brasileiros que vivem no interior necessita de intervenção do Estado, é preciso ter políticas de Estado efetivas sobre o tema. O programa Mais Médicos, em que pese uma desmesurada politização, contribuiu de maneira decisiva para solucionar este problema. Em 2015, seus médicos representavam 12% de toda a população médica da região Norte.

O Governo Federal descontinuou o programa e lançou a iniciativa Médicos pelo Brasil, que em três anos de gestão ainda não foi implementada. Agora em janeiro, foi lançado um primeiro concurso para 4.700 vagas, um número tímido quando comparado com os cerca de 17 mil profissionais contratados dentro do âmbito do Mais Médicos.

Um terceiro desafio para a expansão da ESF é a falta de médicos adequadamente preparados para a sua missão e de profissionais como educadores físicos, nutricionistas e fisioterapeutas. Nesse sentido, foi um retrocesso a extinção do apoio financeiro aos municípios voltado para o custeio dos Núcleos Ampliados de Saúde da Família, os NASF, que complementava as equipes de saúde da família.

Ao mesmo tempo, em dezembro, o ministério lançou o programa Cuida Mais, voltado para a contratação de médicos pediatras e obstetras, mais onerosos e menos necessários que os mencionados acima.

A Estratégia de Saúde da Família é a base do nosso sistema de saúde. O SUS só tem a ganhar com uma ESF expandida e mais resolutiva e integrada com centros universitários e técnicos de formação de recursos humanos para a saúde.

Listamos acima alguns programas de alta efetividade merecedores de urgente atenção. Cabe ao Governo Federal, seja o atual ou o próximo, ampliar as políticas de Estado que funcionam. A ESF funciona e precisa caminhar para 100% de cobertura o quanto antes.

esg

Bancos de desenvolvimento adotam critérios ESG para liberar crédito

Instituições de fomento reforçam agenda ambiental e social com incentivos a projetos verdes

Thiago Bethônico

SÃO PAULO A transição para uma economia verde tem ganhado apoio do mundo corporativo, mas a questão do financiamento permanece um desafio. Para alguns setores, descarbonizar operações pode significar a completa reestruturação das cadeias de valor —o que demanda investimentos nada triviais.

A necessidade de mobilizar recursos para projetos complexos joga luz sobre a atuação dos grandes financiadores de longo prazo no Brasil: os bancos de desenvolvimento.

Essas instituições têm reforçado suas agendas sustentáveis, ampliando incentivos para iniciativas de impacto socioambiental e vinculando o crédito a critérios ESG (ambiental, social e governança, na sigla em inglês).

Usina fotovoltaica financiada pelo BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais) na cidade de Manga (MG) Divulgação

Um dos bancos que vêm buscando protagonismo é o BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais).

Mais de 60% dos financiamentos feitos pela instituição em 2021 foram vinculados a algum dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Os recursos destinados a projetos de energias renováveis, por exemplo, chegaram a R$ 169 milhões.

A transição energética está entre os focos. Em 2019, o banco captou 100 milhões de euros (R$ 627 milhões) para aplicações na área, por meio de uma parceria com o Banco Europeu de Investimento.

Até o momento, 29 iniciativas já foram financiadas, o que inclui 25 projetos de energia solar, três centrais hidrelétricas e um projeto de iluminação pública em Minas Gerais.

Recentemente, o BDMG deu outro passo na transição para um portfólio de investimentos mais verde. Durante a COP26, a conferência da ONU sobre mudanças climáticas, o banco firmou o compromisso de não financiar projetos que envolvam extração, comercialização e transporte de combustíveis fósseis a partir de 2023.

"É preciso ter um novo tipo de produção, e entendemos que é nosso mandato, como instituições financeiras de desenvolvimento, promover isso", afirma Sergio Gusmão Suchodolski. Até meados de janeiro, ele foi presidente do BDMG e da ABDE (Associação Brasileira de Desenvolvimento), que reúne bancos de desenvolvimento, agências de fomento e cooperativas.

Segundo Suchodolski , a organização tem estimulado a transição nas carteiras de investimentos dos associados que, juntos, detêm quase 73% do crédito de longo prazo para as empresas no Brasil e 45% do crédito total.

O ex-presidente da ABDE entende que a contribuição dos bancos de desenvolvimento à agenda ESG é múltipla. Além de incentivar iniciativas de impacto positivo —por meio de linhas de crédito com juros menores e prazos maiores—, também atuam como estruturadores de projetos e como instituições de conhecimento e capacitação.

O papel multifacetado dessas instituições frente ao tema também é apontado por Bruno Aranha, diretor de crédito produtivo e socioambiental do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Na visão dele, a canalização de recursos estrangeiros é uma das principais contribuições que os bancos podem dar na transição para uma economia de baixo carbono —o que pode ser feito por meio dos "green bonds" (títulos verdes).

"Em 2017, nós fizemos uma primeira emissão de US$ 1 bilhão (R$ 5,5 bilhões). Esses recursos, que foram comprados por investidores internacionais, puderam ser utilizados para financiar novos parques solares e eólicos no Brasil", diz.

Outra atribuição que Aranha vê para os bancos de desenvolvimento é o de induzir boas práticas no mercado. Ele cita o exemplo do Crédito ASG, programa do BNDES que condiciona o custo do empréstimo ao desempenho sustentável de uma companhia.

"Se a empresa me der uma contrapartida não financeira, eu aceito reduzir os juros desse financiamento", afirma.

Segundo o diretor, o BNDES já tem iniciativas para estimular a sustentabilidade nos setores de madeira, metalurgia e siderurgia. Em dezembro, foi a vez de a cadeia da carne entrar na lista, com a publicação de uma circular mudando as regras para liberação de recursos para abatedouros.

Agora as empresas precisam comprovar, por meio de auditoria independente, que nenhum de seus fornecedores têm condenações relativas a desmatamento, nem estão incluídos na lista de áreas embargadas do Ibama.

A auditoria anual será exigida até a amortização dos contratos e vale não só para os fornecedores diretos, mas para toda a cadeia de produção.

"Eu vejo o papel dos bancos de desenvolvimento desta forma: canalizando recursos internacionais, prospectando projetos no Brasil e, através de produtos inovadores, induzindo o investimento com a geração de impacto ambiental e social", afirma Aranha.

O engajamento das instituições de fomento com a agenda ESG é positivo, mas a pergunta a ser feita é: em que medida elas estão tratando as pautas prioritárias para o desenvolvimento sustentável do Brasil com senso de urgência?

O questionamento é feito por Vanessa Pinsky, pesquisadora da USP (Universidade de São Paulo) e especialista em ESG. Na visão dela, os bancos têm mais condições de priorizar o tema, atuando inclusive em agendas pouco atrativas para a iniciativa privada.

Um exemplo seriam os projetos de adaptação climática, que demandam aportes pesados, como no caso dos portos.

Em novembro de 2021, um estudo feito pela Antaq (Agência Nacional de Transportes Aquaviários) mostrou que os portos brasileiros já sentem os efeitos da crise do clima. A perspectiva é que ameaças como tempestades e elevação do nível dos oceanos se agravem, com potenciais riscos para a economia.

"O financiamento de projetos para preparar a infraestrutura desses portos é uma agenda para ontem", afirma.

Segundo Pinsky, a taxa de inadimplência costuma ser menor nos bancos de desenvolvimento, o que abre espaço para arriscar mais.

"É preciso considerar em que medida os bancos estão assumindo mais risco para financiar operações inovadoras e projetos que proponham soluções para problemas sociais e ambientais", diz.

Mercado financeiro está pouco engajado com metas de sustentabilidade, mostra pesquisa

SÃO PAULO O mercado financeiro brasileiro ainda está longe de ter um perfil engajado com a sustentabilidade. Apesar da onda ESG, instituições do setor —como bancos, corretoras e gestoras de recursos— são consideradas distantes ou iniciantes nessa jornada.

É o que mostra um levantamento feito pela Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) em parceria com o Datafolha e a consultoria Na Rua.

A entidade ouviu 265 empresas entre janeiro e julho de 2021. Cinco perfis de instituições foram identificados: desconfiado, distante, iniciado, emergente e avançado.

Segundo a pesquisa, o perfil distante lidera o ranking, com 35% da amostra. As companhias enquadradas nessa categoria têm baixa implementação de práticas sustentáveis e uma visão simplificada sobre o tema —entendendo-o como um compromisso exclusivo com o meio ambiente.

A maioria das empresas nesse perfil são gestoras de recursos (81%), com média de R$ 2,3 bilhões em ativos sob gestão. Além disso, metade das distribuidoras e corretoras que participaram da pesquisa foram consideradas distantes em relação à sustentabilidade.

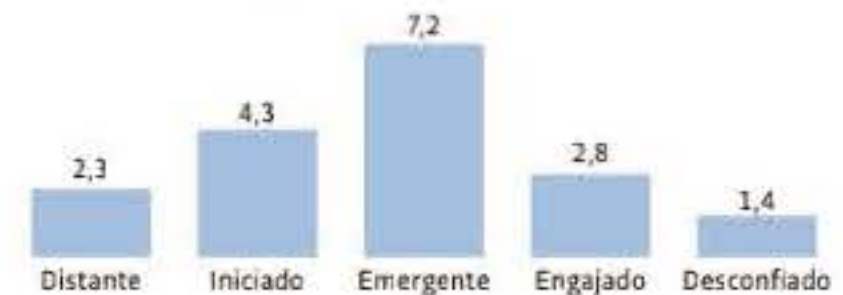
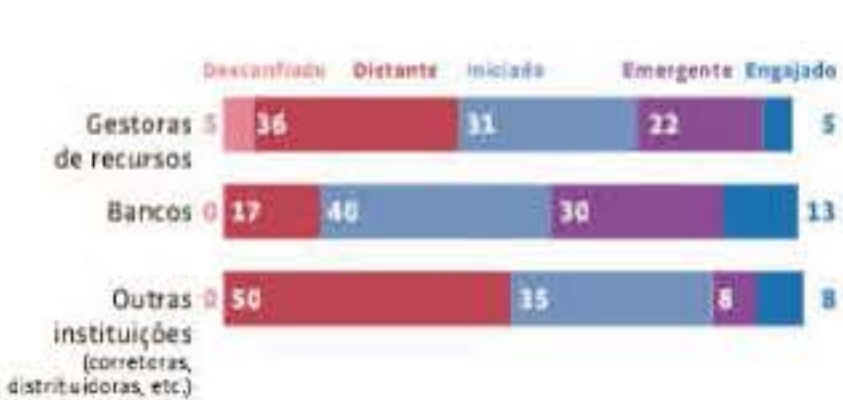
O segundo perfil predominante foi o iniciado. Quase um terço das instituições financeiras (32,1%) estão nessa categoria, que engloba empresas com iniciativas simples, como uso de lâmpadas sustentáveis e coleta seletiva do lixo.

As práticas, contudo, ficam restritas ao ambiente interno do escritório e não são consideradas na hora de fazer negócios. De acordo com o levantamento, uma parcela significativa dos bancos (40%) encontra-se nesse perfil.

Juntas, as instituições financeiras consideradas distantes ou iniciadas representam 67,1% da amostra.

Para Carlos Takahashi, vice-presidente da Anbima, é possível olhar os resultados por uma perspectiva otimista, considerando que, há alguns anos, o mercado brasileiro caminhava ainda mais devagar em relação ao ESG.

"É claro que há muita coisa para acontecer ainda. Quando vemos o agrupamento dos distantes, por exemplo, ele está mais ligado a questões ambientais e tem uma visão elementar, mas já começa a ter uma sensibilidade maior em relação ao assunto", afirma.

Perfil das instituições financeiras em relação à sustentabilidade

*No caso das gestoras de recursos | Fonte: Pesquisa Anbima

O mesmo vale para as instituições iniciadas. "É a ideia de fazer o dever de casa. Sob o ponto de vista de princípios, é algo interessante: eu preciso ter minhas [próprias] atitudes antes de colocar no negócio."

O levantamento também mapeou as empresas emergentes —ou seja, que estão começando a implementar práticas ESG de forma mais robusta. Elas representam 21,5% do mercado brasileiro.

O comportamento desse perfil, segundo a pesquisa, indica um processo de transição sustentável. São instituições que já entendem o tema em suas dimensões ambiental, social e de governança, mas ainda têm dificuldades em aplicar no negócio.

Os extremos são minoria na pesquisa. Apenas 6,8% das instituições financeiras são engajadas e veem a sustentabilidade como parte da estratégia.

No polo oposto, o perfil desconfiado é o que possui menor presença, correspondendo a 4,2% do mercado financeiro do país. Estão nessa categoria empresas que veem a sustentabilidade com ceticismo e potencial entrave para o desenvolvimento do negócio.

Takahashi diz não se surpreender com a existência de uma parcela de desconfiados. "Eu, pessoalmente, achei que o perfil desconfiado ia ter um número maior, porque muitas empresas pensam 'poxa, eu incorporo os fatores ESG, mas como fica o meu dever com o investidor em entregar o retorno que ele espera?'"

Na visão dele, a perspectiva é de que a sustentabilidade cresça de forma acelerada no setor. Primeiro porque os temas socioambientais vêm ganhando relevância no mundo corporativo, mas também em função das agendas regulatórias empenhadas por entidades financeiras.

"Vemos o Banco Central bastante envolvido com o assunto, e também o BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], a CVM [Comissão de Valores Mobiliários]... Temos o engajamento dos stakeholders de mercado e, na outra ponta, o investidor olhando cada vez mais para o assunto", afirma Takahashi.

"Ainda que o Brasil não tenha a quantidade de produtos que verificamos em mercados como Europa e Estados Unidos, nem o mesmo volume de recursos indo para investimentos sustentáveis, esse fenômeno também vem acontecendo aqui. Então, sem dúvida nenhuma, veremos o tema ganhar mais relevância."
Thiago Bethônico

Especialistas indicam temas essenciais em ESG

Justiça climática, saúde mental e inteligência de dados são apostas sobre o que vai nortear as discussões em 2022

SÃO PAULO O ano de 2021 marcou a entrada do ESG (sigla em inglês para os princípios ambientais, sociais e de governança) no vocabulário corporativo. Entre o entusiasmo de uns e a desconfiança de outros, o termo ganhou destaque no mundo dos negócios —e deve permanecer em alta ao longo de 2022.

A pedido da **Folha**, especialistas fizeram suas apostas sobre temas essenciais na pauta sustentável neste ano.

De justiça climática a saúde mental, passando por descarbonização e inteligência de dados, as análises apontam para um amadurecimento da discussão sobre ESG. Confira a lista completa.

Divulgação

CARLO PEREIRA
diretor-executivo da Rede Brasil do Pacto Global

DISCUSSÃO SERÁ MENOS SOBRE CARBONO E MAIS SOBRE PESSOAS E AMBIENTE

Clima é um tema que vai continuar em alta, sobre isso não há dúvidas. Mas um assunto que deve crescer é a justiça climática. Se analisarmos o papel histórico dos países em desenvolvimento, eles não contribuíram tanto para as mudanças climáticas quanto os países desenvolvidos.
É desse entendimento que nasce a ideia de responsabilidade comum (de todos), porém diferenciada. Observando o ranking de emissões per capita, por exemplo, vemos que mesmo a China não é um emissor de gases de efeito estufa tão importante assim. Em 2020, ela ficou na 39ª posição [segundo levantamento da Statista] —sendo que, em emissões absolutas, o país está em primeiro lugar.
Então é o cidadão chinês que tem de emitir menos ou o europeu que precisa emitir muito menos e perder o seu conforto? Dentro dessa discussão, há também a questão dos efeitos climáticos. Alguns países já estão sofrendo muito por um problema que não foi provocado por eles, e justiça climática é um assunto complexo. Em 2022 nós vamos falar menos de mitigação e mais sobre pessoas e meio ambiente.

Arquivo pessoal

VANESSA PINSKY
pesquisadora da USP e especialista em ESG

SAÚDE MENTAL VAI SER UM DOS MAIORES DESAFIOS PARA AS COMPANHIAS

O pilar social da agenda ESG será o grande desafio das empresas em 2022, em especial a parte de gestão de pessoas, com os temas de bem-estar e saúde mental. Essa foi uma das questões destacadas por Larry Fink, diretor-executivo da Black Rock, em sua mais recente carta direcionada ao mercado, na qual ele chama a atenção para os riscos na relação entre empregadores e funcionários. A saúde mental e a forma como as companhias lidam com seus funcionários são o novo paradigma do mundo do trabalho.
Esse é um tema emergente, e o fato de Larry Fink o ter colocado como uma das prioridades mostra o quão central está se tornando para o mercado de capitais. Inclusive, desde janeiro deste ano, a síndrome de burnout passou a ser classificada como um fenômeno ligado ao trabalho —não mais uma condição de saúde.
Por isso, empresas que não priorizarem programas de promoção e prevenção da saúde mental dos seus funcionários podem ser mais suscetíveis a problemas trabalhistas e de produtividade, com impactos financeiros para a organização.

Divulgação

FABIO ALPEROWITCH
fundador da Fama Investimentos, gestora de fundos com foco em ESG

EMPRESAS VÃO DESPERTAR PARA A LITIGÂNCIA CLIMÁTICA COMO UM FATOR DE RISCO

Em 2022, veremos mais casos de litigância climática ocorrendo no mundo e mais companhias com medo de serem processadas por seus impactos ambientais.
Algo semelhante já aconteceu com a Shell. No ano passado, um tribunal distrital em Haia, na Holanda, decidiu a favor de ecologistas e ordenou que a petrolífera cortasse suas emissões de carbono em 45% até 2030.
Contudo o tema não deve ser tão forte no Brasil. A Justiça brasileira ainda não tem capacidade para atuar frente a esse tipo de processo climático —o que não significa dizer que o país não será impactado por eventuais desdobramentos.
Hipoteticamente, um produtor rural estrangeiro que teve sua produção afetada pela falta de chuvas pode acionar algum tribunal internacional para processar o governo brasileiro pelo desmatamento na Amazônia.
Acredito que ainda não veremos pessoas processando empresas. Mas pode ser o caso de governos, instituições e ONGs começarem a fazer isso.

Gabriel Cabral/Folhapress

NELMARA ARBEX
líder de ESG da consultoria KPMG

INTELIGÊNCIA DE DADOS ESG SERÁ FUNDAMENTAL PARA A ESTRATÉGIA DOS NEGÓCIOS

Os aspectos ambiental, social e de governança têm cada vez mais impacto sobre o sucesso ou não de um negócio, o que engloba sua capacidade de acessar capital, definir riscos reputacionais, atrair talentos e ganhar competitividade.
Por ser um assunto imprescindível, executivos e conselheiros vão demandar dados ESG de suas companhias para tomar decisões estratégicas.
Tais informações precisam ter qualidade e, para isso, vão exigir arquitetura inteligente para coleta de dados, gestão qualificada e sistemas auditáveis.
O chamado ESG Data Intelligence será um dos temas mais críticos para a elevação da agenda no nível estratégico dos negócios.
Em 2022, o tema estará, definitivamente, no topo da lista das lideranças.

Divulgação

MARIANA OITICICA
chefe da área de ESG e investimento de impacto do BTG Pactual

DESCARBONIZAÇÃO VAI ABRIR NOVAS OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS

Com o Acordo de Paris e a COP26, diversas empresas assumiram compromissos relacionados à redução de gases de efeito estufa.
Por isso, em 2022, muitas oportunidades de negócios estarão ligadas a esse tema.
Para cumprir com as metas firmadas, as companhias precisarão fazer investimentos. A estimativa é que, só neste ano, mais de US$ 2,5 trilhões (R$ 13,5 trilhões) sejam investidos em descarbonização —valor que, em 2021, ficou próximo de US$ 1 trilhão (R$ 5,4 trilhões). Ou seja, tudo indica que o assunto vai ganhar ainda mais tração.
A descarbonização envolve o uso de tecnologias, que vão desde a mitigação dos impactos ambientais até a maior eficiência energética.
Sendo assim, o tema abrirá oportunidades de mercado em 2022, tanto para as tecnologias que já estão maduras —e que vão poder ser comercializadas em larga escala— quanto para as startups que estão apostando em novas ferramentas e estratégias.

Divulgação

MAURÍCIO COLOMBARI
sócio da empresa de consultoria e auditoria PwC

METAS ESG ESTARÃO SOB MAIOR ESCRUTÍNIO

Para evitar o greenwashing (a propaganda enganosa verde), é esperado que as organizações que assumiram compromissos socioambientais detalhem o plano de trabalho para atingi-los, incluindo pessoas responsáveis, metas intermediárias e ações imediatas.
Embora os temas ESG venham ganhando importância na agenda dos executivos, pesquisas feitas pela PwC indicam que a pauta ainda é vista como algo de longo prazo —e muitas vezes colocada em segundo plano.
Além disso, na maioria das vezes, as metas estabelecidas não estão relacionadas à estratégia da companhia, tampouco vinculadas ao plano de remuneração dos executivos. Diante desse cenário, as promessas corporativas estarão sob maior escrutínio, e as empresas serão pressionadas a divulgar como vão cumprir com seus compromissos.

Transição energética rumo à descarbonização tem que ser justa

OPINIÃO

Rodrigo Tavares
Fundador e presidente do Granito Group, professor de Sustainable Finance na Nova School of Business and Economics. Nomeado Young Global Leader pelo Fórum Econômico Mundial, em 2017

Em 2022, Portugal, Coreia do Sul, Costa Rica, Colômbia, França e Brasil terão eleições. Em todos esses sufrágios, seja por conveniência ou por convicção, despontará o tema da transição energética —a passagem de uma matriz energética focada nos combustíveis fósseis para uma de baixo carbono, baseada em fontes renováveis.

Sem espanto, a discussão será marcada por dois grupos. No primeiro participam todos aqueles que acham que a descarbonização é o grande desígnio nacional e deve ser acelerada para enfrentar as alterações climáticas, o nosso maior desafio civilizacional. A prioridade exclusiva deve ser dada a ações de mitigação e adaptação a essa crise ambiental.

Os integrantes do segundo grupo são céticos por natureza. Rejeitam qualquer responsabilidade humana, alegando que as alterações climáticas são naturais e cíclicas.

A leitura do segundo grupo é errada, enquanto a do primeiro é parcial.

O debate eleitoral e os compromissos das empresas deveriam residir, alternativamente, no objetivo da transição justa. A descarbonização do planeta e a transformação das nossas economias devem ser concretizadas tendo em consideração os efeitos laborais e sociais da transição. Ninguém pode ficar para trás.

Em um país como o Brasil, abundante em bifurcações étnicas, encastelamentos econômicos e monopólios regionais, a descarbonização da economia pode levar à aceleração dessas clivagens ou, se for feita de forma sistêmica e justa, à sua gradual atenuação.

A transição justa é mencionada no Acordo de Paris e está integrada ao cardápio orçamentário da União Europeia. Na Cúpula do Clima da ONU em 2019, meia centena de países se comprometeram a apoiá-la. Mas o imperativo ainda não faz parte da narrativa das empresas ou é uma prioridade política a nível nacional.

Em Portugal, o programa eleitoral do Partido Socialista, atualmente no poder e colocado em primeiro lugar nas pesquisas de opinião, não menciona a transição energética justa uma única vez. O enfoque está na redução das emissões de GEE (gases de efeito estufa) e no aumento do peso das energias renováveis na produção de eletricidade. Com eleições neste domingo (30), os portugueses já puderam assistir à espantosa soma de 32 debates na TV entre os vários líderes partidários sem que o tema das alterações climáticas fosse elevado a prioridade nacional.

No Brasil, as maiores empresas, como Petrobras, Vale ou Ambev, já assumiram compromissos com a agenda do clima e com o Acordo de Paris. Mas a transição justa ainda é negligenciada.

As maiores empresas internacionais de petróleo —BP, Chevron, ExxonMobil e Shell—, que serão severamente afetadas pela transição energética, viram sua capitalização combinada encolher 40%, de US$ 980 bilhões (R$ 5,4 tri) para US$ 570 bilhões (R$ 3,1 tri) na última década.

Por outro lado, as empresas de energia que se adaptaram a uma transição justa, como Enel, Iberdrola ou a NextEra, valorizaram-se em 200% no mesmo período (dados da McKinsey). Como exemplo, a Enel defende em um manifesto disponível no seu site que a mudança de paradigma de todo o sistema energético tem que ser inclusiva.

Para que a descarbonização seja viável, políticas públicas e corporativas não podem ser só guiadas por dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e hexafluoreto de enxofre —o quadrunvirato dos gases de efeitos de estufa. Pautas correlatas, como capacitação de mão de obra, educação, geração de emprego, inclusão social, democratização do acesso à tecnologia ou reconversão industrial devem ser igualmente priorizadas.

Se os efeitos adversos das alterações climáticas extravasam a arena ambiental, também a sustentabilidade ambiental sem inclusão social ou justiça econômica se torna insustentável. Uma visão sectária da descarbonização levará ao aumento da desigualdade social, à desesperança de trabalhadores, à queda na produtividade e a eventuais distúrbios laborais e civis. Afetará a competitividade das empresas.

Estudos da OCDE, da ONU e da OIT enfatizam a viabilidade da transição justa, com um ganho econômico direto de US$ 26 trilhões (R$ 143,5 tri) até 2030 e um ganho líquido de 24 milhões de empregos até 2030. Uma transição justa pode ser um forno de oportunidades sociais e econômicas, servindo de motor de crescimento, gerando empregos verdes decentes e reduzindo a pobreza.

No Brasil, com cada vez mais frequência veremos políticos e empresas adotar o conceito de transição justa. Mas a formulação de programas eleitorais e corporativos deve incluir a contribuição daqueles que correm o risco de ser afetados adversamente pela descarbonização.

Na década de 80 o ativista americano Benjamin Chavis cunhou o termo "racismo ambiental" para se referir também à discriminação racial na elaboração de políticas ambientais. A maioria das vítimas de Brumadinho e Mariana era negra. A maioria dos brasileiros afetados pela descarbonização poderá ser negra.

Não podemos excluir ninguém da formulação de soluções para a inclusão.

626.643 mortes
País registrou 695 novos óbitos entre sexta e sábado

25.247.477 casos
Mais 207.316 infecções foram detectadas em 24 horas

Militares na Saúde cuidaram de contrato e distribuição falha de vacina infantil

Houve dispensa de licitação e repasse de orientação equivocada; ministério não comenta

Criança indígena de 11 anos recebe dose da vacina pediátrica da Pfizer contra o coronavírus, em São Paulo Carla Carniel - 17.jan.21/Reuters

Vinicius Sassine

BRASÍLIA Oficiais do Exército que seguem em postos estratégicos no Ministério da Saúde foram os responsáveis pela contratação da empresa sem experiência no SUS para a distribuição de vacinas pediátricas e por parte da confusão que ocorreu na distribuição das primeiras doses aos estados.

O general Ridauto Lucio Fernandes, que foi para a reserva do Exército ocupando uma patente de general de duas estrelas, precisou agilizar em dezembro a contratação da empresa responsável por transportar os frascos da vacina pediátrica da Pfizer.

Coube a ele dispensar a licitação, agir com "urgência", ser o ordenador da despesa e assinar os contratos.

Já o tenente-coronel Reginaldo Ramos Machado repassou orientação aos estados que esteve no cerne de parte da confusão causada na distribuição dos primeiros lotes das vacinas infantis.

Machado, segundo relatos feitos à **Folha**, orientou a busca dos imunizantes diretamente nos aeroportos e afirmou que não era atribuição da empresa contratada transportar as doses até as centrais de armazenamento locais. O Ministério da Saúde não respondeu aos questionamentos da reportagem.

Fernandes e Machado estão em postos-chave na gestão do ministro Marcelo Queiroga (Saúde), mesmo após a saída dos militares que comandaram a pasta nos piores momentos da pandemia da Covid.

O general Eduardo Pazuello, que foi secretário-executivo e ministro da Saúde de abril de 2020 a março de 2021, militarizou pelo menos 20 postos de natureza técnica, atendendo a uma diretriz e a um desejo do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Pazuello é investigado por suspeita de crimes na crise de oxigênio no Amazonas, quando pacientes morreram asfixiados em janeiro de 2021; foi acionado por improbidade administrativa na Justiça, por ter prejudicado o combate à pandemia com o retardamento da compra de vacinas, segundo o MPF (Ministério Público Federal); e teria cometido outros crimes, conforme a CPI da Covid no Senado.

Demitido, o general foi abrigado em cargo de confiança no Palácio do Planalto. Foi o mesmo destino de seu ex-braço direito no Ministério da Saúde, coronel Elcio Franco Filho, a quem cabia as negociações para compra de vacinas. Franco também teria cometido crimes na pandemia, segundo o relatório final da CPI.

A saída de Pazuello e a chegada de Queiroga não puseram fim à militarização do Ministério da Saúde. O general Ridauto Fernandes ganhou o cargo de diretor do DLOG (Departamento de Logística em Saúde), área por onde passam os principais contratos da pasta.

Pazuello levou Fernandes ao ministério para ser inicialmente assessor do DLOG, em janeiro de 2021, no momento em que o diretor era Roberto Ferreira Dias, um nome do centrão com força no governo Bolsonaro.

Menos de dois meses depois, Fernandes ganhou o cargo de assessor especial de Pazuello, exercendo uma influência direta nos rumos do Ministério da Saúde.

Com a demissão de Pazuello e de Dias, este último por suspeita de cobrança de propina em um mercado paralelo de negociação de vacinas, o general assessor virou diretor do DLOG, em julho de 2021. Passou a ser o responsável pelos principais contratações do ministério.

Enquanto o ministro da Saúde adotava medidas no fim do ano que postergaram o início da vacinação de crianças de 5 a 11 anos contra a Covid-19, Fernandes tentava viabilizar uma contratação sem licitação para o transporte das doses pediátricas.

Um parecer da AGU (Advocacia-Geral da União) apontou falta de justificativa para a dispensa de licitação; disse ser temerário o prazo de até cinco anos previsto para os contratos; cobrou análise de custos de entregas anteriores, para definição dos preços; e identificou defasagem das quantidades a serem transportadas.

Mesmo assim, o general ratificou a dispensa de licitação e os mesmos termos contestados, após notas técnicas de seu departamento afirmarem que houve um cumprimento das recomendações feitas pela consultoria jurídica junto ao ministério.

Fernandes cobrou urgência em dois ofícios. Um deles foi confeccionado em 21 de dezembro. No dia seguinte, o general publicou a dispensa de licitação e assinou dois contratos com a IBL (Intermodal Brasil Logística), no valor de R$ 62,2 milhões, para armazenamento e transporte de 100 milhões de doses da vacina da Pfizer, a uma temperatura de -90°C a -60°C.

A IBL não havia tido experiências com o transporte de vacinas no SUS.

As primeiras entregas foram marcadas por problemas como atraso de voos, falta de equipes em aeroportos, desacerto sobre quem deveria transportar os imunizantes até os depósitos dos estados, condições impróprias de armazenamento e supercongelamento de doses.

Uma orientação do tenente-coronel Reginaldo Machado contribuiu para a confusão. Ele é diretor do Departamento de Gestão Interfederativa e Participativa do Ministério da Saúde. O militar não chegou ao cargo pelas mãos de Pazuello, mas pelas de Nelson Teich, que não ficou nem um mês no cargo de ministro.

Machado chegou ao cargo em maio de 2020 e permanece. Foi ele quem, segundo relatos feitos à reportagem, orientou a busca das doses de vacinas pediátricas diretamente nos aeroportos.

A orientação do tenente-coronel contraria especificações em documentos que embasaram a contratação da IBL. Cabe à empresa assegurar o transporte às centrais de armazenamento, como indica o próprio Ministério da Saúde.

A pasta chegou a admitir um "desencontro" na distribuição das vacinas. Em nota, o ministério afirmou que superintendências da pasta e secretarias estaduais de saúde foram mobilizadas para o transporte a partir dos aeroportos e que isso "acarretou um desencontro".

"A pasta ressalta que a orientação para as entregas dos imunizantes é a de praxe: a empresa contratada faz o transporte", disse o ministério.

Antes de cuidar da gestão interfederativa no Ministério da Saúde, Machado foi por seis meses, no primeiro ano do governo Bolsonaro, diretor de Obtenção de Terras e Implantação de Projetos de Assentamento do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

O Ministério da Saúde afirma que a contratação da IBL seguiu os procedimentos legais necessários e que os contratos assinados estão de acordo com o que preconiza o parecer jurídico.

A IBL ofertou o menor preço e houve análise dos custos de entregas anteriores, mas "não há preços para comparação", por se tratar de doses de vacinas a serem mantidas e transportadas entre -90°C e -60°C, segundo o ministério.

Um processo de fiscalização, ainda em análise, investiga as falhas ocorridas na entrega de vacinas pediátricas, conforme a pasta.

A IBL diz que os serviços de distribuição e acondicionamento das vacinas estão ocorrendo com altos padrões de segurança, que foram exigidos no chamamento público com dispensa de licitação.

"Estamos mantendo, durante as operações, um contingente considerável de profissionais do mais alto gabarito, a postos para garantir o atendimento de quaisquer demandas. Todas as etapas sob a nossa responsabilidade foram cumpridas com excelência, sem qualquer prejuízo ou risco à qualidade das vacinas", afirma.

Segundo a empresa, não houve comprometimento da integridade das vacinas por perda de temperatura.

R$ 62,2 milhões
valor dos contratos com a IBL (Intermodal Brasil Logística) para armazenamento e transporte de vacinas

100 milhões de doses
da vacina pediátrica da Pfizer devem ser armazenadas e transportadas pela empresa, a uma temperatura de -90°C a -60°C

Governo de SP determina que alunos mostrem comprovante de imunização contra Covid

Laura Mattos

SÃO PAULO Nova resolução da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo determina que estudantes da rede estadual apresentem comprovante de vacinação contra a Covid. As regras da retomada das aulas, que foram publicadas neste sábado (29) no Diário Oficial, preveem que alunos sem imunização não podem ser impedidos de frequentar a escola.

Mas, se a documentação não for apresentada em até 60 dias, deverá ser feita notificação ao Conselho Tutelar, ao Ministério Público e às autoridades sanitárias.

O comprovante de vacinação será exigido de alunos a partir de cinco anos, faixa já contemplada pela vacinação contra a Covid. No segundo bimestre, os responsáveis legais pelos estudantes terão de apresentar o comprovante de vacina com as duas doses ou um atestado médico que contraindique a vacinação.

De acordo com a autorização da Anvisa, crianças de cinco anos podem tomar apenas a vacina da Pfizer. A partir dos 6, há, também, a liberação para o imunizante da Coronavac.

À **Folha** o secretário de Educação, Rossieli Soares, ressaltou que os estudantes sem imunização devem ser liberados para assistir às aulas presenciais. "Jamais proibiremos a criança de frequentar a escola. Se os pais ou responsáveis forem negacionistas, a criança não tem culpa", disse.

"Por isso estamos determinando que a carteira de vacinação da Covid-19 seja apresentada ao fim do primeiro bimestre pelos pais e responsáveis, pois, caso eles não a apresentem, devem ser responsabilizados", afirmou.

A cobertura vacinal de adolescentes de 12 a 17 anos já atingiu 89,3% no estado de São Paulo, com as duas doses. No caso das crianças de 5 a 11 anos, que começaram a ser vacinadas em janeiro deste ano, 12% estão imunizadas com a primeira dose.

A nova resolução da secretaria determina também que as aulas devem ser presenciais em todas as escolas, públicas e privadas.

De acordo com o documento, somente estudantes com comorbidade para a Covid-19 que ainda não estiverem imunizados podem seguir em ensino remoto, desde que apresentem atestado médico.

A resolução mantém protocolos de segurança, como uso de álcool em gel, máscaras, aferição de temperatura e higienização de ambientes e das mãos. Estudantes contaminados devem ser afastados e aqueles com quem tiveram contato, monitorados.

Gilmar envia pedido de apuração contra Queiroga à PGR

O pedido para que o ministro da Saúde seja investigado devido à instabilidade no sistema de dados do ministério foi feito pelo PT. Desde o ataque hacker no início de dezembro, a pasta tem tido dificuldade para atualizar números relativos à pandemia. Agora, caberá ao procurador-geral da República, Augusto Aras, afirmar se a solicitação da sigla faz sentido e se Queiroga deve ser investigado

cotidiano

Lícia Albuquerque e suas duas filhas, Giovanna, 5, e Liz, 1; a mãe está em dúvida se deve levar as crianças para a escola devido à alta de infecções de Covid Ricardo Borges/Folhapress

Pais e escolas se preparam para volta às aulas presenciais

Explosão de casos de Covid assusta famílias, mas retorno é também festejado

Isabella Menon e Isabela Palhares

SÃO PAULO Em meio ao avanço da variante ômicron no Brasil, o retorno às aulas presenciais gera preocupações. Por um lado, os pais relatam medo da infecção. Ao mesmo tempo, reconhecem que o isolamento prejudicou o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Para a maioria, não há alternativa se não mandar os filhos para a escola, já que os pais trabalham de forma presencial. É o que acontece com Iraci Alexandre de Almeida, 38, que trabalha em uma fábrica de roupas e mora na Brasilândia, zona norte de São Paulo.

"Tenho medo, mas preciso mandar porque não tenho outra saída. Entregamos nas mãos de Deus", diz ela, que é mãe do Hugo, 9, e Manoella, 1.

O mais velho, que estuda na rede pública, já tomou a primeira dose da vacina contra a Covid e retorna para a escola na semana que vem, enquanto a caçula passa o dia na creche.

A social mídia Licia Albuquerque, 33, tem duas filhas, Giovanna, 5, e Liz, 1 e vive com a família em Duque de Caxias (RJ). O início das aulas da mais velha, na rede privada, está previsto para 7 de fevereiro, mas os pais ainda não sabem se vão levá-la logo no início ou esperar alguns dias após receber a primeira dose.

Giovanna, diz a mãe, adora ir para a escola e ficou animada quando soube do retorno às aulas presenciais. No período de isolamento, ela precisou de terapia. Na hora de tomar uma decisão, a falta que o colégio faz à filha, no entanto, se mistura ao medo da doença.

"A gente sabe que o número de crianças graves é pequeno, mas mãe não precisa de vários casos para ficar com medo, basta um", diz Albuquerque.

Já a bióloga Kelly Montanare, 36, é mãe de Pietra, 10, e Sarah, 5. As duas retornaram às aulas nesta semana, também da rede privada, em São Paulo. Como a caçula tem síndrome de Down e o pulmão mais sensível, ficou dois anos afastada das aulas presenciais.

A mãe afirma que está tranquila com a ida das meninas ao colégio e confia que, assim como ela, tanto os pais dos outros alunos quanto a escola seguem os protocolos de segurança.

Apesar de o isolamento ter resguardado as filhas do vírus, elas sofreram consequências. "A Sarah regrediu no desenvolvimento da fala, e a parte emocional da Pietra ficou muito abalada", relata a mãe. Com o retorno às aulas, no entanto, ela afirma que já nota melhora no desenvolvimento.

Para Renato Kfouri, pediatra e diretor da Sbim (Sociedade Brasileira de Imunizações), apesar da alta de casos, falta das aulas presenciais traz um risco bem maior ao desenvolvimento dos pequenos.

Kfouri descarta ainda o raciocínio de alguns pais que pensam em esperar 15 dias após o filho ser vacinado com a segunda dose da vacina para então ir à escola. "É bobagem. Se a criança receber a vacina da Pfizer [com intervalo maior entre as doses], vai retornar só em abril? Não faz sentido."

A fala do médico vai ao encontro da visão da Opas (Organização Pan-Americana da Saúde). A entidade refuta a ideia de que seja necessária uma alta taxa de vacinação contra a Covid-19 entre as crianças para o retorno às aulas.

De acordo com levantamento da Unesco em 24 de janeiro, a maioria dos países do mundo estão com as escolas abertas. Ao todo, 135 estão com aulas presenciais. A organização destaca que países como Canadá, França, Reino Unido e Itália implementaram testes rápidos em massa nas escolas.

No Brasil, não existe uma política de testagem semelhante. Quanto à vacinação, as escolas têm se organizado para realizar um mapeamento, perguntando se os alunos se vacinaram contra a Covid-19.

Entretanto, apenas seis estados anunciaram que vão solicitar o cartão de vacinação aos estudantes para checar as doses contra o coronavírus, ainda que a falta de imunização não seja um impeditivo para frequentar as aulas na rede estadual. São eles Bahia, Ceará, Pará, Paraíba, Piauí e São Paulo.

Em São Paulo, até o momento, a maioria dos colégios particulares decidiu não cobrar o comprovante da vacina da Covid aos alunos. A exigência só vale para os professores e funcionários. É o caso do colégio Bandeirantes, na Vila Mariana, na zona sul da capital.

Outras escolas decidiram que vão fazer uma consulta às famílias para identificar os vacinados, como o Colégio Anglo São Paulo, na região central da capital. Vinícius de Paula, coordenador da unidade, afirma que, ao identificar alunos não vacinados, fará um trabalho de convencimento com as famílias.

No Colégio Santa Cruz, no Alto de Pinheiros, na zona oeste, onde as aulas começaram na quarta (26), a direção também decidiu fazer uma enquete para identificar o nível de cobertura vacinal entre os alunos. "Todos os funcionários foram vacinados e apresentaram o comprovante. Para os alunos não podemos obrigar, mas recomendamos fortemente", diz o diretor, Fabio Aidar.

Para este ano letivo, a direção não vai mais aceitar que alunos usem máscaras de pano. Todos devem usar máscaras do tipo PFF2, N95 ou cirúrgica. "Estudos comprovaram que a máscara de pano não é segura. Entendemos que as famílias devem se adequar às recomendações científicas para nos ajudar a ter um ambiente mais seguro."

Para a rede municipal de ensino, a prefeitura de São Paulo informou que as unidades escolares solicitaram a carteirinha de vacinação durante a matrícula, mas a falta de apresentação não impede que o estudante frequente as aulas.

Já a rede estadual decidiu determinar que os alunos apresentem o comprovante de vacinação contra Covid a partir dos cinco anos.

Nenhum estudante será barrado, segundo a gestão, mas, se a documentação não for mostrada em até 60 dias, deverá ser feita notificação ao Conselho Tutelar, ao Ministério Público e às autoridades sanitárias.

> “A gente sabe que o número de crianças graves é pequeno, mas mãe não precisa de vários casos para ficar com medo, basta um
>
> **Licia Albuquerque**
> mãe de Giovanna, 5, e Liz, 1

> É bobagem [esperar completar o ciclo vacinal para ir à aula]. Se a criança receber a vacina da Pfizer [com intervalo maior entre as doses], vai retornar só em abril? Não faz sentido
>
> **Renato Kfouri**
> pediatra

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Apaixonada por viagens, sempre tinha a mala pronta

MARIA ALARCON MARTINS (1928-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO Era com muito bom humor que Maria Alarcon Martins levava a vida. Engraçada, comandava a bagunça nas reuniões de família e fazia todos rirem.

No Natal, era tradição dos familiares trocarem presentes no amigo-secreto, e Maria fazia questão de organizar a brincadeira tirada no papelzinho. Ela sempre dava um jeitinho para um parente tirar o outro. Na hora da revelação, a família percebia a coincidência e caía na risada.

"Ela era muito engraçada. Você olhava assim pra ela e via aquela vozinha, pequeninha, mas não fazia ideia do tanto de besteira que essa mulher falava", afirma Fabiana Martins, neta de dona Maria.

Pilar da família, sempre cuidou de todos e era uma cozinheira de mão cheia. "O pãozinho era o símbolo dela. Desde pequenininha [eu lembro que] a gente sentava à mesa e ela dava o pãozinho pra gente", lembra a neta. A bala de coco era outra das suas especialidades.

Maria também tinha mão boa para cuidar de plantas. Em sua casa, tinha um jardim cheio delas. Gostava também de ganhar e presentear as pessoas com um vasinho. Se alguém chegava com uma planta morrendo, ela logo passava a mão e cuidava.

Outra coisa de que Maria gostava muito era viajar. Não recusava convites para pôr o pé na estrada e, por isso, sempre tinha uma malinha de reserva já pronta com uma muda de roupa caso o convite chegasse. "Eu achava engraçada essa malinha dela, ela já deixava pronta porque dizia: 'vai que alguém passa e me convida'", diz a neta.

Sobre sua infância, Maria preferia não falar, e a família respeitava. Os parentes consideram, inclusive, que a história dela começou de fato quando casou. "Meu avô que a salvou de toda a situação que ela passava", conta Fabiana.

O casamento durou mais de 60 anos, e eles moravam em Monte Santo de Minas, no sudoeste de Minas Gerais. Dona Maria teve oito filhos, sendo que um "não vingou" —morreu no parto—, como ela dizia.

"Minha avó passou por muita coisa, ela teve câncer, AVC, já caiu. Nos despedimos dela umas oito vezes, mas ela sempre voltava. Dessa última vez foi estranho ela não ter voltado", afirma a neta.

No último dia 20, Maria Alarcon Martins morreu, aos 94 anos, por complicações depois de uma pneumonia. Ela deixa sete filhos, 12 netos, quatro bisnetos, muitas noras, genros e netos de consideração.

SHLOSHIM

LISETTE LEVY Domingo (30/1) às 11h, Cemitério Israelita do Butantã, Jardim Educandário, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Doutora em ciência da literatura, Danieli Christovão Balbi, 32, trabalha na Comissão da Mulher da Assembleia Legislativa do RJ Ricardo Borges/Folhapress

Professora trans encara jornada em busca de identidade

Primeira docente trans da UFRJ passou por cirurgia de redesignação sexual com o apoio de amigos e alunos

VIDA PÚBLICA

Havolene Valinhos

SÃO PAULO Contrariando estimativas educacionais desfavoráveis e os gargalos de políticas públicas para a população trans, Danieli Christovão Balbi, 32, concluiu mestrado e doutorado em ciência da literatura, títulos que a alçaram ao cargo de primeira docente trans da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde atuou durante dois anos.

Até julho do ano passado, foi professora substituta na Escola de Comunicação Social da UFRJ. Hoje, ela, que é professora concursada da rede estadual e está licenciada do cargo, atua na Comissão da Mulher na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Também é dramaturga e roteirista.

A afirmação de gênero da professora passou por enfrentamentos em diversas áreas, começando pela saúde. Deparou-se com profissionais desinformados sobre os procedimentos a que o público trans tem direito. Relata, ainda, ter sofrido preconceito ao tentar realizar a cirurgia pelo SUS.

"Precisei acionar a Secretaria de Saúde. Então foi um processo pedagógico até para os funcionários do posto."

Danieli conta que no posto de saúde uma enfermeira tentou demovê-la da ideia de fazer o procedimento médico porque seria, segundo a profissional, uma "mutilação".

A professora diz que já estava fazendo acompanhamento psicológico e com endocrinologista, para a hormonização, na rede pública.

"Durante a vida sofri pequenas transfobias, aquelas cotidianas, muitas em relação ao pronome. Na transição entre o mestrado e o doutorado, tive depressão e, com o incentivo de amigos, decidi iniciar esse processo, pois a minha disforia de gênero era intensa."

Em 2016, ela entrou em um centro cirúrgico para realizar o procedimento de redesignação sexual. Não tinha mais condições emocionais para esperar na fila do SUS pela cirurgia, determinante para seu bem-estar.

Contou com ajuda de uma vaquinha com doações de amigos, alunos e familiares. Recorreu, ainda, a empréstimos para obter o total necessário, mais de R$ 40 mil, na época. "No ano da cirurgia, vivia com a bolsa do doutorado em ciência da literatura."

"Sempre fui a Dani, participava do conselho universitário, tinha voz ativa, mas signos como a vestimenta e a documentação não me acompanhavam. Até a graduação, eu adotava um visual andrógino."

Até então, ela não havia feito a mudança no registro civil. A professora conta que, no final de 2015, entrou com pedido judicial para mudança de nome e de gênero em seus documentos, mas a juíza concedeu apenas a alteração do nome, alegando que o gênero não poderia ser mudado, uma vez que ela não tinha feito a redesignação.

"No final de 2017, ganhei a ação em segunda instância e, poucos dias depois, o STF julgou favoravelmente pela desburocratização para todos."

Sua amiga, Tainá Turri, conta que, na época da cirurgia, moravam em uma república e que Danieli não comentava muito sobre o assunto. "Ela fez tudo sozinha. Praticamente soube que ela faria o procedimento no dia."

Danieli recebeu doações de amigos e de professores da UFRJ para fazer a cirurgia. "A Dani não comentou nada com a gente, mas ficamos sabendo da vaquinha pelas redes sociais e resolvemos apoiá-la com uma rifa", diz o estudante de biomedicina Paulo Nunes, 22, um dos alunos do Colégio de Aplicação da UFRJ, onde Danieli foi professora.

"Ela sempre foi uma pessoa sensacional, uma professora muito atenciosa", continua ele. "Não se tratava só de uma questão estética, mas da essência de uma pessoa. Ela tem que se olhar no espelho e se sentir feliz."

Brenda Ferreira Nunes, 41, trabalha no Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont, em São Paulo Karime Xavier/Folhapress

Cursos e cotas tentam amenizar drama de exclusão

SÃO PAULO Para tentar suprir o vácuo educacional no qual muitas pessoas trans estão inseridas, pipocam pelo país iniciativas como cursos de capacitação e programas de cotas em universidades.

Em São Paulo, a prefeitura criou o projeto Reinserção Social Transcidadania, que conta com 510 bolsas com auxílio financeiro, como uma das maneiras de enfrentamento à exclusão do público trans.

Segundo a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, 1.200 pessoas já foram atendidas. O programa prevê que a pessoa possa concluir o ensino fundamental ou o médio em dois anos. Cada beneficiário recebe uma bolsa de R$ 1.272,60.

A articuladora social Brenda Ferreira Nunes, 41, foi uma das beneficiadas. Concluiu o ensino médio, fez cursos de camareira e auxiliar administrativo e "mudou de vida". "Hoje me sinto gente, parte da sociedade, uma humana de verdade", diz ela, que trabalha no Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont.

As prefeituras de Belém e Recife têm projetos similares.

Entre as universidades federais do país, a Federal do ABC foi a primeira a instituir uma porta de entrada específica para trans em sua graduação. Das cerca de 2.000 vagas ofertadas por meio do Sisu (Sistema de Seleção Unificada), 1,6% é destinada para pessoas que se identificam como transgênero, transexual ou travesti. **Emerson Vicente e Tatiana Cavalcanti**

Adams Carvalho

Bolovo no copo Stanley

Talvez me falte fibra ou me sobre ingenuidade, mas costumo ir com a maré

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

O Galhardo perguntou no grupo qual era a minha opinião sobre o copo Stanley. Percebi, pelo tom do meu amigo, que não era questão de opinião, mas de posicionamento. O Ted e o Gustavo logo enviaram memes e textões, mas nem vi: quis descobrir por mim mesmo o que era o tal copo Stanley, quais significados sócio-gastronômico-culturais ele traria em seu bojo e o que tais significados revelariam sobre a situação da humanidade e do Brasil na terceira década do século 21.

Pela enxurrada de ocorrências no Google, dei-me conta de que talvez fosse o único brasileiro a desconhecer o copo Stanley. Na possibilidade, porém, de haver por aí mais gente alienada no que tange à evolução das técnicas potabílicas, explico. Trata-se de um copo térmico americano que mantém a cerveja gelada por mais de dez horas e o café quente por quatro —não ao mesmo tempo, espero.

A bronca de muitos, compreendi, é porque neste verão o pacote vini, vidi, vici topzêra das redes sociais incluiu, além de peito e bunda e bíceps e tanquinho e picanha e ioga e barco, o copo Stanley. É, enfim, um copão ostentação. Tipo o fone de ouvido, uns anos atrás. Só que um fone de ouvido orna mais facilmente com uma foto, digamos, na rua. Quem sai na rua com um copo? A turma do copo Stanley. E fotografa. E posta no Instagram.

Tem gente que é visceralmente contra os modismos. "Saco, esse bolovo! Sempre existiu bolovo, ninguém dava bola pro bolovo, agora tem guia do fim de semana com ranking de melhor bolovo, palhaçada!" "Desde quando essa cópia chinesa de Rider ficou famosa?! Que que tinha de errado com as Havaianas?! Ou com o próprio Rider?!" "Ridículo esse Adam Driver! Só porque é feio, todo mundo acha cool, não dá mais pra ver um filme americano sem o Adam Driver, é que nem o Ricardo Darín na Argentina!"

Admiro os que estão aí nas trincheiras da autenticidade, sempre tentando revelar o interior das novidades ocas. Talvez me falte fibra, talvez me sobre ingenuidade, mas costumo ir com a maré. Provo o panetone salgado. Tento o beach tennis. Confesso, sem nenhum pudor —mas para o horror da minha mulher— que comprei aquela chinela chinesa colorida, imitação de Rider. (Recomendo muito e recomendo mais ainda que se discuta a questão, antes da compra, com o/a cônjuge. Afinal, ele/a será o/a calçante passivo/a das suas sandálias.)

Verdade, há modismos que devem mesmo ser combatidos como o fervor de um Aldo Rebelo querendo proibir "sale" nas vitrines —e não me refiro à bobagem de proibir "sale" nas vitrines, só ao fervor do deputado. Rebatizar picolé como "paleta mexicana" e cobrar o dobro foi uma ideia cretina. Já o temaki e a tapioca, felizmente, vieram para ficar. Muito embora as palavras "temakeria" e "tapioqueria" e tudo o mais terminado em "ria" não me façam rir nem um pouquinho. Outro dia, no aeroporto de Congonhas, mudei de cadeira para não ficar de frente pro luminoso de uma, acredite, "Cuscuzeria".

O Drummond tem uma crônica antimodismos intitulada "Em ida, em ada", na qual reclama que ninguém mais dorme, só "dá uma dormida", ninguém mais caminha, só "dá uma caminhada". O tempo deu uma passada, Drummond deu uma morrida, a língua deu uma incorporada no modismo, que virou só mais uma das muitas formas de nos expressar (ou dar uma expressada).

Já encomendei meu copo Stanley, Galhardo. Quando chegar, te digo o que acho e prometo não instagramar —o que não deixa de ser, claro, uma forma ainda mais boboca de ostentação.

|DOM. Antonio Prata |SEG. Marcia Castro, **Maria Homem** |TER. Vera Iaconelli |QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques |QUI. Sérgio Rodrigues |SEX. Tati Bernardi |SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Transportes sobre trilhos avançam pouco no Brasil

Extensão, em km

964 (2012) · 1.003 (2014, Copa do Mundo) · 1.034 (2016, Olimpíada) · 1.116 (2020)

Principais inaugurações

Ano	Inaugurações
2012	**Fortaleza:** metrô (linha sul); **Porto Alegre:** metrô (1ª etapa)
2013	**Porto Alegre:** aeromóvel
2014	**SP:** monotrilho (15-Prata) e trem; **Rio:** metrô (estação); **Salvador:** metrô (linha 1); **Porto Alegre:** metrô (2ª etapa); **Sobral (CE):** VLT
2015	**Salvador:** metrô (linha 1); **Baixada Santista:** trecho do VLT
2016	**RJ:** metrô (linha 4) e VLT (linha 1); **Salvador:** metrô (linha 2)
2017	**SP:** metrô (5-Lilás); **Rio:** VLT (linha 2); **Salvador:** metrô (linha 2); **Baixada Santista:** VLT; **Maceió:** VLT
2018	**SP:** trem (13-Jade), metrô (5-Lilás e 4-Amarela) e monotrilho (15-Prata); **Salvador:** metrô (linha 2); **Fortaleza:** VLT
2019	**SP:** monotrilho (15-Prata) e trem (13-Jade); **Rio:** VLT (linha 3)
2020	Pandemia paralisa expansão da rede, mas algumas obras continuam

Pandemia derrubou à metade número de passageiros transportados

Por dia, em milhões

6,8 (2012) · 9,0 (2019) · 4,6 (2020)

Fonte: ANPTrilhos

Metrôs nas capitais*

Na mesma escala

São Paulo **104 km** · Rio de Janeiro **57 km** · Fortaleza **44 km** · Porto Alegre **43 km** · Brasília **42 km** · Recife **37 km** · Salvador **33 km** · Belo Horizonte **28 km**

Capitais sem metrô, mas com VLT ou trens urbanos

Natal **56 km** · Maceió **35 km** · João Pessoa **30 km** · Teresina **14 km**

*As linhas em cinza representam os perímetros das capitais
Fonte: governos e empresas locais

Brasil ampliou em só 11% rede de trens e metrô desde a Copa

Avanço em linhas urbanas no período foi de 113 km, quase o equivalente à distância de São Paulo a Sorocaba (SP)

RIO DE JANEIRO, SALVADOR, BELO HORIZONTE, RECIFE E FORTALEZA Quase oito anos se passaram e o Brasil pouco avançou em sua rede de transportes sobre trilhos. Desde a Copa do Mundo, em 2014, o país expandiu suas linhas urbanas em 11%, ou 113 km, quase o equivalente à distância entre São Paulo e Sorocaba (SP).

Hoje a malha de metrôs, trens, monotrilhos e VLTs se estende por 1.116 km em todo o território nacional, próximo do que acumulam duas cidades chinesas sozinhas, Pequim e Xangai, e o mesmo que uma viagem entre Rio de Janeiro e Brasília.

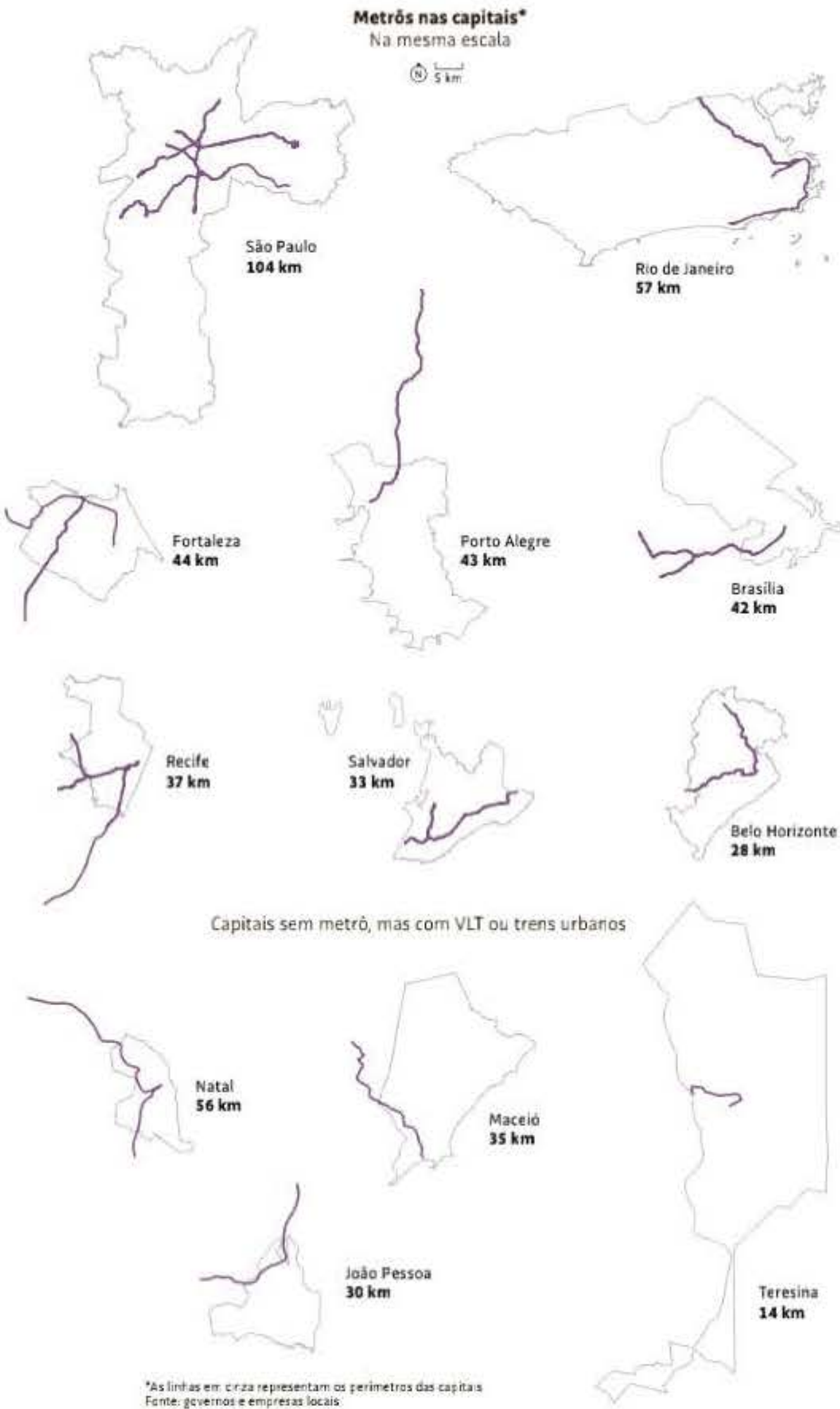
"É pouco. O crescimento da nossa rede é muito acanhado se comparado à demanda que temos", diz Joubert Flores, presidente do conselho da ANPTrilhos (Associação Nacional dos Transportadores de Passageiros sobre Trilhos), que reúne os dados até 2020.

Nesse período, os trilhos se alongaram a um ritmo de 2% (ou 19 km) ao ano, em média. Puxaram esse número para cima a Copa de 2014, a Olimpíada no Rio de Janeiro em 2016 e expansões importantes em São Paulo em 2018, como nas linhas 5-Lilás e 4-Amarela.

Na maioria das capitais, o metrô ainda é uma realidade distante, como em Manaus e Curitiba, para ficar nas que abrigam mais de 1 milhão de habitantes. Além da expansão lenta, as 12 capitais que possuem rede metroviária convivem com projetos que nunca saíram do papel, obras paradas, vagões lotados, passagens caras e linhas ineficientes ou que não cobrem as periferias.

A classe A é a que mais anda de metrô proporcionalmente: 9% diziam usar o sistema em 2017, contra 6% na classe B, 3% na classe C e 1% nas classes D/E, segundo pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT). Naquele ano, só 6% dos deslocamentos no país eram feitos por trilhos.

Em Salvador, Trem do Subúrbio foi desativado depois de 160 anos Fotos Rafaela Araújo/Folhapress

Ferrovia na capital baiana era usada por pescadores que trabalham na baía de Todos-os-Santos

A pandemia ainda derrubou a demanda e fez o setor viver sua maior crise em 2020, acumulando um déficit de R$ 8 bilhões só com tarifas e congelando as inaugurações. O metrô de Salvador, por exemplo, ainda carrega 30% menos passageiros do que em 2019.

O governo baiano foi alvo de críticas ao desativar o Trem do Subúrbio da cidade, que funcionava havia 160 anos com tarifa de R$ 0,50. O modal será substituído por um monotrilho já atrasado, imposição do único consórcio de empresas chinesas a participar da licitação, e com custo de R$ 4,10.

"O transporte de trilhos tem maior capacidade de fazer a integração de cidades fragmentadas. Ele precisa ser entendido como um instrumento de combate às desigualdades", defende o urbanista Daniel Caribé, um dos coordenadores do Observatório de Mobilidade soteropolitano.

O estado argumenta que o sistema precisava ser modernizado. "O trem era antigo, não tinha peças para reposição, quebrava com frequência", afirma Grace Gomes, superintendente da secretaria de Desenvolvimento Urbano.

Salvador foi uma das capitais que mais aumentou sua malha depois da Copa, com a construção das duas primeiras linhas de metrô e sua ampliação até os 33 km atuais.

O Rio de Janeiro foi outra, com expansões e a construção da linha 4, que liga a zona sul à Barra da Tijuca, além de três linhas de VLT. Mesmo assim, os jogos deixaram canteiros inteiros de obras paradas.

Recife, Brasília e Porto Alegre são algumas das capitais que quase não avançaram desde 2014. Na primeira, uma estação criada nas proximidades da Arena de Pernambuco, na região metropolitana, acabou subutilizada depois dos eventos.

A capital gaúcha parou as inaugurações em 2014, após entregar três estações de metrô e um aeromóvel até o aeroporto. O DF só abriu duas de suas 24 estações no período.

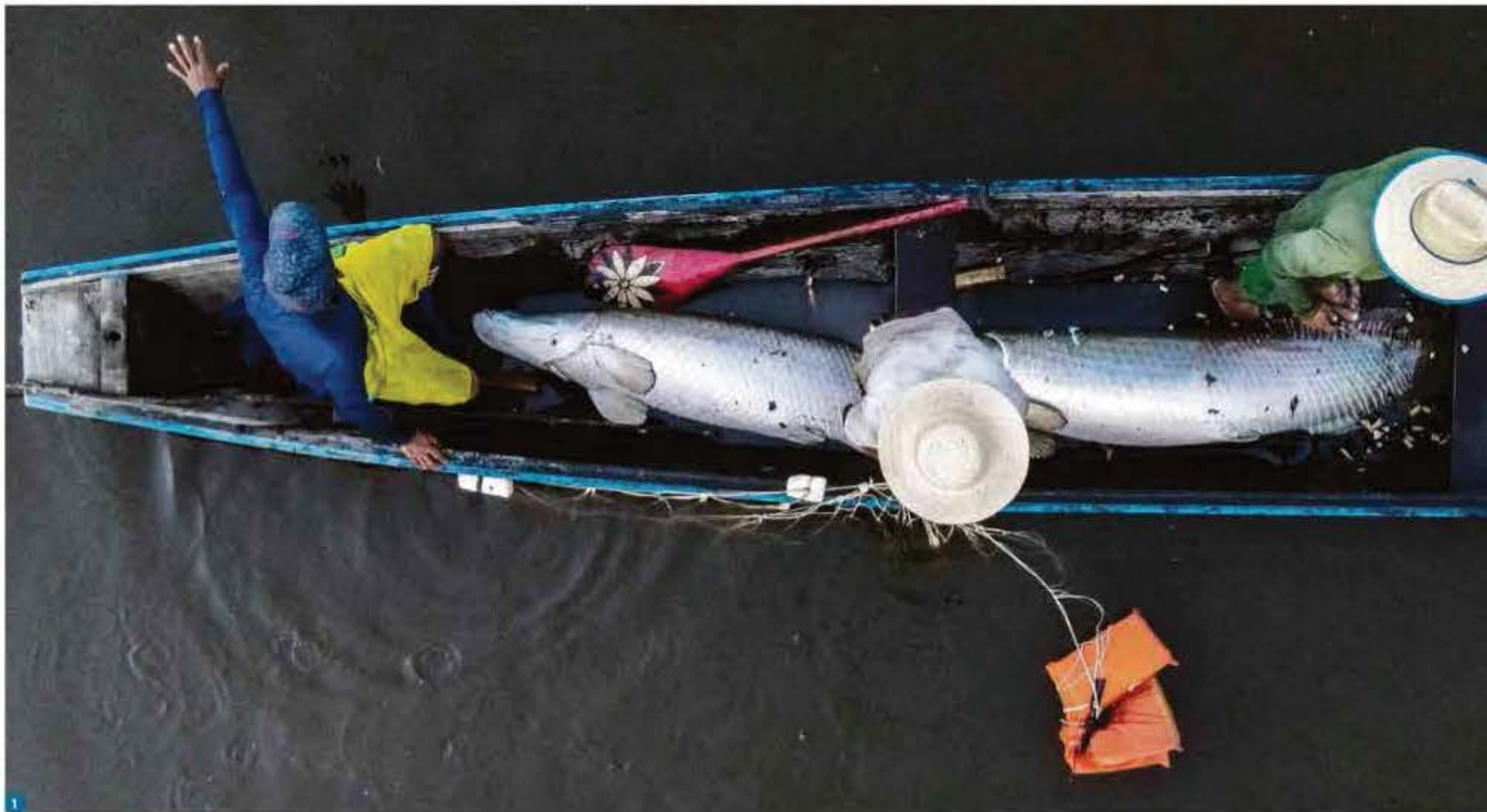
Em Belo Horizonte, o encalhe é mais antigo. A única linha de metrô tem o mesmo tamanho (28 km) há 20 anos.

Fortaleza chegou a ganhar um VLT de 13 km no bojo das ações para a Copa, no entanto ele veio com dois anos de atraso e até hoje funciona em período de teste, sem cobrança de passagens.

Teresina depende de um pequeno sistema de VLT, de 14 km, mas não tem data prevista para pôr em prática projetos de modernização e expansão.

João Pessoa, Natal e Maceió têm sistemas operados pela empresa federal CBTU. A capital potiguar aguarda obras de duas novas linhas que pretendem ampliar a malha de 56 km para 84 km.

A ANPTrilhos e o CNT agora têm trabalhado por um marco regulatório no setor, nos moldes do que foi feito no saneamento básico, para atrair empresas privadas. **Julia Barbon, João Pedro Pitombo, Leonardo Augusto, José Matheus Santos e Ideídes Guedes**

1

Amazônia sob Bolsonaro

Povos do Amazonas garantem renda ao preservar o pirarucu

Pesca do maior peixe de escamas de água doce do mundo só é feita uma vez por ano; com manejo adequado e redução da atividade predatória, população do animal cresceu 425%

Fabiano Maisonnave e Eduardo Anizelli

MÉDIO JURUÁ (AM) Acampados à beira do rio Xeruá, afluente do Juruá, os denis se dividem e se multiplicam em diversas atividades antes de partir em busca do mítico pirarucu. Rápidos e de bom humor, pescam aruanãs, pacus, piranhas e tucunarés para as refeições, armam redes sob barracas de lona, constroem a escada para vencer o barranco, ajustam as malhadeiras, revisam as rabetas (motores de barco de baixa potência) e reforçam o flutuante.

À sua maneira, os denis são um dos povos do Médio Juruá que aderiram ao manejo do pirarucu, cadeia produtiva que une organização social, controle do território, exploração racional de recursos naturais e geração de renda.

Longe dos garimpos e das frentes do desmatamento, essa vasta região conectada por 650 quilômetros do sinuoso rio Juruá aposta no pirarucu e em outras cadeias produtivas para viver bem com a floresta em pé. Um arranjo que envolve cerca de 35 mil pessoas, espalhadas por 5 milhões de hectares, segundo estimativa do Instituto Juruá.

A transformação começou com a demarcação das terras indígenas e das reservas extrativistas, enterrando a ameaça de expulsão de suas casas e as relações de trabalho análogas à escravidão. Outra consequência foi a redução da pesca predatória realizada por grandes barcos vindos de Manaus.

Até um passado recente, os denis viviam acossados pelos donos de seringais, seringueiros, pescadores, madeireiros e comerciantes. As doenças trazidas pelos homem branco provocavam tragédias sucessivas. No início dos anos 1990, eles quase deixaram de existir por causa da tuberculose e do sarampo.

A situação só passou a melhorar após 2003, com a demarcação do território de 1,5 milhão de hectares entre os rios Juruá e Purus. Hoje a população estimada é de cerca de 2.000 pessoas.

"Antes da demarcação, não tinha mais peixe nem pirarucu em nenhum dos lagos porque o branco tinha tomado o nosso rio", diz o presidente da Aspodex (Associação do Povo Deni do rio Xeruá), Pha'avi Hava Deni, 25.

"Quando teve demarcação, resgatamos o pirarucu, a caça, porque a gente faz preservação. Tem área que a gente não caça nem pesca. Por isso que hoje estamos de boa."

O manejo de pirarucu também é feito pelos ribeirinhos do Juruá. Em trajetória semelhante à dos denis, trabalhavam em situação análoga à escravidão para donos de seringais e madeireiros, que grilavam terras ou obtinham posse de enormes áreas de terras públicas a preço de banana.

Com a ascensão do movimento seringueiro amazônico, liderado por Chico Mendes (1944-1988) e outros nos anos 1980, começa a criação das reservas extrativistas. Na região, há duas: a Resex (Reserva Extrativista do Médio Juruá), federal, criada em 1997, e a RDS (Reserva de Desenvolvimento Sustentável) Uacari, estadual, de 2005.

Cada atividade ocorre em determinada época do ano. A pesca do pirarucu se dá uma vez por ano, no período da vazante, por volta do mês de setembro, e envolve uma logística complexa.

Concentrados em lagos, os pirarucus, após capturados, precisam ser levados até um grande barco com gelo, no rio Juruá. Dali, seguem para Carauari, depois Manacapuru e Manaus —via fluvial, a capital está a 1.540 km de distância. Uma parte da produção já chega a grandes cidades do país, incluindo São Paulo.

Nos denis, o projeto começou a ser estruturado a partir de 2009, com apoio da Opan (Operação Amazônia Nativa). Uma das primeiras etapas da iniciativa foi realizar a contagem de quantos pirarucus existiam no território, processo repetido anualmente.

A técnica, criada por ribeirinhos da região de Mamirauá, em Tefé (AM), consiste em contar o pirarucu quando ele sobe à superfície —a sua respiração é branquial e aérea. A contagem é feita por etapas em todo o lago, em ciclos de 20 minutos, o intervalo máximo entre duas "boiadas".

O contador precisa também diferenciar os pirarucus adultos dos juvenis (os chamados bodecos), de até 1,5 metro, cuja pesca é proibida. Maior peixe de escamas de água doce do mundo, o pirarucu pode chegar a 200 kg e 3 metros.

Na contagem mais recente, no ano passado, o território dos denis somava cerca de 3.300 pirarucus, em lagos divididos em três categorias previstas pelo protocolo: uso comunitário, manejo do pirarucu e vetado à pesca.

Em 2021, os denis pescaram cem pirarucus em pouco mais de dois dias. O número precisa ser autorizado pelo Ibama, que permite a pesca de até 30% do estoque nos lagos manejados. Fora do manejo, a pesca está proibida.

A reportagem acompanhou a pesca de 2021, da qual participaram quatro das cinco aldeias da região do Purus. Por causa das distâncias, elas se reúnem em um grande acampamento entre os lagos e a foz do Xeruá, onde um barco com gelo aguarda o pirarucu.

A mesma vazante que deixa o pirarucu concentrado nos lagos também dificulta a navegação. No período acompanhado pela reportagem, o "cano" (conexão entre lago e rio) para chegar ao lago Abelha Velha tinha apenas alguns centímetros de água.

A ida durou uma hora e foi relativamente tranquila, com exceção dos vários tucunarés que voavam para dentro do barco. O problema foi voltar com as canoas abarrotadas do peixe gigante. Em média, cada um pesava 61 quilos. Mas o animal recorde de 2021 chegou a 110 quilos e 2,24 metros de comprimento.

Os denis se viram então obrigados a sair da canoa para arrastá-la sobre o leito quase seco, arriscando-se a pisar em uma arraia. Algumas viagens de volta duraram quatro horas e só chegaram quando a noite já havia caído.

A alguns quilômetros dali, na RDS Uacari, a logística era relativamente mais fácil. O lago do manejo estava próximo do rio. Um quadriciclo rebocava os peixes até o barranco.

Para descer até o barco, onde o pirarucu era eviscerado e colocado no gelo, foi construído um escorregador de madeira. A força é tanta que um deles rompeu a parede e foi parar no porão do barco, onde está o motor.

Toda a produção do manejo no Médio Juruá é comprada pela Asproc (Associação dos Produtores Rurais de Carauari). Fundada em 1991 por ribeirinhos com forte apoio da Igreja Católica, ela tem sido a grande responsável pelo ciclo virtuoso da região.

À época, o objetivo principal era superar décadas do sistema de aviamento, pelo qual o seringueiro se endividava com o patrão ao trocar a borracha por produtos vendidos a valores exorbitantes. Também lutavam para a criação de reservas extrativistas, para afastar a insegurança fundiária dos ribeirinhos.

Uma das medidas da Asproc foi criar uma rede de "cantinas", entrepostos de comercialização. Na RDS Uacari, por exemplo, uma sandália Havaianas é vendida por R$ 14,50, preço semelhante ao das grandes cidades.

O princípio do preço justo inclui também a compra da produção. No caso do pirarucu, a Asproc paga R$ 7 o quilo, o valor mais alto do Amazonas. No rio Purus, por exemplo, o preço é R$ 5,5/kg.

Além da renda, o manejo também ajuda na recuperação da população do pirarucu, assolado pela pesca desordenada. Em 11 anos de manejo, a população do pirarucu cresceu 425% na região, de acordo com o Instituto Juruá.

Uma das principais lideranças da região, o chefe da Resex Médio Juruá, Manoel Cunha, 58, afirma que o manejo do pirarucu reforçou o trabalho comunitário e, ao mesmo tempo, melhorou a renda dos ribeirinhos.

Continua na pág. B7

2

3

4

5

Entenda a série

A **Folha** publica neste domingo (30) o último capítulo da série de reportagens "Amazônia sob Bolsonaro", que mostrou as mudanças e as pressões na maior floresta tropical do mundo durante o atual governo e os desafios para mantê-la em pé. Os conteúdos anteriores do projeto, iniciado em março de 2020, estão disponíveis em folha.com/amazonia-sob-bolsonaro.

Pirarucu, o maior peixe de escamas de água doce do mundo

Com manejo adequado para pesca, população do animal cresceu 425%

Ilustração Catarina Pignato

1 Indígenas da etnia deni durante a pesca do pirarucu; **2** Vista aérea de local de pesca em uma lagoa formada pelo rio Xeruã; **3** Pirarucu é retirado da água; **4** Peixes são armazenados em Carauari; **5** Paisagem da cidade do Amazonas que tem, desde setembro, um frigorífico que compra toda a produção do manejo

Fotos Eduardo Anizelli/Folhapress

Continuação da pág. B6

"O manejo é uma atividade que não há possibilidade de fazer sem o coletivo", diz ele, que administra uma área de 287 mil hectares, onde vivem 524 famílias, incluindo a sua. Ali 90% participam do manejo do pirarucu, segundo Cunha.

"Isso começa a trazer a organização do grupo. Você mobiliza pessoas pelo bolso, do ponto de vista negativo ou positivo. Quando a lei de trânsito dá uma multa porque você atravessou o sinal vermelho, quer se mobilizar negativamente. O pirarucu mobiliza pelo lado positivo, você está fazendo um esforço que é ter sua comunidade organizada para ganhar mais dinheiro."

No caso dos denis, o dinheiro não é distribuído entre as famílias, mas depositado na conta da associação, que usa parte dos recursos para financiar o próprio manejo e guarda outra parte.

"O manejo funciona principalmente no fortalecimento do povo", afirma Leonardo Kurihara, coordenador de projetos da Opan. "É celebração, consolidação, reconhecimento da sua terra demarcada. A parte econômica está destinada ao fortalecimento da organização deles."

Nas unidades de conservação, os reflexos positivos foram medidos em pesquisa publicada em outubro pela revista acadêmica PNAS. O estudo compara as condições socioeconômicas de cem comunidades espalhadas por 2.000 km ao longo do Juruá.

Segundo o estudo, os moradores das reservas extrativistas têm mais acesso a serviços públicos, como saúde, escola e eletricidade, e a bens duráveis (geladeira, barco a motor) do que ribeirinhos de fora da unidade de conservação.

O resultado é que, enquanto apenas 5% dos moradores das reservas extrativistas querem migrar para a cidade, esse índice sobe para 58% entre os que vivem em áreas sem proteção.

"O Médio Juruá está se destacando porque tem uma ação muito forte de associações locais e parceiras que vêm manejando os recursos de forma eficiente", afirma o biólogo João Campos Silva, primeiro autor do artigo e presidente do Instituto Juruá.

"As unidades de conservação e terras indígenas catalisam uma série de ingredientes importantes: lideranças e associações fortes e múltiplos parceiros, sejam ONGs, empresas ou prefeituras", completa.

Com o início do governo Jair Bolsonaro (PL), a região sofreu um baque por causa do congelamento do programa Fundo Amazônia, formado principalmente por recursos doados pela Noruega. No passado, projetos, como o barco da Asproc que transporta o pirarucu dentro das normas sanitárias, haviam sido financiados pelo fundo. Hoje há cerca de R$ 2,9 bilhões parados.

"Foi horrível, absurdo. Nós tínhamos um projeto aprovado no último edital, concorrência pública, que tentava consolidar essa experiência que estamos fazendo", afirma Adevaldo Dias, 48, assessor da Asproc e presidente do Memorial Chico Mendes, sediado em Manaus.

"Tínhamos a ideia de construir uma fábrica de polpa de frutas, das frutas da floresta, e uma unidade de distribuição do pescado em Manaus. Hoje é uma dificuldade chegar lá, às vezes, não conseguimos nem espaço para essa produção mesmo alugando. Tem época que está tudo muito cheio", completa.

Sem o dinheiro do Fundo Amazônia, a Asproc usou os recursos do seu capital de giro para montar um frigorífico em Carauari, em setembro. Até então, todos os pirarucus precisavam ser levados para Manacapuru. Agora parte da produção já sai embalada e pronta para o consumo.

A associação também conta com vários apoiadores em projetos específicos, incluindo Usaid (agência oficial humanitária dos EUA), Natura, Coca-Cola, Petrobras, Opan, FAS (Fundação Amazonas Sustentável), entre outros.

"A solução dos problemas que a gente ouve no noticiário são as unidades de conservação, pensando a floresta, o meio ambiente e as famílias", afirma o presidente da Asproc, Manuel Siqueira, 45. "Aqui é o contrário do que se prega: unidade de conservação significa desenvolvimento", conclui ele.

Este projeto foi patrocinado pela Climate News, um site britânico de notícias climáticas

O novo normal e a velha amnésia

Tomar passado recente como base de comparação favorece pandemia e barbárie

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

Estamos de volta à média móvel de meio milhar de mortos diários por Covid. É possível que logo ressurja a cifra macabra de mil cadáveres por dia que ainda escandalizava o país seis meses atrás. Quantos ainda se chocam, porém?

Não é tanto assim, alguém poderia ponderar, afinal eram 3.000 mortos por dia em abril passado. A ômicron provoca doença mais "leve" (não é bem isso). Agora temos mais vacinas e menos internações. Ninguém aguenta mais a pandemia.

Tudo isso é verdade, em termos. Dependendo da interpretação que se atribua a tais fatos e números, a atitude das pessoas e autoridades pode variar em sentidos capazes de agravar ou arrefecer a progressão da pandemia.

A onda atual de infecções decorre da percepção de que a Covid estava sob controle no final de 2021. Natal e Ano Novo foram uma festa só. Todo mundo viajou para a Bahia, contaminando a si próprios e aos outros. Agora o Carnaval vem aí.

Não passa dia sem notícia de que alguém se infectou. Aqui mesmo em casa e na família o bicho pegou. A ômicron parece matar menos, mas, atingindo milhões, ceifará dezenas de milhares de vidas que poderiam ser salvas.

Por que tanta imprudência, então? Simples: seres humanos se acostumam a tudo. Diante da repetição de desgraças, a norma é esquecer progressivamente o tempo em que elas eram incomuns.

Na literatura sobre desastres ambientais, o fenômeno leva o nome de "síndrome das linhas de base móveis" (minha tradução para "shifting baselines syndrome"). Topei com o conceito num texto de David Roberts para a Vox, velho de mais de um ano, mas nem por isso menos valioso.

Exemplo clássico vem de recursos pesqueiros. Uma população de peixes superexplorada diminui no correr dos anos, limitando a captura de modo proporcional. Cada geração de pescadores toma a quantidade disponível no seu tempo como linha de base e não se dá conta do esgotamento em curso.

Com as mudanças climáticas em andamento ocorre algo semelhante na percepção das pessoas. Quem se dá conta de que verões extremamente quentes, como o atual, são 200 vezes mais prováveis hoje do que 50 anos atrás? Ninguém, diz Roberts.

A linha de base na cabeça de cada um, em matéria de meteorologia, toma por referência o que se viveu entre 2 e 8 anos antes, indicam estudos. Ora, os últimos 8 anos foram os 8 mais quentes já registrados desde 1880. Virou o novo normal.

Diante disso, fica difícil motivar as pessoas, inclusive as que conduzem as negociações internacionais sobre clima, a tomar as drásticas decisões necessárias para evitar mais catástrofes. Quando todos caírem na real, será tarde demais.

Climatologistas projetam que seria preciso cortar pela metade o consumo de combustíveis fósseis nos próximos oito anos e zerá-lo até 2050. Sem isso, países insulares serão varridos do mapa, ocorrerão mais incêndios como os do Pantanal e secas como a do Sul e enchentes trágicas como as da Bahia e de Minas Gerais...

Acredite quem quiser que seremos capazes de contornar esse megaproblema. Não conseguimos nem nos comportar diante da pandemia, contrabalançando com a fria sobriedade dos números nossa tendência psicológica natural a tudo relevar.

Aceitamos, sem esboçar reação, até as novas linhas de base da indecência ditadas pelos desmandos de Bolsonaros, Queirogas, Ciros, Guedes, Damares e caterva. Gente que sonega vacina para criança, diacho.

Pode até ser humano prostrar-se em face da barbárie, acostumar-se com o pior, como acontece em guerras cruentas e na fome abjeta. Não é o caso do Brasil — ainda.

DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | **QUA.** Atila Iamarino, **Esper Kallás**

Fogão a gás polui o ambiente até mesmo apagado, indica estudo

Raymond Zhong

THE NEW YORK TIMES Fogões a gás emitem quantidades importantes de metano quando estão sendo acesos e mesmo quando estão desligados, segundo um estudo recente que vem se juntar a uma discussão crescente sobre os efeitos que os aparelhos domésticos a gás têm sobre a saúde humana e a mudança climática.

Baseado em medições de fogões, fornos e grills usados em 53 residências na Califórnia, o estudo estimou que os fogões emitem na forma de metano não queimado, um potente gás causador do efeito estufa, entre 0,8% e 1,3% do gás natural que consomem.

Ao longo de um ano normal, três quartos dessas emissões ocorrem quando os aparelhos estão desligados, mostrou o estudo, o que sugere a possibilidade de vazamentos nas conexões nas casas ou nas ligações com o gás de rua.

O estudo estimou que ao longo de um período de 20 anos, as emissões de fogões nos Estados Unidos podem ter o mesmo efeito de aquecimento do planeta quanto o meio milhão de carros movidos a gasolina.

"As pessoas são muito apegadas ao fogão", disse Eric D. Lebel, cientista do instituto de pesquisas PSE Health Energy e autor do estudo, publicado na quinta (27) na revista Environmental Science & Technology. "Preparar comida num fogão a gás ou sobre uma chama aberta é algo muito próprio dos humanos."

Mas, segundo ele, cada vez mais evidências indicam que os fogões estão prejudicando a saúde e o clima.

Tradução de Clara Allain

ESPORTE AO VIVO | 16h São Paulo x Ituano Paulista, PREMIERE E PAULISTÃO PLAY | 17h05 Canadá x EUA Eliminatórias, ESPN 4 E STAR+ | 18h30 Sto. André x Corinthians Paulista, RECORD E PAULISTÃO PLAY

Renato Augusto

É agressivo e excessivo o que fazem com Neymar, ele apanha todos os dias

Meia do Corinthians diz que talvez não suportasse pressão vivida pelo atacante do PSG, com quem jogou a Copa do Mundo de 2018

ENTREVISTA

Klaus Richmond

SANTOS Renato Augusto, 33, chama a atenção dentro de campo pela capacidade de executar múltiplas funções e pela facilidade de leitura do jogo. Fora de campo, destaca-se de boa parte dos colegas pela franqueza com que aborda temas sensíveis, sem lançar mão de respostas prontas.

Se prefere não falar de questões políticas, por não julgar ter o conhecimento necessário, não foge de assuntos com os quais tem maior familiaridade. Por exemplo: a pressão enfrentada constantemente por Neymar, 29, seu velho companheiro de seleção.

"Eu acho muito agressivo, muito excessivo tudo o que fazem com o Neymar. No lugar dele, talvez não teria aguentado muita coisa que já aguentou. Eu o admiro muito pela força e pela pessoa que é", disse à **Folha**, referindo-se às críticas e ao escrutínio da vida pessoal do atacante.

Após cinco temporadas no Beijing Guoan, da China, o meia voltou em agosto e se tornou um dos principais nomes da campanha que, apesar das críticas, reconduziu o time alvinegro à Copa Libertadores.

É essa competição que ele trata como prioridade agora. A possibilidade de disputar a Copa do Mundo, no fim do ano, ele deixa para depois.

"Vou ser sincero: não penso em seleção. O meu sonho é ganhar a Libertadores. Isso, sim, pode me credenciar a uma possibilidade."

*

Fazia tempo que o Corinthians não tinha tantos nomes de peso. É por isso que a exigência tem sido alta, com críticas ao desempenho? A tendência é que neste ano possamos atingir um nível alto. Sabíamos que no ano passado não chegaríamos. Seria injusto cobrar isso. Mesmo assim, conseguimos fazer bons jogos, subir na tabela, classificar para a Libertadores. Então, neste ano, a tendência é deslanchar mais.

E por que acha que o Sylvinho é tão criticado? Considera justo? As críticas vêm muito de fora porque daqui temos total confiança no trabalho. É difícil dizer se são injustas porque o torcedor tem direito de tudo, mas a gente tem o nosso direito de estar no dia a dia e sentir que o trabalho está sendo bem-feito. Às vezes, queremos uma coisa muito imediata. Chegou, resolveu e acabou, mas tudo exige um processo. Outros clubes entenderam esse processo, como o Flamengo, que demorou um tempo para conquistar, e o próprio Atlético-MG. Acho que é natural isso, não podemos colocar a culpa em uma só pessoa.

Há semelhanças entre ele e Tite? Tem semelhança na forma de pensar o futebol, mas, ao mesmo tempo, tem o jeito dele e a forma dele de executar. Acredito que esteja no caminho certo, gosto bastante da forma como trabalha. Ele tem apoio aqui dentro. O Tite, antes de ser um grande treinador vitorioso no clube, pediram que fosse embora. Depois se tornou o que é hoje. Nada como o tempo para resolver pendências, para consolidar um trabalho.

Danilo Fernandes/FramePhoto/Agência O Globo

Renato Augusto, 33
Relevado pelo Flamengo, meia defendeu também o Bayer Leverkusen, da Alemanha, o Corinthians e o Beijing Guoan, da China. Disputou a Copa do Mundo de 2018, na Rússia, pela seleção brasileira e está, desde agosto do ano passado, em sua segunda passagem pelo Corinthians

E você mantém conversas com o Tite? Não falei com ele [desde o retorno]. Só nos esbarramos aqui um dia em que a seleção veio treinar, foi bem rápido. Nada de parte profissional, mais o pessoal. E só.

Ajuda o fato de a Copa ser em novembro? Você pensa nisso? Vou ser sincero: não penso em seleção. O meu sonho é ganhar a Libertadores. Isso, sim, pode me credenciar a uma possibilidade. Não posso dar um passo maior do que a perna, ou vou cair. O meu projeto era chegar e estar bem, agora quero pensar em coisas maiores, como um título de expressão. Se vier a seleção, quem não quer? Sempre amei estar ali, mas hoje o meu foco está no Corinthians.

Na Copa de 2018 você esteve com o Neymar, atuou com ele também na Rio-2016. Como vê as críticas, as pressões em cima dele? Eu não vi a série ["Neymar, o Caos Perfeito", da Netflix], mas eu acho que, de uma forma geral, está tudo ficando muito pesado. Na internet, as pessoas acabam chegando até você de maneira muito agressiva. Eu falo que esse moleque tem uma cabeça incrível porque ele apanha todos os dias.

Eu acho muito agressivo, muito excessivo, tudo o que fazem com o Neymar. No lugar dele, talvez não teria aguentado muita coisa que já aguentou. Eu o admiro muito pela força e pela pessoa que é. Felizmente, tive o prazer de ter jogado com ele, criado uma amizade. Isso é algo que vou contar para os meus netos: joguei com o Neymar. Torço muito por ele. Infelizmente, às vezes, não tratamos por aqui o ídolo da forma como outros lugares tratam. Pode chegar uma hora em que ele não vai mais aguentar, é um ser humano também.

A pressão é sempre forte também nos treinadores. Você, que se destaca pelo entendimento tático, pensa em se tornar um? Gosto da parte tática, mas não quer dizer que vou ser treinador. Eu percebi que não existe receita de bolo. Peguei muitos treinadores, de muitas nacionalidades. Existe a forma como pensa e conseguir implementar no grupo. O que mais vale é conseguir passar o que você pensa aos atletas. Acho que hoje eu não sei como fazer isso, montar tudo não é tão fácil quanto parece. Precisaria estudar bastante, pensar bastante. É uma possibilidade, sim, que me encanta.

Você parece sempre falar com franqueza. É possível fazer isso na parte política, externar sua opinião? Hoje, existem muitos formadores de opinião. Eu só acho que não sou um cara pronto para formar alguma opinião política. Não me vejo capacitado para tal. Então, não posso usar o meu alcance para falar o que eu acho e, daqui a um ano, achar outra coisa. As pessoas falam e não estão nem aí até onde isso vai chegar.

Não estamos conversando num bar entre amigos. Vamos falar sobre futebol, mais do que isso não sei se é justo com a pessoa que me segue. Mas respeito quem faz, cada um sabe o que pensa, o que acha melhor. É um fardo muito pesado você influenciar alguém. Tem que tomar cuidado com a agressividade nas redes sociais, tudo vira uma briga. Eu, particularmente, não gosto muito de expor quando não me sinto capacitado ao nível máximo. Eu amo basquete, vejo NBA, mas não me sinto capacitado para comentar sobre tática, por exemplo.

Canadá conta com exemplo das mulheres para ir à Copa do Mundo

Alex Sabino

SÃO PAULO A Associação de Futebol do Canadá resolveu encomendar um estudo em 2014. Era uma tentativa de mudar a situação não apenas do esporte no país, mas principalmente da seleção masculina. A feminina nunca foi problema.

Nas Eliminatórias para a Copa do Mundo daquele ano, a equipe foi eliminada após levar uma goleada por 8 a 1 contra Honduras.

O presidente da entidade, Victor Montagliani, abriu espaço para opiniões de torcedores. O que fazer? O resultado foi uma série de sugestões apoiada em quatros pilares: liderança técnica, desempenhos em campo de alto nível de forma consistente, medidas de governança e estímulo para que mais gente jogue futebol.

Oito anos depois, o Canadá está perto de um resultado histórico. Neste domingo (30), a seleção recebe os Estados Unidos como líder da fase final das Eliminatórias das Américas Central e do Norte. Na última quinta, vingou-se de Honduras e fez 2 a 0 fora de casa.

É possível que o time se classifique para o Qatar na próxima semana, com três rodadas de antecedência. Para isso, terá de vencer os Estados Unidos e El Salvador (rival na próxima quarta) e esperar que Panamá (14) e Costa Rica (12) não cheguem aos 16 pontos.

O Canadá tem só uma participação em Copas. Apesar de contar com elenco repleto de jogadores semiprofissionais, não deu vexame no México, em 1986. Perdeu as três partidas que disputou, mas deu trabalho a França, Hungria e União Soviética.

O futebol feminino é a referência da modalidade no país. Quarto colocado na Copa do Mundo de 2003, foi medalha de bronze em Londres-2012 e Rio-2016. Em Tóquio-2020, foi ouro.

Para elevar o patamar, o time masculino contratou o técnico inglês John Herdman, que comandou a seleção canadense de mulheres nos dois bronzes olímpicos.

Ir ao Qatar pode significar duas participações seguidas no Mundial. Em 2026, o Canadá será sede, ao lado de México e Estados Unidos. Por tradição, organizadores se classificam sem precisar jogar as Eliminatórias.

O Sergio Moro do apito

Colombiano Wilmar Roldán roubou a cena e fez de picadeiro o estádio de Quito

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A palhaçada do juiz Wilmar Roldán no insosso 1 a 1 de Equador e Brasil é digna de entrar para o Livro de Recordes.

Só o brasileiro Sergio Moro para concorrer com ele em matéria de decisões anuladas por órgãos superiores, o VAR no caso do colombiano, o STF no do magistrado de Maringá.

Verdade que em ambos os casos os recursos serviram para reestabelecer a justiça, porque, a exemplo das sentenças de um, as trapalhadas do outro puderam ser corrigidas, embora as do assoprador de apito não tenham causado os prejuízos insanáveis pagos pelo Brasil na eleição de 2018.

Também os distingue o fato de Roldán atuar de vermelho e Moro, de preto, como autêntico personagem dos filmes de Francis Ford Coppola.

É o que dá quando coadjuvantes trocam o apito pelo holofote, a toga pelas algemas.

Ao marcar dois pênaltis e expulsar duas vezes o goleiro Alisson, e ter de voltar atrás nas quatro decisões, o despreparado árbitro se suicidou publicamente no estádio Casa Blanca, transformado em picadeiro, na altitude de Quito.

Quem sabe Roldán tenha a desculpa da pouca oxigenação do cérebro causada pelo ar rarefeito da capital equatoriana, diferentemente das condições climáticas de Curitiba.

Ao menos ele transformou um jogo opaco em algo inesquecível pelas lambanças cometidas.

Como teria sido sem tantas idas e vindas jamais saberemos, mesmo que mais uma vez Tite tenha preferido a segurança à ousadia, ao tirar Philippe Coutinho quando da expulsão do estabanado lateral direito Emerson Royal.

A seleção brasileira vencia e marchava para mais um resultado positivo, apesar de jogar mal e de perder quase todas as disputas das bolas aéreas na defesa, falhas que acabaram por permitir o empate.

Mas a 31ª partida de invencibilidade nas Eliminatórias sul-americanas é comemorada, mais uma marca dessas inúteis a gosto do treinador, que iguala a campanha entre 1954 e 1993.

Não é nada, não é nada, não é nada mesmo, se a rara leitora e o raro leitor pensarem em qualidade de futebol.

Há que se dar o desconto dos 2.850 metros de Quito, do gramado duro e seco e da interferência caótica da arbitragem, o que não esconde o fato de o jogo apresentado pela seleção ser essencialmente chato, muito chato de se ver.

A ausência de Neymar colabora para que não se tenha nem sequer a expectativa de alguma jogada fora da curva, mesmo em se tratando de partida com ares de amistoso para os brasileiros já classificados para a Copa do Mundo no Qatar.

Ao causar gargalhadas, espanto e indignação em quem perdeu tempo ao acompanhar o desenrolar dos acontecimentos, mais no VAR do que em campo, Roldán, aliado ao horário das 18h, impediu o sono inevitável do torcedor.

De resto, está claro o problema de achar um lateral direito para não precisar recorrer novamente ao veterano Daniel Alves, assim como será ótimo se Guilherme Arana vier a se firmar na lateral esquerda.

Dos jogadores de linha, titulares indiscutíveis são, no máximo, quatro: Thiago Silva, Marquinhos, Casemiro e Neymar, prova de que há espaço para muitas experiências.

Daqui para 21 de novembro, data da abertura da Copa, temos menos de dez meses e poucos jogos para achar o time.

Que Roldán não vá ao Qatar, que Moro veja a Copa de volta a Washington, como advogado da empresa americana que tanto beneficiou, e que Tite ouse em nome da alegria.

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | **SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho** | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

A brasileira Jaqueline Mourão, que disputou Jogos de Tóquio no mountain bike, vai esquiar em Pequim Odd Andersen - 23.fev.21/AFP

Jaqueline Mourão chega a oito Olimpíadas e quer mais

Atleta de 46 anos atinge marca inédita na China e cogita competir até 2026

Daniel E. de Castro

SÃO PAULO Jaqueline Mourão era vista como uma participante "exótica" quando esteve nas Olimpíadas de Inverno pela primeira vez, em 2006.

Hoje, aos 46 anos, a esquiadora se vê melhor do que nunca em sua modalidade, o cross-country, e está a alguns dias de se tornar a primeira atleta a representar o Brasil em oito edições dos Jogos.

A mineira se destacou primeiro no ciclismo mountain bike antes de conhecer o esqui e se dividir entre as duas modalidades —viraram três quando ela incluiu o biatlo (esqui e tiro) em seu currículo.

Jaqueline já foi a três Olimpíadas de verão (2004, 2008 e 2020) e a quatro de inverno (2006, 2010, 2014 e 2018), num total de sete também alcançado por Robert Scheidt, Rodrigo Pessoa e Formiga.

Os Jogos de Inverno de Pequim-2022, com início na próxima sexta-feira (4), permitirão à esquiadora desempatar essa marca seis meses depois de pedalar em Tóquio.

Para ela, o feito inédito será obtido por uma pessoa comum, que perseverou mesmo sem nunca ter sido apontada como excepcional.

"Eu nunca fui considerada um talento esportivo, sempre tive que batalhar demais pelo meu lugar ao sol. Então, fico muito feliz com pessoas que se inspiram na minha história", disse, em entrevista à **Folha**, antes de sair do Canadá. A brasileira vive no país durante metade do ano.

"Tem a parte genética, de desenvolvimento do atleta, mas precisa querer demais, ter perseverança, aprender com os erros, saber perder e buscar vencer suas próprias marcas todos os dias. Todos esses valores me levaram a ter essas oito participações. Para mim, a marca significa isto: uma pessoa comum chegar a feitos inéditos", afirmou.

Ir a Paris-2024 no ciclismo está descartado, mas Milão-Cortina-2026, quando terá 50 anos, por enquanto é uma possibilidade. Ela ainda se vê em evolução na neve.

"Acabei de fazer minha melhor marca no estilo clássico, que se demora muito para aprender. Se eu conseguir chegar a Cortina, vai ser incrível", declarou. "Sempre vou um ano após o outro, escutando o meu corpo."

Em Pequim, aonde chegou no sábado, Jaqueline participará de três provas: 10 km clássico, velocidade livre e velocidade por equipes clássico.

Para a mineira, competir nas Olimpíadas de inverno tão pouco tempo depois de atuar nas de verão será a conclusão de um ciclo difícil. O período em que o calendário esportivo foi interrompido pela pandemia —justamente o que encavalou Tóquio-2020 e Pequim-2022— teve percalços.

"Sem objetivo olímpico, um atleta de alto rendimento fica com a sensação de 'o que está acontecendo?'. Acabei me dedicando muito mais e tendo overtraining [treinamento excessivo que leva à perda de performance]", recordou.

Ela ficou fora do Campeonato Mundial de mountain bike e das últimas etapas da Copa do Mundo em 2020 para recalibrar o corpo e buscar novos picos de performance. Agora, ainda que sem chances reais de brigar por medalha, chega a uma edição olímpica em uma situação diferente da que viveu em seu início na neve.

"No esqui, antes, era a Jaque exótica que estava indo para a Olimpíada. Na minha primeira, eu não sabia nem colocar o esqui nos meus pés. Precisava do meu treinador para tudo. Teve toda essa trajetória de sair dessa ideia de 'país exótico, Copacabana', que você escutava na linha de largada, para ser uma atleta competitiva, que está conseguindo pódio na América do Norte, em etapas continentais", disse.

Para ela, a luta não é exatamente contra as adversárias. O foco é fazer o melhor possível, sem se preocupar com as demais competidoras.

"No movimento olímpico, não é vencer, é a pessoa ser mais forte. Esse combustível me motiva muito. Sempre tentar fazer o meu melhor, representar o meu país da melhor maneira possível. E isso me basta", afirmou.

"Claro que eu gostaria de ganhar uma medalha, estar nesse nível, mas talvez tudo o que eu estou fazendo hoje inspire uma pessoa no Brasil a chegar à medalha no futuro."

Campeã do Australian Open, Barty encerra jejum de 44 anos do país

SÃO PAULO A longa espera da torcida australiana chegou ao fim neste sábado (29). Após 44 anos, uma tenista da casa voltou a vencer o Australian Open e fez a festa do público.

A número 1 do mundo, Ashleigh Barty, derrotou a norte-americana Danielle Collins por 2 sets a 0 (6/3 e 7/6) e conquistou o terceiro título de Grand Slam na carreira, o primeiro em seu país.

A última australiana campeã do torneio havia sido Chris O'Neil, em 1978, ainda nas quadras de grama do Kooyong Club. Ela esteve na arquibancada para acompanhar o feito da compatriota na quadra dura do Melbourne Park.

Barty, 25, já tinha chegado uma vez às semifinais (2020) e outras duas às quartas (2019 e 2021) do Australian Open. Neste ano, ela enfim conseguiu levar o tênis versátil que a credenciou como melhor tenista do mundo do começo ao fim do Slam, sem deixar nenhum set pelo caminho.

Até o jogo deste sábado, foram apenas 21 games cedidos em seis partidas, média de 3,5. Collins obteve quase o triplo na final e foi a única tenista que conseguiu deixar Barty desconfortável na quadra em algum momento, mas não por tempo suficiente para ter ao menos um set-point contra a campeã.

A australiana já soma 112 semanas na liderança do ranking, oitava maior marca da história e a segunda entre as atletas em atividade, atrás apenas de Serena Williams (319). Ela possui agora títulos em 3 dos 4 torneios do Grand Slam, cada um em uma superfície diferente, após as vitórias no saibro de Roland Garros (2019) e na grama de Wimbledon (2021). Falta-lhe apenas o US Open, também disputado no piso duro.

Ashleigh Barty fez a festa da torcida australiana em Melbourne Morgan Sette/Reuters

A entrega do troféu teve como convidada surpresa Evonne Goolagong, 70. A australiana conquistou um total de 14 troféus de Slam na carreira (sete deles em simples) e é tratada por Barty como uma referência dentro e fora das quadras. Ambas têm ascendência aborígene e são embaixadoras de temas ligados aos povos nativos do país.

"Este é um sonho tornado realidade para mim. Tenho muito orgulho de ser australiana. A parte mais importante deste torneio é poder compartilhá-lo com tantas pessoas, e vocês foram nada menos que excepcionais", disse a campeã na cerimônia de premiação.

Barty seguirá intacta na liderança do ranking, enquanto Collins fará sua estreia no top 10 aos 28 anos e será a melhor americana na atualidade.

Todos precisam de ajuda

Sylvinho, Tite e Ancelotti poderiam conversar e se auxiliar

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Não sei o que gosto mais de escrever: sobre a lógica, a compreensão do jogo e os detalhes técnicos e táticos ou sobre a incerteza e a dramaticidade de uma partida, que não tem enredo definido, como a vida. Procuro ter os dois olhares. Às vezes, eles não se entendem. Um quer ser mais importante do que o outro.

O empate por 1 a 1 com o Equador foi um jogo estranho, maluco, ruim, com quatro lances decisivos alterados pelo VAR e com dez jogadores de cada lado na maior parte do tempo. O árbitro quis compensar os erros, mas o VAR não deixou.

Marquinhos e Neymar fazem muita falta à seleção. Marquinhos e Thiago Silva formam uma das melhores duplas de zaga do mundo. A avaliação de que Thiago Silva joga muito bem no Chelsea porque a equipe atua com três zagueiros, e ele, com a idade mais avançada, fica mais protegido, não se sustenta, pois Thiago Silva brilha também na seleção.

Contra o Paraguai, na terça-feira, no Mineirão, Tite vai escalar novamente Coutinho, já que ele jogou só 30 minutos, por causa da necessária substituição do técnico, ou vai entrar com Paquetá, suspenso da primeira partida, que seria o substituto imediato de Neymar?

Não ficarei surpreso também se o treinador tirar um dos jogadores de lado, Vinicius Junior ou Raphinha, para dar lugar a Paquetá, mantendo Coutinho. Vinicius Junior precisa jogar mais vezes e em partidas seguidas pela seleção.

O jovem terá muitas dificuldades de repetir na seleção o que faz no Real Madrid, pois, no time espanhol, aprendeu com Ancelotti a jogar pelo lado, aberto, e também pelo meio, entrando em diagonal, para receber a bola atrás do meio-campo adversário, mais próximo ao centroavante, da área e do gol.

O Real joga com um trio no meio-campo, sem um meia ofensivo. Na seleção, como o time joga com dois volantes em linha, Casemiro e Fred, e um meia à frente dos dois (Neymar ou Coutinho ou Paquetá), o espaço atrás do meio-campo adversário é preenchido pelo meia ofensivo.

A solução para a seleção brasileira não é atuar como o Real Madrid, pois não há meio-campistas de alto nível, como Kroos e Modric, que atuam de uma intermediária à outra. Com três no meio-campo, Neymar teria de jogar pela esquerda e não sobraria para Vinicius Junior.

E ainda tem Paquetá para Tite arrumar um lugar ou mesmo Coutinho, se ele voltar a brilhar. São dúvidas e enigmas que Tite terá de resolver até a Copa. Deveria procurar ajuda, telefonar para Ancelotti, que ele tanto admira, para conversar sobre Vinicius Junior e outras coisas.

O Corinthians, na prancheta, tem o mesmo desenho tático do Real Madrid, com um trio no meio-campo, dois jogadores abertos e um centroavante. O time é muito estático, com cada jogador em sua posição, o que facilita para a marcação adversária.

Róger Guedes, pela esquerda, poderia, como na época de Atlético e como faz Vinicius Junior no Real, atuar pela ponta e também entrar pelo meio, em diagonal, para receber a bola atrás do meio-campo adversário, mais perto do gol e do centroavante.

O jovem Sylvinho, vibrante e estudioso, que foi auxiliar de Tite e que adora o "tités", deveria telefonar para o técnico da seleção para pedir ajuda. Sylvinho, Tite e Ancelotti poderiam conversar juntos, pelo menos por videoconferência. Um poderia ajudar o outro. Todos precisam de ajuda. Sugiro apenas que Sylvinho chame Paulinho de Paulinho, não de Paulo. Fica muito chato.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Pedro Mairal
folha.com/nossoestranhoamor

Banheiro compartilhado

Eu poderia ficar assim e deixar que tudo seguisse seu curso. Sei que existem decisões grandes, mas também o corpo vai escolhendo. O corpo sabe de coisas que nós não sabemos. O animal que somos sabe mais. Decide. Inclusive a história do camping foi assim. Delia e Filipa propuseram acampar. Eu tinha tomado vinho quando fizeram a proposta, achei que fosse ser divertido e acabei caindo num programa ridículo: irmos como mochileiras, nós três, à praia próxima a Indaiá. Aos 33 anos! Como mochileiras! Odeio acampar. Odeio mochila.

Fomos parar em uma pousada perto da praia, onde se podia montar a barraca no jardim. Tínhamos acesso a um banheiro compartilhado no térreo e à cozinha. Na primeira noite não dormi. A barraca era para duas pessoas. Nós três tínhamos que dormir meio de lado para caber. Filipa roncava um pouco. Me bateu angústia. O tapete de yoga não aplanava os desníveis da grama. Eu estava sobre um formigueiro, algo duro que sobressaía. Impossível.

Cada vez que eu ia ao banheiro, olhava o único quarto que havia ali no térreo, olhava a cama. Nela dormia um garoto, um hóspede. Teria lá seus 19 anos. Ele deixava a porta aberta. Os pais e as irmãs dormiam nos quartos de cima. Mas ele estava sozinho ali embaixo. Um quarto com cama grande, wifi, ar-condicionado e tomadas onde carregar o celular! Notei que ele me olhava quando nos cruzávamos. Tímido e lindo. Musculoso, de olhar límpido. Como você se chama? Marco. Oi, Marco, meu nome é Cynthia. Às vezes Marco pegava o violão do salão comum e tocava sozinho, cantando em voz baixa em uma espreguiçadeira na outra ponta do jardim. Não ia à praia. O tempo todo pedia desculpas. Cada vez que nos cruzávamos, meio que nos esbarrávamos no corredor estreito. Desculpa, desculpa. Um dia pedi emprestado o carregador de celular dele e depois o deixei em cima da cama. Outro dia entrei apressada para fazer xixi na volta da praia e ele estava tomando banho. Desculpa, desculpa, eu disse, não olha.

Na terceira noite em que eu estava na barraca sem conseguir dormir, me deu vontade de chorar, pensei em voltar sozinha; tentei dormir no carro. Havia mosquitos. Estava ficando sufocada. Fui ao banheiro às duas da manhã e cruzei com Marco na escuridão. Eu disse: Marco, preciso dormir em uma cama, só ocupo uma ponta, se não te incomodar. Acho que ele não entendeu, até que me viu entrar no quarto. Foi o meu corpo que entrou ali. Marco ficou parado e depois fechou a porta. Durmo só um pouco e depois vou embora, sussurrei. Está bem, ele disse, descansa. Sua ternura e a cama macia e o frescor do ar-condicionado, tudo isso me fez chorar. Como se alguém me abraçasse. Acho que por ser bem-educado ele quis me consolar pondo a mão nas minhas costas. Em um instante foi como se um ímã tivesse sido instalado. Nos grudamos. Eu não estava com ninguém fazia uns seis meses. O sem-vergonha sabia beijar, sabia transar. E parecia tão caladinho. Ele estava sem camisinha. Eu disse que estava tomando pílula, mas não era verdade. Foram três noites assim. Tínhamos que ser ultrassilenciosos, porque o quarto dos pais dele ficava bem em cima. Transávamos e dormíamos e voltávamos a transar. Eu escapulia cedo, entrava no banheiro, voltava para a barraca e fingia que nada tinha acontecido. A gente se cumprimentava ao se cruzar durante o dia sem nem sequer sorrir. Minhas amigas sabiam, mas ninguém mais suspeitou de nada. A mãe dele me olhou meio feio, mas por pura intuição, sem provas.

Isso foi em fevereiro. Dois meses, e não desce. Posso dizer que ele foi um doador, ou algo assim. Melhor ter sem um homem pesando na minha vida. Que tudo siga seu curso. Quem sabe nem faço o teste. Que cresça em mim. O corpo sabe. Eu sempre quis ter um filho.

Tradução de Livia Deorsola

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Tornar cada vez menos suportável e remediável **2.** As cerimônias de uma religião ou seita / Um avião de combate, como o "Tucano", da Embraer **3.** Rua ou travessa estreita / (Fig.) Capacidade para se manter em boa forma e atuarte em qualquer atividade **4.** (Fr.) Diz-se de vinho de cor intermediária entre o tinto e o branco / Encanto pessoal **5.** Arbusto ornamental, de pequenas flores brancas **6.** (Zool.) Pele escamosa que reveste o pé das aves e dos répteis **7.** (Quím.) O lítio / Emparedar **8.** Terreno lamacento, pantanoso **9.** Abreviatura de celular / Gastar com o uso **10.** Proveitoso / Trajetória do avião **11.** (Baianos) O grupo musical com Pepeu Gomes, Baby Consuelo e Moraes Moreira, dentre outros / Princípio de organização **12.** Indígena de tribo aimoré que vivia na região de Porto Seguro **13.** O cantor sertanejo e apresentador Boldrin.

VERTICAIS
1. Plantas como o coentro, a salsinha e o alecrim / Que tem falhas **2.** 12, em algarismos romanos / Cognome **3.** Uma operação realizada com tratores / Plantação de azeitonas **4.** Gelatinoso / Fêmea de um parente do cão **5.** Aparecer (em lugar elevado) / (Francisco) Cidade dos EUA **6.** Roberto Carlos, cantor de "Detalhes" / Aplicar as faculdades intelectuais para aprender algo / Tudo sem vogais **7.** Sacola, em inglês / Um estabilizador dos carros de corrida **8.** Fruto de polpa comestível, quente ou frio / Qualidade peculiar **9.** Seguir pista / Iluminar intensamente.

HORIZONTAIS: 1. Exacerbar, **2.** Rito, Caça, **3.** Viela, Gás, **4.** Rosé, It, **5.** Serissa, **6.** Podoteca, **7.** Li, Amurar, **8.** Atolador, **9.** Cel, Rafar, **10.** Útil, Rota, **11.** Novos, Lei, **12.** Abatira, **13.** Rolando.
VERTICAIS: 1. Ervas, Lacunar, **2.** XII, Epíteto, **3.** Aterro, Olival, **4.** Coloidal, Loba, **5.** Assomar, San, **6.** RC, Estudar, Td, **7.** Bag, Aerofólio, **8.** Açaí, Caráter, **9.** Rastear, Raiar.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

4					8		7	6
		8	9				4	
			3			2		8
5						6		
6	2						8	4
		9						1
8		3			9			
	6				3	8		
7	4		6					9

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

Sergey Pivovarov - 26.jan.22/Reuters

IMAGEM DA SEMANA

Soldados russos fazem treinamentos a menos de 50 km da fronteira com a Ucrânia. Os EUA elevaram os alarmes acerca do risco de uma invasão. Longe de ser discreto, Vladimir Putin deslocou 100 mil homens e equipamentos ainda em novembro e, em conjunto com a frente da Crimeia, anexada em 2014, e da aliada Belarus, do ditador Lukachenko, poderia fazer um ataque em três frentes ao regime de Kiev, aliado aos interesses dos EUA, da Otan e da Europa.

FRASES DA SEMANA

FILHX DE DEUS
Papa Francisco
Durante audiência semanal do Vaticano realizada na quarta-feira (26), pontífice fez um apelo para que pais não condenem seus filhos devido à orientação sexual. Em outra ocasião já havia dito que pessoas LGBTQIA+ têm o direito de serem acolhidas por suas famílias

"Nunca condenem seus filhos"

FOME CEM
Walter Belik
Professor do Instituto de Economia da Unicamp e um dos criadores do Fome Zero lamenta, em entrevista à Folha veiculada no domingo (23), retorno do Brasil ao Mapa da Fome da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação da Agricultura)

"Os impactos para a economia são enormes, porque existe um custo social da fome. Esse custo deve ser gerenciado pelas políticas públicas. Ele impacta no sistema de segurança social, no Orçamento, na saúde, na educação, com atraso de aprendizagem das crianças, e no mercado de trabalho, com redução da mão de obra e da produtividade. Colocando na balança, prevenir seria mais barato. A fome custa caro"

JOGA PEDRA NA GENI
Chico Buarque
Artista afirmou que não vai mais cantar uma de suas músicas mais conhecidas, "Com Açúcar, com Afeto". Ele falou sobre o assunto no terceiro episódio da série documental "O Canto Livre de Nara Leão", da Globoplay, que narra a história da cantora, para quem ele compôs a canção

"As feministas vão ficar zangadas comigo e com a Nara agora. [...] As feministas têm razão, eu vou sempre dar razão às feministas, mas elas precisam compreender que naquela época não existia. Não passava pela cabeça da gente que isso era uma opressão, que a mulher não podia ser tratada assim"

HERMANOS, HERMANOS, NEGÓCIOS À PARTE
Celso Amorim
O ex-chanceler pondera que a entrada do país na OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), anunciada na quarta-feira (26), deveria ser analisada com calma e que relações comerciais não devem estar alinhadas às preferências políticas

"O nosso modelo não é Nicarágua, não é Cuba e não é a Venezuela. O Brasil é um país capitalista e vai continuar. Agora, capitalista com sensibilidade social. Nós defendemos a democracia de maneira que nos parece mais eficaz, não apenas para agradar a agenda da mídia ou de outros setores."

COM A BOLA TODA
Laís Matias
Mãe de Laurinha, 8, criou um abaixo-assinado para mudar o regulamento do campeonato estadual de futsal sub-9 do Espírito Santo, disputado só por meninos. Apesar de a garota treinar e disputar campeonatos municipais junto com os garotos, foi barrada no estadual

"Ela não está sozinha. Existe interesse das meninas em jogar futebol de salão ou de campo, mas falta estímulo. Todas devem ter opção de escolha. Nenhum menino passou por isso, mas as meninas têm que aceitar e engolir seco?"

BRAÇO DE FERRO
John Sullivan
Numa pouco usual entrevista online, na qual usou termos francos para falar da crise, o embaixador americano em Moscou ironizou tom agressivo adotado pela Rússia acerca de suas movimentações militares na fronteira da Ucrânia

"Se eu coloco uma arma na mesa e digo que venho em paz, isso é ameaçador, e é isso que nós vemos agora"

ACERVO FOLHA

Há 50 anos 30.jan.1972

Itamaraty estuda ampliar série de encontros diplomáticos de Médici

O presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, vai se encontrar nos próximos meses com os presidentes da Argentina, Alejandro Lanusse, da Bolívia, Hugo Banzer, e de Portugal, Américo Tomás.

Além disso, o Itamaraty estuda marcar reuniões do brasileiro com representantes de outros países, mas esse assunto é mantido sob o maior sigilo nos meios diplomáticos.

As poucas informações que circulam indicam que ocorrerão, ao menos, outros dois encontros com líderes de nações da América Latina. Um provavelmente deve ser o presidente da Venezuela, Rafael Caldera, e outro, o futuro chefe de governo do Uruguai.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

Uma ofensiva diplomatica do Brasil

ilustríssima

ilustrada

Ulisses, 02.02.2022

Com densa caracterização de personagens e desabusados jogos de linguagem, livro centenário de James Joyce revolucionou o romance moderno *C4 a C7*

- **Crises abrem espaço para renovação em São Paulo, diz Raquel Rolnik** *C8*
- **Bolsonarismo depende de língua de inversões, escreve Bernardo Carvalho** *C7*
- **Psicanalista interroga aspectos do ofício e da cultura contemporânea** *C11*

Ilustração **Sérgio Medeiros**

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Carol Marra

Meu talento importa, não o que tenho entre as pernas

[RESUMO] A atriz de 44 anos, que vive seu primeiro papel em uma novela da Globo como mulher cisgênero, afirma que levantar a bandeira do gênero 'é muito chato', reclama da cobrança para artistas se posicionarem sobre política e diz que não há mais desculpa para usar pronomes errados com pessoas transexuais, como ocorreu no 'BBB': 'Isso não cabe mais nos dias de hoje'

Por ***Manoella Smith***

Aos 44 anos, a atriz Carol Marra conta ter conseguido abrir algumas portas para mulheres transexuais no país em áreas que elas eram ignoradas, como a da moda e a do audiovisual. Despontou como modelo, atuou em séries e filmes e se apresenta como "a primeira trans a protagonizar um beijo na TV" (em "Romance Policial - Espinosa", do GNT, em 2015) e a posar nua para a revista Trip.

Agora, vive sua primeira personagem mulher cisgênero (que se identifica com seu gênero de nascença) na novela das 19h da Globo, "Quanto Mais Vida, Melhor!", de Mauro Wilson. "Fico triste quando leio 'a primeira trans' [a fazer algo]. Queria ser só mais uma", afirma Carol.

Mesmo com algumas conquistas, diz que o Brasil "ainda precisa subir muitos degraus, de saltos finíssimos" em relação aos direitos das pessoas LGBTQIA+.

E critica a hipocrisia do país "que mais mata transexuais no mundo e que também é o maior consumidor de pornografia trans no planeta".

A atriz falou à coluna dias antes do Dia Internacional da Visibilidade Trans e Travesti, celebrado neste sábado (29). "As pessoas ainda se preocupam muito com a sexualidade do outro, com o que você faz entre quatro paredes."

Em uma entrevista à coluna, em 2016, Carol disse que o principal interesse das pessoas era referente à sua genitália. Seis anos e uma cirurgia de redesignação sexual depois, o incômodo persiste. "Entendo a curiosidade, mas é um assunto que me cansa."

Ela também diz que estava farta de fazer o mesmo papel da mulher trans retratada de maneira caricata nas telas. Por isso, a atual personagem é um alento. "Já estava na hora, né?"

Há outras duas atrizes trans na novela —Marcella Maia, que interpreta a Morte, e Nany People, que faz a porteira de um motel. "Em momento algum a gente está levantando bandeira de discussão de gênero, até porque levantar a bandeira é muito chato, você se torna uma pessoa pesada. É preciso normalizar os corpos trans no Brasil", afirma.

"A novela é assunto na mesa de jantar da família, no bar entre amigos, é um veículo de massa. É importante mostrar pessoas trans fora dos estereótipos", continua a atriz.

Por isso, celebra a participação da cantora Linn da Quebrada no "BBB" 22, embora, diz, tenha "demorado muito". Linn é a segunda mulher trans no reality da Globo, depois de Ariadna Arantes, em 2011.

Nos primeiros dias de "BBB", a cantora, que alterou seu nome nos documentos para Lina, foi tratada pelo pronome masculino por alguns participantes. Quando uma colega se desculpou dizendo que estava tentando aprender, ela respondeu que já havia dado tempo para isso.

"O básico é você ser chamado pelo seu nome social, não tem que ensinar nada", opina Carol. "Ainda mais no caso da Linn, que tem uma tatuagem escrito 'ela' na testa. Esse preconceito não cabe mais nos dias de hoje. A gente já cansou."

Com o fim das gravações da novela, Carol se prepara para protagonizar seu primeiro longa, "Odara", em que fará par romântico com Ricardo Pereira e contracenará com Maria Fernanda Cândido e Silvero Pereira. Também planeja retomar o projeto de um monólogo com o diretor Jorge Farjalla.

Nascida em Belo Horizonte, ela se mudou para o Rio ainda adolescente. Foi lá onde estudou jornalismo, começou a carreira como modelo e assumiu a identidade feminina, aos 22 anos.

Hoje, vive em São Paulo. Acabou de se mudar para um apartamento maior nos Jardins com o empresário Tarik Migliorini. Juntos há cinco anos, eles ficaram noivos neste mês e iniciaram o processo para ter um filho por meio de uma barriga de aluguel fora do país, já que aqui ainda não é permitido. Para isso, contrataram a mesma agência usada pelo ator Paulo Gustavo e o dermatologista Thales Bretas, mas o bebê deve ficar para o fim deste ano ou o seguinte.

"A gente é julgado, apedrejado. Os fundamentalistas religiosos fazem vista grossa, mas [uma mãe trans] não vai influenciar nada na formação de caráter ou sexualidade."

Para alguém que fazia xixi na calça por medo de ir ao banheiro da escola quando criança, Carol diz que não há nada como ser livre para ser o que sempre quis ser —tanto é que tatuou "liberdade" na nuca.

*

REDESIGNAÇÃO SEXUAL

Não me arrependo. Eu já tinha absorvido aquela realidade antes mesmo de vivenciá-la porque foram tantos anos escondendo aquilo que não era para eu ter. Sou a mesma Carol de antes da cirurgia [de adequação, feita em 2017].

Claro que muda na minha intimidade. A produção de hormônios é outra, tenho ondas de calor de mulher na menopausa, meu corpo ganhou curvas, a minha pele mudou.

Também tive que aprender essa nova forma de sentir prazer com o meu parceiro, e ele teve que ser superpaciente. A cirurgia não é uma castração, né? Todas as terminações nervosas são preservadas. Hoje tenho prazer como qualquer outra mulher. Isso é gostoso, é libertador.

IMAGEM

Tenho a preocupação de me vestir de uma forma adequada, porque as pessoas me julgam. A sociedade ainda associa a mulher trans a uma profissional do sexo. Eu não sou melhor do que elas, mas essas meninas não tiveram oportunidade. Elas adorariam ser artistas, professoras, médicas, e são vistas como um pedaço de carne, ou são invisíveis. Ninguém dá uma chance, uma palavra de carinho.

A atriz Carol Marra em seu apartamento na região dos Jardins, em SP Thalles Garbin/Divulgação

O QUE MUDOU

Foi no mundo da moda onde eu mais sofri preconceito. Sentia que nos desfiles o menor biquíni era escolhido para mim. A passarela se transformava num circo bizarro.

Hoje, muitas marcas incluem modelos gordas, pretas e trans, mas porque parece estar na moda. Muitas fazem isso para entrar na onda e não serem excluídas. Não é algo orgânico, que vem do coração.

Toda regra tem sua exceção, e eu tenho a sorte de ser parceira de marcas. Já é um avanço. A menina que está lá no interior do Acre vai ver a minha cara e pensar: "Poxa, se ela pode eu também posso". Na minha época não tinha essa força das redes sociais.

REDES SOCIAIS

Tem um lado muito bom, mas também deu voz para muita gente vazia que é tida como reis e rainhas. Às vezes uma pessoa participa de reality, tem 50 milhões de seguidores, mas o que ela agrega? Entendo que a gente possa ser fã. Mas tem tanto ator que vai fazer teste e tem que responder quantos seguidores tem nas redes. Quero ser avaliada pela minha capacitação profissional, não pela quantidade de seguidores nas redes ou pela minha sexualidade. O meu talento é muito mais importante do que o que tenho entre minhas pernas —que vai ficar tapadinho, né? Ninguém se preocupa com, sei lá, o Antônio Fagundes. Se a genitália dele é grande, se é pequena, se é peluda, se não é. É um detalhe que tá lá embaixo.

'BBB'

O programa é um estudo do ser humano, de como ele se comporta. As discussões, as brigas, tudo é um reflexo do que acontece aqui fora. Pode ser vazio? Pode. Mas olha a importância desse reality show. Milhões de pessoas estão falando de pautas trans, de preconceito, de violência contra a mulher, de racismo.

Eu adoraria estar lá. Mas eu tenho receio de tomar um drinque a mais na festinha, e aí, meu amor, na carência, eu vou abraçar aqueles bonitões e vai rolar a festinha do edredom. Como fica com o noivo e a minha reputação de moça certinha aqui fora? [risos]

POLÍTICA

É muito chato ter que ser cobrada a todo momento. Às vezes eu não quero me pronunciar e ponto. Não quer dizer que eu sou a favor do governo, ou contra, não tem nada a ver.

Meu ganha-pão é a minha imagem e a minha voz. Os contratos publicitários que tenho me impedem de me posicionar. Não me sinto confortável nesse lugar, pelo contrário. Mas aí vou me posicionar, agradar a meia dúzia de pessoas e vou ganhar dinheiro como?

Tem blogueirinha de moda com 20 milhões de seguidores e ninguém cobra um posicionamento político dela. Agora, vão cobrar o ator com 100 mil seguidores. Os artistas foram umas das classes mais prejudicadas na pandemia. Tenho amigos que estão em novelas sendo reprisadas e que estão passando dificuldades.

Os atores estão sendo massacrados, e aí vem essa gente ignorante, esse gado, falando que artista vive de Lei Rouanet, e nem sabem o que isso é.

MULHER, SIM

Costumo dizer que ser trans é ser mulher ao cubo. Mais do que a vontade, você tem que provar a todo instante, para todo mundo, que você é mulher. Isso é o mais chato. Então muitas colocam silicone, cabelo, unha, fazem maquiagem, harmonização facial.

A gente quer tanto ser mulher que às vezes exagera nos procedimentos. Já me arrependi de muita coisa e hoje eu prefiro uma aparência mais natural, até pela minha idade, já sou uma senhora [risos].

As revoluções de 'Ulisses'

[RESUMO] 'Ulisses', cujo lançamento completa cem anos na quarta-feira (2), revolucionou o romance moderno com sua densa caracterização de personagens e o emprego desabusado de jogos de linguagem e do fluxo de consciência, tipo específico de monólogo interior. James Joyce foi um artista heroico, escreve autor, e criou uma linguagem universal sobre o desespero da condição humana

Por **Carlos Adriano**
Cineasta e doutor pela USP, realizou pós-doutorado em comunicação e semiótica pela PUC-SP e dirigiu 'O que Há em Ti' (2020) e 'Santos Dumont Pré-cineasta?' (2010), entre outros filmes

Ilustração **Sérgio Medeiros**
Poeta e artista visual

São tantas as revoluções de "Ulisses" no romance moderno que o bêbado Stephen Dedalus ficaria tonto (estupefato radar tantã) só de virar algumas páginas e ser tragado em tantas reviravoltas, sem precisar entornar um trago sequer, dos muitos que tomou ao longo da história —tal qual o beberrão do seu autor, James Joyce, ao soçobrar (segundo ele) sete anos no livro "como um galé".

Como a Terra não é plana, os personagens de "Ulisses" não são chatos. São hilários e tão complexos quanto os heróis de Homero. O épico do escritor irlandês é (des)construído em disparatado paralelo à "Odisseia" do poeta grego do século 8º ou 9º a.C. Joyce não se fez de rogado ao demarcar sua experiência ambiciosa (ponto-chave do modernismo ou pivô pós-moderno?) a partir da matriz literária ocidental.

No guisado regado com cerveja, os protagonistas são Stephen Dedalus (labiríntico herói do primeiro romance de Joyce, "Retrato do Artista quando Jovem", 1916), Leopold Bloom e a esposa Molly Bloom (supostas contrapartes conversíveis de Telêmaco), Ulisses (nome latino de Odisseu) e Penélope, flagradas vaga(l)mente no regresso de Odisseu ao lar após a Guerra de Troia. Mas os fantasmas que mais assombram "Ulisses" talvez sejam os de "Hamlet", tipificando a reciclagem da influência de Shakespeare.

A ação de "Ulisses" (sim: celebrado por jorros de consciência, o romance tem uma porção de acontecimentos patéticos e peripatéticos) se passa em Dublin em 16 de junho de 1904. Um dia na vida de gente comum chei(o)(a) de lugares-incomuns. Começa às oito da matina, na Martello Tower, e segue os périplos atarantados do colportor Leopold e do professor Stephen (o encontro deles é o glorioso nó górdio-gregário do livro), enquanto Molly permanece na cama.

Entre inveteradas peregrinações a pubs e intrincadas discussões alheias às certezas clássicas, Bloom e Dedalus batem ponto no correio, na agência de um jornal, na praia e na biblioteca nacional, antes da noturna conversa fiada finda na desativada torre de defesa do Martello, arrendada por Buck Mulligan, espelho de Dedalus. À espera da traição da mulher e com chifres à flor da testa, Bloom protela a volta ao lar, em odisseia de ciúme contrito.

Com densa caracterização de personagens e desabusados jogos de linguagem (de alto e baixo calão), o romance é famoso pela variação do monólogo interior chamada de "stream of consciousness", ou, dito joycianamente, "riocorrente" da consciência. O motivo-chave veio de obra escrita no século 14 por Dan Michel de Northgate, "Ayenbite of Inwit", que Antônio Houaiss traduz como "remordida do imo-senso" e Augusto de Campos como "remorsura do ensimesmo".

O pioneiro do monólogo interior foi Edouard Dujardin, em "Les Lauriers Sont Coupés" (1887), dicção adotada por Gertrude Stein ("The Making of Americans", 1925) e Virginia Woolf ("Orlando", 1928). Com cerca de 40 mil palavras sem pontuação, o monólogo de Molly é a sensação de "Ulisses", com fecho de chispa libertária: "E seu coração disparando como louco e sim eu disse sim eu quero Sim" (tradução de Haroldo de Campos).

Possuída por uma força estranha à que tomava as pacientes de Charcot, as personagens de Linda Blair ("O Exorcista", 1973, William Friedkin) e Isabelle Adjani ("Possessão", 1981, Andrzej Zulawski), a Penélope charmosa (ou Calipso faceira-feiticeira) deu voz a Nora Barnacle, esposa de Joyce. Para Anthony Burgess, joyciano autor de "Laranja Mecânica" (1962), "essa imagem final é de Nora e não de Molly - Nora escrevia as cartas sem pontuação e é difícil distinguir entre um trecho de uma carta de Nora e um trecho do monólogo de Molly".

Se todo grande homem tem por trás uma grande mulher, Joyce teve duas: Nora e Sylvia Beach, dona da lendária livraria parisiense Shakespeare and Company e audaciosa editora que lançou "Ulisses" em livro, em 2 de fevereiro de 1922, dia dos 40 anos de Joyce. Sim, 16 de junho de 1904 é o dia de Bloom porque foi nessa data o primeiro encontro de Joyce e Nora.

Joyce amargou penúria como professor da escola Berlitz em Zurique e Trieste até que, a partir de 1915, Ezra Pound passou a lhe abrir portas e comportas do mundo intelectual e social, não sem antes lhe comprar um traje adequado. "Deveríamos nos aproximar do 'Ulisses' como o pregador batista alfabeto se aproxima do Antigo Testamento: com fé", escreveu William Faulkner, autor de "O Som e a Fúria" (1929), outro diapasão do monólogo interior. Para Harry Levin, com "Ulisses" Joyce escreveu "um romance para acabar com todos os romances".

Um século após a garantia de longevidade dessa revolução literária não ter expirado, o que dizer? Que gerou séquitos de aficcionados? O megalômano Joyce queria leitores que dedicassem a vida à sua interpretação: para ele, "Ulisses" deixaria os críticos ocupados por séculos.

Continua na pág. C5

"Ulisses" reinventou na arte as duas mais importantes invenções da ciência no século 20: a psicanálise de Freud (1900) e a teoria da relatividade de Einstein (1905)

A TRAJETÓRIA DE JAMES JOYCE

2.fev.1882
O escritor nasce em Dublin, na Irlanda

16.jun.1904
Primeiro encontro de Joyce e sua futura esposa, Nora Barnacle, com quem se casou em 1931

dez.1916
Seu primeiro romance, 'Retrato do Artista quando Jovem', de teor autobiográfico, é publicado

1918-1920
Publicação seriada de 'Ulisses' nos EUA, na revista The Litle Review; trechos considerados obscenos levam a obra a ser banida e seus exemplares, queimados

1920
Depois de morar em Zurique, na Suíça, e Trieste, na Itália, Joyce se muda com a família para Paris, onde permanece até 1940

2.fev.1922
'Ulisses', principal obra do escritor, é lançado na França pela Shakespeare and Company, de Sylvia Beach

4.mai.1939
'Finnegans Wake', seu terceiro e último romance, é publicado

13.jan.1941
Joyce morre em Zurique aos 58 anos, depois de uma cirurgia para tratar uma úlcera perfurada

Obra da série 'A Visual Finnegans Wake on the Island of Breasil'. Imagem recria uma página de 'Ulisses', em que Joyce emprega várias vezes as iniciais de seu nome, JJ, em uma espécie de autorretrato verbal

Na imagem da capa do caderno, obra retrata o rosto de Joyce refletido nas águas do rio Liffey, na Irlanda
Divulgação

Continuação da pág. C4

Os joycianos não são sectários como os fanáticos bozomoristas; são devotos maníacos do bem, que cultuam a beleza do encantamento e o mistério do conhecimento, bebem cajuína (com ou sem gim) e se perguntam: "Existirmos, a que será que se destina?".

Eis uma assertiva temerária e peremptória: "Ulisses" reinventou na arte as duas mais importantes invenções da ciência no século 20: a psicanálise de Freud (1900) e a teoria da relatividade de Einstein (1905) —e anteviu ainda o princípio da incerteza de Heisenberg (1927).

Tá oquei, antes de Joyce publicar a versão serial de "Ulisses" na Little Review de 1918 a 1920, Picasso e Duchamp já enquadravam Freud e Einstein em fragmentações pictóricas do movimento ("As senhoritas de Avignon", 1907; "Nu Descendo uma Escada", 1912), unidade tripartida do espaço mental (ego, id, superego) e multiplicidade do tempo dimensional.

A originalidade e a proeza prodigiosas de "Ulisses" consistem na escritura de uma pós-prosa (além-prosódia) para descabaçar o lastro celibatário do romance (palinódia do duchampiano "Grande Vidro"?), com roteiro do Mallarmé de "Um Lance de Dados" e "Igitur", cenários de René Magritte e Kurt Schwitters, e trilha sonora da santíssima trindade da iconoclastia composta por Charles Ives, Edgard Varèse e Erik Satie. Heroico e irônico, atualizado e anacrônico? Pois é, proesia.

A intertextualidade e a paródia unem Joyce ao compatriota Jonathan Swift, ao "Tristram Shandy" (1759, Laurence Sterne), a Rabelais (arabescos do grotesco de "Gargântua e Pantagruel", 1564) e a Cervantes (cavaleiro da embriagada figura, Dedalus não foge de Dom Quixote). Se os caudalosos monólogos de "Ulisses" são contrafacção da recusa de "Bartleby, o Escrivão" (1853, Herman Melville), o lúcido nonsense de Joyce ilumina o Samuel Beckett de "Molloy" (1951) e "A Última Fita de Krapp" (1958).

Joyce contou a Beckett sobre a noite do encontro com Marcel Proust em Paris, em 1922. Embora afinados na complexa composição da memória humana, eles não se entenderam: a conversa se resumiu a mútuos e sucessivos "nãos" (e negaram ter lido os respectivos livros). Em tempo: "sim" é a palavra recorrente na corrente monoilógica da soprano Molly, cujo empresário Boylan ar(r)isca capitulá-la como Capitu, em equação booleana do adultério.

Uma das marcas de "Ulisses" é a invenção vocabular, a composição de neologismos e palavras-montagens, a construção por paronomasias, palíndromos e malapropismos —e melopriapismos. O primeiro livro do briaco erógeno da bricolagem de palavras é justamente de poemas, "Música de Câmara" (1907).

Outra marca é a do obsceno. Queimaram 500 exemplares em Nova York (1922) e outros 500 sumiram da alfândega britânica (1923). Banido por seu caráter lúbrico, de pervasiva conotação sexual, circulou em edições clandestinas. Dada a quase ilegibilidade do catatau, é de se supor que o escândalo foi pela terceira via do "hearsay" (ouvi dizer) com que terrivelmente evangélicos censuram sem ler. Sim, rola um papo reto sobre a Bíblia em "Ulisses". Não, "Ulisses" não tem mamadeira de piroca e ninguém vê Homero ou Shakespeare na goiabeira.

Escrito no exílio, esse hino à Irlanda é um mapa minucioso de Dublin, embora muitos detalhes (talvez deliberadamente) sejam errados ou questionáveis. A rota do romance pode ser reconstituída a pé quase no mesmo tempo circunscrito. Não tão jocosamente, Joyce proclamava que sua cidade natal poderia ser refeita das ruínas à imagem do livro.

Pela epopeia episódica e o louvor ao aleatório, "Ulisses" seria um guia para "O Andar do Bêbado: Como o Acaso Determina Nossas Vidas" (2008, Leonard Mlodinow). O culto a "Ulisses" gerou o Bloomsday: a cada 16 de junho o mundo brinda em pubs o gênio de Joyce. A viagem heroica de Homero é transformada em épica de tom menor, e a paisagem é passagem para indagações cósmicas (cômicas) e para o fluxo mental de ébrios brancaleônicos a brandirem indefectíveis trocadilhos (troça-ditos).

Duas obras incontornáveis para entendê-lo são "James Joyce's Ulysses: A Study" (1930, Stuart Gilbert; anotado por Joyce) e "Ulysses Annotated" (1988, Don Gifford e Robert Seidman.

No Brasil, Oswald de Andrade chama-o de "grande marco antinormativo" em artigos de 1943-1944, e em 2 de fevereiro de 1947 Patrícia Galvão (Pagu) publica "James Joyce, Autor de 'Ulisses'", nota crítica e primeira tradução de um trecho para o português. A poesia concreta põe Joyce em manifestos de 1956 e no paideuma do Plano Piloto de 1958.

O Brasil acolheu a centelha joyciana em fortuna criativa, como se lê em "Grande Sertão: Veredas" (1956, Guimarães Rosa), "Catatau" (1975, Paulo Leminksi) e "Galáxias" (1984, Haroldo de Campos), e se ouve em "Outras Palavras" (1981, Caetano Veloso). Augusto de Campos lembra que Sousândrade "antecipou Joyce na forjação de palavras-montagem".

Por conta de sua doença na vista, Joyce atirava-se ao chão em convulsões. O colega cego Jorge Luis Borges foi um de seus primeiros leitores, traduziu para o espanhol a última página do "Ulisses" e lhe dedicou um poema em 1968. Como um aleph borgiano, cada pormenor de "Ulisses" propaga-se em outros pontos do enredo. Um dos aforismas fora de série de Borges pode ser aplicado a Joyce: "Bernard Shaw dizia que um escritor tem tanto estilo quanto a sua convicção lhe permitir".

Embora infilmável, ou justamente por isso, "Ulisses" é livro dos mais cinematográficos, em fatura literal e no que projeta de futuro do cinema. Das transposições —"Ulysses" (1967, Joseph Strick), "Bloom" (2003, Sean Walsh) e "Uliisses" (1982, Werner Nekes)—, esta é a mais afeita a Joyce, dada a veia do cineasta-arqueólogo alemão. Um dos maiores cineastas de todos os tempos não só acalentou filmar "Ulisses" como adicionou Joyce às suas teorias.

Sergei Eisenstein escreveu em 1929 "O Princípio Cinematográfico e o Ideograma" e crava a raiz da palavra-montagem: "Ficou a cargo de Joyce desenvolver na literatura o hieróglifo japonês". Em "Realização" (1939), diz que, em "Ulisses", "a literatura adquire uma palpabilidade quase fisiológica". Em "Dickens, Griffith e Nós" (1943), sentencia que, "para encontrar a plenitude de seu sistema, a montagem teve de fazer 'viagens' através do 'monólogo interior' de Joyce", até descobrir, ornamento secreto com emendas do reator, o "pensamento sensorial".

"Sirva-se!" (1932) vale-se de epígrafe extraída de "Ulisses" ("aquele gesto seria uma linguagem universal, a primeira enteléquia") e confessa: "A mais brilhante realização da literatura [na apresentação do curso de pensamento] foram os imortais 'monólogos interiores' em 'Ulisses'". Ao conhecer o diretor russo em Paris, o quase cego Joyce desejou ver o discurso interior de "O Encouraçado Potemkin" (1925) e "Outubro" (1927).

No fim de "Ulisses", Bloom é flagrado florescendo em flatulências, defecação explícita de idiossincrasias. Em "Vida Contra Morte", Norman O. Brown analisa a analidade em Swift —a descoberta de que "a amada caga" (a flor imperfeita machadianamente nascida do estrume)— e constata o espanto em "Ulisses": a incongruência dual do ser humano, eu simbólico e corpo animal, a plenitude da ambição sublime e a condenação inexorável à deterioração. A ambivalência do judeu Bloom, paradigma de (a)pá(t)ri(d)a: "Nes. Yo." (Nim. São.)

O gênio é uma falha do sistema (Paul Klee) e uma neurose (Gustave Flaubert). Para André Gide, "a audácia mais bela é a do fim da vida" —"admiro-a em Joyce, e em alguns raríssimos artistas cuja obra termina em falésia". Com extremo humor, "Ulisses" escancara a catástrofe de nossa condição em uma cantoria só. Para Faulkner, "todos fracassamos em realizar nosso sonho de perfeição", "de modo que estimo a nós todos com base em nosso esplêndido fracasso em realizar o impossível".

"Ulisses" é um romance sobre o herói moderno, e Joyce foi um artista heroico (categoria tão bem definida por Otto Rank). Com suas artes e manhas, criou uma linguagem universal para nosso amaro desamparo, eletrecitando, em contra-correntes alter(n)adas, os condutores da experiência com amplexos amperes. Seu "desesperanto" é uma desconstrução do esperanto e uma afirmação cheia de graça do desespero da miséria humana. Com traço de troça, joça sem jaça. ←

A amiga que James Joyce teve um dia

[RESUMO] Cartas enviadas a James Joyce por Sylvia Beach, americana dona de uma lendária livraria em Paris e responsável pela primeira edição de 'Ulisses', revelam o estilo de vida perdulário do escritor e seus constantes problemas financeiros. Além de ter sido sua secretária e confidente, editora cuidou do bem-estar da família de Joyce e lidou com inúmeros percalços editoriais do romance, como a censura por trechos obscenos

Por ***Dirce Waltrick do Amarante***
Tradutora e professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Autora, entre outros livros, de 'Para Ler Finnegans Wake de James Joyce' e 'James Joyce e Seus Tradutores'. Organizou e cotraduziu 'Finnegans Rivolta', que será publicado pela Iluminuras

Ilustração ***Sérgio Medeiros***
Poeta e artista visual

Obra da série 'Autorretratos de Enrique Flor'. O músico português de 'Ulisses' é retratado em contato com árvores e letras celtas, que têm nome e forma de árvores
Divulgação

Em 29 de abril de 1927, a norte-americana Sylvia Beach (1887-1962), dona da famosa livraria parisiense Shakespeare and Company e responsável pela publicação do agora centenário romance "Ulisses", do escritor irlandês James Joyce, escreveu a seguinte carta a ele:

"Tenho refletido sobre a questão das suas finanças. Estava impossibilitada de pensar nelas claramente na sua presença por conta do feitiço lançado por seu gênio e da morosidade da minha aritmética.

Você disse que tinha apenas 9.000 francos por mês para viver e então eu lhe lembrei que Ulisses lhe rendera 125.000 desde o último agosto. Isso dá cerca de 12.000 francos por mês, não é, que somados aos 9.000 totalizam cerca de 21.000 francos por mês. Você não considerou os direitos autorais de Ulisses importantes o bastante para mencionar. Mas teria sido mais correto de sua parte confessar que vem gastando esse montante de dinheiro considerável do que contar um monte de histórias da carochinha para mim que sou sua amiga, se algum dia você teve uma. Você é o maior escritor vivo, mas até Pound tem mais juízo. Ir a um agiota. Os Brandleys não podem ter uma falsa noção de suas circunstâncias maior do que você mesmo tem. Mas o que isso importa?

Com os mais sinceros cumprimentos,

Atenciosamente,
Sylvia Beach".

Dessa carta vem o título do livro, publicado no final de 2021 pela Brill/Rodopi e organizado por Ruth Frehner e Ursula Zeller, "Your Friend If Ever You Had One: The Letters of Sylvia Beach to James Joyce" (sua amiga, se um dia você teve uma: as cartas de Sylvia Beach para James Joyce), ainda sem tradução para o português.

O volume traz as cartas da editora para o seu autor e um extenso aparato bibliográfico e crítico, entre textos e notas, de autoria das organizadoras, o qual lança luz não só sobre a relação entre eles, mas também sobre a relação entre Joyce e outros amigos que igualmente foram fundamentais para a sua carreira.

Entre esses amigos, cabe citar Adrienne Monnier (companheira de Beach), Paul Léon, Ezra Pound e Harriet Shaw Weaver, responsável pela publicação de "Um Retrato do Artista quando Jovem" e considerada a grande mecenas do escritor. Weaver deu a Joyce as condições financeiras de que ele precisava para seguir escrevendo. Muitas vezes, ela forjava direitos autorais de vendas de livro para lhe depositar quantias que garantissem o sustento da família dele.

A vida financeira de Joyce é tema de muitas cartas. O escritor era perdulário: viajava de primeira classe (enquanto Beach e Monnier iam na terceira classe), ficava em hotéis de luxo, gastava em bons restaurantes, dava presentes caros aos amigos etc. Portanto, não foram raras as vezes que o romancista escrevia a Beach pedindo-lhe mais dinheiro.

Em uma das cartas, a editora o acalma, dizendo-lhe que ele não precisaria se estressar nas suas férias, pois a srta. Weaver, com quem ela estava sempre em contato, havia aparecido novamente com "47 mil francos! Que mulher extraordinária", mas Beach não fica atrás.

Joyce e sua futura editora se conheceram no verão de 1920 em uma festa. Na época, sua livraria, Shakespeare and Company, estava de portas abertas havia um ano e Beach já era conhecida entre os escritores locais e estrangeiros, muitos norte-americanos que haviam se mudado para Paris, tal como Gertrude Stein, Ernest Hemingway e Ezra Pound.

Foi em 1921, contudo, ao saber das dificuldades com a publicação de "Ulisses" que Beach resolveu lhe perguntar: "Você permitiria que a Shakespeare and Company tivesse a honra de publicar seu Ulisses?". Ela conta em suas memórias, "Shakespeare and Company: uma Livraria na Paris do Entre-guerras", publicado pela Casa da Palavra em tradução de Cristina Serra, que Joyce "aceitou a oferta sem titubear e em júbilo. Achei temerário de sua parte confiar seu grande Ulisses a uma editora tão pequena e inusitada. Ele parecia, entretanto, encantado, e eu também".

Desde sua publicação, em 2 de fevereiro de 1922 até maio de 1930, o romance chegou a sua 11ª edição com 28 mil cópias impressas. A partir daí, Beach não cuidou mais da venda do livro, mas seguiu ajudando Joyce, agora também com seu novo título, "Finnegans Wake".

Vale lembrar que, em 2 de fevereiro de 1922, Joyce completaria 40 anos de idade e Beach queria lhe dar de presente a publicação de "Ulisses". Ela conseguiu que Maurice Darantière, responsável pela impressão do livro, lhe enviasse dois exemplares: um ela entregou a Joyce, e o outro ela colocou na vitrine da sua livraria —logo muitos leitores e curiosos estavam lá para ver o tal livro que já causava um rebuliço na literatura.

Joyce celebrou a chegada de "Ulisses" com um poeminha jocoso para a sua editora, que pode ser lido no livro "Shakespeare and Company". O poema ganha agora uma nova tradução, assinada por Vitor Alevato do Amaral.

Alguns versos, na tradução dele, dizem: "A multidão vinha animada/ E pré-comprava o tal Ulisses,/ Mas ia embora ensimesmada./ À Sylvia cante toda a gente,/ Pois o seu tino é inclemente;/ Com sua lábia, de repente,/ Fez livro chato ter cliente./ Que a clientela só aumente". Esse e outros poemas do escritor irlandês serão publicados no livro "Outra Poesia" (Syrinx), organizado e traduzido por Amaral.

Nos dez anos em que Beach esteve à frente da publicação de "Ulisses", ela não foi apenas a editora de Joyce —foi também sua secretária, confidente, corretora, contadora, entre muitas outras funções que assumiu, como se pode verificar nas cartas que ela lhe enviou e que constam desse volume.

Em 26 de junho de 1923, Beach descreve detalhadamente a Joyce, que estava em Londres, o interior de um apartamento que ela encontrou, a pedido do escritor, em Paris, para a família dele: "primeiro andar acima do mezanino! Um apartamento soberbo, magnífico, 5.500 francos por ano. Sala de estar grande - sala de jantar - pequena sala de estar - cozinha na frente - quarto grande e dois outros quartos quase tão grandes nos fundos [...]. Lareiras amplas e janelas bem grandes. Você poderia usar um quarto grande nos fundos como um escritório".

Mas, em outra carta alguns dias depois, Beach conta que Giorgio, filho de Joyce, foi ver o apartamento e achou que talvez os pais não fossem gostar muito por "não ser muito moderno". Além disso, ele estava "se sentindo bastante enojado com essa cidade justo agora depois das experiências desagradáveis dele no banco e ele diz que vocês todos podem muito bem se mudar para a África se ele não encontrar um apartamento perfeito aqui".

Em uma correspondência de 16 de julho de 1924, Beach relata a Joyce uma discussão que teve com um dos tradutores de "Ulisses" para o francês, um jovem chamado Jacques Benoist-Méchin, que traduzia em colaboração com Léon-Paul Fargue.

Para ela, "seed cake" (bolo de sementes, literalmente), que aparece duas vezes no romance, deveria ser traduzido como "gâteau aux amants", mas Fargue, segundo Beach, não havia gostado da ideia. Prossegue: Adrienne acha que "'brioche' tenha a ver com isso se você concordar. Fargue fez uma ótima visita a um amigo cuja mulher é confeiteira, mas ele não achou nada no repertório dela que correspondesse a um 'seed cake'".

As cartas revelam sempre o quão importante Beach foi na vida dos Joyce, pois, afinal, acabou, como outros amigos do escritor, se preocupando também com o bem-estar de toda a sua família.

Não bastassem todas essas funções, Beach teve que lidar com as inúmeras "revisões" do livro feitas por Joyce.

Continua na pág. C7

Bandidos e poetas

Bolsonarismo depende de língua de inversões desavergonhadas

Bernardo Carvalho

Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'O Último Gozo do Mundo'

Quando, em dezembro, a primeira-dama comemorou, "falando em línguas", a aprovação do pastor André Mendonça para o STF, houve quem escarnecesse e se indignasse.

Houve quem a acusasse de veículo não exatamente do Espírito Santo, como prega o pentecostalismo, mas de oportunismo político. E houve quem a defendesse com argumentos religiosos ou até feministas.

Nesse meio-tempo, tropecei num livro publicado há alguns anos por um professor de literatura da Universidade Princeton, Daniel Heller-Roazen, com outra perspectiva sobre o fenômeno: "Dark Tongues: The Art of Rogues and Riddlers" (línguas obscuras: a arte de velhacos e charadistas), da Zone Books. Ou, na edição francesa, da Seuil: "Langues Obscures: L'art des Voleurs et des Poètes" (línguas obscuras: a arte de bandidos e poetas).

Heller-Roazen defende que, ao longo da história, bandidos e poetas recorreram a artimanhas semelhantes para expressar o que não podiam dizer, ao mesmo tempo que guardavam para os iniciados o segredo do que diziam. Do jargão dos bandidos medievais à linguística moderna, passando pelos livros sagrados do hinduísmo e pelos mistérios druídicos, o professor tenta examinar o que por definição evita o exame para poder existir.

O que mais o interessa são as baladas de François Villon, expoente maldito da poesia francesa medieval, e a releitura que Tristan Tzara, fundador do movimento dadaísta, faz delas no início do século 20. São os poetas o foco do livro. São eles que exploram o potencial de perturbação e revelação de línguas desviantes no âmbito das línguas oficiais, nacionais, hegemônicas. A própria língua como estranhamento, transformada em língua estrangeira. Entre poetas e velhacos, porém, não é difícil adivinhar por quem caem os Bolsonaro.

Ao escamotear o sentido, as "línguas obscuras" adquirem o poder de transmissão do segredo. São menos línguas secretas propriamente ditas do que usos cifrados, crípticos e até canhestros da língua comum, servindo de resistência para grupos que o poder mantém à margem.

É o caso dos bandidos medievais que se comunicavam por jargão para escapar à lei, mas também da congregação de indivíduos pobres, iletrados, ex-escravizados, para os quais a comoção e o êxtase do contato direto e pessoal com o Espírito Santo e as Escrituras são a medida da liberdade contra uma autoridade centralizada, elitista e racista que os exclui. A língua incompreensível aos demais é a "contralíngua" do excluído, resistência à sociedade que o marginaliza.

É interessante que Martinho Lutero, mentor da Reforma Protestante, tenha condenado com veemência as "línguas obscuras", associando ao ídiche as palavras desconhecidas usadas por "mendigos estranhos e extravagantes", imputando a língua do crime e dos malfeitores aos estrangeiros, mais precisamente aos judeus.

Também é interessante que nos Vedas, textos sagrados indianos, Deus diga não e o homem ouça sim. Ouve o que lhe convém e o que lhe interessa. Os deuses falam uma língua inacessível aos homens.

Isso quer dizer que, para entendê-la, seria preciso submeter-se ao paradoxo de sair de si, contradizer-se, virar-se do avesso, ultrapassar as oposições e as crenças, permitir-se uma experiência e um contato radical com o outro. Essa seria a real comunicação com Deus, em relação à qual o balbucio glossolálico soa muitas vezes como um esforço enternecedor e revelador da sua impossibilidade.

Aqui o religioso e o poeta se separam. A parábola védica aponta para o universo da poesia. O poeta depende da ambiguidade que desafia os sentidos na própria aparência, na limpidez dos versos, ao contrário do religioso que se serve do oculto tanto para resistir à opressão como para oprimir. O incompreensível é a moeda de troca para a criação de dogmas, normas e preceitos, contra a dúvida, que é matéria da arte. Assim como no jargão das gangues, deve haver incompreensão (de não iniciados, de quem não pertence ao grupo), mas não há lugar para a dúvida, não é possível duvidar.

É de uma língua assim que depende o bolsonarismo: "O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", referindo-se inversamente à destruição de tudo, ao mais completo desmonte institucional do país. É o sim encobrindo o não. Uma língua de inversões desavergonhadas, feita para acobertar fatos e evidências, em nome de Deus, contra a experiência de todos.

É a língua que cabe a Michelle Bolsonaro balbuciar sozinha no centro do poder, véu canhestro, arremedo de protolíngua, como se possuída por um espírito que, ao contrário da magnanimidade dos orixás, já não baixa para revelar nada ou contradizê-la, mas antes para esconder a indigência e a vergonha da revelação.

Continuação da pág. C6

Na verdade, o escritor fazia mais que revisões, segundo seus estudiosos: "ele era um inventivo reescritor do mesmo material" e isso atrasava o trabalho e implicava custos extras, pagos por Beach. Além disso, a editora ainda teve que enfrentar as constantes censuras sofridas pelo livro, as quais começaram antes mesmo da publicação integral da obra sob a sua responsabilidade.

Beach estava consciente do problema que "Ulisses" criou para as editoras da revista Little Review nos Estados Unidos, Margaret Anderson e Jane Heap, que estavam publicando fragmentos do romance em sua revista. Ambas foram processadas e condenadas a pagamento de uma multa de 50 dólares cada por publicarem "obscenidades". Este foi só o começo de uma publicação e de uma distribuição confusas que, se não fossem em grande parte o apoio e a dedicação de Sylvia Beach, poderiam fracassar.

A história editorial tumultuada de "Ulisses" rendeu alguns livros. Talvez o mais conhecido seja "The Scandal of Ulysses" (o escândalo de Ulisses), de Bruce Arnold, também sem tradução para o português.

As correspondências entre Joyce e Beach foram trocadas durante as férias de verão dele ou dela. Por isso, não são muitas, mas são intensas.

Em suas memórias, Beach lembra que "a maioria das cartas que recebi de Joyce foi, claro, escrita durante as minhas férias de verão ou durante suas próprias viagens. Evidentemente, ele sempre exigiu respostas 'até amanhã', 'expressas', 'no retorno do correio'. Geralmente, estava precisando de dinheiro e, quando eu não estava, em geral conseguia algum por meio de Myrsine", funcionária da livraria.

Aliás, Joyce não gostava muito quando Beach e Monnier se afastavam, e como ela lembra, "à medida que se aproximava o momento da nossa partida, ele ia mergulhando em um estado de pânico até que, no último minuto, saía-se com o que chamava de sua 'lista de compras' — em que arrolava tudo o que eu devia fazer antes de deixar a cidade".

Beach não o decepcionava e só decidiu se afastar da publicação de "Ulisses" porque sua intermediação estava travando a negociação de Joyce com outras editoras. A partir daí, Paul León, um judeu russo "fascinado pelo processo criativo de Joyce", assumiu essa função.

Em "Your Friend If Ever You Had one", há também cartas enviadas por Beach a Paul Léon. Nelas, a editora o coloca a par da história editorial de "Ulisses" e de outros livros com os quais estava trabalhando. Ela envia-lhe também as cartas para Joyce que ainda eram endereçadas para a sua livraria.

Uma delas é uma carta de Yeats, que Beach encaminha a León, comentando que Joyce tinha razões em não aceitar o convite de Yeats para fazer parte da Academia Irlandesa de Letras, o qual ele recusou declarando: "Não vejo nenhuma razão por que o meu nome deveria ser trazido à tona em conexão com tal academia". Mas, para Beach, como diz na carta, "não iria fazer mal algum aceitar, e isso poderia ser o primeiro passo no sentido de suspender a censura a Ulisses".

Beach acompanhava atenta a carreira de Joyce, e o escritor tinha consciência disso. Mesmo depois de romper com a editora, ele sabia que "tudo o que ela fez foi me dar de presente os melhores dez anos da sua vida".

As cartas que compõem o presente volume, juntamente com outros documentos, foram doadas à Fundação James Joyce de Zurique por Hans Jahnke, filho de Asta Osterwalder Joyce, segunda mulher de Giorgio Joyce, filho do escritor. ←

DOM. Bernardo Carvalho, **Itamar Vieira Junior**, Marilene Felinto, Hermano Vianna

A desigualdade planejada

[RESUMO] Em entrevista, Raquel Rolnik argumenta que São Paulo vem sendo planejada por poucos e para poucos, o que produziu um padrão desigual de urbanização. A cidade vive um momento especial em sua história, com a coexistência de crises e a emergência política de sujeitos periféricos que podem protagonizar um novo ciclo de lutas urbano, diz

Por ***Eduardo Sombini***
Geógrafo e mestre pela Unicamp, é repórter da Ilustríssima

Fotografia ***Tuca Vieira***
Fotógrafo e mestre em arquitetura e urbanismo pela USP, é autor de 'Atlas Fotográfico da Cidade de São Paulo e Arredores', vencedor do Prêmio Jabuti 2021 na categoria artes

São Paulo completou 468 anos na última terça-feira (25) atravessando a provável mais grave crise de moradia da sua história, afirma Raquel Rolnik, 65.

Ocupações nas periferias da região metropolitana e nos bairros centrais da capital se avolumam, e a população em situação de rua aumenta expressivamente, mas o agravamento das condições habitacionais dos mais pobres é só uma fração do "combo de crises" —econômica, de mobilidade urbana, de saúde pública— que a cidade enfrenta, na interpretação da urbanista.

Apesar do cenário que beira a distopia, Rolnik não se mostra desanimada. "Quem vive as crises quer morrer, mas esses momentos são oportunidades de transformação", diz em entrevista por videochamada à **Folha**.

Um dos mais importantes nomes do campo progressista dos estudos urbanos no Brasil, Rolnik apoiou a candidatura de Guilherme Boulos (PSOL) na última eleição municipal em São Paulo e aposta no potencial de "sujeitos periféricos" protagonizarem um novo ciclo de lutas urbano, impulsionando agendas ambientais, antirracistas e feministas, por exemplo, e disputando os rumos de um novo modelo de política urbana.

Em "São Paulo: o Planejamento da Desigualdade" —edição atualizada do livro "São Paulo", da antiga coleção Folha Explica, editada agora pela Fósforo—, a professora da USP revisita a história do planejamento urbano da cidade, destacando as opções políticas tomadas em momentos de crise e responsáveis pela consolidação de um padrão "classemédiocêntrico", que resguarda os privilégios dos grupos de renda mais elevada e marginaliza a maior parte da população.

Em sua avaliação, as medidas de isolamento social adotadas na pandemia são uma expressão nítida desse modelo excludente, já que ficar em casa não foi uma opção para a grande maioria dos paulistanos.

*

"São Paulo", da coleção Folha Explica, foi publicado em 2001. Por que atualizar e relançar o livro agora? Esse livro teve algumas edições ao longo da sua história. Na penúltima ("Territórios em Conflito", Três Estrelas), o texto saiu com um compilado de colunas publicadas na **Folha** e alguns artigos acadêmicos.

Quando a Fósforo assumiu parte do catálogo da Três Estrelas, propus retomar o formato do "Folha Explica São Paulo", aquele livrinho para quem não é especialista, e achei que era o momento de atualizar o texto —não só trazê-lo para os dias de hoje, mas fazer uma atualização um pouco mais radical de como falar da São Paulo do passado.

Decidi fazer isso pela mesma razão pela qual convidamos o Emicida para escrever o prefácio: este momento pelo qual cidade está passando é muito especial na história, não apenas porque estamos vivendo um verdadeiro combo de crises, mas também em razão da emergência de novas vozes, que são justamente os sujeitos periféricos.

Essa narrativa sobre a cidade vem do movimento cultural das periferias, da luta antirracista, e está colocando sobre a mesa pautas que nunca tiveram muito destaque.

Conto no livro a história das crises e das opções que foram tomadas naqueles momentos, com a tese de que estamos vivendo mais uma dessas. Que tal, então, começar a pensar em um outro modelo de cidade agora? Quem vive as crises quer morrer, acha que tudo está horrível —e está mesmo—, mas esses momentos são oportunidades de transformação.

No livro, a sra. indica que há uma linha de continuidade entre as várias crises do passado: a desigualdade continuou a ser planejada e a se reproduzir. O novo título do livro, aliás, faz menção a isso. Como a desigualdade vem sendo planejada em São Paulo? Falo de quando se sai da ordem escravocrata para o trabalho livre e se institui uma geografia da cidade em que, sobre as colinas, morava a classe dominante, e, nas várzeas, se instala a classe operária.

A classe operária das várzeas se instala em pensões e cortiços, enquanto há o paradigma dos casarões ajardinados, cujo modelo primeiro são os Campos Elíseos, depois há a migração para Higienópolis, avenida Paulista, Jardins e na direção da marginal Pinheiros.

Essa migração constitui um território que concentra renda e poder e vai incorporando outros modos de viver da classe dominante —casarões, depois edifícios e, nos anos 1990, as torres corporativas.

Há uma mudança de morfologia e, ao mesmo tempo, a continuidade de um padrão segregacionista, porque o modelo periférico do território popular também se constituiu, com a autoconstrução da casa própria em loteamentos, muitas vezes irregulares e clandestinos, em periferias distantes, conectadas pelo ônibus.

O título, "Planejamento da Desigualdade", é uma brincadeira para quem diz: "São Paulo é uma porcaria porque não tem planejamento, por isso é esse caos". Não tem nada de caos. Tem planos aprovados e uma legislação urbanística, mas excludente, "classemédiocêntrica", que pensa a cidade a partir das formas de morar e de existir de um pedaço dela e ignora o resto.

O cenário de novas ocupações parece o dos anos 1990, o de população de rua eu nunca tinha visto algo como o de hoje. Diante disso, qual é a política habitacional que temos? Nenhuma, nem municipal, nem estadual, nem federal

Raquel Rolnik, 65

Professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, onde coordena o Labcidade (Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade). Foi diretora de Planejamento da Prefeitura de São Paulo (1989-1992), secretária nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades (2003-2007) e relatora especial da ONU para o direito à moradia adequada (2008-2014). Autora, entre outros livros, de 'Guerra dos Lugares: a Colonização da Terra e da Moradia na Era das Finanças'

A legislação urbanística construiu esse padrão absolutamente segregado, cujo objetivo básico é manter a concentração de oportunidades econômicas, sociais e políticas na mão de quem já tem e blindar a entrada de "newcomers", mas, ao mesmo tempo, garantir que o mundo do trabalho vai continuar lá arrumando, cozinhando, limpando.

Como a sra. avalia a reprodução desse padrão na pandemia? O que aconteceu na pandemia é a expressão mais nítida desse modelo "classemédiocêntrico", porque, diante do perigo de contágio e morte, a política pública foi o isolamento social. "Fique em casa, vá para o home office e não se desloque", ou seja, se referindo a uma realidade que deve corresponder a menos de 30% dos moradores.

Para que esses moradores pudessem ficar isolados em casa, existia um exército de gente trabalhando. Para essas pessoas, não teve política.

A ideia do planejamento da desigualdade vem do fato de a cidade ser pensada por e para poucos. O mal-estar que a maioria das pessoas da cidade tem é decorrente dessa opção.

Na pandemia, se a gente pensasse nas maiorias, nos trabalhadores de serviços essenciais que precisavam continuar se deslocando, a política deveria ser, por exemplo, tratar o transporte coletivo de uma forma totalmente diferente. No mínimo, distribuir "PFF5" para todo o mundo e, em vezes de cortar, colocar mais ônibus em circulação para ir muito menos gente e ter distanciamento.

No começo da pandemia, houve um entusiasmo, principalmente nos setores progressistas, sobre a possibilidade de medidas redistributivas ganharem impulso. Depois de dois anos de Covid-19, porém, parece que predomina a percepção de aumento generalizado da pobreza. A São Paulo do pós-pandemia deve ser mais partida? O pós-pandemia está em disputa. No campo da moradia, que eu acompanho há muitos anos, acho que esta é a maior crise da história da cidade. Estou quase afirmando isso com certeza, embora a crise da moradia do final dos anos 1920 tenha sido bem difícil.

Estamos vivendo uma situação paradoxal no campo da moradia. A renda caiu, o desemprego e a miséria aumentaram, ao mesmo tempo que a cidade está vivendo um dos maiores booms imobiliários da sua história.

Exatamente no momento em que há menos gente com capacidade de comprar um espaço, o espaço está ficando mais caro que nunca? Isso porque a dinâmica de produção e comercialização do espaço físico da cidade ficou totalmente financeirizada nas últimas décadas. Ou seja, esse crescimento imobiliário não tem nada ver com a renda da população, mas com a quantidade de capital excedente circulando no mercado financeiro que busca o tijolo, o imobiliário, como estratégia de valorização futura.

O imobiliário é um ativo financeiro. Por isso, estamos vivendo uma crise enorme, porque os pobres dos humanos têm que competir por uma localização com um capital financeiro gigantesco que não tem nenhum compromisso, nem territorial, nem afetivo, nem político, com a cidade.

O Emicida conta no prefácio, a partir da história pessoal dele, o que as pessoas fazem diante da crise: se viram. Tornam-se especialistas em "sevirologia", expressão do José Soró, liderança de Perus.

Estamos vivendo um boom de novas ocupações nas extremas periferias, um boom de novas ocupações em prédios em áreas centrais e, ao mesmo tempo, um boom de pessoas na rua, com uma característica completamente diferente. Historicamente, o morador de rua era um homem de meia-idade, com algum tipo de dependência química, problema mental etc. Imagina, a gente está vendo na rua famílias inteiras.

O cenário de novas ocupações parece o dos anos 1990, o de população de rua eu nunca tinha visto algo como o de hoje. Diante disso, qual é a política habitacional que temos? Nenhuma, nem municipal, nem estadual, nem federal.

Algumas PPPs (parcerias público-privadas) aqui e ali. PPP não é política habitacional, é política de mercado financeiro. Ela não está voltada para atender uma demanda de quem mais necessita de moradia, mas para viabilizar um negócio com uma conta que fecha —e, para isso, tem que ter gente para pagar.

As PPPs não atendem quem está hoje na rua, indo abrir novas frentes de ocupação nas extremas periferias. É outro grupo, com renda estável e um pouco mais alta, com capacidade de pagamento. Isso é superlegal, mas olha em volta, olha quem está precisando de política pública de moradia. Usar a energia e os recursos do Estado para viabilizar moradia para quem não está na rua da amargura neste contexto é um escândalo. Um escândalo!

Vamos olhar o outro lado dessa história. Durante a pandemia, a auto-organização nos bairros populares foi muito intensa e segurou a onda de muita gente. Nas favelas e nas ocupações mais estruturadas, morreu muito menos gente porque existia uma rede mínima de proteção. Isso demonstra que é possível dar respostas por meio de uma política de mobilização descentralizada.

Diria que um movimento não tão intenso quanto esse, mas semelhante, foi a crise dos anos 1980, que gerou no começo dos anos 1990 um movimento muito interessante de renovação no campo político. Depois, isso foi totalmente fagocitado pelo sistema, mas sinto que, neste momento, a gente tem essa possibilidade de novo.

Continua na pág. C9

Jardim Portal, em São Paulo, em imagem do 'Atlas Fotográfico da Cidade de São Paulo e Arredores'
Divulgação

Continuação da pág. C8

Vamos ver quais vão ser os novos movimentos políticos que teremos, não só com a eleição deste ano, mas sobretudo a nível local.

Os últimos anos foram brutais para as agendas progressistas, e o campo da política urbana ficou marcado pela desconstituição. A sra. está esperançosa com a possibilidade de renovação política, mesmo com esse histórico recente? No ano passado, nós no Labcidade [Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade da FAU-USP] tivemos uma experiência muito interessante de trabalho conjunto com três mandatas lideradas por mulheres negras, vereadoras na Câmara de São Paulo, que mostram uma mudança muito significativa.

Já vivi alguns ciclos de crise e de luta. Comecei a me envolver com política urbana nos anos 1970, então eu pude observar quando, pela primeira vez, operários e lideranças sindicais foram eleitos e que tipo de política pública foi sendo construída.

Agora, estamos vivendo mais um momento —no comecinho, pequenininho, não hegemônico. Vai pipocando em vários lugares do Brasil uma nova geração de sujeitas periféricas, mulheres, negras, trans, que estão se colocando no espaço público e trazendo novas pautas. Espero que isso cresça e vire um grande movimento de transformação.

Se a gente olhar para os ciclos de lutas urbanos, teve um muito forte nos anos 1980, que deu na Constituinte, na emenda popular da reforma urbana, nas gestões democrático-populares, nas experiências com movimentos de moradia. Esse ciclo teve, claramente, um descenso.

Em 2005, 2006, novos movimentos começam a surgir e, em 2013, de alguma forma eles se expressaram. Dois mil e treze foi capturado por outra narrativa, mas a narrativa do direito à cidade estava na rua, e esse foi o primeiro encontro desses novos movimentos.

Eles não desapareceram e geraram uma liderança política como Guilherme Boulos, que foi para o segundo turno da eleição municipal de São Paulo contra todas as expectativas. Boulos é exatamente essa nova geração de movimentos que nasceram na era Lula e já começaram questionando as políticas desse período.

Há agendas novas: movimentos ambientalistas, feministas, antirracistas, pela mobilidade. O parque Augusta foi uma vitória de um socioambientalismo urbano autogerido.

Se eles serão capazes de conquistar uma hegemonia e produzir políticas, é cedo para dizer, mas já vivi no outro momento. Quando a gente estava em 1974, 1975, não podia imaginar que ia fazer a Constituinte em 1988. Hoje está parecendo tudo horrível e distópico, mas acho que têm mudanças importantes na cidade.

A sra. citou o parque Augusta. Existem críticas a respeito da reprodução das desigualdades por esse ativismo, ou seja, sobre os jovens de classe média das áreas centrais conseguirem se articular melhor e levar adiante suas pautas enquanto os sujeitos periféricos enfrentam muito mais dificuldades. Como enxerga essa questão? Tenho uma posição diferente. Apoiei e participei da luta do parque Augusta, assim como apoio e participo da luta do parque do Bixiga [proposto no entorno do teatro Oficina]. Acho que tem algumas simplificações na conversa.

São Paulo não pode ser entendida por meio do binômio centro/periferia, que não corresponde à territorialidade política da cidade. Esse binômio esconde o território popular que existe no centro. Aliás, esconder o território popular do centro é ótimo para uma frente de expansão imobiliária que quer eliminá-lo. O centro é um dos territórios negros e populares de São Paulo, e existe uma luta histórica pela permanência em vários bairros.

É preciso visibilizar e proteger o território popular do centro, porque a política atual é de eliminação —por exemplo, o que está se fazendo na chamada cracolândia, é solução final, eliminação física de todos os imóveis e das pessoas.

Dizer que pobre está na periferia e que branco rico está no centro simplifica a história e não permite revelar que esses espaços centrais também são objeto de conflito. Não preciso dizer nada, só convido as pessoas a ir ao parque Augusta passear. Você não encontra só branco de classe média, mas uma mistura social. É um espaço muito apropriado pelas pessoas e muito popular.

Dito isso, você tem razão, no sentido de que a classe média tem uma capacidade de vocalização na política muito maior. Esta é a história da cidade: a história da classe média fazendo política urbana para si mesma. ←

São Paulo: o Planejamento da Desigualdade
Autora: Raquel Rolnik. Editora: Fósforo. R$ 59,90 (120 págs.)

Cão cuja cabeça oscila

Do painel do carro, ele diz 'continue, você está a dirigir muito bem'

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Se pudesse escolher um grande momento histórico para presenciar, não tenho dúvidas: gostaria de ter estado na reunião em que um autor anônimo inventou o cachorro cuja cabeça oscila, para colocar no painel do carro.

Já estive em inúmeros países, em vários continentes, e em todos encontrei sempre alguém que não resistiu ao apelo de pôr no painel do carro o cachorro cuja cabeça oscila. Tenho fantasiado muito com esse momento.

Imagino o seguinte: numa altura de aflição, o proprietário de uma fábrica de plásticos reuniu os seus funcionários com o objetivo de recolher ideias para novos produtos.

"Boa tarde. Como sabem, o galo que se põe em cima da televisão e muda de cor consoante o tempo que faz lá fora foi muito popular em determinado momento, mas tem perdido fôlego nos últimos anos. Precisamos de uma ideia nova."

"Chefe, eu tenho estado a trabalhar num projeto que pode ser interessante."

"Diga, Jorge. Todas as ideias são bem-vindas."

"É um objeto que se coloca no painel dos carros."

"Pode ser bom. Muita gente gosta de enfeitar os carros."

"É o seguinte: imagine uma girafa. Mas não é uma girafa qualquer, certo? Ela tem uma perna que oscila. A cada balanço da estrada, a girafinha dá um chute."

Faz-se um silêncio. O chefe resolve falar.

"Jorge, essa deve ser a pior ideia que alguma vez foi tida por uma pessoa que não estivesse embriagada. Alguém tem um teste de alcoolemia que possa fazer ao Jorge? Jorge, você quer acabar com a fábrica, com o sustento de dezenas de famílias, Jorge?"

"Desculpe, chefe."

"Por amor de Deus, Jorge. Alguém me salve. Mauro, você é criativo. Tem alguma ideia?"

"Eu tinha, chefe. Mas agora fiquei com medo de falar."

"Que bobagem, Mauro. Fale."

"É um cachorro, chefe. Mas não é um cachorro qualquer. A cabeça dele oscila. As pessoas põem o cachorro no painel do carro e, a cada balanço da estrada, a cabecinha dele abana. O motorista olha para o cachorro e ele balança a cabeça, como que dizendo: 'Continue. Você está a dirigir muito bem.'"

Faz-se novo silêncio. Ninguém tem coragem de tirar os olhos da mesa. O chefe resolve falar.

"Mauro, você é um gênio. Um cachorro cuja cabeça oscila, para pôr no painel do carro. Brilhante. Não é uma coisa aleatória, como a girafa que chuta. Isso sim será um sucesso planetário. Vamos começar a produção em massa imediatamente."

O resto é história. O cachorro cuja cabeça oscila triunfa. Mauro casa com a filha do patrão. Jorge comete suicídio.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Longa que tentou levar o Oscar a Malta está no sob demanda

Entre Águas
Para compra ou aluguel em diversas plataformas, 14 anos
Um jovem pescador vive um dilema. Não sabe se continua trabalhando como autônomo ou se vende o barco de sua família e se junta a uma multinacional. Premiado no Festival Sundance, o filme de Alex Camilleri representou Malta na disputa pelo próximo Oscar, mas não ficou entre os 15 semifinalistas. Um raro exemplar do cinema daquela ilha do Mediterrâneo, falado numa língua que soa como árabe com sotaque italiano.

All of Us Are Dead
Netflix, 16 anos
Nesta violenta série sul-coreana, um vírus misterioso irrompe dentro de uma escola, transformando os alunos em zumbis. A praga logo se espalha pelo resto da cidade.

Naomi
HBO Max, 14 anos
Nesta série baseada em quadrinhos da DC Comics e produzida por Ava DuVernay, uma adolescente fã do Superman investiga os misteriosos acontecimentos que abalaram sua cidade. Dois episódios já estão disponíveis.

Underdogs United
Discovery+, livre
Cinco bonecos de pebolim ganham vida nesta série em animação produzida por Juan José Campanella, diretor de "O Segredo de Seus Olhos".

The Voice+
Globo, 14h15, livre
A competição musical entre pessoas com mais de 60 anos estreia sua segunda temporada com novidades. Fafá de Belém e Toni Garrido se juntam a Carlinhos Brown e Ludmilla no júri, e Thais Fersoza faz reportagens de bastidores.

Bye Bye, Brasil
Telecine Cult, 22h, 18 anos
Uma trupe de artistas mambembes, a Caravana Rolidei, roda o Nordeste brasileiro e se surpreende com o avanço da modernidade. O clássico de Cacá Diegues tem José Wilker, Betty Faria e Fábio Júnior no elenco.

Canal Livre
Band, 23h, livre
O ex-juiz Sergio Moro, do Podemos, do Paraná, pré-candidato à presidência da República, fala de seus projetos para o país para Adriana Araújo, Fernando Mitre e Fernando Schüler.

QUADRÃO | Luiz Gê

INCERTEZA

AUTO HQ

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, **Ricardo Coimbra**, Angeli, Laerte

Filmes brasileiros ganham prêmios em Sundance

SÃO PAULO Duas produções nacionais, o documentário "The Territory" e o curta-metragem "Uma Paciência Selvagem Me Trouxe até Aqui", foram premiadas no Festival de Sundance, o maior do cinema independente dos Estados Unidos.

A lista foi divulgada na sexta (28) nas redes sociais do evento, que teve edição online devido à pandemia.

"The Territory", dirigido pelo americano Alex Pritz em coprodução com os uru-eu-wau-waus, recebeu o troféu do público e um prêmio especial do júri na categoria de documentário internacional.

Gravado em Rondônia e realizado graças a uma coprodução entre Brasil, Dinamarca e Estados Unidos, ele faz um testemunho em tempo real do avanço sobre terras indígenas já homologadas, estimulado pelo governo Bolsonaro.

Já "Uma Paciência Selvagem Me Trouxe até Aqui", de Érica Sarmet, recebeu o prêmio especial do júri para elenco. Nele, Zélia Duncan é uma motoqueira solitária que se envolve com jovens lésbicas animadas de Niterói, no Rio de Janeiro, vividas por Bruna Linzmeyer, Camila Rocha, Clarissa Ribeiro e Lorre Motta.

O grande vencedor desta edição de Sundance foi "Nanny", de Nikyatu Jusu, um suspense sobrenatural sobre uma babá imigrante sem documentação que trabalha para um casal rico em Nova York.

Encontro de Leituras debate obra poética de Ana Luísa Amaral

SÃO PAULO O Encontro de Leituras, promovido pela **Folha** e pelo jornal português Público, se dedica pela segunda vez à poesia desde a sua criação. A convidada é Ana Luísa Amaral, vencedora do prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana de 2021, autora de mais de 30 livros e traduzida para mais de 12 países.

Amaral discutirá com os leitores seu livro "Lumes" em 8 de fevereiro, a partir das 19h de Brasília (22h de Lisboa). O volume, publicado em 2021 pela Iluminuras, reúne os poemas de "What's in a Name", lançado em 2017 em Portugal pela Assírio & Alvim, e outros até então inéditos no Brasil.

O debate com a escritora acontece via o aplicativo Zoom, na reunião de número 863 4569 9958. A senha de acesso é 553074. A participação é gratuita.

Inquietude cruel

[RESUMO] Coletânea de ensaios 'Navegação Inquieta' expõe a profundidade das reflexões de seu autor, Luiz Meyer, movidas por um pensamento que desaloja as ideias de seus lugares habituais e interroga radicalmente aspectos da prática psicanalítica e da cultura contemporânea

Por ***João Frayze-Pereira***
Psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e professor livre-docente do Instituto de Psicologia da USP

Obra de Eleonore Koch Reprodução

"Navegação Inquieta", de Luiz Meyer, reúne um conjunto de ensaios escritos durante um longo tempo, contrariando a lógica da chamada sociedade do espetáculo, que privilegia não apenas a aparência em relação ao ser, mas também a brevidade dos discursos em relação ao tempo necessário para o trabalho do pensamento.

Nesse livro, como em publicações anteriores, o autor não poupa a psicanálise nem o seu contexto da interrogação radical. Nesse trajeto, confirma-se um modo de pensar que, no prefácio a um livro anterior ("Rumor na Escuta"), denominei pensamento cruel, isto é, um modo de pensar que não tem nenhuma relação com maldade ou perversão.

É uma noção encontrada em Walter Benjamin, referida à reflexão que desaloja as pessoas e ideias dos lugares costumeiros, invalida hábitos, ameaça o conforto do que parece dado, tido como certo e natural.

Seu propósito é "expressar as perspectivas nas quais o mundo revela suas fraturas para retomar a questão da atividade do sujeito como redenção, isto é, como restituição daquilo que fomos privados à nossa revelia", conforme texto que escrevi com Maria Helena Patto.

Pensamento cruel não despreza a tradição. Ao contrário, considera-a para analisá-la e propor novas ideias. Essa operação demanda tempo para se realizar.

Luiz Meyer dialoga com autores diversos —na psicanálise, na filosofia e nas ciências sociais. Entre eles, destaca-se Melanie Klein que, segundo Julia Kristeva, foi capaz de fazer da psicanálise "uma arte de cuidar da capacidade de pensar". No entanto, ela é, para muitos, uma autora incômoda, pois a perspectiva que propõe é implacável no tocante à condição humana.

Talvez pela crueldade de seu pensamento, tenha ficado à margem de certos círculos psicanalíticos, chegando a motivar um artigo de Jean Laplanche, de 1988, que, aproximando-a das figuras lendárias da bruxa ou da herege, indaga: é preciso queimar Melanie Klein?

Ao centrar fogo na pulsão de morte como aspecto crucial do ser humano, proposição feita por Freud em 1920 e, antes dele, por Sabina Spielheim em 1912, Klein aprofunda uma questão que se tornou banalizada no mundo contemporâneo: a problemática da destrutividade.

A propósito, Kristeva escreveu: "Atingida pela história dramática de nosso continente que culminou no delírio nazista, Melanie Klein não se consagrou aos aspectos políticos dessa loucura que desfigurou o século XX. Mas, se ela não se detém na análise do horror social, [...] sua análise da psicose [...] nos permite melhor precisar os mecanismos profundos que condicionam —ao lado dos acasos econômicos e partidários— a destruição do espaço psíquico e o assassinato da vida do espírito que ameaçam a era moderna/contemporânea".

Ora, Meyer considera o pensamento kleiniano não apenas para a clínica, mas também para a análise da política e da cultura. Melanie Klein, como Hannah Arendt, outra presença importante no livro, é uma insubmissa que se arrisca a pensar a morte, a agressividade, a avidez, mas também a compaixão, a generosidade, a natureza relacional e moral do ser humano.

Ambas se interessam pelo objeto e pelo vínculo, se preocupam com a destruição do pensamento que, para Arendt, é manifestação do mal, e para Klein, da psicose, rejeitando o raciocínio linear, como lembra Kristeva.

Como elas, Meyer exercita a crueldade do pensar, mas vai além de Klein, ao interrogar conceitos referidos à clínica em sua diversidade e problematizar certos dispositivos da formação psicanalítica instituída, a análise didática, assim como fenômenos sociopolíticos e estético-culturais.

Por ser uma apreensão sintética do todo, esta resenha não poderá expressar em detalhes os conteúdos analisados, como a estrutura da mente totalitária, nazista e stalinista, o chamado cinema de autor, como o filme "Melancolia", de Lars von Trier, as questões do conflito estético na escrita de um poema inspirado por William Carlos Williams e a polissemia na literatura, segundo uma interpretação sociopsicanalítica do conto "Verba Testamentária", de Machado de Assis, além da questão enigmática do corpo na psicanálise em um interessante diálogo com o psicanalista Luiz Tenório.

Mais ainda, a reflexão do autor mergulha nas relações entre memória e fantasia, mundo interno e realidade externa, metapsicologia da autoanálise e, sob um viés inovador, logo no primeiro capítulo, aborda o sonho como uma questão tanto circunscrita quanto proposta pelo sonhador.

Contudo, o livro não é só trabalho teórico-conceitual, pois em vários momentos também sensibiliza o leitor. Nesse sentido, há uma bela entrevista com o autor, realizada por um grupo de psicanalistas que, como inusitado prefácio, cria uma atmosfera original e emocionante, não somente pela particularidade da história pessoal narrada, mas porque, a certa altura, Meyer nos surpreende com uma revelação, propondo uma concepção de psicanálise mediada pela pintura.

Assim, no contexto da sua análise com Donald Meltzer, em Londres, que lhe possibilitou um conhecimento mais consistente do trabalho psicanalítico, Luiz declara que a sua atual visão desse trabalho pode ser representada por uma frase do pintor Renoir: "Ao ar livre, a gente trapaceia o tempo inteiro".

Então, escreve que os pintores impressionistas se propuseram a abandonar as regras rígidas prescritas para a pintura em ateliê, pautadas pelo realismo, classicismo e romantismo, "para ir a campo, ao ar livre, e aí se deixar infiltrar [...] pela luz natural, cambiante, descontrolada, que passou a exigir, para ser representada, uma técnica nova caracterizada pela pincelada nervosa e improvisada, e pelo uso da cor de modo impressionista" (p. 30).

A psicanálise não é instrumento de adaptação dos indivíduos ao ambiente, mas uma perspectiva para promover a transformação do que se encontra neles mentalmente fixo e instituído

Esse modo de operar, que na arte se chama estilo e no terreno psicanalítico, psicanálise implicada —termo com o qual, há décadas, defini o meu trabalho entre a psicanálise, a clínica e a arte—, é, segundo o autor (p. 246), uma tomada de posição que implica praticar a psicanálise longe das idolatrias referidas a certos autores, tidos como gurus, cujas ideias são aplicadas sem crítica a qualquer novo material, aplicação que sempre o reduz ao mesmo, confirmando a tradição.

Com isso, também é subvertida a noção de "método" na psicanálise —o que Luiz esclarece, ao discorrer sobre o "seu método de escrita" (p. 31)—, cujo pressuposto necessário, como se sabe à luz da história da filosofia, é a separação sujeito-objeto do conhecimento, exterioridade que a arte moderna rompe, a arte contemporânea destrói e a psicanálise, tal como proposta por Meyer, descarta.

Cabe ressaltar que essa posição não é opinativa, mas fundamentada, o que já se percebe no título do livro. Afinal, o que significa navegação inquieta?

Para responder, recorro ao filósofo Sérgio Cardoso, que distingue as figuras do turista e do viajante: o turista, que apenas se desloca no espaço, opõe-se ao viajante, que se transforma com o tempo do próprio percurso. Então, se ao turista o mundo é apenas espaço planejado para o deslocamento, ao viajante ele se oferece como campo aberto às transformações.

Ora, se a visão do turista é opaca, referida ao espaço metodicamente ocupado pelo eu, o olhar do viajante abre-se ao outro, isto é, ao diferente —abertura que é o próprio fundamento do tempo. Quer dizer, o viajante não opera mero ir e vir no espaço, mas uma complexa autodiferenciação como modo de existência temporal do presente.

A reflexão de Cardoso nos permite pensar que o processo implicado na viagem é análogo ao que constitui uma psicanálise, isto é, ambos são experiências, ou seja, aberturas indeterminadas à alteridade, ao porvir, que exige do viajante e do psicanalista distanciamento, não porque se deslocam entre lugares distantes, mas porque se autodiferenciam e transformam os seus mundos.

Tal distanciamento de nós para nós mesmos é exigido pelo próprio outro para que dele possamos ter experiência.

É nesse sentido que "as viagens são sempre empreitadas no tempo", como afirma Sérgio Cardoso. Navegação inquieta, portanto, como um emblema, anuncia a reflexão praticada por Luiz Meyer que, na sua juventude se tornou viajante, entre a Europa e o Brasil, realizando uma odisseia, exterior e interior, da qual o jovem médico retornou psicanalista, mais velho e mais sábio.

Nesse processo, é possível reconhecer o grau de profundidade da inquietude do autor, isto é, o momento em que a psicanálise se apresenta com uma força própria à literatura, oferecendo-nos a companhia viva de um psicanalista-poeta que trabalha em um campo entre-dois, no qual a sua experiência singular instiga a recepção implicada do leitor.

Ora, dado que a psicanálise não é instrumento de adaptação dos indivíduos ao ambiente, mas uma perspectiva para promover a transformação do que se encontra neles mentalmente fixo e instituído, o reconhecimento dessa força libertária potencializa o trabalho psicanalítico para a crítica da cultura contemporânea, cuja lógica cada vez mais banaliza o mal e ameaça destruir a possibilidade do pensamento.

É contra essa tendência maligna que, no vértice da crueldade, a psicanálise proposta neste livro se posiciona. ←

Navegação Inquieta: Ensaios de Psicanálise
Autor: Luiz Meyer. Editora: Blucher. R$ 113 (402 págs.)

CASOS DO ACASO

Reencontrei um amigo músico e comecei a escrever letras na pandemia

Luci Brunetti Costa Roxo
Aposentada, mora em Araraquara (SP)

Fevereiro de 2020. Final da temporada anual na casa da praia, já um quê de nostalgia nas caipirinhas com os amigos. A nostalgia foi substituída por surpresa quando apareceram notícias internacionais sobre uma epidemia, que alguns dias depois perderia esse nome. A surpresa transformou-se em espanto, e fomos acompanhando e compartilhando o temor de amigos italianos que nos faziam companhia e precisavam voltar para o seu país.

Aposentados, eu e meu marido resolvemos permanecer na praia, no aguardo dos acontecimentos. Naquele momento, a gente não imaginava a dimensão do que nos aguardava. Em menos de duas semanas, soubemos que o mundo estava enfrentando uma pandemia e nos demos conta de que aquilo não seria uma temporada prolongada, mas uma possível longa permanência. A questão da nossa casa no interior foi contemporizada com a ajuda de um filho e neto (já somos bisavós), e partimos para a nova rotina.

Aos poucos, as idas à praia foram escasseando, os amigos do condomínio foram ficando mais reclusos, outros dando por terminada a temporada. Compras pela internet foram se intensificando, livros, equipamentos para viabilizar atividades físicas. Delivery para alimentação, farmácia. A faxineira quinzenal foi dispensada, atendendo a necessidade sanitária.

Deixamos de navegar a partir das areias da linda Guaecá e passamos a velejar na web. Amigos e familiares por vídeo, acesso a redes sociais, filmes, livros. Não, livros em papel, mas que vieram pela internet.

Em uma relação de afeto com a música —arranhando no piano digital uma bossa nova ou um clássico dos tempos da adolescência—, foi com surpresa que recebi do Facebook a sugestão de amizade de um amigo músico que havia décadas não tinha notícias. A lógica dos algoritmos pode nos surpreender com a impressão de casualidade. Por certo tínhamos algum amigo em comum.

Claro que solicitei a amizade gargalhando internamente: "Como assim, solicitar a amizade de quem já era amiga há quase 50 anos?!". Acessando seu perfil, emocionada, cantei junto uma postagem dele ao violão, tocando e cantando Chriz Montez, "The More I See You". Dando uma pesquisada nas postagens, encontrei muitas músicas dele, tocadas ao violão, com ritmo eletrônico e melodia solfejada.

Fiquei surpresa, pois na época em que convivemos ele não compunha. O inacreditável é que ele oferecia as músicas a quem se interessasse em colocar letra. Eu, que só fazia poemas, conseguiria fazer letra de música?

Para meu amigo cabe um parêntese. Há 50 anos, eu com 20 anos, ele uns 22, compartilhamos uma república em São Paulo, para onde eu, do interior, me mudei para fazer cursinho pré-vestibular. A maioria do pessoal era músico e carioca, só eu paulista. Ficava um sobradinho de frente estreita, em Moema, e esse talvez tenha sido o período mais importante da minha vida.

Quando formamos a república, eu estava grávida e solteira. Era 1973 e meu bebê nasceu em um ambiente alegre, com boa música diuturna e solidariedade. Com relacionamentos significantes, as boas lembranças são profundas e eternas.

Findo o necessário parêntese, no início tive o espanto de estar conseguindo escrever boas letras para as boas músicas! Pop, samba rock, até um forró em que abusei de provérbios. Para uma valsinha linda, composta para uma ex, seu grande amor, incorporei Dora, a personagem de Fernanda Montenegro em "Central do Brasil". Pedi detalhes pessoais e do relacionamento, e foi como se escrevesse uma carta musicada, que depois, cantando, ele mandou para ela.

Embora morando em cidades próximas, ambas na praia, respeitando o distanciamento protocolar na pandemia, nossa comunicação foi só pelo WhatsApp e videochamadas. Quando a música disparava no andamento, ele solfejava frases musicais mais lentamente, para que som e sílaba fossem parceiros. Como foi difícil o verbo cantado em colcheias, que falasse da brincadeira entre estrelas e borboletas, na música "Sol de van Gogh", já no YouTube. Consegui com o gerúndio "cirandando".

Em tardes e madrugadas, quanta cantoria à procura da melhor expressão para o sentimento e a melhor sonoridade para a necessária sílaba, em um encantamento que fazia germinar as sementes de papaia jogadas na encosta, ao pé da mata atlântica. No vaso, o pé de bucha floriu. Jacus e delicadas teias tecidas por exóticas aranhas tiveram sua presença registrada. No tripé do encantamento, uma tristeza pela incógnita a nos impor o vírus e um pensar longínquo, por vezes até divertido, quando escrevia as letras.

Em virtude dos arranjos e da execução de alguns instrumentos para as 12 músicas que estão sendo gravadas, com planos de irem para uma plataforma de streaming, meu amigo e parceiro musical está, temporariamente, distante das composições.

Terá sido o acaso a provocar essa terrível e improvável situação que nos obrigou ao isolamento, período em que meu amigo descobriu-se compositor? Por acaso me deparei com o oferecimento de músicas sem letras? E eu, me atirando a esse acaso, por ele me encantei e agora me vejo enlaçada em uma necessidade.

Meu parceiro musical é benevolente. Estou pensando em postar: "Procura-se um compositor".

[...]

Dando uma pesquisada nas postagens, encontrei muitas músicas dele, tocadas ao violão, com ritmo eletrônico e melodia solfejada

Fiquei surpresa, pois na época em que convivemos ele não compunha. O inacreditável é que ele oferecia as músicas a quem se interessasse em colocar letra. Eu, que só fazia poemas, conseguiria fazer letra de música?

Esse texto faz parte da série Casos do Acaso, parceria entre a Folha e a Conspiração Filmes. Narrativas enviadas pelos leitores poderão se transformar em episódios audiovisuais criados pela produtora

Anta bebe água em uma lagoa na fazenda São Francisco de Perigara, em Barão de Melgaço, em Mato Grosso Lalo de Almeida - 2.set.21/Folhapress

Maior mamífero brasileiro corre risco de sumir da mata atlântica

Levantamento sobre antas no bioma indica que ocupam menos de 2% de seu território original

AMBIENTE

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) O maior mamífero brasileiro corre o risco de desaparecer totalmente da mata atlântica, ambiente que foi o primeiro a ser afetado pela colonização europeia no país.

Um dos mais detalhados levantamentos já feitos sobre a situação das antas (Tapirus terrestris) no bioma indica que os animais hoje ocupam menos de 2% de seu território original, e que entre 70% e 90% de suas populações existentes hoje podem se tornar geneticamente inviáveis —grosso modo, incapazes de produzir filhotes saudáveis— nos próximos cem anos.

Publicado na revista científica Neotropical Biology and Conservation, o diagnóstico traz, apesar de tudo, alguns motivos para menos pessimismo. Das 48 populações de antas identificadas na mata atlântica, relatos locais indicam que elas ainda são abundantes ou comuns na maioria dos casos, e um terço delas está em crescimento e ocupando áreas mais amplas.

Os bichos também são um dos mamíferos com maior capacidade para viajar por distâncias grandes, inclusive atravessando o que os ecólogos chamam de matriz —as áreas ocupadas pelo ser humano que circundam os ambientes naturais, o que pode incluir pasto, plantações ou mesmo trechos urbanos.

Cercas normais de arame farpado, por exemplo, costumam ser atravessadas por elas com relativa facilidade. Isso, em tese, pode ajudar membros de populações isoladas a encontrar parceiros para se reproduzir e, assim, diminuir os riscos de desaparecimento.

"A gente capturou uma vez, no cerrado, uma fêmea adulta linda, gigante. Colocamos o colar com radiotransmissor para monitorá-la e ela se movimentou por 40 km andando na beira do rio, e isso num lugar onde a paisagem ao redor é só cana, cana, cana", conta Patrícia Medici, coordenadora da Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira, projeto do IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas).

Ela assina o estudo ao lado de Kevin Flesher, do Centro de Estudos da Biodiversidade.

Mesmo a disposição da fêmea, no entanto, talvez ainda não seja suficiente para os desafios que a espécie enfrenta na mata atlântica.

A extrema fragmentação (divisão da floresta em pedaços menores e isolados) do bioma faz com que a distância média entre as populações de antas seja de quase 50 km.

E o trajeto que os animais costumam fazer partindo das áreas de reservas florestais que habitam em geral é bem mais curto que isso, não chegando a 10 km.

Assim, embora a maioria das áreas ainda habitadas por antas hoje não sofra grandes pressões de desmatamento, a busca dos animais por companheiros para reprodução tende a ficar cada vez mais difícil.

A vida reprodutiva peculiar da espécie, aliás, é outra barreira para a recuperação de suas populações no cenário atual. O ciclo de vida dos herbívoros é lento e delicado: as gestações duram 13 meses, com o nascimento de um único filhote.

"Eles logo começam a caminhar no meio das patas da mãe, mas são muito vulneráveis. A mortalidade é bem alta, seja por causa de predadores, seja por causa da presença de machos que começam a assediar a mãe quando o filhote ainda é pequeno e podem acabar machucando o bebê, embora não o ataquem diretamente, pelo que a gente sabe", conta a pesquisadora.

> Eles [filhotes] logo começam a caminhar no meio das patas da mãe, mas são muito vulneráveis
>
> **Patrícia Medici**
> coordenadora da Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira

A caça, além disso, continua sendo motivo de preocupação. Segundo Medici, as motivações são múltiplas, desde retaliações contra animais que se aventuram a fazer um lanche em plantações até capturas por esporte e mesmo por crendice popular, com o uso da gordura ou até dos órgãos sexuais dos bichos em simpatias contra problemas como bronquite ou impotência.

Outra ameaça relevante é a ação dos cães, normalmente treinados para a caça e criados soltos em propriedades rurais, que podem atacar tanto filhotes quanto adultos mesmo sem a presença de seus donos.

A espécie não existe mais na mata atlântica de nenhum dos estados do Nordeste, com exceção da Bahia.

Para Medici, as estratégias para ajudar as populações que ainda resistem a se conectar mais e aumentar sua viabilidade de longo prazo terão de achar caminhos para minimizar ameaças como a caça e para tornar a matriz (o espaço rural "não florestal") mais amigável para as jornadas das antas.

Polícia apura morte de 3 girafas e maus-tratos a outras 15 no Rio

COTIDIANO

RIO DE JANEIRO | AFP A Polícia Federal (PF) está investigando a morte de três girafas e denúncias de maus-tratos a outras 15 importadas da África do Sul, que seriam transferidas para o zoológico BioParque, no Rio de Janeiro.

A polícia informou em comunicado que prendeu na quarta (26) "dois homens por maus-tratos e apreendeu 15 girafas em um resort safari, em Mangaratiba, litoral sul" do estado do Rio de Janeiro. Os 18 animais haviam sido importados pelo BioParque, que nega qualquer irregularidade.

"Além deste crime, a investigação (...) prosseguirá com o objetivo de apurar as circunstâncias e a legalidade da importação dos animais, bem como as condições de manutenção e cuidado das girafas", afirmou a polícia.

Em nota, o BioParque negou que as girafas tenham sido maltratadas, assim como qualquer irregularidade no processo de importação, que a organização disse ter sido aprovada pelas autoridades sul-africanas e brasileiras.

Também sustentou que seus dois funcionários não foram presos, mas conduzidos a uma delegacia, onde "prestaram os devidos esclarecimentos".

Casal de girafas Zagallo e Beija-Céu no Zoológico do Rio de Janeiro, atualmente chamado de BioParque Sergio Moraes - 16.abr.08/Reuters

"O grupo de girafas veio de um local autorizado para manejo sustentável e desenvolvimento comunitário com essas espécies na África do Sul", disse.

A entidade garantiu que trazer esses espécimes para o Brasil faz parte de uma "estratégia de preservação importante" de longo prazo, que no passado já serviu para salvar outros animais, como o mico-leão-dourado e a ararinha-azul.

As girafas estão na categoria vulnerável da lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN).

De acordo o BioParque, as mortes ocorreram após um grupo de girafas escapar de uma área de adaptação, aprovada "pelos órgãos competentes", antes de serem transferidas para o zoológico. "As girafas, assim como outros animais, são bastante sensíveis e, por isso, determinadas situações podem levar ao desequilíbrio orgânico do animal."

O Zoológico do Rio foi reaberto em 2021 com o nome de BioParque do Rio, após passar a ser administrado pela iniciativa privada (Grupo Cataratas) e uma reforma que melhorou as condições de vida dos animais, com foco na conservação ambiental.

Comunidade diz que criação de peixes polui represa entre São Paulo e Minas

Empresa Fider nega acusação e atribui dano ao crescimento imobiliário e da agricultura na região

AMBIENTE

Danielle Castro

RIFAINA (SP) Danos ambientais na represa de Jaguara, que fica na divisa entre as cidades de Rifaina (SP) e Sacramento (MG), puseram rancheiros e uma empresa de piscicultura em rota de colisão.

Há ao menos um ano, o reservatório tem tido episódios de cheiro ruim, detritos na água, excesso de algas, diminuição de leito navegável e pássaros presos em redes, deixando em alerta moradores, mergulhadores e rancheiros.

A situação da represa mobilizou a comunidade local e virou objeto de uma investigação do Ministério Público paulista. Um inquérito foi aberto em fevereiro de 2021 pelo promotor de Justiça Alex Facciolo Pires, da 10ª Promotoria de Saúde de Franca.

Os moradores apontam como origem dos danos ambientais a criação de tilápias na represa da Fider Pescados, do grupo multinacional MCassab. A empresa está na região desde 2009.

O promotor apura as denúncias de que peixes mortos e carcaças não estariam sendo armazenados e transportados adequadamente para o local de descarte, causando derrame de chorume durante o traslado, gerando mau odor, atraindo urubus e trazendo prejuízos à saúde dos moradores e turistas.

Os moradores do entorno da represa criaram a Associação dos Amigos da Represa de Rifaina, que realizou no começo do ano uma manifestação com cerca de 300 pessoas em lanchas e outros veículos pedindo proteção ambiental para o reservatório.

O grupo abriu uma petição online contra a poluição da represa que conta com 1.800 assinaturas. De acordo com José Oreste Bozelli, o Neto, rancheiro há 12 anos e presidente da entidade, a organização irá solicitar a abertura de uma nova ação pública relacionada ao excesso de detritos na represa.

Neto diz que a ONG não é contrária à existência do frigorífico de tilápias, mas que a produção precisa usar um método que não cause cheiro nem ocupe os espaços de turismo, mais antiga fonte de renda da região de Rifaina.

O problema começou há cerca de um ano, quando houve uma expansão das operações da Fider na região. "Sou vizinho de cerca e testemunha do mau cheiro insuportável", afirmou Neto.

Gilberto Salvador, doutor em ecologia pela Universidade Federal do Pará e com estudos em ecologia dos peixes, explicou que no caso dos tanques-rede não há um modelo que melhore o padrão de despejos de detritos. "Por isso há tanta contestação sobre ele", afirmou Salvador.

Ele diz que a qualidade da água para o peixe é diferente da esperada para moradores e turistas. Para o turismo, o ideal é que a água tenha uma baixa quantidade de nutriente. A piscicultura em tanques-rede, porém, traz como impacto a entrada de nutrientes, seja por dejetos ou sobra de ração dada aos animais.

"Dependendo do aporte, o reservatório pode ter zonas de eutrofização, onde ocorre um bloom [uma floração] de algas, com prejuízos sobre a qualidade de água. Às vezes, a empresa está com tudo dentro das normas, mas, mesmo assim, isso pode não ser bom para o turismo", disse.

O pesquisador destacou ainda que, para o turismo ser sustentável, também não pode haver esgoto de cidades e condomínios sendo despejado na água do local.

Além do impacto ambiental, moradores temem uma possível desvalorização das propriedades e a fuga dos turistas. A Associação dos Amigos da Represa de Rifaina calcula que, para cada quilo de tilápia produzido, a Fider gera três quilos de detritos de peixes, ou o equivalente a 157,8 toneladas por ano.

"A represa vai colapsar, e Rifaina vai virar uma cidade fantasma. O reservatório não tem troca suficiente de água para levar esses detritos embora", reclama Neto.

A Prefeitura de Rifaina informou que a empresa apresentou documentação válida para prática da piscicultura emitida por órgãos do estado e da União. Porém, declarou à reportagem que não iria se posicionar sobre a questão, pois tanto rancheiros quanto a Fider geram empregos para a cidade.

> "A represa vai colapsar, e Rifaina vai virar uma cidade fantasma. O reservatório não tem troca suficiente de água para levar esses detritos embora
>
> **José Oreste Bozelli**
> presidente da Associação dos Amigos da Represa de Rifaina

A Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) informou, em nota, que a Fider foi advertida em 13 de janeiro de 2021 "por alteração da qualidade das águas". Ainda segundo o órgão, em julho de 2021 foi feita uma amostragem e os "resultados obtidos estavam em conformidade com os padrões de qualidade".

Também disse que mantém uma fiscalização sistemática nas instalações do empreendimento, com frequência mensal, inclusive na época de floração de algas. A última inspeção ocorreu em 27 de dezembro de 2021 e "não foram constatadas irregularidades".

A Fider Pescados declarou que obedece a legislação federal e estadual e dispõe de todas as licenças exigidas para produção de até 19,2 mil toneladas de peixes por ano na represa. A empresa disse estar aberta para visitação dos interessados e negou ser a responsável pela mudança no padrão da água e pelo mau cheiro.

De acordo com a empresa, a capacidade total de produção de peixes definida pela Agência Nacional de Águas para a Jaguara é de 24 mil toneladas por ano e teria como base uma "metodologia científica que considera o volume do reservatório e o fluxo de água."

Gerente da unidade de Rifaina da Fider, Juliano Kubitza disse que a empresa é a maior interessada em manter a água limpa, pois isso melhora o sabor das tilápias.

Ele afirma que houve uma expansão em Rifaina e entorno, com um grande número de ranchos surgindo do lado mineiro. E diz que a piscicultura não pode levar a culpa por danos do crescimento imobiliário e da agricultura na região. "Olhar só peixe é injusto", disse ele.

Kubitza afirma ainda que não houve expansão e que, neste ano, a Fider apenas saiu da margem para atuar nos pontos demarcados em suas licenças, ficando mais visível ao público. Acrescentou que há, sim, planos para expansão, mas sem data marcada e sempre tendo como foco a preservação ambiental.

O gerente afirmou que os resíduos sólidos (peixes que eventualmente morrem na fazenda ou partes descartadas no frigorífico) são manejados por empresas terceirizadas autorizadas pela Cetesb.

A Prefeitura de Sacramento, lado mineiro da represa, informou que foram feitas audiências públicas, que o Plano Diretor da cidade está em revisão e o próximo passo é corrigir a situação de todas as propriedades locais.

A reportagem entrou em contato com a Agência Nacional de Águas, mas não teve resposta até o encerramento desta edição.

Vegetação toma conta de rua do bairro Pinheiro, em Maceió (AL), que foi afundado por décadas de exploração mineral da Braskem Jonathan Lins - 29.jul.2021/Folhapress

Moradores de Maceió protestam contra a venda da Braskem

MERCADO

José Matheus Santos

RECIFE Moradores, empreendedores e movimentos sociais de Maceió (AL) divulgaram, na última quinta-feira (27), uma carta em que relembram o desastre ambiental em razão da exploração de minérios em um dos bairros da cidade por parte da Braskem. O documento é uma reação à possibilidade de venda das ações da empresa.

O negócio, articulado pela Novonor, antiga Odebrecht, e pela Petrobras, controladoras da Braskem, deve movimentar cerca de R$ 8 bilhões. O início da venda das ações estava previsto para segunda (31), mas as empresas teriam decidido adiar o processo após uma demanda fraca, segundo a agência Reuters.

"Elas esperam obter com essa transação cerca de R$ 8 bilhões. Em seguida, em data a ser anunciada, iniciarão a venda das ações ordinárias em seu poder, finalizando suas participações na empresa cloroquímica. Diante dessa transação, é preciso alertar o público em geral e, particularmente, os investidores", diz um trecho da carta.

A reportagem procurou a Petrobras e a Novonor, que não responderam até o fechamento desta edição.

A exploração de sal-gema afundou parte de Maceió, impactando mais de 2.000 casas, inicialmente no bairro do Pinheiro e depois se estendendo por outras localidades adjacentes. Mais de 55 mil pessoas foram atingidas.

De acordo com o Serviço Geológico Brasileiro, a Braskem explorou o minério por mais de 40 anos, operando 35 poços e provocando desestabilização do solo e movimentações na camada de sal.

Na carta divulgada na quinta-feira (27), moradores e movimentos sociais e culturais alegam que a Braskem tem uma dívida de R$ 7 bilhões a R$ 12 bilhões por causa dos danos materiais e imateriais.

"Esses valores são relativos aos prejuízos materiais e imateriais causados pela empresa no megadesastre ambiental decorrente da mineração do sal-gema na cidade de Maceió, desastre que se tornou conhecido em março de 2018 e que já foi noticiado pela imprensa nacional e internacional", dizem os autores.

O objetivo do documento, segundo os organizadores, é alertar os investidores que os controladores atuais da Braskem vão deixar a empresa com dívidas e os interessados em comprar a petroquímica sobre o passivo que será herdado em caso de efetivação da venda da companhia.

A carta foi enviada à Bolsa de Valores de Nova York e à B3, em São Paulo. "Esperamos que os futuros controladores saibam dos problemas que irão enfrentar e que deverão resolver sem demora, pois o espaço para postergações exauriu-se junto com nossa paciência. Nunca duvidem que poucos cidadãos, comprometidos com seus semelhantes, possam mudar o status quo indesejado", afirmam.

A venda das ações causou apreensão entre moradores de Maceió que esperam receber compensação financeira por causa do desastre ambiental. O temor é de que, com a mudança de comando, não seja possível receber as cifras.

Enquanto isso, os imóveis afetados foram desocupados até o início do ano depois de avaliação da Defesa Civil por causa de riscos de desabamento. Os residentes da localidade, que foram retirados de suas casas, recebem auxílio para aluguel ou indenizações para comprar outros imóveis.

No entanto, de acordo com a carta divulgada nesta quinta, parte das pessoas ainda não foi indenizada.

"Essa realidade se repete com o município de Maceió, que, muito por anomia de seus administradores, sequer abriu negociações formais para as indenizações a que faz jus para reconstruir e reurbanizar a cidade no entorno do desastre", alega a carta.

Em nota, a prefeitura de Maceió classificou como inverídica a a afirmação de que autoridades do município não abriram negociação formal com a Braskem para as indenizações dos moradores.

"A prefeitura está, desde o início da atual gestão, em negociação permanente com a Braskem. Tais tratativas, que contam com a participação do Ministério Público Estadual e Federal, constam, inclusive, em balanços financeiros da própria empresa", informou.

A conclusão das obras de demolição deve ocorrer até o final de 2022. A medida foi parte de um acordo entre a Braskem, o MPF (Ministério Público Federal) e o MPAL (Ministério Público Estadual de Alagoas), firmado em dezembro de 2020.

Procurada pela reportagem, a Braskem disse que o Programa de Compensação Financeira completou dois anos com 12.290 propostas apresentadas às famílias, comerciantes e empresários da área. Dessas, 10.654 foram aceitas e 9.500 pagas.

Em comunicado do dia 10 de janeiro, a empresa disse que presta apoio aos atingidos.

Veja quem são os dez maiores 'caçadores de dinossauros'

Cientistas fizeram história na criação da paleontologia, o estudo dos fósseis que permite entender a Terra primitiva

CIÊNCIA

Ana Bottallo

SÃO PAULO O estudo dos fósseis está intimamente ligado à compreensão dos organismos, como plantas e animais, que viveram no passado distante, disciplina conhecida como paleontologia.

O entendimento da vida antiga passa pela busca de traços, vestígios ou restos na forma de esqueletos e conchas dos animais ou plantas pré-históricos. Sem esses elementos é impossível compreender como era a Terra primitiva.

A paleontologia é uma ciência que depende, assim, de um bocado de sorte —nem sempre é fácil encontrar restos fossilizados— e de um grande conhecimento para juntar as peças do quebra-cabeça.

As primeiras descobertas de fósseis remontam ao Império Antigo, mas à época acreditava-se que eram resultado do dilúvio que extinguiu os animais.

A compreensão de como os restos de organismos passados podem ajudar a explicar a origem e evolução dos organismos atuais só viria séculos depois, com as descobertas de Charles Darwin e a teoria da seleção natural, consagrada em seu livro "A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural".

Depois, surgiram os primeiros estudos que associaram a presença de fósseis com o tempo geológico. A partir de então, as descobertas no campo da paleontologia têm ajudado cada vez mais a compreender como eram o ambiente e os seres vivos no passado.

Veja ao lado alguns dos maiores paleontólogos e paleontólogas conhecidos.

*

Georges Cuvier (1769-1832)

O naturalista francês, também chamado "pai da paleontologia", fundou as bases da anatomia comparada.

A partir de seus estudos no Museu Nacional de História Natural de Paris, Cuvier observou que, apesar de algumas partes do corpo em diferentes animais serem semelhantes, como as asas das aves e dos morcegos, elas não possuíam origem ancestral comum.

Comparando a forma dos organismos fósseis àquelas dos animais viventes, ele demonstrou como os seres vivos estão sujeitos à extinção.

Cuvier foi um anatomista de mão cheia e trabalhou com praticamente todos os grupos de animais, descrevendo centenas de espécies. Apesar disso, ele era um catastrofista e não acreditava na evolução, mas sim que o registro fóssil mostrava o resultado de um grande evento de extinção em massa: o Grande Dilúvio.

O 'pai da paleontologia', Georges Cuvier Wikimedia

Mary Ann (1795-1869) e Gideon Mantell (1790-1852)

Os primeiros ossos de dinossauros de que se tem conhecimento foram encontrados pelo casal, em 1822, em Sussex, sul da Inglaterra.

Além de fragmentos de ossos longos, o casal encontrou dentes serrilhados que pertenciam ao animal extinto. Como os dentes eram semelhantes aos de lagartos iguanas atuais, a espécie foi batizada de *Iguanodon*.

Mantell publicou um livro com os seus achados fósseis e foi condecorado com a Medalha Wollaston pela Sociedade Geológica de Londres, em 1835. Hoje, é sabido que tanto o exemplar fóssil como outros materiais encontrados na mesma região e em outras localidades de idade similar pertencem a um grupo de dinossauros herbívoros conhecidos como iguanodontes.

O casal Mary Ann Mantell e Gideon Mantell Reprodução

Mary Anning (1799-1847)

A britânica é considerada a primeira mulher paleontóloga —por ser mulher, não pôde exercer estudos na área nem e publicar artigos científicos.

Anning foi responsável pela descoberta de dezenas de fósseis na região de Lyme Regis, no sudoeste da Inglaterra, entre os quais o esqueleto completo de um ictiossauro —achado quando tinha 12 anos de idade—, um plesiossauro, os primeiros pterossauros fora da Alemanha e peixes fósseis.

Seu pai era colecionador e vendedor de fósseis, e os achados de Anning foram entregues à Sociedade Geológica de Londres, no Reino Unido.

Os esqueletos originais encontrados por ela estão expostos atualmente em um corredor no Museu de História Natural de Londres.

Richard Owen (1804-1892)

Também inglês, é considerado o "pai" dos dinossauros. Cunhou o termo Dinosauria, para designar os fósseis de "lagartos terríveis" que ele estudou no Museu de História Natural de Londres.

Figura controversa, Owen era um anatomista, paleontólogo e naturalista, mas se opôs à teoria da evolução de Charles Darwin e recebeu acusações de roubar o trabalho de pesquisadores mais novos e publicá-los como sendo seus.

Descreveu dezenas de espécies de fósseis, principalmente de répteis, incluindo diversos dinossauros, e também mamíferos, como os primeiros fósseis conhecidos de preguiça-gigante (*Megatherium*) e *Glyptodon* (uma espécie de ancestral dos tatus gigantes que viveu na América do Sul).

O americano Edward Cope, um dos que mais achou fósseis Frederik Gutekunst/Divulgação

Edward D. Cope (1840-1897)

O americano travou uma batalha com Othniel Marsh por mais de duas décadas pelo título de paleontólogo que mais encontrou dinossauros.

A disputa, no entanto, era acirrada, uma vez que Cope encontrou mais de mil fósseis nos Estados Unidos ao longo de seus 22 anos como pesquisador da Academia de Ciências Naturais da Filadélfia.

Entre os achados, estão um esqueleto completo de plesiossauro do gênero *Elasmosaurus*, dezenas de fósseis de mamíferos e dinossauros, entre eles o *Camarasaurus* e o *Dimetrodon*.

Othniel Charles Marsh, que deixou um grande legado Biblioteca do Congresso Americano

Othniel Charles Marsh (1831-1899)

Junto com Edward Cope, o também paleontólogo americano Othniel Marsh foi responsável pela descrição de mais de 130 espécies de dinossauros, entre os quais o carnívoro *Allosaurus* e os herbívoros *Stegosaurus* e *Triceratops*.

Sua especialidade, no entanto, era o estudo de fósseis de cavalos primitivos. A disputa de Marsh e Cope ficou conhecida como "guerra dos ossos" e um dos principais legados dessa batalha foi a fortificação da ciência americana e a criação de museus de história natural naquele país ao longo do século 19.

Edwin H. Colbert (1905-2001)

O americano foi um dos principais nomes da paleontologia no século 20, tendo contribuído por 40 anos com os estudos de campo da equipe do Museu de História Natural de Nova York.

Além de ter descoberto os primeiros fósseis de terápsidos, mamíferos primitivos que se assemelhavam a répteis, o paleontólogo coletou fósseis de dinossauros na Antártica que ajudaram a provar a teoria da deriva continental (que dita que todos os continentes eram um único há milhões de anos), entre os quais o dinossauro *Lystrosaurus*, de 220 milhões de anos.

Ele descreveu outras dezenas de espécies. Em 1959, Colbert coordenou uma expedição no Brasil com o paleontólogo Llewellyn Ivor Price.

Llewellyn Ivor Price (1905-1980)

Foi o primeiro paleontólogo brasileiro. Filho de pais americanos, Price nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e fez sua graduação e pós-graduação nos EUA. De volta ao Brasil na década de 1940, trabalhou até sua aposentadoria no Departamento Nacional de Produção Mineral (antigo DNPM, agora ligado à Agência Nacional de Mineração).

Publicou mais de 50 estudos, muitos sobre estratigrafia, e foi responsável pela escavação do primeiro dinossauro brasileiro, o *Staurikosaurus*, do Triássico de Santa Maria (cerca de 227 milhões de anos atrás).

Iniciou os estudos paleontológicos na região de Peirópolis, em Uberaba (MG), importante sítio fossilífero do Cretáceo (idade estimada em 100 a 65 milhões de anos), e ajudou na criação da Sociedade Brasileira de Paleontologia.

José Bonaparte (1928-2020)

O paleontólogo argentino contribuiu enormemente para o estudo dos fósseis na América do Sul. À exceção de nações como Estados Unidos e China, poucos países possuem um conhecimento tão abrangente de sua fauna fóssil como a Argentina.

Foi lá que Bonaparte encontrou ossos de dinossauros gigantes do grupo dos titanossauros e também importantes espécies de mamíferos que viveram há mais de 11 mil anos, na última Era Glacial.

Bonaparte orientou ainda dezenas de jovens paleontólogos na Argentina e fundou o Museu Municipal de Ciências Naturais Carlos Ameghino, em Buenos Aires, uma das principais instituições de pesquisa em paleontologia na América do Sul.

Sue, o esqueleto fóssil mais completo de um espécime de *Tyranossaurus rex* já encontrado, no Museu Field de História Natural, em Chicago (EUA) Connie Ma/Wikimedia

Soldados alemães conversam com muçulmanos bósnios na invasão das tropas nazistas ao então Reino da Iugoslávia, em 1941 Arquivos Oslobodjenje/Reuters

Soldados franceses são recebidos com festa em Sainte-Mère-Église, na França, no Dia D da Segunda Guerra, quando tropas aliadas chegaram na Normandia Popperfoto - 1944/Getty Images

Vista do portão com a frase 'o trabalho liberta', no local onde ficava o campo de concentração nazista de Sachsenhausen, na Alemanha Hannibal Hanschke - 26 jan. 2022/Reuters

Geração Z alemã quer debate mais aberto sobre regime nazista

Nascidos décadas após morte de Hitler, jovens traçam paralelos com temas atuais como racismo e populismo

Coroa de flores no Memorial do Holocausto, em Berlim Michele Tantussi - 24 jun. 2021/Reuters

MUNDO

Rayna Breuer

DW "A época nazista foi tão absurda e cruel que às vezes tenho dificuldade de realmente acreditar que essas coisas aconteceram", comenta uma das participante de um novo estudo sobre a visão que a juventude atual tem sobre esse período marcante da história alemã e europeia.

Trata-se de um projeto dos Arolsen Archives, o maior arquivo do mundo sobre vítimas e sobreviventes do nacional-socialismo. Ele preserva e disponibiliza online documentos originais sobre prisioneiros de campos de concentração, deportações, trabalhos forçados e depoimentos de sobreviventes do regime nazista.

O acervo com dados relativos a cerca de 17,5 milhões de indivíduos está incluído no Registro da Memória do Mundo da Unesco. Agora, a instituição publicou uma pesquisa sobre a postura da geração Z da Alemanha — ou seja, entre 16 e 25 anos de idade — em relação ao nacional-socialismo.

A diretora dos Arolsen Archives, Floriane Azoulay, diz perceber entre os jovens "uma grande abertura, curiosidade e liberdade de pensamento".

Continua na pág. 5

Traje que pertenceu a Adolf Hitler em exibição no Museu da Defesa, em São Petersburgo; peças foram pegas por soldados russos em Berlim Alexander Demianchuk - 13.out.1998/Reuters

Frase 'nós lembramos' é projetada no Reichstag, sede do Parlamento alemão, como parte do Dia Internacional de Memória do Holocausto Hannibal Hanschke - 24.jan.2022/Reuters

Continuação da pág. 4

"Hoje, essa geração vê que democracias podem correr perigo. Parece-me bem compreensível que, para eles, essa lembrança esteja relacionada à visão de seu próprio mundo, em que se escutam, cada vez mais alto, vozes populistas, autoritárias e intolerantes."

Em duas fases, mais de 1.100 jovens de ambos os sexos foram consultados para o estudo, e suas declarações, comparadas com as da geração anterior. O resultado foi surpreendente: a geração Z parece se interessar bem mais pelo nazismo do que seus pais (75% contra 66%) e associa o envolvimento na temática também com problemas atuais, como racismo e discriminação.

Para os responsáveis pelo estudo, haveria diversos motivos para esse interesse reforçado, sendo um dos mais importantes a sensação de não ser corresponsável, de não arcar com qualquer culpa pessoal pelo período nazista.

"Isso permite um acesso mais despreocupado a esse tempo", avalia o psicólogo Stephan Grünewald, fundador do Instituto Rheingold, encarregado da realização do estudo.

Para a geração Z, o nazismo representa um contraste extremo da própria realidade. Seus representantes vivem num mundo democrático, em que as possibilidades de escolha são numerosas. Eles têm liberdade para tomar suas decisões e os caminhos de autorrealização são múltiplos.

"Essa cultura multiopcional da disponibilidade é o contrário da cultura de dominância da era nazista, com suas categorias, concepções e convicções bem definidas", explica o estudo com os jovens.

"O culto ao Führer, o dever de obediência incondicional e pensamento populista, diante do qual o individual e o diverso tinham que se curvar, transformam a época nazista numa contraimagem tão fascinante quanto apavorante."

No entanto, o poder dessa fascinação tem um outro lado, ressalta Stephan Grünewald. É nítido no estudo o temor de se deixar inebriar pela linearidade e pela potência expansiva do nazismo, ou de ser seduzido pelas fantasias daquele tempo.

"Tenho medo de pensar que, na época, eu também ficaria do lado dos nazistas, só para para me dar melhor", diz um dos entrevistados.

"Assim, há uma certa reserva em se envolver com o tema, advinda de não se saber de que lado a pessoa teria ficado. É um olhar para dentro do próprio abismo."

Será que eu seria vítima, perpetrador, colaborador ou até combatente da resistência, como eu teria reagido? São perguntas que aparentemente ocupam intensamente a geração Z alemã.

Por outro lado, os participantes expressaram a necessidade de entender como um ser humano pode agir de modo tão desumano, como os perpetradores funcionavam, como se estabelece a banalidade do mal e se uma coisa dessas poderia voltar a acontecer no país.

"Eu também quero ver as motivações dos oficiais da SS [a tropa paramilitar do regime de Adolf Hitler], dos diretores de campos de concentração ou dos que traíram seus vizinhos judeus. Se os motivos forem transparentes, eu certamente constataria que algo assim também pode acontecer comigo", admite uma participante do levantamento.

"Os inícios do nacional-socialismo mostram como mudanças podem se insinuar, quão perigosas são as manipulações", observa outra.

A receptividade a ideologias de direita, fake news, cisão da sociedade, ascensão de teorias de conspiração, todos esses são temas atuais que os habitantes da Alemanha entre 16 e 25 anos associam a um exame da era nazista.

"O ponto crucial é conectar a história aos desdobramentos de hoje em dia. Contextualizar é a grande tarefa a que devemos nos dispor", explica Oliver Figge, membro dos Arolsen Archives.

Os resultados do estudo indicam inequivocamente: se a transmissão na escola alemã se concentra demais no conhecimento factual, em geral os jovens não encontram uma conexão com a temática, a qual lhes parece demasiado abstrata, complexa e distante.

O que os aproxima muito mais do assunto é um exame de destinos e histórias pessoais, como as de Anne Frank ou de Oskar Schindler, em plataformas que utilizam e dentro da linguagem e identidade de grupo a que estão habituados.

Como exemplo positivo, os coordenadores do estudo citam a conta do Instagram @ichbinsophiescholl (eu sou Sophie Scholl), em que é narrada a vida da ativista executada aos 21 anos.

"Eles observam como Sophie Scholl dança, escuta música, encontra-se com os amigos, e ao mesmo tempo compreendem a evolução dessa jovem naquele tempo", relata Stephan Grünewald.

Portanto, a apresentação dos conteúdos relacionados ao tema é extremamente importante para levá-lo até a juventude atual.

"Nas aulas sobre o nazismo, sempre tive a sensação: 'Cuidado! Não vai haver espaço para nenhuma conversa nem discussão. Não é para ninguém ter opinião própria. Existe um consenso sobre como se deve pensar e aprender'", queixa-se um dos participantes do estudo.

"Muitas vezes, opiniões pré-determinadas e uma moral decretada transmitem a impressão de um discurso fechado, que não pode mais ser questionado", analisam os autores.

A conclusão é clara: a geração Z da Alemanha está sensibilizada para a temática do nacional-socialismo e do Holocausto. Mais ainda: ela tira lições do passado e procura aplicá-las no presente.

"Ocupar-se com o tempo imuniza", resume o psicólogo Stephan Grünewald. Ou, como formulou ainda outra participante do estudo: "Não posso responder por aquela época, mas tenho muito a ver com hoje".

Alto escalão de Hitler levou 90 minutos para planejar Holocausto de 11 milhões de pessoas

Katrin Bennhold

BERLIM | THE NEW YORK TIMES No dia 20 de janeiro de 1942, 15 funcionários de alto escalão na hierarquia nazista se reuniram numa mansão à margem do lago Wannsee, na extremidade oeste de Berlim. Foram servidos petiscos, acompanhados de conhaque. A pauta abrangia um ponto apenas: "Os passos organizacionais, logísticos e materiais para uma solução final da questão judaica na Europa".

Planejar o Holocausto levou apenas 90 minutos.

Oitenta anos após a infame Conferência de Wannsee, que mapeou o Holocausto meticulosamente, a eficiência burocrática do processo ainda é profundamente assustadora.

As minutas anotadas naquele dia e depois datilografadas em 15 páginas não fazem menção explícita a assassinatos. Empregam termos como "evacuação", "redução" e "tratamento" e dividem a tarefa entre diferentes departamentos governamentais e seus "especialistas".

"Quando você lê aquele protocolo, é de gelar o sangue", comenta Deborah Lipstadt, conceituada estudiosa do Holocausto. "É tudo expresso numa linguagem muito camuflada. Mas então você olha a lista dos países e o número de judeus que eles planejaram matar. Eles queriam eliminar 11 milhões de pessoas. Tinham planos muito grandes", afirma.

O aniversário daquela reunião fatídica tem significado especial num momento em que restam cada vez menos sobreviventes do Holocausto e que o antissemitismo e a ideologia da supremacia branca estão ressurgindo na Europa e nos EUA, ao lado de ataques a judeus e membros de minorias étnicas.

No último dia 15, um homem fez um rabino e três membros de sua congregação reféns numa sinagoga no Texas. Na Alemanha, onde crimes de antissemitismo também vêm aumentando, as autoridades alertam publicamente que o terrorismo e extremismo de direita são a maior ameaça à democracia.

Hoje a mansão de três andares na beira de um lago, que foi usada como casa de hóspedes da SS, a polícia do regime nazista, e abrigou a Conferência de Wannsee, parece praticamente igual vista por fora. Afastada da rua e cercada por jardins amplos, ela saúda os visitantes com um pórtico frontal majestoso e quatro estátuas de querubins dançando no telhado.

As autoridades alemãs ocidentais debateram durante décadas o que fazer com o edifício. Enquanto sobreviventes pressionavam o governo a converter a mansão em um lugar para se aprender sobre o Holocausto e documentar os crimes dos perpetradores, as autoridades foram adiando a decisão.

Algumas diziam temer que a mansão pudesse tornar-se um local de peregrinação de velhos nazistas. Outras sugeriam que o edifício fosse demolido, "para que não reste nada desta casa de horrores".

Joseph Wulf, combatente da resistência judaica que escapou de uma marcha da morte de prisioneiros de Auschwitz e depois da guerra tornou-se um historiador respeitado, liderou a campanha inicial para converter a mansão em um memorial e instituto histórico.

Sobre sua mesa de trabalho ele fixou um bilhete para si mesmo, escrito em hebraico, sobre os seis milhões de judeus massacrados pelas forças nazistas: "Lembre-se! 6 milhões".

Para muitas pessoas o aniversário da Conferência de Wannsee é menos marcante que a data da libertação de Auschwitz ou a do levante no gueto de Varsóvia, que enfocam as vítimas do terror nazista. Mas ele se destaca como uma data rara para voltar as atenções aos perpetradores do Holocausto, documentando a máquina genocida do Estado nazista.

O anfitrião da conferência naquele dia de janeiro de 1942 foi Reinhard Heydrich, o poderoso chefe do serviço de segurança e da SS, que Hermann Goring, o braço direito de Adolf Hitler, encarregara de arquitetar uma "solução final" e organizá-la com outros departamentos governamentais e ministérios.

Foi pedido a Adolf Eichmann, chefe do departamento de "assuntos judaicos e expulsões" do Ministério do Interior, que mais tarde organizaria as deportações para os campos de extermínio, que redigisse a ata da reunião. Apenas uma das 30 cópias de seu protocolo de 15 páginas, marcado em vermelho na primeira página como "sigiloso", sobrevive até hoje. Foi descoberta entre os arquivos do Ministério do Exterior por soldados americanos.

O protocolo de Eichman resumiu o escopo da tarefa proposta, fazendo uma tabulação estatística detalhada das populações judaicas na Europa, incluindo também a União Soviética, Inglaterra, Irlanda e Suíça.

"Com autorização prévia apropriada do Führer, a emigração agora deu lugar à evacuação dos judeus para o Leste como outra solução possível", destacou o protocolo. "Aproximadamente 11 milhões de judeus serão levados em consideração nesta solução final da questão judaica."

Em seguida o documento passou a explicitar com detalhes que forma assumiria essa solução final.

"Sob supervisão apropriada, os judeus devem ser utilizados para trabalho no Leste de maneira adequada", diz o documento. "Em grandes colunas de trabalho, separados por sexos, os judeus capazes de trabalhar serão despachados para essas regiões para construir estradas. Nesse processo, uma grande parcela deles vai sem dúvida ser eliminada pela redução natural. Aos que permanecerem será preciso dar tratamento adequado, porque eles inquestionavelmente representam as partes mais resistentes."

"Os judeus evacuados serão levados primeiramente, grupo por grupo, aos chamados guetos de trânsito, de onde serão transportados para o Leste", prossegue o texto.

"Quanto à maneira na qual a solução final será realizada naqueles territórios europeus que hoje se encontram sob nosso controle ou influência, foi sugerido que os especialistas pertinentes do Ministério do Exterior realizem consultas com o oficial responsável pela Polícia de Segurança e o SD [serviço de inteligência]".

Era a linguagem de burocratas. Mas nunca houve nenhuma dúvida quanto ao que o documento estava propondo: "a eliminação completa dos judeus", conforme escreveu em seu diário Joseph Goebbels, o propagandista chefe de Hitler, depois de ler a ata.

Oitenta anos após a Conferência de Wannsee, as testemunhas das atrocidades nazistas estão morrendo.

Lipstadt, 74, diz ter dificuldade de encontrar alguém para relatar os horrores do período aos seus alunos na Universidade Emory. "Hoje eu apenas torço para encontrar alguém que tenha condições de saúde para vir."

Tradução Clara Allain

Sobreviventes do Holocausto caminham pelo antigo campo de concentração de Auschwitz (Polônia) Janek Skarzynski - 27.jan.20/AFP

O escritor argentino Jorge Luis Borges na França, em 1986 José María Fernández - Divulgação

[...]
O que há de interessante na história dos 36 homens retos é a ideia de que a justiça é muitas vezes garantida por pessoas simples, alheias à própria bondade e desconhecidas entre si, cujas virtudes geralmente são expressas de modo paradoxal

Lenda judaica dos 'lamed wufniks' defende bondade de desconhecidos

Mito relatado por Jorge Luis Borges ensina que é possível fazer o bem mesmo com risco

OPINIÃO

Juliana de Albuquerque
Escritora, doutoranda em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Em "O Livro dos Seres Imaginários" (1967), Jorge Luis Borges nos oferece uma série de textos sobre personagens e criaturas fantásticas presentes nas mais diversas culturas.

Algumas dessas criaturas, ao exemplo dos dragões, encontram expressão em variados contextos humanos. Outras, como o demônio Keteh Meriri e os golems, pertencem a um folclore específico.

Em um texto publicado na **Folha** em novembro passado, escrevi sobre os golems, os gigantes de argila do folclore judaico, cuja lenda inspirou alguns dos mais célebres super-heróis das histórias em quadrinhos, como Ben Grimm, O Coisa, e Bruce Banner, o Poderoso Hulk.

Na ocasião, comentei que as narrativas sobre esses seres imaginários poderiam nos dar elementos para uma reflexão política, alertando-nos sobre o risco de apostarmos em soluções mágicas para os nossos problemas. Agora, volto a escrever sobre política em sentido amplo, literatura e folclore judaico, a partir do que Borges relata sobre o mito dos "lamed wufniks":

"Há na Terra, e sempre houve, trinta e seis homens retos cuja missão é justificar o mundo perante Deus. São os lamed wufniks. Não se conhecem entre si e são muito pobres. Se um homem chega a saber que é um lamed wufnik, morre imediatamente, e um outro, talvez em outra região do planeta, toma seu lugar, sem suspeitar, esses homens são os pilares secretos do universo. Não fosse por eles, Deus aniquilaria o gênero humano. São nossos salvadores e não sabem".

A expressão "lamed wufniks" vem do iídiche. Ela se refere ao valor numérico das letras hebraicas "lamed" e "vav" que, somadas, formam o número 36.

Existem várias interpretações para esse número específico, muitas das quais foram elencadas por Gershom Scholem, filósofo e historiador do misticismo judaico, em ensaio publicado no volume "The Messianic Idea in Judaism" (1971).

Retrato de Gershom Scholem, filósofo e historiador do misticismo judaico, em 1925 Reprodução

Há quem diga que o número 36 tenha origem em um cálculo feito a partir da palavra que traduzimos por "nele" em Isaías, 30:18: "Como são felizes todos os que nele esperam".

Pois, em hebraico, a soma das letras que formam tal palavra resulta no número 36. De modo que a mesma passagem poderia ser lida da seguinte forma: "Como são felizes todos aqueles que esperam nos 36".

Cálculos e elucubrações exegéticas à parte, o que há de interessante na história dos 36 homens retos é a ideia de que a justiça é muitas vezes garantida por pessoas simples, alheias à própria bondade e desconhecidas entre si, cujas virtudes geralmente são expressas de modo paradoxal, em desarmonia com a primeira impressão que possuímos desses indivíduos.

De modo a ilustrar tal paradoxo, Scholem remete-nos a uma narrativa talmúdica do século 3º em que Rabi Abbahu questiona o empregado de um bordel, responsável por contratar prostitutas, se ele já havia praticado o bem.

Em resposta ao rabino, o homem, tido por "pentakaka" — palavra de origem grega, a significar cinco más ações — comenta que chegou a vender a própria cama e as cobertas para ajudar a uma desconhecida a tirar o marido da prisão, evitando que ela tivesse de se prostituir para sobreviver.

Outra narrativa, dessa vez atribuída ao rabino Lawrence Kushner se passa na cidade de Munique durante a ascensão do regime nazista. Uma senhora judia viajava de ônibus quando soldados da SS entram no veículo para conferir a identidade dos passageiros.

Assustada, ela comenta a situação com o homem sentado ao seu lado. Este, alemão, levanta-se e começa a ralhar com a mulher, chamando-a de tudo e mais um pouco.

Nisso, um dos soldados se aproxima, o homem entrega o documento de identificação e pede desculpas por protagonizar tamanha cena com a esposa, é que ela sempre se esquecia de colocar os próprios documentos na bolsa.

Resultado, o soldado sorri meio constrangido, confere a identidade do homem e deixa a mulher em paz.

Quem também parece explorar temas que podem remeter aos "lamed wufniks" é a filósofa Hannah Arendt. Em célebre entrevista de 1964 ao programa "Zur Person" apresentado pelo jornalista Günter Gauss, ela comenta quando, em 1933, foi presa em Berlim.

Na ocasião, Arendt havia aceitado o convite da Organização Sionista Alemã para colecionar declarações antissemitas publicadas em revistas especializadas por toda espécie de associação profissional.

Esse material, conta-nos a biógrafa de Arendt, Samantha Rose Hill, seria enviado para agências internacionais de imprensa, em uma tentativa de conscientizar a comunidade internacional sobre o perigoso avanço do antissemitismo na Alemanha.

Denunciada por um funcionário da Biblioteca do Estado, Arendt é presa — afinal, do que serviriam tantos jornais para uma jovem acadêmica.

Sobre a prisão, Arendt comenta com Gauss que fora poupada graças ao oficial encarregado do seu caso. Ele havia sido recentemente promovido da polícia criminal para uma divisão política e, segundo a filósofa, não sabia exatamente o que fazer com ela:

"O homem que havia me prendido tinha o semblante aberto e decente. Eu confiei nele e pensei que com ele eu teria maiores chances do que com um advogado que, por sua vez, estaria com medo".

Essas e outras histórias de coragem e protagonismo individual, fazem com que eu me questione se os "lamed wufniks" deveriam realmente integrar a lista de seres fantásticos idealizada por Borges.

Afinal, entre as mais extraordinárias criações da nossa imaginação, os "lamed wufniks" talvez sejam uma das que mais encontram amparo na experiência.

Muitos de nós já contaram com a ajuda de desconhecidos ou conhecem pessoas comuns que não se deixam seduzir por abstrações intelectuais, preconceitos e fetiches ideológicos, optando por agir moralmente e fazer o bem mesmo em situações de risco.

Essas pessoas são os nossos "lamed wufniks" e estão aqui para lembrar-nos de que as coisas podem, sim, melhorar. Tudo só depende de sermos capazes de fazer a nossa parte.

Pois, uma coisa é certa: "Quando passar o tufão, não mais se encontrará o ímpio, mas os justos continuarão sendo o sustentáculo do mundo" (Provérbios 10:25).